

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

JOSELÉIA GRACIANO DA SILVA

**OS MODOS DE FUNCIONAMENTO DOS VERBOS 'TOMAR', 'PASSAR',
'PEGAR' E 'QUEBRAR' EM ENUNCIADOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM
ESTUDO SEMÂNTICO- ENUNCIATIVO SOB O VIÉS DA TOPE**

CÁCERES-MT

2025

JOSELÉIA GRACIANO DA SILVA

**OS MODOS DE FUNCIONAMENTO DOS VERBOS 'TOMAR', 'PASSAR',
'PEGAR' E 'QUEBRAR' EM ENUNCIADOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM
ESTUDO SEMÂNTICO- ENUNCIATIVO SOB O VIÉS DA TOPE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob orientação do Prof. Dr. Albano Dalla Pria.

Linha de Pesquisa: Estudo de Processos de Significação.

Bolsa: CAPES

CÁCERES-MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT.
Catalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão.

S586m Silva, Joseléia Graciano da.

Os modos de funcionamento dos verbos 'tomar', 'passar', 'pegar' e 'quebrar' em enunciados de Língua Portuguesa: um estudo semântico-enunciativo sob o viés da Tope / Joseléia Graciano da Silva. - Cáceres, 2025.

211f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Campus Universitário de Cáceres "Jane Vanini".

Orientador: Dr. Albano Dalla Pria.

1. Tomar, Passar, Pegar e Quebrar. 2. Linguagem. 3. Línguas Naturais. 4. Enunciação. 5. Tope. I. Pria, Albano Dalla, Dr. II. Título.

UNEMAT / MT

CDU 811.134.3'36

Solicitação atendida por: Luiz Kenji Umeno Alencar

JOSELÉIA GRACIANO DA SILVA

**OS MODOS DE FUNCIONAMENTO DOS VERBOS 'TOMAR', 'PASSAR',
'PEGAR' E 'QUEBRAR' EM ENUNCIADOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM
ESTUDO SEMÂNTICO- ENUNCIATIVO SOB O VIÉS DA TOPE**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Albano Dalla Pria
Orientador – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes
Avaliador Externo – Instituto Federal do Espírito Santo/ IFES

Profa. Dra. Elisandra Benedita Szubris
Avaliadora Interna – PPGL/ UNEMAT

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira de Lima
Avaliadora Externa – PPGEL/UFPI

Prof. Dr. Isael da Silva Sousa
Avaliador Externo – Universidade Estadual do Maranhão/ UEMA

APROVADA EM: 28/03/2025

Ao bondoso **Deus** por minha vida!

À minha **amada e querida mãe** por sempre me apoiar, me amar e acreditar nos meus sonhos. Sem sua força eu jamais teria conseguido vencer mais essa etapa.

À **minha estrelinha** que hoje brilha no céu! Te amo, **pai!**

Aos meus amados filhos **João Lucas, Pedro Leonardo e Isabelly**: as razões da minha vida. Vocês são presentes de Deus.

Ao meu orientador **Albano Dalla Pria** pelas orientações, paciência, ensinamentos e carinho.

Às minhas amoras, **Grazi e Marta** pelo carinho, companheirismo, experiências compartilhadas e amizade.

Aos amigos que a vida e a pós-graduação me trouxeram: **Isael, Sylvain, Priscila, Elza e Solange**.

Aos meus amigos da **Escola “JCW”**, em especial **Valdenir, Ivanete e Rozenilda**.

Aos meus amigos da **E.E.C-M. 12 de Outubro**, em especial à **Silvana Rodrigues**.

Aos amigos e colegas que trabalharam comigo na **Escola BCC**.

A todos que enfrentam ou enfrentaram dificuldades no percurso acadêmico, digo-lhes, depois das tempestades sempre vem a bonança e não há vitórias sem lutas. Na vida, nada é fácil e para alcançarmos nossos objetivos não é diferente: há batalhas e há barreiras e, muitas vezes, as barreiras somos nós mesmos, mas não devemos nos abater ou sequer cogitar em recuar porque no fim tudo se encaixa e se ajeita. Aquilo que é nosso ninguém pode impedir jamais: é só buscar, se esforçar e ter bom ânimo o resto Deus faz. É só consagrar “ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.” (Provérbios 16:3)

AGRADECIMENTOS

Tu és meu Deus; graças te darei!
Ó meu Deus, eu te exaltarei! Deem graças ao
Senhor, porque ele é bom; o seu amor dura para sempre.
(Salmos, 118:28-29).

A **Aquele** que nunca me desamparou, seja nas horas boas ou nas horas difíceis. Agradeço por suas bençãos e amor infinito para comigo. Eu agradecendo ou não tu és **Deus**, contudo, prefiro agradecê-lo eternamente por todos os feitos em minha vida, por tudo que tens permitido eu conseguir graças a sua bondade infinita. O Senhor é o escritor da minha história e o dono do meu destino.

À minha mãe, **Ivanir**! Graças a ela eu sou eu!

Ao meu pai, **Alcides**, *in memoriam*.

Aos **meus filhos** pela compreensão e carinho. Amo vocês!

Aos **meus irmãos**, que, mesmo distantes fisicamente, me deram todo apoio, carinho e acima de tudo acreditaram nos meus sonhos.

Ao meu **esposo Milton César** pela compreensão e ajuda em todos os momentos durante a tessitura desse trabalho.

Ao meu queridíssimo orientador **Dr. Albano Dalla Pria**, por acreditar na minha capacidade, mesmo quando até eu mesma duvidava. Antes de ser um professor foi um amigo. Seus ensinamentos foram além da Tope, me ensinou coisas que levarei para a vida. Obrigada por tudo, principalmente por ser esse ser humano maravilhoso, compreensivo e dono de um coração que não lhe cabe no peito.

À professora **Dra. Elisandra Benedita Szubris** e ao professor **Dr. Antônio Carlos Gomes** pelo aceite e contribuições dadas nos exames de qualificação e defesa desse trabalho. Gratidão!

À professora **Dra. Maria Auxiliadora de Lima Ferreira** e ao professor **Dr. Isael de Souza** pelo aceite e pelas contribuições dadas no exame de defesa dessa tese. Gratidão!

À professora **Dra. Márcia Cristina Romero Lopes** pelas explicações, esclarecimentos e ensinamentos propiciados através do **Encontro GRAMEn**. Gratidão!

Ao professor **Dr. Marcos Luiz Cumpri**, meu orientador na tessitura da dissertação de mestrado no ano de 2018. Agradeço pelas aulas na pós-graduação e resalto que o admiro muitíssimo.

Aos **professores** do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Aos **professores** do Curso de Letras da UNEMAT/Cáceres-MT.

Às minhas amigas, **Fátima Graziele** e **Marta de Paula** por sempre me animarem. Agradeço- as pelo carinho, incentivos e experiências partilhadas. Por toda a vida as levarei no coração. Com vocês aprendi que a pós-graduação também traz ensinamentos para além dos conhecimentos científicos, ela traz a descoberta de verdadeiros amigos, aqueles que se tornam também nossa família, nosso ponto de equilíbrio e apoio.

À minha amiga **Elizângela**. Apesar da distância que hoje nos separa nunca deixou de me incentivar, me apoiar e acreditar nos meus sonhos.

À minha amiga e cabelereira, **Sueli** pelos conselhos e carinho.

À **UNEMAT**, a universidade que me acolhe desde a graduação quando meus sonhos ainda eram meros embriões. Amo minha universidade!

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** pelo apoio financeiro durante parte do período em que estive realizando esta pesquisa de doutorado.

Dando graça constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. (Efésios 5:20)

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.

E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos —

O verbo tem que pegar delírio.

(BARROS, M. 2011)

Só as palavras podem nos esclarecer acerca dos sentidos
das palavras: “há uma opacidade na linguagem: ela não
cessa em parte alguma para dar lugar ao sentido puro,
nunca é limitada senão pela própria linguagem, e o sentido
só aparece nela engastado nas palavras”. A questão da
metalíngua está no coração da produção do sentido.
(FRANCKEL, 2011)

RESUMO

A tese, intitulada “**Os modos de funcionamento dos verbos 'tomar', 'passar', 'pegar' e 'quebrar' em enunciados de Língua Portuguesa:** um estudo semântico- enunciativo sob o viés da Tope”, inscrita na linha de pesquisa *Estudos de Processos de Significação* do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), apresenta como objetivo formalizar as operações (linguísticas) que fundamentam o funcionamento dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ em enunciados da língua portuguesa com a finalidade de apreender os processos enunciativos que levam à construção dos significados para estes verbos. Para tanto, inserimos os verbos supracitados dentro de um estudo enunciativo para observarmos as estabilizações de significados geradas a cada retomada enunciativa. Nesse sentido, apropriamo-nos da atividade de manipulação e reformulação dos enunciados por meio de elaboração e reelaboração de glosas e paráfrases (FRANCKEL, 2011; FUCHS, 1985) para apreendermos o funcionamento destes verbos dentro do processo predicativo, que leva à construção dos significados. Tomamos como fundamentação teórica para o nosso estudo o programa de pesquisa linguística desenvolvido por Antoine Culioli, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Com esta pesquisa, defendemos a tese de que o processo de categorização dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ apresentado pela NGB não é suficiente para contemplar o funcionamento destes verbos, logo, neste estudo, mostramos que a transitividade, por exemplo, não se sustenta quando os verbos são postos em diferentes contextos de funcionamento, ou seja, as categorias não se sustentam quando os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ são observados do ponto de vista operatório da linguagem, pois a transitividade é um fenômeno construído na enunciação. Disso, podemos avaliar que os estudos categoriais não contribuem para a determinação dos significados para os verbos citados, uma vez que não consideram as experiências e vivências dos sujeitos. Diante disso, optamos por trilhar um caminho teórico que se afasta da ideia de categorização, isto é, buscamos observar o funcionamento destes verbos em contextos diversos tomando como metodologia a articulação da linguagem com as línguas naturais e analisamos as ocorrências deles por meio do processo de reformulação e glosagem e comprovamos a tese de que as unidades linguísticas proliferam significados por causa das diferentes interações sustentadas por processos enunciativos, por causa dos diversos desdobramentos linguísticos e dadas às experiências dos sujeitos enunciadoreis com o mundo e com a linguagem, portanto, os significados não podem ser dados de antemão, eles são construídos na e pela enunciação.

Palavras-chaves: Tomar, Passar, Pegar e Quebrar; Linguagem; Línguas Naturais; Enunciação; Tope.

ABSTRACT

The thesis, entitled “**The modes of functioning of the verbs ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ and ‘quebrar’ in Portuguese language statements:** a semantic-enunciative study from the perspective of Tope”, enrolled in the research line Studies of Meaning Processes of the Stricto Sensu Graduate Program in Linguistics at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), aims to formalize the (linguistic) operations that underlie the functioning of the verbs ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ and ‘quebrar’ in Portuguese language statements with the purpose of understanding the enunciative processes that lead to the construction of meanings for these verbs. To this end, we inserted the aforementioned verbs within an enunciative study to observe the stabilization of meanings generated with each enunciative resumption. In this sense, we appropriate the activity of manipulating and reformulating statements through the elaboration and re-elaboration of glosses and paraphrases (FRANCKEL, 2011; FUCHS, 1985) to understand how these verbs function within the predicative process, which leads to the construction of meanings. We take as the theoretical basis for our study the linguistic research program developed by Antoine Culioli, the Theory of Predicative and Enunciative Operations (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). With this research, we defend the thesis that the process of categorizing the verbs ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ and ‘quebrar’ presented by the NGB is not sufficient to contemplate the functioning of these verbs. Therefore, in this study, we show that transitivity, for example, does not hold up when the verbs are placed in different contexts of functioning, that is, the categories do not hold up when the verbs ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ and ‘quebrar’ are observed from the operational point of view of language, since transitivity is a phenomenon constructed in the enunciation. From this, we can assess that categorical studies do not contribute to the determination of the meanings for the verbs mentioned, since they do not consider the experiences and experiences of the subjects. In view of this, we chose to follow a theoretical path that moves away from the idea of categorization, that is, we seek to observe the functioning of these verbs in different contexts using the articulation of language with natural languages as a methodology and we analyze their occurrences through the process of reformulation and glossing and prove the thesis that linguistic units proliferate meanings because of the different interactions sustained by enunciative processes, because of the different linguistic developments and given to the experiences of the enunciating subjects with the world and with language, therefore, the meanings cannot be given in advance, they are constructed in and by the enunciation.

Keywords: Tomar, Passar, Pegar e Quebrar; Language; Natural Languages; Enunciation; Tope.

RÉSUMÉ

La thèse, intitulée **“Les modes de fonctionnement des verbes ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ et ‘quebrar’ dans les énoncés de la langue portugaise**: une étude sémantique-énonciative du point de vue de Tope”, inscrite dans la ligne de recherche Études des processus de signification du programme d’études supérieures en linguistique Stricto Sensu de l’Université d’État du Mato Grosso (UNEMAT), vise à formaliser les opérations (linguistiques) qui sous-tendent le fonctionnement des verbes ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ et ‘quebrar’ dans les énoncés de la langue portugaise dans le but de comprendre les processus énonciatifs qui conduisent à la construction de significations pour ces verbes. À cette fin, nous avons inséré les verbes susmentionnés dans une étude énonciative pour observer la stabilisation des significations générées à chaque reprise énonciative. Dans ce sens, nous nous approprions l’activité de manipulation et de reformulation d’énoncés à travers l’élaboration et la réélaboration de gloses et de paraphrases (FRANCKEL, 2011 ; FUCHS, 1985) pour comprendre comment ces verbes fonctionnent dans le processus prédicatif, qui conduit à la construction de significations. Nous avons pris comme base théorique de notre étude le programme de recherche linguistique développé par Antoine Culioli, la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Dans cette recherche, nous défendons la thèse selon laquelle le processus de catégorisation des verbes ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ et ‘quebrar’ présenté par la NGB ne suffit pas à appréhender leur fonctionnement. Par conséquent, nous démontrons que la transitivité, par exemple, n’est pas maintenue lorsque les verbes sont placés dans différents contextes de fonctionnement. Autrement dit, les catégories ne sont pas maintenues lorsque les verbes ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ et ‘quebrar’ sont observés du point de vue opératoire du langage, la transitivité étant un phénomène construit dans l’énonciation. De ce fait, nous pouvons estimer que les études catégoriques ne contribuent pas à déterminer le sens des verbes mentionnés, car elles ne prennent pas en compte les expériences des sujets. Dans ce contexte, nous avons choisi de suivre une voie théorique qui s’éloigne de l’idée de catégorisation. Nous cherchons donc à observer le fonctionnement de ces verbes dans différents contextes en utilisant l’articulation du langage avec les langues naturelles comme méthodologie et en analysant leurs occurrences à travers le processus de reformulation et de glose et nous prouvons la thèse selon laquelle les unités linguistiques prolifèrent des significations en raison des différentes interactions soutenues par les processus énonciatifs, en raison des différents développements linguistiques et compte tenu des expériences des sujets énonciateurs avec le monde et avec la langue, donc les significations ne peuvent être données à l’avance, elles se construisent dans et par l’énonciation.

Mots clés: Tomar, Passar, Pegar e Quebrar; Langue; Langues naturelles; Énonciation; Tope.

LISTA DE SIGLAS, SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

Tope: Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas
QNT: Quantificação
QLT: Qualificação
VTD: Verbo transitivo direto
VTI: Verbo transitivo indireto
VTDI: Verbo transitivo direto e indireto
Sit₀: Relação primitiva
Sit₁: Relação predicativa
Sit₂: Relação enunciativa
x: Argumento 1 na predicação
y: Argumento 2 na predicação
R: relator na predicação
SE: Sujeito enunciador na relação enunciativa
S₀: Sujeito do enunciado na relação enunciativa
S₁: Sujeito enunciador na relação enunciativa
T₀: Tempo do enunciado
T₁: Tempo da enunciação
T: Tempo
E: Espaço
λ: Léxis
€: Em relação a
ξ₀: Argumento 1 na léxis
ξ₁: Argumento 2 na léxis
π: Relator na léxis
p₀: Propriedade de origem
P₁, p₂, p₃, p₄, p₅: Propriedades derivadas de ocorrências nocionais
= Identificação
≠: Diferenciação
a: Argumento 0
R: Relator
b: Argumento 1

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
------------------	----

I- ALGUNS PERCURSOS LINGÜÍSTICOS

1 Da Gramática Tradicional à Gramática Funcional: um pouco de história	26
1.1 A linguagem ao longo do tempo: algumas concepções adotadas	30
2 Do estrutural ao enunciativo	31
3 Linguagem e línguas: a articulação geradora de significados	34
3.1 Atividades languageiras: a busca pela estabilidade linguística	36
3.1.1 A representação	36
3.1.2 A referenciação	37
3.1.3 A regulação	38
3.2 Determinação: as categorias de <i>qualificação</i> e <i>quantificação</i>	39
3.3 Identificando e diferenciando ocorrências: <i>extração</i> , <i>flechagem</i> e <i>varredura</i>	40

II- UMA ABORDAGEM SOBRE O VERBO E SUAS FUNÇÕES

1 Os verbos em gramáticas de língua portuguesa	42
1.1 O verbo.....	42
1.2 Os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’: alguns apontamentos	44
1.2.1 A transitividade e a pronominalidade dos verbos ‘tomar, passar, pegar e quebrar’ do ponto de vista categorial.....	45
1.3 A regularidade dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ do ponto de vista gramatical.....	51
1.4 Para melhor situar: um pouco mais de gramática	51
2 Os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’: etimologias e sentidos na gramática tradicional e a polissemia em dicionários de língua portuguesa	54
2.1 <i>Agentividade</i> e <i>transitividade</i> : breve percurso	86

III- CONSTRUINDO A ENUNCIÇÃO

1 O enunciador e suas marcas na Tope: a <i>modalidade</i>	89
2 <i>Discreto, compacto e denso</i>	92
2.1 O funcionamento do <i>compacto</i> , do <i>discreto</i> e do <i>denso</i> com o verbo ‘tomar’: um esboço	95
2.2 Situando ocorrências: o <i>aspecto</i>	100
3 As relações linguísticas: <i>SIT 0</i> , <i>SIT 1</i> e <i>SIT 2</i>	102

3.1 A relação primitiva (SIT 0)	102
3.2 A relação predicativa (SIT 1)	104
3.3 Relação enunciativa (SIT 2)	104
3.4 Sintetizando as relações linguísticas	105

IV- OBJETOS OPERACIONAIS E O OBJETO TEÓRICO FUNDAMENTAL NA TOPE: A NOÇÃO

1 Organizando os domínios de referência: <i>tipo e atrator</i>	107
1.1 Noção e domínio nocional	110
1.1.1 Interior, exterior e fronteira: exemplificando	112
2 Glosa e paráfrase: os mecanismos de modalização do dizer	116
2.1 Glosa	117
2.2 Paráfrase	117

V- OS SIGNIFICADOS NÃO SÃO DADOS, SÃO CONSTRUÍDOS

1 Da representação projetada à representação construída: nossas análises	124
1.1 Formalizações do verbo ‘tomar’ com complemento <i>discreto</i>	129
1.2 Formalizações do verbo ‘tomar’ com complemento <i>denso</i>	138
1.3 Formalizações do verbo ‘tomar’ com complemento <i>compacto</i>	144
1.4 Formalizações do verbo ‘passar’ com complemento <i>discreto</i>	151
1.5 Formalizações do verbo ‘passar’ com complemento <i>denso</i>	157
1.6 Formalizações do verbo ‘tomar’ com complemento <i>compacto</i>	162
1.7 Formalizações do verbo ‘pegar’ com complemento <i>discreto</i>	165
1.8 Formalizações do verbo ‘pegar’ com complemento <i>denso</i>	172
1.9 Formalizações do verbo ‘pegar’ com complemento <i>compacto</i>	178
1.10 Formalizações do verbo ‘quebrar’ com complemento <i>discreto</i>	184
1.11 Formalizações do verbo ‘quebrar’ com complemento <i>denso</i>	188
1.12 Formalizações do verbo ‘quebrar’ com complemento <i>compacto</i>	191
2 As estabilizações para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ são resultados das modalizações dos sujeitos enunciadore	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	206

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu do nosso interesse em continuar atuando como pesquisadora no campo da Linguística, mais especificamente dentro do campo da Semântica operatória sob o mesmo arcabouço teórico que sustentou nossa pesquisa de Mestrado, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (Tope), cujo idealizador é Antoine Culioli.

Estudamos os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, principalmente porque estes verbos, assim como muitas outras unidades linguísticas, não por acaso, são descritos em dicionário e em gramáticas como tendo um valor¹ fixo, isto é, diversos significados, ou um valor conceitual abstrato. Ressaltamos que escolhemos estes verbos, mas poderíamos ter escolhido outras unidades para mostrarmos que o fundamento destes verbos, mas não só deles, é decorrente de um valor em equilíbrio com outras unidades.

Além disso, o que é mais relevante para nossa pesquisa, e para tantas outras pesquisas que trabalharam com as mesmas unidades linguísticas, não é somente a unidade escolhida em si, mas os desdobramentos linguísticos acarretados por ela dentro do plano enunciativo. Tais descrições despertaram em nós a curiosidade em pesquisá-los. Com a nossa pesquisa, descrevemos maneiras para se compreender as razões pelas quais estes verbos adquirem dados significados, como os significados são obtidos e por que estes significados, não outros.

Para tanto, defendemos o seguinte ponto de vista: os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ não possuem valores em si, ou seja, valores fixos, inerentes e essenciais, haja vista que os valores para estes são estabilizados quando postos em relação a outras unidades das línguas. Noutras palavras, as unidades se determinam consoante os modos pelos quais são colocadas em relação por sujeitos enunciadoreis.

Os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, apreendidos, algumas vezes, pelos estudos ligados à Gramática Tradicional, como verbos transitivos e vistos pelos lexicógrafos como vocábulos dotados de polissemia, são ostentados como unidades constitutivas de significados na Tope, ou seja, não possuem significados prontos e acabados, já que estabilizam significados a depender de alguns fatores, tais quais: modalizações dos sujeitos e suas relações com outras unidades nos textos em que se façam presentes, por exemplo. Noutros termos, partimos da ideia de que os verbos supracitados não possuem significados

¹ Utilizamos a palavra valor(es), diversas vezes em nosso texto, para nos referirmos ao(s) significado(s) dos verbos aqui estudados.

que lhes são próprios, ideais e inerentes, conforme propõem os estudos de vieses linguísticos tradicionais e normativos.

Nesse sentido, mostramos que estes verbos podem assumir diversos significados que se diferenciam daqueles significados, muitas vezes, dicionarizados. Isso ocorre, como apresentamos nesta pesquisa, por conta da pluralidade de significados que poderão adquirir ao serem postos em relação a outras unidades ao longo do processo enunciativo, pois os verbos aqui trazidos não são apreendidos como unidades com valores fixos, valores em si, mas como unidades geradoras de valores em relação, logo, poderão estabilizar significados que vão além daqueles valores que lhes são projetados, *a priori*. Com esse fim, formalizamos as operações (linguísticas) que fundamentam o funcionamento destes verbos.

Dentro deste estudo, partimos do fato de que a Tope busca a origem do processo enunciativo para obter os significados, ou seja, esta busca pela origem resulta numa retomada das noções de predicado em diferentes situações enunciativas e disso se obtêm os significados, que, por sua vez, são constituídos pelos sujeitos enunciadores ao mobilizarem um conjunto de operações possibilitadas pelos desdobramentos da linguagem. Os significados constituídos, portanto, não são fixados como prontos e acabados, porque afetividade é essencial para a construção da significação.

O estudo linguístico sob o viés da Tope permite mostrar o funcionamento das línguas, uma vez que evidencia que os valores são estabilizados por intermédio dos agenciamentos realizados pelos sujeitos. Nesse sentido, estudamos os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ sob este viés enunciativo e os apreendemos enquanto unidades constitutivas de valores dentro do processo enunciativo e enquanto elementos indispensáveis para/na formação e transformação dos significados nos textos (enunciados) em que se façam presentes.

Por nos embasarmos em uma Linguística do movimento e dos desdobramentos resultativos, tomamos os verbos em questão enquanto unidades que põem em relação argumentos, os analisando sob o ponto de vista lexical a fim de averiguarmos os papéis temáticos que eles atribuem: valência verbal (o conjunto delimitado de construções em que cada verbo pode ocorrer) e os papéis temáticos (a dependência nas relações de significados estabelecidos entre os verbos e seus argumentos, ou seja, a relação intrínseca entre sujeito e complementos).

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas pauta-se no estudo das línguas a partir de um ponto de vista que se difere da Gramática Tradicional e dos estudos trazidos

pelos dicionários, que, por vezes, concedem o estudo da linguagem enquanto formas estáticas, facilmente classificáveis e de significados unívocos e ideais. Para a Tope, teoria na qual nos embasamos, a estabilização de valores/significados não é algo posto, já definido e conhecido fora do jogo intersubjetivo fundado pela enunciação, pelo contrário, as estabilizações de significados são construídas pelos sujeitos ao modelizarem os dados linguísticos através da articulação entre a linguagem e as línguas naturais, porque, para Culioli, “a Linguística tem por objeto a atividade da linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais e escritos)”² (CULIOLI, 1990, p. 14).

Tendo isso em vista, tomamos os significados dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ como construções passíveis de estabilizações alcançáveis somente através do processo dinâmico, interativo e plástico, possibilitado pelos trabalhos de *representação*, *referenciação* e *regulação*³ dos sujeitos que, ao mobilizarem as línguas, criam possibilidades de estabilizações diversas, pois, mediante a relação dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ com outras unidades linguísticas nos textos, se faz possível estabilizar significados, dado que esta relação arrasta consigo o empírico, o físico e o psicossociológico dos sujeitos.

Ao fundamentarmos nossa pesquisa em uma teoria enunciativa, tomamos a enunciação como o processo pelo qual se obtém o enunciado e, para chegarmos a isso, primeiramente, tomamos a atividade de linguagem como o processo inato e inerente ao homem, sendo manifestada por três atividades cognitivas também inatas ao homem: a atividade de *representar*; a atividade de *referenciar*, e a atividade de *regular*, como propõe Culioli (1990, 1999a, 1999b).

A atividade de *representar* é do nível psicológico; a atividade de *referenciar* é do nível sociológico, e a atividade de *regular* é do nível sociopsicológico, de maneira que aqui o diálogo é o responsável pela alternância e reversibilidade de papéis entre enunciador e coenunciador em um processo intersubjetivo para regular o discurso. Ressaltamos que, por ser uma teoria enunciativa, na Tope, o outro é sempre o obstáculo para a estabilização de valores/significados para determinada unidade linguística.

Grosso modo, a enunciação em Culioli resume-se pela materialização do enunciado, logo, é o processo de constituição do enunciado e se dá através da atividade de linguagem,

² No original: “la Linguistique a pour objet l’ activité de language appréhendée à travers la diversité des langues naturelles (et à travers la diversité des textes, oraux ou écrits)” (CULIOLI, 1990, p. 14).

³ A tríade que institui a linguagem como processo através da articulação da mesma com as línguas naturais. Esta tríade: *representação*, *referenciação* e *regulação* é, segundo Culioli, capacidade inata e comum a todos os sujeitos (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b).

que, por sua vez, é a base para a construção da significação em condições e circunstâncias particulares. Nessa ótica, as vivências de mundo dos sujeitos e as relações dos sujeitos com outros sujeitos e com a linguagem em funcionamento no mundo são fatores determinantes no processo de construção de significados e determinantes para suas estabilizações, ainda que provisoriamente.

Neste trabalho, mostramos os modos pelos quais as operações de linguagem se sustentam e explicitamos como estas induzem à passagem de um valor/significado a outro nas ocorrências dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ aqui trazidas. Para tanto, levantamos questionamentos confrontando os pressupostos linguísticos de bases estáticas e tradicionais de estudo dos verbos e chegamos ao fato de que o funcionalismo e a ideia de papéis temáticos, por exemplo, não resolvem os embates da estabilização de significados e, também, não dão conta de explicitar o funcionamento dos verbos quando se trata de práticas de linguagem, por apresentarem critérios insuficientes para explicitar o funcionamento dos verbos supracitados em se tratando de movimento, de significação. São muitas as mudanças operadas por estas unidades das línguas quando postas em relação/interação com outras unidades linguísticas (pronome, nome ou outro verbo) dentro dos textos, por esta razão, nesta pesquisa, buscamos desenvolver um estudo subsidiado pela teoria culioliana para mostrar que as disciplinas de base tradicional e normativa, conforme defende a gramática e o estudo polissêmico e assim como propõem os dicionários, não são suficientes para evidenciar que o fundamento destes verbos não depende unicamente deles, mas é decorrente de um valor em equilíbrio entre eles e outras unidades linguísticas presentes nos enunciados em que se encontram inseridos e, desta relação, proliferam os significados.

Com isso, notamos que os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ adquirem/proliferam significados e apreendem variações no seu valor semântico porque, quando pensados como verbos de ação, eles são insuficientes por esbarrarem numa questão semântica.

Por exemplo:

- (1) Pedro tomou uma cerveja, e (1a) Pedro tomou no zóio.
- (2) Maria passou a roupa de festa, e (2a) João passou pelo fundo de uma agulha.
- (3) Maria pegou a caneta, e (3a) Maria pegou gripe.
- (4) O menino quebrou o brinquedo, e (4a) João quebrou a cara por ser bom demais.

Observando os exemplos (1), (2), (3) e (4), podemos verificar que os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ apresentam-se enquanto verbos de ação, e as denotações obtidas

a partir deles são propriedades tidas como inerentes. Se assim os concebermos, temos, então, a intuição de ação para estes verbos se confirmando. Aqui, há um X que exerce uma ação sobre Y. Casos opostos ocorrem nos exemplos (1a), (2a), (3a) e (4a), onde a ideia de ação para estes verbos já não pode ser sustentada, uma vez que X não, necessariamente, exerce mais uma ação sobre Y. Prontamente, se X não exerce ação sobre Y, então os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ não mais funcionam como verbos de ação.

Tomando estes mesmos verbos quanto as suas transitividades, vemos também que este quesito não é suficiente para explicitar o funcionamento deles, como nos exemplos (1a) e (2a), em que a ideia de transitividade já não se sustenta.

Os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ remetentes a estados resultantes (verbo perfectivo) também não podem ser sustentados, porque, se para todo X tomador, há um Y tomado; para todo X passador, há um Y passado; para todo X pegador, há um Y pegado, e, para todo X quebrador, há um Y quebrado, temos, com isso, categorias criadas para abarcar as “coisas tomadas, passadas, pegadas e quebradas por “X”, porém, como vislumbramos através dos exemplos (1a), (2a), (3a) e (4a), estas proposições não vingam.

Nesse contexto, arrolamos que a constituição das identidades dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ se dão pela articulação léxico-gramatical, e não pela unidade linguística em si. A constituição dos significados destes verbos se dá, assim, a partir do trabalho de regulação dos sujeitos e, com isso, percorremos caminhos diferentes de outras práticas gramaticais que entendem os verbos elencados apenas como verbos com valores ideais, e não como unidades linguísticas investidas de significados instáveis.

Isso posto, esboçamos uma apreciação não mais sob um viés da categorização e da etiquetagem e acreditamos que nossas análises contribuem para uma compreensão mais significativa das unidades lexicais em questão, dando ênfase não à classificação estática, mas à variação por compreender que os verbos escolhidos não podem ter suas significações reduzidas aos contextos de uso e aos referentes externos às línguas, pois, conforme Vogüe, o verbo

não remete a uma causa, um ato, um acontecimento ou mesmo um julgamento, mas a uma configuração que é, antes, da alçada do dizer, estando inscrita, portanto, na linguagem. Particularmente, isto significa que o que buscamos é também de natureza absolutamente formal, e por três razões: por se elaborar por via das formas, por proceder de um cálculo e por consistir em operações que, quaisquer que sejam, presidem ao “fabricar” do dizer (2011, p. 278-279).

Trabalhamos em oposição à ideia de campo semântico, preferindo operar com nível dos valores referenciais, em que “a realidade e a língua, as produções linguísticas dão origem

às ocorrências, e isso justamente porque uma mesma unidade permite construir valores referenciais diversos” (ROMERO, 2000, p. 67-68) Estes significados/valores não são fixos apenas em conformidade com identificação direta com as coisas do mundo, mas com as probabilidades de construção de significados que lhes são próprias e, mesmo que a construção de significados pareça algo flexível, ainda assim, possui na composição de sua estrutura interna a austeridade necessária que lhe possibilite desempenhar, de forma singular, o seu papel dentro do sistema linguístico.

A Tope opera com o conceito de transcategorialidade, logo, o estudo aqui desenvolvido se embasa em manipulações de arranjos léxico-gramaticais responsáveis por constituir, através das experiências particulares de cada sujeito, a significação. Portanto, a nós, interessa os modos de funcionamento das unidades linguísticas e as noções de processos. A relevância deste estudo fica por conta da observação do funcionamento dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ enquanto prática de linguagem e da compreensão de que estes têm seus estatutos modificados quando postos em relação com outras unidades nos enunciados.

O referencial teórico mais robusto para a realização deste trabalho analítico está pautado nos três tomos de Culioli (1990, 1999a, 1999b), que endossam o conceito de operações como invariantes que regulam a atividade de linguagem, a saber: noção como feixe propriedades híbridas que dependem do psicossociológico, do cultural e do material; enunciado como espaço genuíno de articulação entre as Línguas Naturais e a linguagem, e operações cognitivas e estabilidade de significados. Também selecionamos como aparato teórico estudiosos que abordam o funcionamento da categoria verbal.

Com base neste referencial teórico, objetivamos a perspectiva de questões concernentes ao estudo da linguagem por meio da diversidade das línguas naturais, tal como propõe Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b) e seus colaboradores, dentro do arcabouço teórico da Tope e o desenvolvimento de uma investigação sobre os processos polissêmicos, a valência verbal, os papéis temáticos e os diversos significados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ mediante o estudo da variação sintático-semântica permitida pela manipulação deles. Propusemos desenvolver, com isso em mente, um estudo enunciativo que permitisse a dissolução da crença de que há algo fixo em se tratando de significados e mostramos que é esta variação que define a linguagem.

Para tanto, realizamos a inserção do percurso enunciativo dos sujeitos dentro da análise linguística a partir das ocorrências singulares dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e

‘quebrar’ ao assumirmos o estudo destes verbos como materialidade linguística e fazermos modalizações por meio de um campo de montagem e desmontagem de enunciados em que os verbos supracitados estão presentes. Além disso, com esta investigação, acreditamos contribuir para a compreensão da constituição dos significados na Língua Portuguesa e para a descrição da identidade semântica dos valores e empregos dos verbos escolhidos a partir de um domínio de referências construído.

A Tope, por ser uma teoria de base epistemológica, permite a criação de um campo de análise com montagem e desmontagem do enunciado. Conforme Pria (2013, p.39), a orientação metodológica é o diálogo, possuidor da função reguladora, pondo em jogo um conjunto de relações de alteridade entre representações do nível 2 e nível 1, ou seja, pondo em relação o jogo entre o linguístico e o cognitivo. Prontamente, desse modo, parte-se do representacional (nível 1) e referencial (nível 2) ao regulável (nível 3).

Esta teoria realiza um mapeamento buscando pela origem do processo enunciativo, isto é, visando obter os valores projetivos para um enunciado. Este mapeamento é estabelecido pelo diálogo entre todas as unidades constituintes dos textos em diferentes situações enunciativas. O diálogo (regulação, atividade epilinguística) é o elemento transformador de um enunciado em outro, isto é, as escolhas dos sujeitos possibilitam a construção dos significados. Os significados ganham contorno somente no plano enunciativo, dado que, na Tope, não há a pretensão de explicar as unidades em termos de critérios, mas em termos de ocorrências, e o sujeito, por estar inserido no mundo de linguagem, tem memória significativa e traz consigo experiências com outros enunciados e outros textos.

Com este trabalho analítico, demonstramos as possíveis regularidades de predicação existentes e possibilitadas pelas variações de significação dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ através das interações deles com outras unidades linguísticas presentes nas superfícies dos textos, pois o valor das unidades linguísticas é um valor em equilíbrio, decorrente da relação da unidade com as demais unidades constituintes do enunciado, e não um valor fixo. Assim, analisamos 52 enunciados elaborados por nós em que os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ estão presentes e, a partir deles, produzimos paráfrases para trazer à tona as operações e as relações que subjazem aos significados minimamente estáveis que sustentam o domínio nocional destes verbos. Apropriamo-nos ainda dos processos experimentais⁴ propostos pela Tope e das operações cognitivas constituintes da

⁴ Estão definidos pela teoria os conceitos de léxis, relação primitiva, relação predicativa e relação enunciativa (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b).

atividade de linguagem e estudamos os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ em termos de ocorrências singulares para demonstrarmos que, do empírico e da articulação entre vários domínios: linguístico e linguagístico, léxico e gramática, sociológico e psicológico, nocional e predicativo etc., são constituídos os significados dos textos. Ou seja, os distintos significados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ serão obtidos mediante as operações possibilitadas pelo funcionamento dos objetos teóricos fundamentais, como a *noção*, por exemplo, e os objetos teóricos operacionais, tais quais: *domínio nocional*, o *tipo* e o *atrator* (interior exterior e fronteira).

Como posto em inúmeros trabalhos desta linha teórica, os conceitos de *noção* e *domínio nocional* são centrais na teoria de Culioli e, através deles, estruturamos todas outras operações para as construções linguísticas, como os trabalhos de manipulações dos quais resultam enunciados bem formados e, também, permitem ao linguista o acesso a outros conhecimentos que servem como centro organizador e ponto de referência para os demais.

O trabalho de análise dos dados aqui proposto foi concebido de modo que não visamos paralisar as variações, pelo contrário, através das variações constitutivas dos significados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, apreendemos as particularidades de cada ocorrência. O método que adotamos para analisar as ocorrências dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ terá como instrumento metodológico a própria metalinguagem. Ou seja, nesta pesquisa, tomamos como ponto de partida os enunciados origem e deles realizamos *glosas*⁵ e *paráfrases*⁶, porque somente através do movimento/modalização realizado pelos sujeitos é possível explicitar, pelas operações de linguagem, os processos que possibilitam a passagem de um valor a outros para estes verbos, bem como os agenciamentos linguísticos que permitem as inúmeras possibilidades de estabilizações de valores. É somente com o trabalho de apropriação e manejo das unidades, isto é, a partir do processo de parafraseagem, como propõe Culioli (1990), que vislumbramos a experiência dos sujeitos e, por meio delas, obtemos as definições e as estabilizações de significados/valores das construções e das unidades presentes nas línguas.

Em suma, com esta proposição investigativa, mostramos os desdobramentos e as constituições semânticas possibilitadas pelos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ sob a égide enunciativa culioliana e, ao realizarmos a análise, explicitamos a identidade destas

⁵ As glosas, na Tope, são reformulações feitas a partir de enunciados produzidos pelos sujeitos enunciadorees para especificar para seu interlocutor os sentidos de um enunciado anterior.

⁶ A paráfrase trata-se de um trabalho de interpretação e reformulação de enunciados pelos sujeitos para produzir sentidos.

unidades através das diversidades de suas ocorrências e as inserimos em contextos como os de identidade e variação. Com isso, contribuímos para a dissolução de crenças teóricas, cujas premissas apontam para um modelo de estudo em que se busca apresentar, por exemplo, a função das unidades morfolexicais na estruturação do conteúdo das estruturas temáticas; a ação sendo uma propriedade inerente aos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’; a transitividade sendo uma propriedade desses verbos, e a perfectividade sendo uma propriedade inerente a eles. Assim, com o nosso estudo, embasado sob pilares do dinamismo da significação, esperamos construir um modelo de estudo que almeje um arquétipo de identidade semântica proveniente da variação da unidade e um campo heterogêneo que corresponde a princípios reguladores e especificadores da atividade de linguagem, dado que “através da variação do sentido das unidades, é possível destacar as regularidades na maneira pela qual se organiza essa variação” (FRANCKEL, 2011, p. 19).

Para dar conta desta análise, organizamos nossa tese em cinco capítulos, mais a introdução, as considerações finais e as referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, intitulado “**Alguns percursos linguísticos**”, expusemos um breve cenário dos estudos linguísticos embasados em vieses estáticos, a saber: a Gramática Tradicional, o Estruturalismo, o Gerativismo e o Funcionalismo, bem como uma breve abordagem sobre as concepções de linguagem adotadas ao longo dos tempos pelos estudos linguísticos supracitados, ou seja, abordamos sobre a concepção de *linguagem como expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de interação*. Nosso objetivo com isso tem apenas o intuito de contrastar tais estudos sem tratar de questões semânticas.

Também neste capítulo tratamos sobre a proposição investigativa acerca das línguas e linguagem na e para a Tope. Nesse sentido, apresentamos sobre a articulação das línguas naturais com a linguagem que resulta na atividade languageira, que é atuante na construção dos significados, que, por sua vez, são definidos por três importantes trabalhos: o de *representação*; o de *referenciação*, e o de *regulação*, como define Culioli (1990; 1999a; 1999b).

Ademais, abordamos a maneira como os valores são determinados nos textos, como propõe a Tope, isto é, através dos processos de *Qualificação* e *Quantificação*, sendo que a *Quantificação* se dará pelas operações de *flechagem*, *varredura* e *extração*, conceitos que também serão explicitados no referido capítulo.

No segundo capítulo, intitulado “**Uma abordagem sobre o verbo e suas funções**”, traçamos um percurso e apresentamos as definições para a classe de palavras denominada de *verbo*, além das funções desempenhadas dentro de construções que seguem o modelo de estudo esquadrihado por vieses estáticos, ou seja, modelos que defendem a inerência dos significados para as unidades linguísticas.

Abordamos a respeito do estudo normativo com os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, reiterando que a nossa posição linguística vai por caminhos diferentes dos estudos normativos, pois temos como embasamento teórico e metodológico um viés enunciativo.

Em resumo, neste capítulo, discutimos sobre os conceitos de *verbo* e suas classificações; a *transitividade* e *pronominalidade* dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’; as vozes verbais, e os tipos de sujeitos nos moldes da categorização defendidos pela Gramática Tradicional. Apresentamos também os étimos dos verbos supracitados ainda dentro do viés estático e sob o ponto de vista de dicionaristas, isto é, sob o viés da polissemia. Noutros termos, exibimos a forma como estes verbos são tratados semanticamente em dicionários e gramáticas com o intuito de evidenciar que o excesso de fragmentação do empírico, ou o ideal de valor inerente, produz reducionismos em se tratando de determinar o valor que fundamenta o funcionamento das unidades linguísticas. Por fim, neste capítulo, mostramos brevemente a *transitividade* e a *agentividade* para alguns estudiosos de vieses linguísticos distintos e aproveitamos o ensejo para reiterar que, na Tope, a transitividade é entendida e estudada como processo, e não como estado.

No terceiro capítulo, intitulado “**Construindo a enunciação**”, tratamos dos conceitos esquadrihados pela Tope, tais quais os conceitos de *sujeito* e *modalidade*. Além disso, explicitamos as operações de *quantificação* e *qualificação*, que são apresentadas no item 3.2 do capítulo I desta tese, e como seu funcionamento instancia valores/significados através dos processos de *denso*, *discreto* e *compacto*. Para ilustrar este funcionamento, no item 2.1 deste capítulo, apresentamos um esboço de análise onde será possível observar o funcionamento do *compacto*, do *denso* e do *discreto* com exemplos com o verbo ‘tomar’.

Versamos também, no capítulo 3, sobre o *aspecto*: uma operação que, ao ser apropriada pelos sujeitos em uma enunciação, situa este acontecimento no tempo e no espaço. E, por último, tratamos das *relações linguísticas*, que traçam o percurso dos sujeitos para haver a transformação de representações mentais em textos. Este percurso é realizado em três etapas: na primeira, o sujeito constrói a intenção de dizer; na segunda, o sujeito representa a intenção de dizer, e, na terceira, o sujeito regula o dizer, modalizando-o.

No quarto capítulo, intitulado “**Objetos operacionais e o objeto teórico fundamental na Tope: a noção**”, realizamos a explicitação de alguns objetos teóricos operacionais, como *glosa* e *paráfrase*, e do objeto teórico fundamental na Tope: a *noção*. Assim, discutimos os modos como a *noção* organiza seus domínios, através de dois polos de referência: o *tipo* e o *atrator*, conforme proposto por Culioli (1999b).

Ponderamos também, neste capítulo, sobre o funcionamento do *domínio nocional*. Citamos, dessa maneira, as delimitações e as qualificações para determinada *noção*, quando esta se encontra inserida em domínios de referências caracterizados por *interior*, *exterior* e *fronteira*.

No quinto capítulo, intitulado “**Os significados não são dados, são construídos**”, exibimos as nossas análises e mostramos como os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ estabilizam significados/valores para os textos que se fazem presentes, contudo, os significados que serão estabilizados são resultados das diversas interações, sustentadas por processos enunciativos.

Com este fim, expusemos, através das operações de *qualificação* e *quantificação*, as propriedades geradas para os verbos aqui estudados, ou seja, quando são postos em relação a complementos com propriedades compactas, densas e discretas estanciam valores diversos, pois os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, ao serem postos em relação com outras unidades linguísticas nos textos, estabilizam significados que algumas vezes se diferem dos significados intuídos no início do processo de representação visando a construção da significação.

Assim, aproximamos do fato de que os verbos estudados nesta pesquisa funcionam como localizadores de representações projetadas, logo, têm seus significados delineados nos enunciados ao mesmo tempo em que também determinam os significados para os textos em que se encontram inseridos. Em outras palavras, com as manipulações dos sujeitos, quando estes realizam modelizações, como as trocas de complementos nas construções enunciativas em que os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ estejam presentes, por exemplo, faz com que estes verbos venham adquirir e estabilizar significados, ainda que temporariamente. Portanto, ressaltamos que os significados não estão dados, mas construídos no processo enunciativo.

I- ALGUNS PERCURSOS LINGÜÍSTICOS

Visando facilitar a compreensão deste capítulo da nossa tese de doutoramento, realizamos alguns percursos e estabelecemos contrapontos com o objetivo de mostrar de onde partimos e de onde não partimos, teoricamente falando, para a elaboração deste estudo. Logo, iniciamos este capítulo trazendo um breve panorama dos estudos linguísticos de vieses estáticos e das concepções de linguagem que foram adotadas ao longo dos tempos, concepções estas distintas daquela adotada por nós, para, então, chegarmos à concepção de linguística e de linguagem na qual ancoramos esta pesquisa.

1 Da Gramática Tradicional à Gramática Funcional: um pouco de história

Neste item, abordamos brevemente sobre os estudos gramaticais, quais sejam: Gramática Tradicional, Estruturalismo, Gerativismo e Funcionalismo, visando contrastá-los a fim de mostrarmos seus pontos de convergências e divergências concernentes aos estudos linguísticos por eles esquadrihados. Contudo, aqui não tratamos da questão semântica, este critério será abordado no item 2 do segundo capítulo deste trabalho, porque, por ora, trataremos apenas sobre as gramáticas adotadas pelas correntes linguísticas supracitadas.

Isso posto, salientamos que os estudos metalinguísticos propostos pela Gramática Tradicional tiveram início, como tradição, com as reflexões linguísticas realizadas pelos filósofos gregos. Atualmente consideradas superficiais, contudo, estas reflexões eram as mais avançadas daquela época e, com elas, os estudiosos objetivavam saber qual era o papel da linguagem na compreensão, primeiramente, da realidade física e, posteriormente, da proposição lógica. A Gramática Tradicional herdou, dos estudos aristotélicos, as classificações em categorias ou classes gramaticais ainda existentes nos dias atuais.

Este formato de estudo teve como principal influência os estudos filosóficos de Aristóteles, que realizavam reflexões voltadas a obter conclusões por deduções lógicas, por exemplo: todo líquido é tomável, então, se “café e cerveja são líquidos”, logo, eles são tomáveis, ou “biscoitos não são líquidos”, assim, não são tomáveis. Nestas análises dedutivas:

Os filósofos olhavam para um enunciado significativo (lógos) para analisar a veracidade ou falsidade de uma proposição. Com o decorrer do tempo e das descobertas que foram fazendo a respeito da linguagem, os filósofos passaram a olhar as partes do discurso para verificar em que parte da proposição residia sua verdade ou falsidade: se na parte que refere (nome próprio) ou na parte que descreve (predicado). Por ter como foco os constituintes semânticos do enunciado, Aristóteles é tido como precursor da teoria da sentença conhecida como teoria aristotélica que

se encontra exposta, claramente, na lógica de Port Royal (século XVII) e presente em gramáticas influenciadas pelos lógicos franceses (CONTI, 2014, p. 246).

Este raciocínio logicista, de certo modo, foi seguido por Ferdinand de Saussure, ao pautar seu trabalho no ideal de língua enquanto sistema de signos, onde a arbitrariedade é quem determina os valores, ou seja, estabelecendo que um termo é aquilo que o outro não pode ser, conforme explicitado pela metáfora do jogo de xadrez⁷. No entanto, ressaltamos que a concepção logicista atribuída à *língua* por Saussure deve-se à assunção de que é a posição do signo na estrutura, tal como é a posição de uma dada categoria na estrutura da proposição, que determina o seu valor. Embasado nisso, no século XX, desenvolveu por meio de seus estudos a linguística estrutural.

Como proposto pelos estudos filosóficos, a linguística estrutural também molda um enunciado a partir da existência de dois elementos essenciais: o sujeito e o predicado. Saussure, assim, destacou-se por ser o linguista precursor dos estudos da língua que se preocupava com a organização estrutural da linguagem. Este estudo gerou um progresso expressivo nas ciências humanas e inspirou uma geração de pensadores como: Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser e Roland Barthes.

Com *O Curso de Linguística Geral*, segundo Martelotta (2011, p.111), surgiu a Gramática Estrutural, regulada por três aspectos: (I) as línguas são conjuntos de elementos conectados para constituir unidades maiores; (II) a língua é sistemática, e (III) toda língua tem seu conjunto particular de regras funcionando de maneira normatizada e se apresenta por ter caráter arbitrário. As contribuições de Saussure para os estudos linguísticos foram de suma importância por possibilitarem compreender as relações internas administradoras dos elementos linguísticos de determinadas línguas compartilhantes de um mesmo estado sincrônico. Esta proposta teórico-metodológica da gramática estrutural serviu de base para a linguística moderna.

Outra concepção linguística marcante para o desenvolvimento dos estudos linguísticos foi o Gerativismo, trazido por Noam Chomsky, no final da década de 1950. Neste novo modelo de gramática, foi direcionado o olhar aos aspectos linguísticos da linguagem enquanto capacidade cognitiva unicamente humana. Chomsky adota uma concepção internalista da linguagem e elege o homem como o único portador e capaz de adquirir a linguagem. Por assim se constituir, conforme Chomsky (1975), o homem, mediante suas habilidades

⁷ Para melhor compreender consulte: SAUSSURE, F.de. Identidades, realidades, valores. In: *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p.125-129.

cognitivas, denominadas de faculdade da linguagem, desenvolve os processos de produção e compreensão dos mais diversos recursos gramaticais e textuais.

No início de 1980, o estudioso apresentou a concepção de gramática universal da linguagem. Nessa perspectiva, foram trazidas contribuições para a explicação da universalidade sintática das línguas com base no aparato estrutural dos princípios linguísticos universais corroborativos para a materialização delas por um ato sociocomunicativo.

Por último, temos o Funcionalismo, que é uma corrente de estudo linguístico com o objetivo de desenvolver estudos regulados na correspondência entre a estrutura gramatical das línguas e os mais diversos contextos sociocomunicativos. Nele, a linguagem é um instrumento de interação social, cujo objetivo primordial é explicar as regularidades notadas na interação linguística, quando são analisadas todas as conjunturas discursivas desse uso, indo além da estrutura linguística. No Funcionalismo, são considerados a situação comunicativa e o contexto discursivo, porque a situação de comunicação é a responsável por elaborar a estrutura gramatical.

Ressaltamos que a linguística funcional se desenvolveu com o Círculo de Praga, na Europa, por volta de 1928 e 1939. Na época, seus membros desenvolveram métodos de estudos semióticos e de análises estruturalistas preocupados em estudar a estrutura da língua e os contextos distintos no processo comunicativo nos quais eram empregados. Nikolay Trubezkay e Roman Jakobson eram representantes desta corrente linguística.

Com a linguística funcional, as estruturas propostas pelas gramáticas tradicionais se relacionam não somente com o contexto discursivo, mas também com a interação dos falantes, cuja finalidade é a comunicação entre si, por considerar que todo saber é um produto histórico que “resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto” (AUROUX, 1992, p. 14).

Para Neves:

A gramática funcional considera, afinal, a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. Como a Escola de Praga, a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico (NEVES, 1994, p. 113).

Para o Funcionalismo, “[...] uma teoria da gramática não deve contentar-se em expor as regras da língua como uma finalidade em si, mas deve tentar, o quanto possível, explicar essas regras em termos de sua funcionalidade em relação aos modos como são usadas e em relação aos propósitos desses usos” (NEVES, 1994, p. 124), entretanto, a Gramática

Funcional também se pauta em estudos categorizados e, quando as categorias defendidas por ela não se sustentam, ou fogem às regras de classificações, geralmente são consideradas desviantes.

Isso ocorre porque a língua é considerada um conjunto de palavras, com significados ideais e prontos para serem usados, funcionando como um quebra-cabeça, em que cada peça tem seu encaixe perfeito. Nas palavras de Neves: “não separa o sistema lingüístico e suas peças das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem” (NEVES, 1994, p. 125–126).

Em síntese, as gramáticas Tradicional, Gerativa e Funcional são termos utilizados para fazer referências às teorias e aos métodos de análises linguísticas considerados divergentes, contudo, têm em comum o estudo linguístico embasado pela estabilidade e pelo não dinamismo.

Nesse sentido, o Tradicionalismo se preocupa com as relações estruturais e sistêmicas, focalizando o estudo categorial; o Gerativismo tem a preocupação com o estudo da língua enquanto uma realidade de caráter individual, interno e cognitivo, por ser uma competência de ordem gramatical abstrata, e o Funcionalismo compreende os estudos da língua pela crença de que as estruturas fonológicas, gramaticais e semânticas são concebidas e determinadas pelas funções preenchidas por suas peças.

Em outros termos, o Tradicionalismo tem o foco nos elementos de estrutura da língua para descrevê-los ou para apresentar suas regularidades; o Gerativismo traz correlação entre duas dimensões linguísticas, a forma e a função linguística, e o Funcionalismo dá ênfase às hipóteses do uso, mas também não deixa de descrever estruturas. No entanto, seja o estudo do ponto de vista da Gramática Tradicional, seja do ponto de vista da Gramática Gerativa ou da Gramática Funcional, reiteramos a necessidade de se adotar uma posição linguística e “optar por uma delas é, sempre, optar por determinada visão de língua” (ANTUNES, 2007, p. 33).

Diante do exposto, escolhemos não trilhar os caminhos linguísticos apresentados por nenhuma delas, optando pelos caminhos da não categorização e do estudo léxico-gramatical. Decidimos adotar uma posição linguística de cunho enunciativo, em que o sujeito e a linguagem estão imbricados e inscritos na superfície das línguas naturais, como será trazido ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

1.1 A linguagem ao longo do tempo: algumas concepções adotadas

Neste item, abordamos as três concepções de linguagem que foram adotadas ao longo do tempo pelo homem, dadas as suas necessidades, trocas e interações, a saber, *a linguagem como expressão do pensamento*; *a linguagem como instrumento de comunicação*, e *a linguagem como forma de interação*, porque cada concepção de gramática demanda uma concepção de linguagem.

Definir linguagem é tarefa complexa, por isso a conceituaremos primeiramente a partir de vertentes não ancoradas, em uma perspectiva linguística enunciativa, para chegarmos à concepção de linguagem adotada pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (Tope).

A *linguagem como expressão do pensamento* advém da ideia de que ela se constrói no interior do raciocínio do sujeito, e sua exteriorização constitui mera tradução do pensamento. Nessa concepção, os sujeitos exteriorizam apenas o conteúdo presente na mente e aqueles falantes com maior desenvoltura para se comunicar e com boa argumentação são dotados de “inteligência”, enquanto os sujeitos fugidios a essa regra não são. Em outras palavras, se o sujeito não se expressa bem, é porque não pensa.

Para Perfeito (2005), esta concepção é regida por preceitos defendidos pela Gramática Tradicional, que vem desde a tradição grega até o século XX, período de surgimento dos preceitos estruturalistas propostos por Saussure. Nessa concepção de linguagem, os conceitos certo e errado e correto e incorreto são seguidos à risca; o conceito de língua ideal e o conceito de variedade padrão imposta pela gramática normativa também são privilegiados, desconsiderando os contextos de uso da linguagem.

Em resumo, na concepção de *linguagem como expressão do pensamento*, a língua é sistematizada e com regras impostas pela lógica, colocando os preceitos gramaticais como absolutos e inalteráveis por “aparecem consubstanciadas nos chamados estudos linguísticos tradicionais que resultam no que se tem chamado de gramática normativa ou tradicional” (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

A *linguagem como instrumento de comunicação* apresenta afinidade com a teoria da comunicação, concebe a língua como código e tem o propósito de transmitir informações. Nesse contexto, a língua é o código e se apresenta como uma entidade objetiva e exterior à consciência do sujeito, que, por sua vez, se coloca como uma limitação do estudo do funcionamento interno da língua, que desconsidera a utilização dos contextos sociais vastos.

Trata-se de uma concepção pautada nos ideais de Jakobson, para quem a língua é autônoma e estruturada com características peculiares. A “[...] língua é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras” (TRAVAGLIA, 2009, p. 22).

Em resumo, na *linguagem como instrumento de comunicação*, são descritas a estrutura da língua, suas formas e as funções, estabelecendo padrões repetitivos no uso, em que ela (a língua) é descritora de fatos associados a uma estrutura regida por regras permissivas da separação entre o campo gramatical e o não gramatical.

A terceira concepção, intitulada *linguagem como forma de interação*, aprecia a linguagem como processo interacional entre os sujeitos utilizadores da língua na sua relação com o mundo, sendo considerados os contextos sociais e históricos nos quais eles se encontram imersos. Nessa perspectiva, a língua é o lugar de interação humana, a possibilidade do diálogo entre os sujeitos de linguagem e o lugar de:

constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social (KOCH, 2003, p. 128).

Nesse sentido, a linguagem é configurada como um conjunto de variedades linguísticas utilizadas pelos sujeitos, de acordo com a pretensão comunicativa e com a situação de interação posta. A *linguagem como forma de interação* considera os contextos sócio-histórico, cultural e ideológico por defender que a linguagem funciona “porque cada locutor se apresenta como sujeito [...]” (BENVENISTE, 2006, p. 286).

2 Do estrutural ao enunciativo

Neste item, realizamos uma reflexão sobre o modelo de estudo linguístico no qual nos embasamos nesta pesquisa. A concepção adotada por nós vai por caminhos distintos das concepções vistas nos itens anteriores, porque partimos de uma abordagem enunciativa que considera as línguas naturais articuladas à linguagem, de modo que esta articulação possibilita modulações, que, por sua vez, permitem aos sujeitos a regulação de seus diálogos e, disso, são proliferados e estabilizados significados aos textos.

Para tanto, estabelecemos um percurso diferente daquele adotado pelos estudos linguísticos de viés estrutural, ou seja, pautado em uma perspectiva estática em que o estudo das unidades das línguas é regido por um sistema de natureza abstrata e as unidades

linguísticas são formadas por dois conceitos: o de *significante*⁸ e o de *significado*⁹, como propõe Saussure (2006) em sua obra *Curso de Linguística Geral*.

Todavia, não restam dúvidas de que Saussure revolucionou o campo da investigação linguística ao propor e adotar uma concepção semiológica da linguagem. Nessa proposta, a língua deixou de ser o elemento em si e passou a considerar que cada elemento constitutivo dela parte de um universo sincrônico. O universo da sincronia trazido por Saussure arrasta consigo a divisão da língua em elementos isolados, sendo esta uma característica marcante do estruturalismo, cujo estudo tende a se apoiar em uma regularidade de naturezas não deturpáveis e não variáveis.

Pelo viés da estrutura linguística, é possível observar o estudo fundamentando-se em hipóteses de que os sujeitos, a língua e a cultura são meros veículos dos valores considerados fixos e acabados. Os sujeitos são considerados conectores dos valores e das formas predeterminadas, porque, no estruturalismo, o sujeito está presente, porém, “[...] (a língua lhe é imposta, ‘depositada’ em seu cérebro)”, e ele apenas “[...] interpreta as formas [...]” (NORMAND, 2009, p. 134).

Na sequência desse raciocínio, em um patamar diferenciado, temos a Tope ao adotar uma posição teórica de cunho construtivista e ao priorizar o estudo linguístico concebido por meio da valorização de operações linguísticas, da interatividade e do constante processo de orientação e reorientação das formas das línguas realizadas pelos sujeitos na busca por estabilizar significados. Na esteira dessa teoria, as construções de valores são noções apreendidas pela articulação da linguagem com as línguas naturais, por se embasar em fundamentos epistemológicos que refletem as maneiras como os valores são construídos e estabilizados com determinados significados e não outros, dada a relação entre sujeitos, linguagem e mundo, inscritos na própria constituição da superfície das línguas.

Toda e qualquer unidade linguística está propensa ao movimento por apreender valores emergidos mediante os agenciamentos linguísticos possíveis pelos arranjos e configurações inscritos pela própria língua. Por assim ser, compreendemos as línguas naturais

⁸ O *significante* é a imagem acústica, não é o som material, mas a impressão psíquica desse som, a expressão fônica. Para melhor compreender consulte: SAUSSURE, F. de. A natureza do signo linguístico. In: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, p. 79 -81.

⁹ O *significado* é a imagem psíquica que temos armazenada na memória sobre o mundo real ou cultural, o conteúdo semântico. Para melhor compreender consulte: SAUSSURE, F. de. A natureza do signo linguístico. In: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, p. 79 -81.

como expressões movediças e regulatórias e nos desvencilhamos dos caminhos das categorias com funções definidas *a priori*.

Os estudos linguísticos de vieses estáticos, a nosso ver, dão conta de explicar as questões linguísticas que buscam especificar. A título de exemplo, eles explicam as funções, os conceitos e as flexões dos verbos conforme propõem, mas deixam de fora as variações contrárias às suas propostas investigativas, estabelecendo cortes tal qual fez Saussure. Isso porque a função desses vieses de estudo não é mostrar o movimento dessas ocorrências, mas as suas repetições.

Afastamo-nos do modelo linguístico estrutural por não concordarmos com o estudo linguístico descrito por categorias isoladas dentro de um conjunto ilustrativo de uma disposição repetível e já inscrito no “espírito do homem”. Convém-nos dar prioridade, portanto, às variedades advindas das experiências e delas tirarmos lições, por isso trilhamos o caminho dos objetos postos sob suspeição a todo tempo, o caminho das indagações constitutivas, por exemplo: “como os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ se constituem na língua?” “Qual é a tarefa do linguista diante das constituições resultativas desses verbos?” “Quais são os métodos para compreender e explicitar os resultados obtidos?”

As respostas a estas indagações parecem pairar sobre uma questão mais ampla e, antes de tudo, é preciso apoiarmo-nos à ideia de línguas enquanto movimento e mudança, isto é, línguas naturais articuladas à linguagem, para então chegarmos aos processos que levam aos distintos modos de conceber atribuições de valores aos termos que compõem determinadas situações de enunciação. A questão instaurada revela o problema da significação ao trazer a necessidade de se desprender dos ideais de base semânticos e morfossintáticos da Gramática Tradicional, que concebem os termos das línguas enquanto possuidores de valores próprios e fixos, e se afastar do estudo alicerçado nos pilares da linguística moderna, cujo significado é o conceito de um signo linguístico, como defende Saussure.

Em síntese, buscamos, neste trabalho, evidenciar as operações linguísticas que fundamentam o funcionamento dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ em enunciados de Língua Portuguesa e compreender como a significação é alcançada, por exemplo, pois tais questões não são explicitadas pelos métodos tradicionais, haja vista que os estudos linguísticos ligados à Gramática Tradicional não se embasam na crença de:

[...] que estudar uma língua leva inevitavelmente a estudar a linguagem. Cremos poder atingir diretamente o fato de língua como uma realidade objetiva. Na verdade, não a apreendemos a não ser segundo um certo enfoque, que é preciso inicialmente definir. Deixemos de acreditar que se apreende na língua um objeto simples, que existe por si mesmo, e é susceptível de uma apreensão total. A primeira tarefa consiste em mostrar ao linguista “o que ele faz”, a que operações preliminares se

entrega inconscientemente quando aborda os dados linguísticos (BENVENISTE, 2005, p. 41).

Disso, apreendemos que estudar uma língua implica também estudar suas particularidades e seu funcionamento, porque somente nesses moldes é possível vislumbrar as operações linguísticas geradoras de significados através das interações das formas umas em relação às outras.

3 Linguagem e línguas: a articulação geradora de significados

Neste item, contextualizamos acerca da proposição de investigação linguística trazida pela Tope: a articulação da linguagem com as línguas naturais, porque, na abordagem enunciativa de Culioli, “a Linguística tem por objeto a atividade da linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais e escritos)”¹⁰ (CULIOLI, 1990, p. 14).

Ao idealizar uma teoria enunciativa, Culioli entende as línguas como um sistema maleável e heterogêneo, alicerçado por processos de construção possíveis por meio dos desdobramentos linguísticos realizados pela enunciação. Nesse viés, os estudos das línguas e da linguagem se enveredam por caminhos construídos pelos desdobramentos resultativos e pelas variações observadas e compreendidas somente ao longo dos diversos caminhos para os quais apontam as projeções de valores.

A Tope não se detém à explicitação de categorias ou conceitos prontos e acabados, uma vez que prioriza o trabalho com a transcategorialidade. No trabalho transcategorial, as unidades constituintes dos textos são entendidas como unidades investidas de significados devido ao fato de se tratar de marcas de operações. Já as marcas de operações, ao serem relacionadas com outras marcas, na relação interlíngua, estabilizam significados.

A linguagem se configura pelo diálogo na tríade linguagem, pensamento e empírico, e não se institui como mera decodificação, sendo apreendida como atividade reguladora, ou como uma “atividade de representação de significação” (CULIOLI, 1999a). Assim, a linguagem é inventariada pelos agenciamentos dos sujeitos ao construir valores, sendo um

esforço de aproximação de experiências e forma de expressão diversificadas; que postulemos que a linguagem é fundamentalmente ambígua; que as expressões e representações em língua jamais estão definitivamente prontas e construídas; que é o

¹⁰ No original: “la Linguistique a pour objet l’ activité de language appréhendée à travers la diversité des langues naturelles (et à travers la diversité des textes, oraux ou écrits)” (CULIOLI, 1990, p. 14).

próprio momento de interação verbal que determina ou fecha certas significações para o sujeito, mas que simultaneamente abre e indetermina outras; que interagir verbalmente é perder-se em um labirinto ou em uma profusão de caminhos de significados possíveis, mas é exatamente nesse *égarement* que podemos eventualmente nos situar, nos encontrar, acertar [...] (REZENDE, 2006, p. 16).

A maneira como as línguas são adquiridas pauta-se na atividade languageira dos sujeitos e nas possibilidades de enunciação dispostas para eles ao realizarem representações linguísticas. Os significados são constituídos na relação existente entre as unidades nas superfícies dos textos. Assim, a linguagem é a habilidade inata do homem de construir *representações, referências e regulações*¹¹ e se dá pela interação dos sujeitos entre enunciações e modelizações ao se apropriarem da língua para construírem representações e estabilizar significados.

As construções representativas estão na “capacidade simbólica” e “na base das funções conceptuais” (BENVENISTE, 2005, p. 29) O pensamento, de certa maneira, conforme Franckell (2011, p.41), se constitui como uma forma de linguagem, contudo, esta forma de linguagem é opaca e não se configura por ser mera transcrição, reprodução ou decodificação de determinado referente, mais do que isso, a linguagem constrói valores referenciais por intermédio dos arranjos e das articulações das formas das línguas, permitindo aos sujeitos dizerem, de modo específico e particular, sobre suas relações com o mundo e com as coisas do mundo. Noutros termos, este pensamento não é homogêneo e imutável, mas se configura como o responsável por arquitetar representações das coisas e para as coisas e por trabalhar nestas representações, considerando uma realidade observada e modificada pelos sujeitos por meio das modalizações linguísticas.

Em suma, segundo Culioli (1999a, p.19), a linguagem é uma atividade que pressupõe, ela mesma, modalizações para que haja proliferação e estabilização de significados através do trabalho epilinguístico dos sujeitos ao se apropriarem das formas linguísticas para enunciar.

A seguir, no item 3.1, trataremos da atividade languageira, constituída pelos processos construtores dos significados nas línguas: os trabalhos de *representação*, no item 3.1.1; a *referência*, no item 3.1.2, e a *regulação*, no item 3.1.3. Abordaremos também, no item 3.2, a respeito da forma como os valores são determinados dentro dos arranjos textuais na Tope, ou seja, como as determinações de significados/valores acontecem por meio dos processos de *Qualificação* (QLT) e *Quantificação* (QNT), de modo que os caracteres de individualização,

¹¹ Na Tope, a atividade de linguagem é definida pela tríade: representação, referência e regulação, cujas habilidades cognitivas são inatas aos sujeitos. Elas permitem produzir, diferenciar e atribuir sentidos aos textos através de operações em que língua e linguagem encontram-se articuladas.

identificação ou generalização de uma dada ocorrência dependem das operações de QNT: *flechagem*, *varredura* e *extração*, como apresentaremos no item 3.3.

3.1 Atividades linguageiras: a busca pela estabilidade linguística

A articulação da linguagem com as línguas naturais agencia o processo de construção de significados e é definida, segundo Culioli (1990; 1999a; 1999b), pelos trabalhos de *representação*, *referenciação* e *regulação*.

Isso posto, vamos às considerações sobre estes trabalhos.

3.1.1 A representação

A atividade de *representação* é de natureza cognitiva e da ordem das representações mentais. Ademais, ela não se manifesta como uma simples maneira de traduzir um código, promovendo a passagem do pensamento à linguagem, mas é responsável por construir representações mentais, porque os sujeitos, ao longo de sua existência, criam representações mentais com base no universo linguístico e extralinguístico nos quais estão inseridos. As representações organizam os pensamentos, desejos e conhecimentos do homem.

O trabalho de *representação*, ao ser instituído, gera o enunciado, por perpassar pelos planos afetivo, mnemônico e extralinguístico, e se relaciona ao campo das *noções* e de uma realidade simbólica arquitetada e sustentada nos domínios psicofísico e cultural dos sujeitos. A unidade linguística “*show*”, por exemplo, não construirá o mesmo significado para diferentes sujeitos, dadas as experiências de língua de cada um deles.

Vejamos esta situação em um pequeno diálogo forjado por nós:

1. Você viu o show do Júlio ontem?
2. Não!
3. Sim!
4. Que show? Achei um fiasco!
5. Show estava a comida.

Neste diálogo, temos uma constituição simbólica manifestada por tipificação, em que cada sujeito elabora suas representações subjetivas a respeito da unidade linguística “*show*”. Percebemos a sua ocorrência sendo estabilizada por “ser apresentação musical, ser

apresentação, ser festa, ser apreciação de valor e ser elogio”, considerando as interações dos sujeitos, projetadores de valores para a unidade.

A enunciação “Você viu o show do Júlio ontem?” traz uma apreciação de valor arremetida por um sujeito X (enunciador) por meio de um ato de dizer, atribuindo para um sujeito Y (coenunciador) a responsabilidade de validar a predicação de existência de “show” para Z (Júlio) e de estabilizar valor à projeção. Considerando as regulações emergidas neste processo, o sujeito Y pode validar ou recusar a projeção de existência de “algo vir a se tornar show”.

Quando, no diálogo 3, Y confirma a predicação de existência de show, temos uma atribuição de “show para alguém”, transformada em “show de alguém”. Logo, temos a existência de “show” por conta do ato de dizer regulado entre X e Y, em relação ao Z no enunciado. Contrariamente a isso, temos o diálogo 2, quando Y não valida a projeção de existência de “show”, mostrando que o termo “show” não se estabiliza de igual modo para os sujeitos do texto.

O sujeito X atribui a projeção de valor “show para alguém” para Y avaliar. No caminho, a projeção encontra obstáculos para estabilizar, porque X tem uma posição sobre a ocorrência de “show”, mas ela não é partilhada, nem validada por Y. Quando temos: “Que show? Achei um fiasco!” e “Show estava a comida”, os termos “show”, nestas ocorrências, também não estabilizam valores conforme a projeção de X.

Isso posto, vemos que o trabalho de *representação* dos sujeitos é configurado e admitido por ser busca e transformação constantes, ativadas pelo linguagístico deles no processo interacional. Estas construções confirmam a ideia de que as representações não são as mesmas para todos os sujeitos, pois estes estabilizam valores para as representações, em decorrência da afetividade constitutivas deles.

3.1.2 A referenciação

A *referenciação* se dá pelo movimento das *noções* dentro do enunciado, mostrando-se inseparável do trabalho de *representação* e sendo motivada, compreendida e tomada por meio do processo de localização presente no texto. Na enunciação, quando parâmetros temporais e espaciais, sujeitos e acontecimentos encontram-se imbricados na relação prediativa, temos aí o trabalho de *referenciação*. O trabalho referencial é uma construção e suscita um sistema de referências moldado, sendo a ele conferido um valor. A partir desse sistema referencial

construído, ocorre a determinação das unidades quando colocadas na relação com seus localizadores.

Na *referenciação*, tem-se a existência de um termo de origem (termo primitivo) que, ao ser manipulado, remete às operações para elaborar uma determinação, que, por sua vez, será localizada pelo termo primitivo. Contudo, não há impedimentos para que o termo localizador também seja localizado em uma relação consigo mesmo, ou seja, nada impede localizador e localizado de partilharem uma relação recíproca. A *referenciação*, portanto, é do enunciado e se dá no plano linguístico, e nela há um sistema de referências funcionando de modo plástico e dinâmico.

Retomamos o termo “*show*”, anteriormente citado, para mostrar que a referência construída e atribuída a ele não é unívoca pelo fato de não ter havido um consenso entre os sujeitos quanto à estabilização da projeção de valor para a unidade. Durante a enunciação, os sujeitos atribuíram valores coincidentes com as suas experiências e vivências, mas, em algum momento, estes valores encontraram pontos de convergência ou divergência em relação ao termo de origem. Isso ocorre porque, na relação predicativa construída pelos sujeitos, a respeito do termo “*show*”, houve a interação entre as representações deles.

As representações, ao serem inseridas em uma situação enunciativa, trazem à tona a operação de *referenciação* por colocar o linguista numa posição de elaborador de hipóteses dentro de uma relação em que o domínio linguístico e o extralinguístico auxiliarão na construção de valores referenciais. Dito de outro modo, a *referenciação* se estabelece pelas representações produzidas pelos sujeitos, constituídas no/pelo jogo de alteridade¹².

3.1.3 A *regulação*

O trabalho de *regulação*, também chamado de atividade epilinguística, incide diretamente sobre o discurso e, por ser dialógico, é regulamentado pelas tomadas de posição dos sujeitos, em que aqueles inscritos no âmago da própria linguagem se utilizam e apropriam-se dela para regular, validar e expressar pontos de vista.

Destacamos que esta atividade é indissociável dos trabalhos de *representação* e *referenciação* e, nesse sentido, formam a tríade para os homens se expressarem. A *regulação*

¹² “A Alteridade, que vem do latim *alteritas* ('outro'), é uma noção que parte do pressuposto básico de que todo o ser humano é um ser social, que interage com outro ser humano, em uma relação de interdependência um do outro. Para Flickinger (2018), a alteridade se trata de uma relação interpessoal aberta, ou seja, uma relação que se qualifica pelo envolvimento existencial entre as pessoas” (PANDOLFI, 2023, p. 389).

é constituída pelo jogo de alteridade estabelecida no/pelo diálogo e, por meio dela, são possíveis os ajustamentos, as proliferações e as estabilidades de significados. As construções enunciativas reguladas são arquitetadas, considerando os contextos psicossociológicos, culturais e empíricos dos envolvidos no discurso. Ao regular, o enunciador ajusta a sua alocação, em conformidade com a sua intuição, sobre a maneira de refletir do outro.

A *regulação* é o constante amoldamento das representações mentais dos sujeitos à medida que eles vão desenvolvendo representações textuais e é um procedimento de aproximação das posições enunciativas, objetivando estabilizar valores construídos na enunciação. Em síntese, os trabalhos de *representação*, *referenciação* e *regulação* são intrínsecos e permitem aos sujeitos, mediante a articulação das línguas naturais com a linguagem, produzir, distinguir e atribuir significados aos textos.

3.2 Determinação: as categorias de *qualificação* e *quantificação*

A determinação resulta das operações de *Quantificação* (QNT) e *Qualificação* (QLT), que permitem predicar as noções conforme o tipo de funcionamento apresentado, ou seja, de acordo com o caráter *discreto*, *compacto* e *denso* trazido por elas.

Os sujeitos, ao construírem representações, criam um *domínio nocional* particular e distinto para as *noções*, sendo que uma mesma ocorrência pode apresentar diferenciações em relação a outras, considerando o momento e o espaço de seu acontecimento. A título de exemplo, em um determinado momento, um sujeito insere uma ocorrência “tomar” no discurso e, tempo depois, insere-a novamente em outra situação enunciativa. Embora a unidade linguística seja a mesma, não é possível assegurar a igualdade entre a primeira ocorrência e a outra porque foram pronunciadas em tempos e situações de enunciação diferentes. O mesmo podemos dizer para ocorrências de “passar”, “pegar” e “quebrar”.

No intervalo entre o dizer de uma ocorrência de “tomar”, “passar”, “pegar” e “quebrar” e o dizer da outra ocorrência, os sujeitos já criaram novas estabilizações para as unidades, considerando os diferentes tempos da enunciação e suas experiências de linguagem. Esta variação na estabilização de significados abre a possibilidade de enumerar, qualificar e quantificar as ocorrências de determinada representação e, partindo disso, inserem-se os conceitos de *Qualificação* (QLT) e *Quantificação* (QNT).

A operação de QLT põe em movimento um jogo de identificação e diferenciação acerca de uma *noção*, expandindo o domínio de algo já estabilizado provisoriamente. Nesse

molde, a QLT permite a uma ocorrência extraída de determinada representação nocional não se caracterizar como “uma ocorrência *qualquer*, mas seja dotada de uma propriedade diferencial que a estabiliza, como sendo *esta* ocorrência”¹³ (CULIOLI, 1990, p. 183, grifo do autor).

A QNT diz respeito às operações construtoras das representações de determinada *noção* situada em um espaço de referência. Na QNT, o sujeito enunciador percebe e compreende o mundo de maneira particular e realiza regulações, eliminando indeterminações para se colocar em um espaço-tempo. A operação de QNT se materializa por meio da *extração*, *flechagem* e *varredura*. Na passagem do nível da representação para o nível da referência construída, a *noção* é qualificada e quantificada de alguma maneira.

Nas palavras de Culioli:

No caso de Qlt, ele é o principal por direito, uma vez que uma propriedade mínima que diferencia e estabiliza a ocorrência de uma *noção* como sendo essa ocorrência origina-se de todo ato de flechagem: a coisa que está sendo flechada é inevitavelmente dotada de uma propriedade diferencial mínima de “ser-a-coisa-que-está-sendo-flechada”. Em resumo, Qnt Qlt representam um processo que combina em um só todo a Extração (Qnt preponderante) e a Flechagem (ou Re-identificação, Qlt preponderante), sendo o resultado a equiponderância dos dois componentes. Incidentalmente, eu gostaria de acrescentar que me restringi à construção de uma ocorrência singular, porque reparei que seria um desafio muito grande para o leitor considerar toda a amostra dos casos que envolvem Número. Em outras palavras, deve ficar claro que o arcabouço não só acomodará tais extensões, mas, na verdade, as buscará fora de si, o que não é uma surpresa, uma vez que o sistema está construído para atuar como um sistema heurístico¹⁴ (CULIOLI, 1990, p. 184).

3.3 Identificando e diferenciando ocorrências: *extração*, *flechagem* e *varredura*

O funcionamento das *noções* é definido pela situação enunciativa e pela predicação que lhes são atribuídas em uma determinada situação espaço-temporal. No caso da QNT, ela

¹³ No original: “[...] not just *any* occurrence, but is endowed with a differential property that stabilizes it as being *this* occurrence” (CULIOLI, 1990, p. 183).

¹⁴ No original: As for QLT, it is foremost by rights, since the minimal property that differentiates and stabilizes an occurrence of a notion as being this occurrence stems from the very act of pointing: the sing that is being pointed at is inescapably endowed with the minimal differential property of “being-the-thing-mis-being-pointed-at.” To put it briefly, QNT QLT represents a process that conflates Extraction (QNT preponderant) and pinpointing (or Re-identification, QLT preponderant), the result being equiponderance of the two components. Incidentally, I would like to add that I have deliberately restricted myself to the construction of a single occurrence, because I felt it would be too much of a strain on the reader to consider the whole range of cases involving Number. In other words, let it be clear that the framework will not only accommodate such extensions, but, in point of fact, will seek them out of itself, which is not surprising since the system is built to act as a heuristic system (CULIOLI, 1990, p. 184).

pode individualizar, identificar, ou generalizar uma ocorrência a partir das operações de *extração*, *flechagem* e *varredura*.

Na operação de *extração* de uma lista de ocorrências caracterizadas por um domínio nocional, seleciona-se um evento único e identificável com o predicado. Vejamos a seguinte ocorrência:

Aquele suco foi tomado.

Da ocorrência de <ser suco>, é gerado um domínio nocional e, deste, podem ser extraídas significações atuais e modelizadas pelas unidades linguísticas “aquele” e “tomado”, que funcionam como demarcadores na relação espaço-temporal para haver a consolidação da *noção* <ser suco>.

Na operação de *flechagem*, não ocorre uma particularização, mas uma identificação em que uma ocorrência posterior se identifica com a primeira.

Vejamos, por exemplo, a seguinte ocorrência:

Eis aqui o suco. O suco ainda está gelado.

Deste acontecimento enunciativo, é possível extrair uma segunda ocorrência da *noção* de <ser suco> e relacioná-la com ocorrências anteriores, como: **Eis aqui o suco**. Notamos que esta ocorrência estabilizada identifica-se com outras ocorrências anteriores.

Na operação de *varredura*, percorrem-se todos os valores possíveis em uma classe de ocorrências abstratas, em dado domínio, sem se deter a um valor específico. Nesta operação, não se busca obter ocorrências particulares.

Vejamos:

Ele toma todo e qualquer suco.

Nas ocorrências ilustradas, os quantificadores “todo” e “qualquer” percorrem todas as classes de ocorrências de “suco” e não encontram, para estabilizar, nenhuma ocorrência em específico e nenhuma ocorrência individual e particular, porque as unidades supracitadas são quantificadores e generalizam a ocorrência de suco. Em síntese, o funcionamento de um *domínio nocional* abre a possibilidade de representações metalinguísticas com o objetivo de determinar e modalizar ocorrências de *noções* dentro de domínios próprios.

II- UMA ABORDAGEM SOBRE O VERBO E SUAS FUNÇÕES

Neste capítulo, realizamos um percurso trazendo as definições para verbo e as funções que ele desempenha dentro de construções embasadas por vieses estáticos, crenças da inerência dos significados das unidades. Trouxemos também explicitações para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ sob o ponto de vista normativo e aproveitamos este percurso para reiterar que a proposição do nosso estudo segue critérios diferentes dos critérios adotados por vieses estáticos e, até mesmo, um viés dito variável, apontado pelos lexicógrafos, afinal, estes indicam a variação como resultado da polissemia, que, todavia, ocorre nos contextos de emprego das unidades da língua e nada tem a ver com as experiências dos sujeitos. Noutros termos, visamos demonstrar que tanto a ideia de valor próprio, quanto à ideia de excesso de abstração do empírico seguem caminhos que se distanciam do caminho teórico trilhado por nós, ou seja, da perspectiva teórica que defende a tese de que os valores das unidades linguísticas são singulares e delimitados na enunciação.

1 Os verbos em gramáticas de língua portuguesa

Na seção 1.1, trouxemos acepções para definir o verbo, que se encontram subsidiadas por pontos de vistas gramaticais não enunciativos. Os elementos lexicais da língua são classificados em categorias predeterminadas, chamadas classes gramaticais, ou classes de palavras, cujos vocábulos se classificam conforme as suas funções, ou a natureza dentro de um texto. Há dez classes de palavras: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Apresentamos os conceitos de verbo de distintos estudiosos da gramática para darmos sustentação teórica à nossa investigação e os confrontarmos com os resultados obtidos neste estudo investigativo. As definições trazidas estão sob os olhares dessemelhantes e em perspectivas de gramáticos díspares e de épocas diferentes, como: Cunha & Cintra (2008), Bechara (2009 e 2003), Cunha (2017) e Castilho (2016).

1.1 O verbo

A palavra verbo tem origem no latim *verbum* e pode ser traduzida por *palavra*, que é uma variável subsidiária de um evento representado no tempo por meio das ações de um

determinado sujeito-alvo ou praticante desse acontecimento. Conforme Cunha & Cintra (2008):

Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. 2. O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional (2008, p. 393).

Além disso, para estes estudiosos, esta classe gramatical admite flexões de número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz.

Autor de muitas das principais gramáticas da língua portuguesa, Evanildo Bechara (2009) traz uma definição de verbo esbanjando complexidade e exigindo do sujeito analisador um olhar cauteloso para compreender. Percebemos, na definição apresentada por este estudioso, a designação de verbo como uma unidade de significado regida por uma categoria imposta por um arquétipo organizador dos sentidos. Em suas palavras, verbo é: “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical” (BECHARA, 2009, p. 209).

Em outro trabalho, o autor apresenta uma acepção de verbo mais simplificada, mais facilitada do ponto de vista da compreensão. Para ele, o verbo também é: “a unidade que significa ação ou processo, unidade esta organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número” (BECHARA, 2003, p. 194).

Em Cunha (2017, p. 220), verbo é “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo. Na oração, exerce função obrigatória de predicado”. Esta definição é bem próxima à acepção trazida por Cunha & Cintra (2008), com mudanças apenas na maneira de apresentação, uma vez que Cunha (2017) apresenta a definição mais sucintamente.

Até o momento, entre os gramáticos citados anteriormente, percebemos certa regularidade de apresentação ao caracterizarem a categoria dos verbos como responsável por expressar ação, estado, desejo, acontecimento ou fenômeno natural, além de classificá-la em modo e tempo, sendo que os modos verbais são: indicativo, subjuntivo e imperativo, e os tempos verbais: passado, presente ou futuro, em relação ao momento da fala. Há também as flexões em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Castilho (2016) chama-nos a atenção por definir verbo com base nos critérios de compreensão da classe como sintagma verbal e justifica o estudo desta categoria envolvendo morfologia e sintaxe. Do ponto de vista do estudo morfológico, Castilho define verbos como

“as classes que dispõem de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos” (2016, p. 392) e, do ponto de vista da sintaxe, compreende como vocábulos com a finalidade de articular “argumentos via princípio de projeção.” Esta bela definição traz alguns problemas, visto que também o substantivo deverbal, o adjetivo e advérbio têm a propriedade de subcategorizar argumentos. Portanto, todos eles integram uma só classe” (2016, p. 395).

A aceção trazida por Castilho vai além das proposições apresentadas por Cunha & Cintra e Bechara e Cunha, por incluir ao estudo dos verbos o ponto de vista semântico e discursivo. Para ele, os “verbos expressam o estado de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos.” (2016, p. 396). Ainda segundo o autor, o verbo “introduz participantes no texto via processo da apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo da predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos” (CASTILHO, 2016, p. 396).

Por conta de suas flexões e classificações, os verbos são considerados os vocábulos mais importantes para e na composição de uma mensagem, uma frase ou uma ideia, seja ela escrita, seja oral. Talvez saber conjugar verbos seja requisito indispensável para a obtenção de uma escrita ou oralidade de qualidade na língua portuguesa, pois, já dizia Lobato (1934, p. 43): “[...] Depois dos Substantivos são os VERBOS as palavras mais importantes da língua. Só com um Nome e um Verbo já podem os homens exprimir uma idéia”.

Os textos têm as suas organizações estabelecidas, muitas vezes, por um verbo e, por meio dele, situamos os acontecimentos no tempo e no espaço. Em outros termos, o verbo é tido como o elemento essencial e responsável pela constituição de significado em uma oração e, por ele, é possível selecionar os argumentos necessários em uma construção enunciativa.

Dito isso, vamos a algumas considerações a respeito dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’.

1.2 Os verbos ‘tomar’¹⁵, ‘passar’, ‘pegar’¹⁶ e ‘quebrar’: alguns apontamentos

¹⁴ e ¹⁵ Os sinônimos correspondem à relação entre termos que possuem significados semelhantes, ou seja, são, segundo Cegala (1990, p. 275) “palavras de sentido igual ou aproximado”. Tendo isso em vista, podemos dizer que, partindo deste pressuposto, os verbos ‘tomar’ e ‘pegar’, estudados por nós nesta tese, são compreendidos semanticamente como sinônimos, uma vez que podem assumir significados semelhantes, dependendo dos contextos de emprego, como em: (1) “**Paulo tomou um táxi**” e (2) “**Paulo pegou um táxi**”, ou (3) “**Paulo tomou o doce da criança**” e (4) “**Paulo pegou o doce da criança**”, ou ainda (5) “**Paulo tomou a criança pela mão**” e (6) “**Paulo pegou a criança pela mão**”. Reparemos que, nos enunciados 1 e 2, os verbos ‘tomar’ e ‘pegar’, respectivamente, assumem o significado de “**embarcar**”; nos enunciados 3 e 4, estes verbos adquirem o significado de “**suprimir, roubar**”, e, nos enunciados 5 e 6, adquirem o significado de “**segurar**”. Prontamente,

Neste item, bem como nos itens 1.2.1 e 1.3, trouxemos alguns apontamentos sobre a maneira e os critérios utilizados pelas gramáticas para classificar os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ como transitivos, pronominais e regulares, respectivamente.

De acordo com Bechara (2009):

os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas “transitivo e intransitivo” (com possibilidades de subtipos, como “transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema “direção” (em relação ao agente da ação), os verbos “adlativos”, isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de comprar, ganhar, receber, recolher, etc.) e os “ablativos”, isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de vender, dar, entregar, soltar, devolver, etc.) (2009, p. 475).

Assim, sobre as flexões dos verbos ‘tomar, passar, pegar e quebrar’, segundo o Dicionário Houaiss, chegamos às seguintes constatações:

- O verbo ‘tomar’ é *transitivo* — direto, indireto e bitransitivo — e pode ser classificado em regular e pronominal.
- Os verbos ‘passar’ e ‘pegar’ são *transitivos* — diretos, indiretos e bitransitivos — e podem ser classificados como regulares e pronominais.
- O verbo ‘quebrar’ é *transitivo* — direto, indireto e bitransitivo —, podendo também funcionar como *Intransitivo*, além de ser classificado como regular e pronominal.

1.2.1 A transitividade e a pronominalidade dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’: do ponto de vista categorial

Transitivos são os verbos suscitantes de delimitação semântica (argumentos, ou complementos), “exigem certos termos para complementar-lhes o significado”, e “o processo verbal não está integralmente contido [nas formas verbais], mas se transmite a outros elementos” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 150). Os verbos *transitivos* são classificados em:

como defendido pelas gramáticas normativas, por exemplo, estes dois verbos podem ser substitutos um do outro em determinadas situações sem que os significados dos textos em que se encontram inseridos sejam alterados, como vimos nos exemplos acima. Dito isso, poderíamos ter optado por fazer esse tipo de caminho que suscita a sinonímia entre os verbos. Contudo, o caminho da nossa pesquisa teria sido outro, talvez semelhante àquele dos estudos gramaticais que optamos por abandonar para fazer um caminho diferente e original com o objetivo de responder à pergunta acerca daquilo que fundamenta o funcionamento dos verbos com os quais trabalhamos.

Verbo Transitivo Direto (VTD), Verbo Transitivo Indireto (VTI) e Verbo Transitivo Direto e Indireto (VTDI).

O VTD não necessita de objeto preposicionado, como em: “Vou tomar a caneta dela”, em que o complemento não preposicionado do verbo ‘tomar’ — “a caneta dela” — recebe o nome de **objeto direto**. O complemento não preposicionado na oração “indica o ser para o qual se dirige a ação verbal” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 154).

O VTI necessita de preposição para que o seu complemento estabeleça uma relação de sentido com o verbo, por exemplo, no enunciado: “João tomou no zóio”, cujo complemento preposicionado do verbo ‘tomar’ — “no zóio” — recebe o nome de **objeto indireto**.

O VTDI, segundo Cunha & Cintra, é o verbo suscitante de um complemento sem preposição e de outro complemento preposicionado em uma mesma construção enunciativa, como em: “Essa situação tomou o tempo da gente”, em que o verbo ‘tomar’ necessita de dois complementos: um não preposicionado, “o tempo”, e outro preposicionado, “da gente”. Este acontecimento se dá porque o verbo ‘tomar’, nesse caso, é bitransitivo, e os verbos bitransitivos ou VTDIs “requerem simultaneamente objeto direto e indireto para completá-los o sentido” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 151).

Os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ também podem vir acompanhados por pronomes oblíquos átonos¹⁷: “me”, “te”, “se” e “nos”. Estes tipos de verbos são empregados para indicar ações relativas aos sujeitos que as praticam, como nos seguintes exemplos: “O medo tomou-me”; “Tomei-me de paixão”; “Passaram-se décadas do acontecido”; “Pega-se carro no negócio” e “Quebramo-nos a cara”, nos quais os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ são pronominalizados e por isso devem ser conjugados sempre acompanhados do pronome oblíquo correspondente à pessoa gramatical do sujeito. Entretanto,

Não é fácil estabelecer regras para a correta colocação pronominal dos pronomes oblíquos átonos, já que, mesmo entre autores consagrados, ocorrem muitas oscilações. Ademais, a colocação dos pronomes nas frases tende a obedecer mais a razões de ordem fonética do que a razões de ordem propositalmente gramatical (NICOLA, 2000, p. 214).

¹⁷ É considerado pronome oblíquo “quando exercer a função de complemento”. Observe o exemplo:

Eu te amo.

Temos aí dois pronomes: **eu**, que exerce a função de sujeito da frase, considerado um pronome reto, e **te**, que exerce a função de complemento e se trata de um pronome oblíquo.

Dependendo da acentuação, os pronomes oblíquos podem ser:

a) **átonos**: não apresentam acentuação própria e nunca virão precedidos de preposição. São pronomes oblíquos átonos, entre outros: o, a, lhe, se.

b) **tônicos**: como possuem acentuação própria, virão sempre precedidos de preposição. São pronomes oblíquos, entre outros: mim, ti, si. (NICOLA, 2000, p.76-77, grifos do autor).

Vejamos alguns exemplos de transitividade e pronominalidade ilustradas com/nos empregos dos verbos elegidos em enunciados pautados pela gramática normativa.

- **Na função de verbos *transitivos diretos*:**

O menino tomou sorvete.

Neste enunciado, temos:

- ✓ “Sorvete” (objeto direto) - complemento da ação de tomar do sujeito: “o menino”.
- ✓ “O menino” - agente na oração, quem praticou a ação de tomar.
- ✓ “Tomou” - verbo no passado que indica ação já conclusa.

O mato tomava a trilha.*

Aqui, temos:

- ✓ “O mato” - o agente.
- ✓ “Tomava” - verbo no presente que indica uma ação em andamento.
- ✓ “A trilha” - objeto direto.

O garimpo tomou um território indígena.*

Nesta oração, temos:

- ✓ “O garimpo” - o agente.
- ✓ “Tomou” - verbo no passado que indica uma ação conclusa.
- ✓ “Um território indígena” - o objeto direto.

A fiscalização tomou os produtos contrabandeados.*

Nesta frase, temos:

- ✓ “A fiscalização” - o agente.
- ✓ “Tomou” - verbo no passado que indica uma ação conclusa.
- ✓ “Os produtos contrabandeados” - o objeto direto.

*Todos os enunciados sinalizados com asterisco foram retirados, de modo integral ou parcial (complementados com palavras/partes por nós), do Dicionário Houaiss on-line para ilustrarmos as classificações e denominações atribuídas ao verbo ‘tomar’.

Leonardo passou o rodo geral.

Neste enunciado, temos:

- ✓ “Leonardo” - o agente.
- ✓ “Passou” - verbo no passado que indica ação conclusa.
- ✓ “O rodo geral” - o objeto direto.

O soldado pegou a arma.

Aqui, temos:

- ✓ “O soldado” - o agente.
- ✓ “Pegou” - verbo no passado que indica ação conclusa.
- ✓ “A arma” - o objeto direto.

O motorista quebrou o silêncio ontem.

Nesta construção, temos:

- ✓ “O motorista” – agente.
- ✓ “Quebrou” - verbo no passado que indica ação conclusa.
- ✓ “O silêncio” - o objeto direto.

- **Na função de verbos *transitivos indiretos*:**

Maria tomou do filho a bolsa.*

Neste enunciado, temos:

- ✓ “Maria” - o agente.
- ✓ “Do filho a bolsa” - o objeto indireto.
- ✓ “Tomou” expressa uma ação passada, já realizada.

Nós tomamos de virada no jogo.

Aqui, temos:

- ✓ “Nós” - o agente.
- ✓ “Tomamos” - verbo no passado que sinaliza ação concluída.

- ✓ “De virada no jogo” - o objeto indireto.

Leonardo passou no vestibular.

Nesse texto, temos:

- ✓ “Leonardo” - o agente.
- ✓ “Passou” - verbo no passado que sinaliza ação concluída.
- ✓ “No vestibular” - o objeto indireto.

O soldado pegou nas armas.

Aqui, temos:

- ✓ “O soldado” - o agente.
- ✓ “Pegou” - verbo no passado que indica ação concluída.
- ✓ “Nas armas” - o objeto indireto.

O motorista quebrou para a esquerda.

Nesse enunciado, temos:

- ✓ “O motorista” - o agente.
- ✓ “Quebrou” - verbo no pretérito que indica ação finalizada.
- ✓ “Para a direita” - o objeto indireto.

- **Na função de verbos *bitransitivos*:**

Nós tomaremos medidas para prevenir a violência.*

Nesta análise, temos:

- ✓ “Nós” - o agente.
- ✓ “Medidas” - objeto direto.
- ✓ “Para prevenir a violência” - objeto indireto.
- ✓ “Tomaremos” - verbo no futuro que sinaliza uma ação ainda não realizada.

Leonardo passou a manteiga no pão.

Nesta análise, temos:

- ✓ “Leonardo” - o agente.

- ✓ “Passou” - verbo no passado que indica ação concluída.
- ✓ “A manteiga” - o objeto direto.
- ✓ “No pão” - objeto indireto.

O soldado pegou o braço da garota.

Aqui, temos:

- ✓ “O soldado” - agente.
- ✓ “Pegou” - verbo no passado que sinaliza uma ação já finalizada.
- ✓ “O braço” - o objeto direto.
- ✓ “Da garota” é o objeto indireto.

Pinóquio quebrou o controle da televisão.

Aqui, temos:

- ✓ “Pinóquio” - o agente.
- ✓ “Quebrou” - verbo no passado que indica ação concluída.
- ✓ “O controle” - o objeto direto.
- ✓ “Da televisão” - o objeto indireto.

- **Na função de verbo pronominal:**

Tomou-se de paixão.*

Tomou-se de uma fúria incontrolável.*

Passaram-se anos após a viagem de Ulisses.

Passei-me em história.

Pega-se encomendas de doces.

O vaso quebrou-se.

Os exemplos mostram ocorrências dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ pronominalizados, em que as ações dos verbos são refletidas no sujeito executor da ação. Os verbos pronominais são acompanhados de pronome oblíquo e podem ser essenciais ou acidentais, e a sua conjugação pode ser reflexiva ou recíproca.

1.3 A regularidade dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ do ponto de vista gramatical

No dicionário Houaiss de Língua Portuguesa *on-line*, os verbos ‘tomar, passar, pegar e quebrar’ são apresentados como verbos regulares. Para os estudos tradicionais, este tipo de verbo pode ser ajustado conforme um protótipo de conjugação¹⁸ ao qual pertence. No caso dos verbos supracitados, eles fazem parte da primeira conjugação.

Em outras palavras, regulares são “os verbos que se flexionam de acordo com o paradigma da sua conjugação” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 287). A regularidade nos verbos ‘tomar, passar, pegar e quebrar’, de acordo com a gramática, ocorre porque estes verbos, ao serem conjugados, não sofrem alterações em seu radical¹⁹, ou seja, eles podem ser conjugados em qualquer tempo e pessoa sem ter os seus radicais modificados.

Vejamos:

Tomar (radical: tom-): **tomei, tomassem, tomariam** etc.

Passar (radical: pass-): **passei, passou, passassem, passariam** etc.

Pegar (radical: peg-): **peguei, pegou, pegaram, pegariam, pegassem** etc.

Quebrar (radical: quebr-): **quebrou, quebrei, quebraram, quebrarão, quebrariam** etc.

Partindo desta lógica, os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ seguem um modelo e, mesmo quando substituímos os complementos dos radicais, chegamos às terminações de pessoa, número, tempo e modo, válidas para a maioria dos verbos.

1.4 Para melhor situar: um pouco mais de gramática

Neste item, achamos por bem trazer as designações de vozes verbais (ativa, passiva e reflexiva) e os tipos de sujeitos caracterizados por elas: agente, paciente, e agente e paciente ao mesmo tempo.

¹⁸ Os verbos portugueses se distribuem por três conjugações, em que cada uma é formada da consoante r (desinência do infinitivo), precedida de uma vogal que caracteriza a conjugação: a, para a primeira (am-a-r); e, para a segunda (sofr-e-r), e i, para a terceira (part-i-r) (HENRIQUES, 2009, p. 141).

¹⁹ **Radical:** é a base do verbo, ou seja, é o elemento que contém a base do significado. O radical dos verbos é obtido pela eliminação das terminações **-ar**, **-er** e **-ir** do infinitivo.

cantar – ar = **cant** (radical)

vender – er = **vend** (radical)

partir – ir = **part** (radical)

(NICOLA, 2000, p. 92. Grifos do autor).

Para a gramática normativa, o verbo se flexiona quanto à voz. Por esta razão, nesta seção, trouxemos breves considerações acerca das vozes verbais descritas por esta perspectiva.

Há, no português, três vozes verbais desempenhando papéis importantes nas orações em que “o sujeito pode aparecer como **agente (voz ativa)**, **paciente (voz passiva)** e **paciente e agente (voz reflexiva)** de uma ação expressa pelo verbo” (ALBERT; GENTILI, 2018, p. 51, grifos nossos).

Nicola (2000) acrescenta:

1. **Voz ativa:** quando o sujeito pratica a ação expressa pelo verbo.

Márcia → vendeu o carro.	O aluno → resolveu o exercício.
↓	↓
<i>Sujeito</i>	<i>Sujeito</i>

2. **Voz passiva:** quando o sujeito recebe a ação expressa pelo verbo.

O carro foi vendido por Márcia.
↓
Sujeito

O exercício foi resolvido pelo aluno.
↓
Sujeito

Vendeu-se **o carro**.
↓
Sujeito

Resolveu-se **o exercício**.
↓
Sujeito

Observe que a voz passiva pode ser formada por dois processos:

- a) **processo analítico:** (voz passiva analítica): verbo auxiliar na terceira pessoa seguido de particípio (*foi vendido*).
 - b) **processo sintético:** (voz passiva sintética): verbo na terceira pessoa seguido da partícula apassivadora *se* (*vendeu-se*).
3. **Voz reflexiva:** quando o sujeito ao mesmo tempo pratica e recebe a ação expressa pelo verbo.

Márcia ↔ cortou-se.	O aluno ↔ feriu-se.
↓	↓
<i>Sujeito</i>	<i>Sujeito</i>

(NICOLA, 2000, p. 119–120).

Cunha & Cintra (2008) também corroboram com os pensamentos de Albert e Gentili e Nicola ao afirmarem que:

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

- a) como *praticado* pelo sujeito:
João **feriu** Pedro.
Não **vejo** rosas neste jardim.
- b) como *sofrido* pelo sujeito:
Pedro **foi ferido** por João.
Não **se veem** [= são vistas] rosas neste jardim.
- c) como *praticado e sofrido* pelo sujeito:
João **feriu-se**.
Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ATIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica nos exemplos acima, o objeto direto da VOZ ATIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva.

Exprime-se a VOZ PASSIVA:

- a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

- b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [=é vista] **uma rosa** neste jardim.

Não **se veem** [= são vistas] **rosas** neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (singular e plural):

Eu **me feri** [=a mim mesmo]

Tu **te feriste** [= a ti mesmo]

Ele **se feriu** [= a si mesmo]

Nós **nos ferimos** [= a nós mesmos]

Vós **vos feristes** [= a vós mesmos]

Eles **se feriram** [= a si mesmos]

Observações: 1ª) Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar*, *andar*, *viver*, etc.), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir*, *vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.

Ficou atormentado pelo remorso.

Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

2ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi ferido

Eles foram feridos.

Ela foi ferida

Elas foram feridas.

(CUNHA & CINTRA, 2008, p. 399-400, grifos dos autores)

As vozes verbais para estes estudiosos dizem respeito à relação estabelecida entre o sujeito presente no enunciado e o verbo ligado a ele. Pelo viés normativo, esta relação permite definir não apenas o significado para o enunciado, mas também o foco e a entonação dele.

2 Os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’: etimologias e sentidos na Gramática Tradicional e a polissemia em dicionários de língua portuguesa

Neste item, apresentamos um breve histórico dos étimos dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, ou seja, sob um ponto de vista estático, que considera as unidades das línguas detentoras de significações idealizadas e compartilhadas por todos os sujeitos. Também observamos os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ de acordo com o ponto de vista de dicionaristas idealizadores do estudo das unidades linguísticas, sob o viés da variação: a chamada polissemia. Porém, de certo modo, vislumbramos os lexicógrafos, assim como os gramáticos, apresentando os verbos supracitados como unidades de valores ideais estabilizados. Quanto aos demais significados, eles trazem apenas como significados metafóricos, surgidos nos contextos de empregos. No mais, ressaltamos que estas questões apresentadas só servem para reiterar o nosso ponto de vista linguístico: o enunciativo.

Isso posto, nesta seção, trouxemos a maneira como os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ são tratados semanticamente em dicionários e gramáticas, cujas obras são alicerçadas por vieses sincrônicos ou diacrônicos. Contudo, nossa pretensão não é apresentar uma bibliografia exaustiva de trabalhos que se debruçam neste modelo de investigação, mas situar brevemente a respeito dos diversos significados dos verbos em questão trazidos em dicionários de língua portuguesa e dos valores estáticos e definitivos apresentados para eles em gramáticas normativas para mostrar que o excesso de abstração do empírico tal qual fazem os dicionários e a idealização de significados como próprios e ideais como faz a gramática são posições linguísticas que optamos por não seguir, apenas utilizamos para evidenciar nosso ponto de vista linguístico, ou seja, o enunciativo culioliano, que defende a ideia de que os valores e significados das unidades das línguas são delimitados na enunciação e na relação com outras unidades.

Começamos pelo verbo ‘tomar’, como posto a seguir.

A sua origem é incerta, como afirma Ferreira (2009). Além dele, outros estudiosos, como os lexicógrafos idealizadores dos dicionários *Michaelis* (2002) e *Houaiss* (2004), por exemplo, divergem e não apresentam um consenso quanto à origem deste verbo. No *Dicionário Michaelis* (2002), o verbo ‘tomar’ é indicado como um vocábulo de origem

saxônica evoluído do termo *tomian*. Já para Ferreira (2009), como dito anteriormente, a origem deste verbo é incerta. Este mesmo pensamento é compartilhado por Houaiss (2004). Assim sendo, há imprecisões sobre qual seria o étimo de ‘tomar’.

Contudo, Santos (2011) acredita que o verbo ‘tomar’ teve a sua origem do verbo latino *autumare*, exprimindo, em seu étimo, a ideia de “apropriar-se de algo alheio, por tempo indeterminado, para exercer sobre ele poder e/ou direito” (SANTOS, 2011, p. 164). Assim, concluímos que, semelhantemente ao verbo latino *autumare*, o verbo ‘tomar’ é um verbo pleno e indicaria, principalmente, a apropriação de coisas materiais, tais quais acreditamos ser, por exemplo, terras, objetos de valores e riquezas. Além disso, em certos casos, adquire um novo uso, que não se relaciona com a ideia de apropriação de algo alheio, como “ingerir substância líquida ou sólida, disponível, para fins medicinais e para alimentação” (SANTOS, 2011, p. 164).

Estudos gramaticais normativos analisam que, quando o verbo ‘tomar’ expressa significado de apropriação, sua regência típica é aquela de um verbo *bitransitivo*, ou seja, exige dois tipos de complementos: um preposicionado e um não preposicionado. Nesse sentido, o verbo ‘tomar’ remete a usos físicos-espaciais, logo, se ele se apropria de algo, é algo de alguém, por exemplo: “João tomou **a/uma fazenda de Pedro**”, porém, se o verbo ‘tomar’, segundo os estudos normativos, remeter à ideia de ingestão, sua regência típica é aquela de um verbo *transitivo direto*, por exemplo, “João tomou **o/um comprimido**”, ou “João tomou **a/uma pinga**”.

A origem do verbo ‘passar’ possui sua raiz etimológica no latim vulgar *passare*, conforme Michaelis (2015) e exprime, em seu étimo, a ideia de “atravessar, deslocar”, como vislumbra-se em Houaiss (2009). Nesse sentido, ‘passar’ constitui-se como verbo pleno e traz a ideia de movimento, indicando, principalmente, mudança de lugar ou mudança de atividade. Ademais, assim como o verbo ‘tomar’, o verbo ‘passar’ é apresentado em estudos gramaticais normativos como verbo *bitransitivo*. Por expressar o significado de deslocamento, remete a usos físico-espaciais, logo, se há deslocamento, é de um lugar para outro, como “Pedro passou **para a outra turma**”, ou ainda “Pedro passou **na rua de cima**”.

O verbo ‘pegar’, assim como o verbo ‘passar’, também tem sua origem no latim, ou seja, vem da palavra *picare* e exprime, em seu étimo, a ideia principal de “agarrar algo ou alguém; segurar”, conforme Domingues e Barros (2021, p. 3). Além disso, constitui-se como verbo pleno e traz em seu significado básico a ideia de “trazer para si”, “agarrar”. Assim, o verbo ‘pegar’ parece remeter a usos físicos, se ele segura, segura-se algo ou alguém” e é

apresentado por estudos gramaticais de vieses normativos como verbo *bitransitivo*, porém, seu funcionamento mais comum, segundo os estudos supracitados, é o de verbo *transitivo direto*, como em: “Pedro pegou **o ladrão**”, ou ainda “Pedro pegou **o refrigerante e bebeu**”.

Já o verbo ‘quebrar’, assim como o verbo ‘passar’ e o verbo ‘pegar’, também possui sua origem no latim. Sua etimologia está na palavra *crepare* e expressa, em seu étimo, a ideia de “reduzir a pedaços”. Segundo Machado (1987), o verbo herdou o mesmo valor trazido por seu étimo latino, haja vista que não sofreu alterações significativas de significados por ter seu valor advindo do mesmo campo semântico que lhe deu origem. Assim, o verbo ‘quebrar’ parece também remeter a usos físicos, se ele reduz a pedaços, reduz-se algo a esse ponto, e é apresentado por estudos gramaticais de vieses normativos como verbo *bitransitivo*, mas seu funcionamento mais comum, se considerarmos seu valor de “reduzir a pedaços”, é de *transitivo direto*, como em: “Pedro **quebrou o vaso**”, ou ainda “Pedro **quebrou toda a bolacha**”.

Por outro lado, estudos lexicográficos registram diferentes pluralidades de significados ou acepções para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’. Para mostrar este fenômeno, consultamos alguns exemplares, dentre eles, estão os dicionários *Aurélio* (FERREIRA, 2009), *Michaelis* (MICHAELIS ONLINE, 2015), *Unesp* (BORBA, 2004) e *Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009).

A pluralidade de significados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ é entendida pela linguística como o resultado da polissemia, que, nos dicionários, é ressaltada pelas diversas acepções para um mesmo vocábulo e pelo fato de os diversos significados deste vocábulo terem relação entre si, isto é, as “unidades polissêmicas são derivadas da mesma fonte lexical” (CROFT & CRUSE, 2004, p. 111). Nesse sentido,

A polissemia atesta o caráter aberto da textura das palavras: uma palavra é isto que tem vários sentidos e que ainda pode adquirir novos. Portanto, é um traço descritivo da significação que introduz a teoria das mudanças de sentidos, a saber, que para um nome pode haver mais de um sentido e, para um sentido mais de um nome (RICOUER, 2005, p. 182).

Quanto aos conceitos para o verbo ‘tomar’, o *Dicionário Unesp* traz 26; o *Michaelis* apresenta 46; o *Houaiss* tem 48, e o *Aurélio* possui 32. Observando as acepções trazidas para o verbo em questão, nestes quatro dicionários, é possível estabelecer paralelos entre os significados descritos por eles e reconhecer as seguintes correspondências:

**Acepções do verbo ‘tomar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004),
Michaelis (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e
Aurélio (FERREIRA, 2009)**

Dicionários				
Acepções	Unesp	Michaelis on- line	Houaiss	Aurélio
	4. Segurar; pegar. 22. Suspende; sustentar, suster.	1. Pegar ou segurar algo com um objetivo definido. 3. Segurar por baixo; aguentar, suspender, sustentar.	5. Segurar com as mãos, ger. para tornar próximo o que se segura ou para dar firmeza; agarrar, sustentar (tb. fig.).	25. Suspende; sustentar; aguentar.
		2. Agarrar para que não caia ou não se solte; segurar.		2. Agarrar; segurar.
	7. Invadir; ocupar. 9. Roubar; furtar. 13. Apreender. 23. Ocupar; preencher.	4. Apoderar-se por meio de força ou violência; conquistar. 5. Apossar-se de algo alheio; arrebatat, furtar. 6. Fazer a apreensão de algo; apoderar-se, confiscar. 38. Ocupar o lugar de; arrebatat, usurpar.	1. Tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatat, usurpar. 2. Promover a conquista ou a invasão de. 3. Realizar apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar.	5. Roubar; furtar. 4. Arrebatat, arrancar; tirar.
		7. Puxar para si; apanhar, colher.	46. Fazer emitir em favor próprio (promissória, letra de câmbio etc.).	3. Apoderar-se; apossar-se; assenhorar-se.
		8. Lançar mão de; servir-se, utilizar-se.	6. Lançar mão de; fazer uso de, utilizar.	
		9. Tirar algo de algum lugar; retirar.	27. Retirar (algo) de (algum lugar).	
	1. Beber, ingerir.	10. Ingerir bebida, comida ou remédio; beber, comer.	9. Ingerir (alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos). 9.1. Consumir (bebida	15. Comer. 16. Beber; ingerir. 17. Engolir o conteúdo de (beber).

			alcoólica) em excesso; embebedar-se, embriagar-se.	
	2. Aspirar; sorver.	11. Absorver por inalação; aspirar, sorver.	10. Atrair (o ar, algum pó) aos pulmões; aspirar, sorver.	14. Aspirar; sorver.
	21. Exigir.	12. Reclamar de modo veemente; exigir, pedir.	12. Pedir ou exigir (explicação, satisfação) [a alguém].	
	14. Arrebat; invadir. 26. Deixar-se envolver ou dominar.	13. Ser acometido por emoções ou sentimentos desagradáveis. 20. Ser surpreendido por uma forte emoção; levar. 33. Apresentar em si ou dar mostras de; assumir.	1.1. Apropriar-se de; assumir, avocar. 11. Manifestar apoio a; sustentar. 21. Sentir-se assaltado ou invadido por (impressão, sentimento) [com relação a]. 21.1. Ser surpreendido por (forte emoção ou impressão); levar. 21.2. Invadir o espírito de (alguém), dominando-o; apoderar-se de, assaltar, avassalar.	7. Invadir; assaltar. 4. Arrebat; arrancar; tirar. 27. Passar a ter (emoção). 29. Ser invadido por (sentimento, emoção).
			41. Ser alvo de (homenagem, crítica, aplauso, vaia), ger. imprevisível ou enfadonho.	
		14. Dar preferência a alguém ou alguma coisa; escolher, preferir.	8. Manifestar preferência por (alguém ou algo); escolher. 19. Escolher (alguém) como (companheiro, marido, sócio). 29. Decidir-se por; escolher, preferir.	20. Ser alvo de; ou ser homenageado.
	24. Admitir; aceitar.	15. Deixar-se dominar ou persuadir.	24. Ser atingido por; apanhar, expor-se.	12. Receber; aceitar. 30. Deixar-se persuadir ou

				influenciar.
17. Assumir.	16. Assumir, dando proteção e acolhimento; recolher. 21. Assumir algo como responsabilidade sua; encarregar-se. 41. Assumir a responsabilidade por algo.	7. Receber (ser vivo) junto a si; oferecer refúgio, cuidados a; adotar, acolher, recolher. 37. Responsabilizar-se por.		
	17. Surpreender alguém no momento de uma ocorrência; flagra.	34. Encontrar (alguém) [em determinada situação, local ou condição]; apanhar, flagrar, surpreender.	19. Ser salteado ou surpreendido por; receber; levar.	
	18. Fazer uso ou lançar mão de.	4. Prender (algo), segurando, ger. para utilizá-lo; empunhar, pegar.	1. Pegar ou segurar em; empunhar.	
10. Preencher; abranger; ocupar.	19. Recolher, retendo em si; absorver, impregnar(-se) de.	20. Deixar-se penetrar gradualmente por (cheiro, líquido); impregnar(-se), embeber(-se).	31. Embeber-se; impregnar-se.	
6. Capturar, conquistar. 12. Adquirir; obter.	22. Alcançar um determinado lugar; atingir. 31. Vir a ter ou alcançar; adquirir, assumir, atingir.	28. Ter êxito nos esforços envidados para a conquista de (objetivo); alcançar, conquistar, atingir.	6. Capturar; conquistar.	
	23. Ocupar um determinado espaço ou tempo; encher. 24. Servir de obstáculo à circulação; estorvar, impedir, obstruir.	14. Preencher, ocupar (espaço, local). 15. Criar bloqueio ou obstáculo a; estorvar.	8. Preencher; abranger; ocupar. 9. Ocupar; preencher.	
16. Seguir direção; encaminhar-se.	25. Escolher um determinado percurso ou uma certa direção; seguir. 26. Encaminhar-se	26. Seguir ou encaminhar-se por; continuar avançando por.	11. Seguir (direção); ganhar.	

	para um lugar específico; seguir.		
	27. Entrar na posse de; aceitar, receber.	38. Receber como recompensa, favor, merecimento; aceitar.	20. Ser alvo de; ou ser homenageado.
	28. Adquirir o direito de uso de imóvel, por meio de contrato de aluguel.	17. Instalar-se em (imóvel) pagando aluguel; alugar.	
18. Contratar.	29. Contratar alguém para a realização de um determinado trabalho ou serviço.		10. Contratar; assalariar.
8. Gastar; consumir.	30. Usar o tempo; consumir.	16. Consumir, fazer uso de (tempo).	27. Gastar; consumir (tempo).
15. Imitar; seguir.	32. Copiar alguém ou alguma coisa; imitar, seguir.	30. Ter como modelo; imitar, seguir.	
25. Considerar; achar.	34. Entender algo de um certo modo; interpretar.	22. Levar (algo) em consideração; refletir sobre.	
	35. Formar uma ideia ou concepção; considerar. 36. Ter conhecimentos em alguma arte ou ciência.	42. Ter na conta de; considerar, interpretar. 43. Ter conhecimentos sobre (alguma arte ou ciência).	
5. Medir.	37. Fazer cálculo de altura, comprimento, largura etc.; medir.	45. Determinar (dimensão, altura etc.) de; calcular, medir.	22. Medir.
	39. Pedir e usar alguma coisa que pertence a outra pessoa, para devolvê-la depois.	13. Atribuir a si; arrogar-se, usar de. 47. Pedir emprestado.	24. Tomar emprestado.
	40. Ser vítima de agressão moral ou física; levar.	35. Receber (maus-tratos físicos ou morais); ser vítima de (pancada, surra); levar.	
19. Sentir. 20. Adotar; ter.	42. Dar mostras de; exhibir.	31. Passar a ter, a apresentar (determinada	13. Parecer; adotar; adquirir; apresentar (comportamento).

		proporção, feição, aspecto); adquirir, assumir.	
	43. Pôr peça de roupa; vestir.	32. Cobrir-se com (qualquer roupa); vestir.	23. Vestir, envergar.
	44. Ter aula ou receber instrução.	44. Receber (aula, instrução).	18. Beneficiar-se de (aulas).
	45. Ficar embriagado por excesso de bebida; embebedar-se.	9.1 Consumir (bebida alcoólica) em excesso; embebedar-se, embriagar-se.	32. Encher-se de; embriagar.
3. Entrar num veículo para viajar; pegar.	46. Usar um meio de transporte para ir a algum lugar.	23. Fazer uso de (meio de transporte), ocupar (veículo) para seguir viagem.	21. Entrar em veículo e nele seguir viagem.
		33. Colocar junto (o que se encontrava disperso); recolher, reunir, juntar.	
		36. Sofrer penetração sexual.	
		39. Receber (ordem eclesiástica).	
		40. Receber (ordem, prescrição) de (alguém).	
		48. Perder dinheiro.	
11. receber.		25. Cair sobre.	

Fonte: elaboração própria.

Além das acepções, os dicionários consultados aqui também trazem algumas expressões metafóricas com o verbo ‘tomar’. Vejamos:

Expressões metafóricas com o verbo ‘tomar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004), Michaelis *on-line* (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e Aurélio (FERREIRA, 2009)

Dicionários			
	Unesp	Michaelis <i>on-line</i>	Houaiss Aurélio

Expressões	Tomar a cargo: responder ou responsabilizar-se por.	Tomar a si: assumir como sua responsabilidade; encarregar-se.		
		Tomar por: não notar a diferença entre uma coisa ou outra.		
		Toma lá dá cá: troca de favores.		
				Tomar dentro: <i>chulo</i> .
	Tomar a dianteira: passar à frente.			
	Tomar a peito: dedicar-se seriamente a; empenhar-se.			
	Tomar ares de: querer parecer; assumir uma posição.			
	Tomar atitude/iniciativa: agir num determinado sentido.			
	Tomar um banho de loja: comprar e usar roupas novas.			
	Tomar conta de: cuidar.			
	Tomar a palavra: começar a falar.			
	Tomar pé: estabelecer-se, fixar-se em.			
	Tomar partido: colocar-se ao lado ou a favor.			
	Tomar um porre: embebedar-se.			
	Tomar nota: anotar.			
	Tomar banho: banhar-se.			
	Tomar coragem: encorajar-se.			

Fonte: elaboração própria.

Observamos os significados descritos pelos quatro dicionários e verificamos que somam um total de 152 acepções para o verbo ‘tomar’, e mais 18 significados advindos de expressões metafóricas. Das 26 acepções trazidas no *Dicionário Unesp*, todas tiveram conceitos equivalentes nos outros dicionários examinados, cujo evento também ocorreu com a análise dos dicionários *Michaelis* e *Aurélio*.

No tocante ao *Dicionário Houaiss*, observam-se seis acepções sem correspondências nos demais dicionários consultados: **25.** Cair sobre; **33.** Colocar junto (o que se encontrava disperso); recolher, reunir, juntar; **36.** Sofrer penetração sexual; **39.** Receber (ordem eclesiástica); **40.** Receber (ordem, prescrição) de (alguém) e, **48.** Perder dinheiro.

Entre as demais, foram encontradas 90 acepções em todos os dicionários analisados. Dentre elas, um total de 51 acepções estava presente em, pelo menos, três dos dicionários aqui apresentados, e dez acepções foram compartilhadas por, no mínimo, dois deles. Das expressões metafóricas, 14 foram encontradas no *Unesp*; três, no *Michaelis*, e uma, no *Aurélio*. Desses dados, obtém-se apenas o compartilhamento de ocorrência metafórica entre o *Dicionário Unesp* e o *Dicionário Michaelis*. O significado metafórico trazido pelo *Aurélio* para o verbo ‘tomar’ não apresenta correspondência com nenhum outro aqui demonstrado.

Quanto aos conceitos para o verbo ‘passar’, o *Dicionário Unesp* traz 43; o *Michaelis* apresenta 75; o *Houaiss* tem 69, e o *Aurélio* possui 77. Observando as acepções trazidas para o verbo em questão nos quatro dicionários, é possível estabelecer paralelos entre os significados descritos por eles e reconhecer as seguintes correspondências postas no quadro abaixo:

**Acepções do verbo ‘passar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004),
Michaelis (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e
Aurélio (FERREIRA, 2009)**

Dicionários				
	Unesp	Michaelis on-line	Houaiss	Aurélio
	1. Fazer atravessar; filtrar; coar. 8. Fazer atravessar. 33. Movimentar-se no espaço; atravessar.	2. Ultrapassar um ponto no espaço. 15. Ir em direção ao interior de algo. 11. Propagar-se por um território. 13. Fazer movimentar-se. 14. Perfurar de parte a parte. 15. Ir em direção ao interior de algo. 32. Coar ou filtrar através de. 73. Realizar contrabando de.	3. Transportar; conduzir, levar. 9. Fazer mover; movimentar. 34.2. Coar através de peneira, filtro etc.	1. Percorrer de um lado para outro; atravessar, transpor. 3. Mover; movimentar. 6. Furar de lado a lado; perfurar; trespassar, transfixar. 8. Coar através de peneira ou joeira; peneirar, joeirar. 9. Filtrar; coar. 25. Contrabandear. 35. Ir de um lugar (para outro). 53. Mudar (de lugar). 55. Correr, rolar.

Acepções	2. Grelhar, fritar.	39. Cozer uma carne em substância oleosa ou na grelha. 75. Proceder à evaporação da água em certos alimentos para melhor conservação.	34.1.1. Assar, fritar ou grelhar.	19. Cozinhar; assar ou grelhar.
	3. Alisar com ferro.	37. Deixar lisa uma roupa.	34.1. Submeter (algo) a processo físico para modificar a sua aparência ou condição material.	10. Alisar (roupa) com ferro de passar; passar a ferro.
	4. Sofrer; suportar. 29. Aguentar; subsistir; sobreviver. 30. Ultrapassar; ir além de. 36. Ir além; sobreviver. 41. Ocorrer; acontecer.	19. Continuar a viver. 34. Manter a sobrevivência. 35. Permanecer vivo. 36. Submeter-se a prazeres ou pesares. 38. Ser submetido a certo processo. 46. Acontecer subitamente. 57. Ir além de; ultrapassar. 60. Ser superior ou inferior no valor, no peso, na altura, etc. 71. Dar-se (um fato); acontecer, ocorrer, suceder.	2. Ir além de; deixar para trás, ultrapassar. 19. Viver além; sobreviver. 32. Manter-se vivo, sobreviver, subsistir. 33. Alimentar-se de; sobreviver alimentando-se de. 40. Manifestar-se repentinamente, aparecer de súbito. 51. Alterar-se para menor ou maior.	2. Ir além; deixar para trás. 3. Ir além de; transpor; ultrapassar. 15. Sofrer, padecer; suportar. 65. Ser sofrível; ser tolerável. 72. Acontecer, suceder, decorrer.
	5. Fazer circular. 19. Enviar; reter; transmitir.	18. Dar seguimento a uma mensagem ou informação. 26. Fazer circular. 36. Endereçar algo a.	26. Transmitir, comunicar. 27. Pôr em circulação ou circular. 29. Divulgar ou ser divulgado; fazer circular ou circular.	60. Circular; propagar-se.

	6. Exibir (filme)	66. Ser exibido em algum estabelecimento.	58. Mostrar ou ser exibido em público; apresentar ou ser apresentado.	63. Ser exibido, apresentado.
	7. Ler repetidamente para decorar.	68. Estudar novamente.	59. Repetir (algo) para adquirir destreza; ensaiar, repassar.	12. Estudar; ler. 13. Ensaiar; estudar.
	9. Fazer deslizar. 10. Fazer percorrer. 11. Fazer circundar; rodear. 12. Esfregar.	8. Aplicar algo sobre uma superfície. 43. Fazer cingir. 44. Deixar apoiado.	11. Espalhar ou fazer correr por uma superfície. 38. Fazer circundar por ou apoiar.	5. Aplicar, colocar. 23. Pôr; colocar. 29. Passar. 49. Circundar; rodear. 47. Correr, deslizar.
	13. Espalhar.		11. Espalhar ou fazer correr por uma superfície.	
	14. Dar a volta para fechar.	9. Trancar com a utilização de um aparato. 14. Fazer embrulho.	15. Fechar por meio de (algo). 39. Envolver; embrulhar.	
	15. Desfrutar; gozar. 23. Gastar; consumir.	3. Levar alguém ou algo para certo lugar. 10. Estar localizado em.		16. Gozar, desfrutar; levar. 37. Circular, viajar.

	16. Dar; entregar. 21. Lavrar; firmar.	61. Ser sancionada. 63. Validar com assinatura.	52. Ser sancionado, aprovado. 55. Ser aceito, admitido, acolhido. 56. Tornar válido, autenticar. 57. Assinar para validar.	14. Expedir, despachar. 33. Firmar; estabelecer. 64. Ser votado; ser aprovado.
	17. Transmitir.	28. Transmitir por convivência ou contágio, genética.	25. Transmitir (-se) por imitação, por linha genética, por contágio etc.	
	18. Ceder. 22. Transferir. 26. Transferir-se por mudança de crença, atitude, de posição; bandear-se. 28. Mudar ou transferir-se de dono ou domínio por herança ou não.	7. Mudar de uma atividade para outra. 21. Fazer chegar a alguém. 23. Transferir atividade de que se ocupava para outrem. 24. Deixar como herança ou legado. 27. Transferir algo a outrem. 31. Realizar uma venda. 52. Converter (-se) a. 53. Mudar a forma de pensar, de atitude etc. 64. Estar sujeito a desculpa.	10. Fazer chegar; entregar. 14. Mover-se através ou para dentro; introduzir-se, penetrar. 22. Entregar, conferir por direito ou cargo. 23. Entregar nas mãos (de); dar. 24. Deixar como herança para; legar. 28. Pôr (algo) à venda; ceder mediante pagamento. 46. Mudar (de opinião, partido); bandear-se. 47. Mudar de situação, carreira, cargo). 48. Mudar (de assunto).	18. Distribuir entre várias pessoas, vendendo. 27. Transmitir; legar. 30. Alcançar; estender. 34. Passar. 50. Mudar (de situação, carreira, profissão etc.). 52. Transferir-se, mudar. 40. Transmitir-se; transferir-se, transitar. 66. Ser relevada uma falta. 68. Mudar de situação ou profissão. 71. Lançar a bola para um companheiro de equipe. 75. Bandear-se; desertar-se. 77. Mudar de partido; bandear-se.
	19. Enviar, remeter; transmitir.	25. Fazer chegar às mãos. 30. Dar comunicado.	18. Fazer seguir (mensagem); transmitir, remeter, enviar. 29. Divulgar ou ser divulgado; fazer circular ou circular.	17. Pôr em circulação. 28. Passar às mãos; entregar. 31. Dirigir; endereçar. 76. Dirigir-se; encaminhar-se.

	20. Prescrever; receitar.	67. Tornar válido. 69. Prescrever uma receita.	61. Prescrever como medicamento ou afins.	
	24. Ter alguma sensação, sentimento, distúrbio durante determinado período.	40. Apresentar-se em determinada condição física, mental ou espiritual. 41. Alterar o estado de humor. 58. Vivenciar determinada condição psicológica, econômica ou física.	16. Suceder; ocorrer. 35. Viver (uma experiência agradável, positiva...) 36. Sentir-se físico ou mentalmente.	51. Mudar (humor).
	25. Ir (de um lugar para outro).	1. Ir de um lado para outro de uma margem a outra. 4. Fazer pessoa ou coisa chegar a; atravessar. 5. mover (-se) de um lugar para outro. 16. Percorrer diferentes lugares.	1. Percorrer de uma margem a outra; atravessar, transpor. 4. Fazer (alguém ou algo) chegar a; fazer atravessar. 5. Mover (-se). 12. Fazer-se presente, em trânsito. 13. Fazer-se presente, influindo. 66. Fazer contrabando.	7. Ir de uma margem para outra. 62. Decorrer; transcorrer. 73. Decorrer; transcorrer. 74. Mudar de residência.
	27. Variar.		6. Transitar. 7. Percorrer (um lugar sem se deter); transitar.	43. Adotar um procedimento ou atitude diversa da anterior.
	31. Ir para uma parada rápida. 39. Transcorrer; decorrer. 40. Ter fim, esgotar-se, perecer. 43. Decurso de tempo; duração.	6. transitar sem parar em algum lugar. 12. deslocar-se em movimento contínuo. 17. Deixar de acontecer. 47. Durar por certo tempo. 48. Ficar por certo tempo ocupando-se	8. Mover-se em deslocação contínua. 17. Deixar de ocorrer ou manifestar-se; ficar para trás; acabar. 41. Utilizar (determinado tempo) fazendo algo. 42. Esgotar –se	38. Vincular-se, ligar – se por certo tempo. 39. Consumir, levar tempo. 42. Mostrar-se ou aparecer momentaneamente. 54. Percorrer um lugar sem nele se deter; transitar; perpassar. 56. Deixar de existir; acabar; desaparecer; ir-

	de algo. 49. Deixar correr o tempo em qualquer atividade. 50. Chegar ao fim de certo período. 51. Escoar-se o tempo ou período de tempo. 56. Desviar (-se) do assunto momentaneamente.	(certo período em que algo deve ser feito). 43. Escoar-se (tempo ou lapso de tempo). 43.1. Correr seu curso (tempo ou período). 44. Deixar (o tempo ou um período); escoar-se.	se.
32. Submeter-se a.		34. Ser submetido ou submeter-se à ação de.	48. Fazer passar por; submeter.
34. Ser considerado; tomado.		30. Ser conhecido, reputado, considerado. 45. Tornar-se parte d (algo); incorporar-se a, entrar para.	
35. Exceder. 37. Ultrapassar; exceder.	59. Transpor certo limite.	49. Ser superior ou a exceder, superar, ultrapassar. 50. Ir além de (determinado limite).	
38. Ser aprovado.	54. Receber promoção ou rebaixamento. 62. Ser promovido ou aprovado em. 65. Ser aprovado ou aceito.	31. Dirigir (invectiva, censura etc.) 53. Ser aprovado ou promovido em exame, concurso etc.	41. Incorporar-se; ingressar-se. 44. Ser aprovado em exame ou concurso. 45. Ser promovido. 59. Ser aprovado em exame ou concurso.
42. Começar.	56. Vir a ser perto de algo; entrar para.		
	20. Deixar de viver.	20. Deixar a vida terrena; morrer.	58. Morrer.
	22. Não estar mais apropriado para o consumo.	21. Começar a apodrecer ou estragar.	70. Começar (a fruta) a apodrecer.

	29. Fazer sentir.		
	42. Assinalar determinada tarefa para.	60. Determinar como tarefa.	11. Marcar (determinada tarefa.)
	70. Deixar de jogar um lance em certos jogos de carta.	63. Em alguns jogos de cartas, não participar de um lance ou deixar de jogar.	61. Em jogos carteados, não jogar um lance.
	72. Permanecer em determinado estado ou condição.	37. Permanecer (em determinado estado ou condição). 62. Apresentar-se e não poder ser aproveitado, escapar, fugir.	
	74. Engatar a marcha para movimentação do veículo.	64. Engatar, engrenar.	
		54. Ser meramente aceitável ou tolerável.	
		65. Manter relações sexuais com; passar na cara.	26. Ter relações sexuais com; passar na cara.

Fonte: elaboração própria.

Além das acepções, os dicionários consultados aqui também trazem algumas expressões metafóricas com o verbo ‘passar’. Vejamos:

Expressões metafóricas com o verbo ‘passar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004), Michaelis *on-line* (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e Aurélio (FERREIRA, 2009)

Dicionários				
	Unesp	Michaelis <i>on-line</i>	Houaiss	Aurélio
	Passar a limpo.			
	Passar (um) pito/passar (um)			

Expressões	sabão): repreender.			
	Passar da conta: exceder.			
	Passar dessa para melhor: morrer.	Passar desta para melhor: vir a falecer.		Passar desta para melhor.
	Passar em branco: não ser notado.	Passar batido: não prestar atenção.	Deixar passar.	
	Passar fogo: atirar.			
	Passar a mão em: furtar, pegar.			
	Passar a noite em claro: não dormir.			
	Passar no papo/passar nos peitos: comer.			
	Passar para trás: enganar.	Passar para trás: ganhar vantagem sobre algo que não lhe pertence; agir com dissimulação; enganar por traição.	Passar para trás.	Passar para trás.
	Não passar de: não ser mais que.	Não passar de: Não se mais do que.	Não passar de.	Não passar de.
		Passar a largo: passar a uma distância considerável; passar largo. Passar de largo.		Passar de largo.
		Passar baixo: viver em dificuldade financeira.	Passar baixo.	Passar baixo.
		Passar bem: ter boa saúde; alimentar-se em abundância e com qualidade.	Passar bem.	
		Passar de: ir além.		Passar de.
		Passar por; submeter-se a situação de sofrimento; fingir ser outra pessoa.		Passar por.
		Passar por cima de: não dar a devida importância.	Passar por cima.	Passar por cima de.
		Passar raspando: ser aprovado em um exame com nota mínima.		
		Passar sem: não considerar como prioridade para sobrevivência.		
			Deixar passar: não impedir passagem.	
				Não se passa para: Não tomar atitude.
				Passar raspando: ser aprovado com nota mínima.

Fonte: elaboração própria.

Verificamos os significados descritos pelos quatro dicionários, que somam um total de 264 acepções para o verbo ‘passar’ e mais 40 significados advindos de expressões metafóricas. Das 43 acepções trazidas no *Dicionário Unesp*, todas tiveram conceitos equivalentes nos outros dicionários examinados, cujo evento também ocorreu com a análise dos dicionários *Michaelis* e *Aurélio*.

No tocante ao dicionário Houaiss, observa-se uma única acepção sem correspondências nos demais dicionários consultados, a saber: **54**. Ser meramente aceitável ou tolerável. E, no *Dicionário Michaelis*, o mesmo acontece, uma única acepção sem correspondência nos demais dicionários consultados: **29**. Fazer sentir. Dentre as demais, foram encontradas 203 acepções em todos os dicionários analisados, e um total de 39 acepções estava presente em, pelo menos, três dos dicionários aqui apresentados e 14 acepções foram compartilhadas por, no mínimo, dois deles. Das expressões metafóricas, 11 foram encontradas no *Unesp*; 12, no *Michaelis*; sete, no *Houaiss* e dez no *Aurélio*. Desses dados, obtém-se o compartilhamento de ocorrências metafóricas entre todos os dicionários aqui apresentados.

Quanto aos conceitos para o verbo ‘pegar’, o *Dicionário Unesp* traz 42; o *Michaelis* apresenta 28; o *Houaiss* tem 26, e o *Aurélio* possui 52. Observando as acepções trazidas para o verbo em questão, nesses quatro dicionários, é possível estabelecer paralelos entre os significados descritos por eles e reconhecer as seguintes correspondências:

Acepções do verbo ‘pegar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004), Michaelis (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e Aurélio (FERREIRA, 2009)

Dicionários				
	Unesp	Michaelis on-line	Houaiss	Aurélio
	1. Tomar nas mãos; segurar; agarrar. 28. Trazer a luz, fazendo o parto da mãe. 33. Tocar; segurar. 42. Indica o início daquilo que o verbo expressa.	1. Agarrar ou segurar algo ou alguém. 28. Fazer o parto de; aparar.	1. Segurar; prender segurando.	2. Agarrar, prender, segurar. 22. Fazer o parto de (criança); aparar.

Acepções	2. Apanhar; recolher. 30. Ir buscar; apanhar.	5. Ir buscar alguém ou algo.	7. Ir buscar, apanhar (algo ou alguém)	7. Buscar; apanhar. 31. Agarrar, segurar, tomar.
	3. Apoderar-se de; tomar.			31. Agarrar, segurar, tomar .
	4. Prender; capturar. 5. Caçar ou pescar; aprisionar.	8. Compreender ou entender algo; pescar.	20. Compreender, perceber.	6. Apanhar; pescar. 8. Perceber, compreender, pescar.
	6. Alcançar; atingir. 13. Enfrentar. 18. Alcançar. 20. Ser atingido por; enfrentar. 26. Atingir.	4. Atingir ou alcançar alguém ou algo.	6. Alcançar, encontrar; atingir	9. Chegar a tempo de estar presente a, ou tomar parte em, chegar à hora. 10. Alcançar. 12. Chegar a; atingir, alcançar. 14. Ser atingido por; receber.
	7. Ir de encontro a; bater contra; abalroar, atropelar.	12. Chocar-se com; atropelar.		15. Atacar, investir. 50. Não querer andar (animal); empacar.
	8. Fazer cair em armadilha ou brincadeira; fazer ficar embaraçado.	19. Ficar surpreso com algo.		
	9. Fazer uso de; tomar como base ou fonte. 34. Valer-se de; recorrer a.	14. Agarrar-se com alguém ou algo; apegar-se. 16. Valer-se de algo. 25. Rezar ou pedir proteção a.	12. Apegar-se; valer-se de, agarrar-se a.	41. Ser acreditado; ser levado a sério. 49. Procurar arrimo, proteção em, apegar-se.
	10. Abranger; englobar.	22. Incluir algo; abranger.	21. Abranger, incluir; compreender.	18. Abranger, compreender.
	11. Conseguir; obter.	13. Alcançar ou obter algo.	13. Conseguir, obter, alcançar.	3. Adquirir. 4. Adquirir, contrair, criar. 11. Conseguir, obter, alcançar.
	12. Abordar.			
	14. Não deixar passar; defender.	23. Discutir ou brigar; desentender-se.	23. Brigar; desentende-se.	52. Discutir; brigar.
	15. Tomar (condução); embarcar.	21. Tomar um veículo.	17. Embarcar em (veículo).	5. Subir ou instalar-se em uma (viatura qualquer) para nela viajar; tomar.

	16. Tomar (caminho ou direção)	20. Tomar um caminho ou direção.	18. Seguir por (caminho ou direção).	21. Seguir por (determinada direção.) 51. Encontrar diamantes.
	17. Ir a; para desfrutar.		19. Ir a (determinado lugar) por lazer ou diversão.	
	19. Ser condenado a; sofrer a penalidade de.	24. Ser condenado ou sentenciado.	24. Ser condenado a.	19. Ser condenado a. 20. Ser alvo de prêmio ou punição. 24. Pegar (19).
	21. Sofrer o impacto de apanhar.			
	22. Captar imagem ou som.		14. Captar (som e/ou imagem).	13. Captar som, imagem.
	23. Ser posto em contato com.			16. Ganhar, lucrar, abiscoitar. 23. Pegar (16). 27. Receber; adquirir, por imitação, emulação, etc. 28. Transmitir, comunicar, por influência. 47. Comunicar-se; transmitir.
	24. Adquirir; receber.	17. Ganhar ou receber algo.	15. Ganhar; receber.	
	25. Adquirir por contágio; contrair. 38. Transmitir-se por contato.	6. Transmitir doença por contato pessoal. 7. Contrair ou transmitir algo, geralmente por contágio ou influência de outrem.	9. Transmitir-se por contato. 10. Adquirir ou transmitir (-se) [doença] por contágio.	43. Ser contagioso.
	27. Começar a fazer; assumir.	9. Assumir tarefa ou obrigação.	8. Adquirir; assumir; passar a ter. 11. Aceitar ou começar a fazer algo.	17. Aceitar fazer, comprometer-se a realizar (um trabalho ou tarefa). 33. Começar; principiar, entrar. 34. principiar a fazer, a executar.
	29. Surpreender; encontrar.	18. Surpreender em flagrante.	16. Surpreender, encontrar.	29. Apanhar de improviso; surpreender.

31. Encontrar; achar.	15. Atingir determinado objetivo.		
32. Aderir; grudar; colar; fixar.	2. Fazer aderir ou aderir-se a uma superfície; colar; fixar; grudar.	2. fixar(-se); aderir, colar.	1. Fazer aderir; colar, grudar. 26. Fixar-se; agarrar-se. 30. Fazer aderir; colar, grudar. 35. Ficar aderente; colar-se, grudar-se. 37. Agarrar-se; fixar-se. 44. Aderir ou grudar a recipiente. 46. Ficar aderente; unir-se.
35. Atracar-se.			
36. Ter aceitação; estabelecer-se. 41. Firmar-se; estabilizar-se.	11. Firmar ou ter continuidade.	4. Firmar-se; estabilizar-se; ter continuidade.	38. Generalizar-se; difundir-se.
37. Entrar em funcionamento; funcionar.	3. Começar a funcionar, geralmente algo movido a motor. 27. Não querer andar; emperrear-se.	5. Começar a funcionar; dar a partida.	39. Funcionar; trabalhar.
39. Criar raízes; vingar.	10. Criar raízes; enraizar-se.	3. Criar raízes.	36. Lançar ou criar raízes (uma planta).
40. Surtir efeito; ser eficaz.			40. Produzir resultado; surtir efeito; colar.
	26. Ser próximo, vizinho ou ter algo em comum.	22. Ser contíguo, entestar, comunicar-se.	25. Ser ou estar contíguo; confinar; convizinhar. 32. Ser vizinho, próximo, semelhante, análogo; convizinhar. 48. Limitar-se; confinar-se.
		25. Apresentar dificuldade.	45. Sair mal (um empreendimento).
		26. Ser aceitável, razoável ou plausível.	
			42. Inflamar-se; acender.

Fonte: elaboração própria.

Além das acepções, os dicionários consultados aqui também trazem algumas expressões metafóricas com o verbo ‘pegar’. Vejamos:

Expressões metafóricas com o verbo ‘pegar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004), Michaelis *on-line* (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e Aurélio (FERREIRA, 2009)

Dicionários				
	Unesp	Michaelis <i>on-line</i>	Houaiss	Aurélio
Expressões	Pegar mal/bem: ser mal ou bem visto.	Pegar bem. Pegar mal.	Pegar bem. Pegar mal.	Pegar bem. Pegar mal.
	Pegar as coisas no ar: ter percepção rápida.			
	Pegar leve: agir sem exagero. Pegar fogo: agitar-se intensamente; inflamar.			
	Pegar no pé: atormentar; perseguir.			
	Pegar no pesado: enfrentar trabalho penoso.			
	Pegar no pulo: surpreender.			
	Pegar no sono: dormir.			
	Pegar ou largar: fazer decisivamente uma opção.	É pegar ou largar.	É pegar ou largar.	Pegar ou largar.
		Pegar de: agarrar, empunhar; segurar.	Pegar de.	Pegar de.
			Pega pra capar: grande tumulto.	
				Pegar-se com a: implicar com (alguém).
				Pegar de: valer-se de.
	Pegar onda: surfar.			
	Pegar barriga/filho: engravidar.			

Fonte: elaboração própria.

Observamos os significados descritos pelos quatro dicionários e verificamos que somam um total de 148 acepções para o verbo ‘pegar’ e mais 26 significados advindos de

expressões metafóricas. Das 42 acepções trazidas no *Dicionário Unesp*, apenas três não tiveram equivalência com os conceitos dos outros dicionários examinados, a saber: **12.** Abordar; **21.** Sofrer o impacto de apanhar; e **35.** Atracar. No *Dicionário Houaiss*, apenas uma acepção não teve correspondência nos outros dicionários: **25.** Ser aceitável, razoável ou plausível. O *Dicionário Aurélio* também apresentou uma acepção para o verbo ‘pegar’ não compartilhada pelos demais dicionários consultados: **42.** Inflamar-se; acender. Já o *Dicionário Michaelis* teve conceitos equivalentes compartilhados pelos demais dicionários aqui consultados.

Entre as demais, foram encontradas 105 acepções em todos os dicionários analisados. Dentre elas, um total de 15 acepções estava presente em, pelo menos, três dos dicionários aqui apresentados, e 18 acepções foram compartilhadas por, no mínimo, dois deles. Das expressões metafóricas, 11 foram encontradas no *Unesp*; quatro no *Michaelis*; cinco no *Houaiss*, e seis no *Aurélio*. Desses dados, obtém-se o compartilhamento de ocorrências metafóricas entre todos os dicionários aqui apresentados.

Quanto aos conceitos para o verbo ‘quebrar’, o *Dicionário Unesp* traz 22; o *Michaelis* apresenta 22; o *Houaiss* tem 22, e o *Aurélio* possui 38. Observando as acepções trazidas para o verbo em questão, nesses quatro dicionários, é possível estabelecer paralelos entre os significados descritos por eles e reconhecer as seguintes correspondências:

Acepções do verbo ‘quebrar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004), Michaelis (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e Aurélio (FERREIRA, 2009)

Dicionários				
	Unesp	Michaelis on-line	Houaiss	Aurélio
	1. Reduzir a pedaços; partir. 16. Partir-se; fragmentar.	1. Separar (-se) em partes, violentamente (por meio de queda ou pancada); reduzir (-se) a pedaços; fragmentar (-se); despedaçar (-se). 2. Abrir-se em gretas; fender-se; partir-se.	1. Reduzir a pedaços; fragmentar(-se); despedaçar(-se). 4. Dividir (-se) em partes; partir(-se); romper(-se); fraturar(-se). 22. Ação ou efeito de quebrar.	1. Reduzir a pedaços; fragmentar; despedaçar. 21. Romper-se, partir-se, fragmentar-se, despedaçar-se, rachar, quebrar. 34. Romper-se; partir-se; quebrar. 38. Ação ou efeito de

Acepções				quebrar-se.
	2. Romper o osso de; fraturar. 11. Sofrer fratura em/de. 20. Sofrer fratura.	3. Quebrar o osso; fraturar; partir. 7. Dobrar ou torcer, com fragmentação das partes ósseas internas.	4. Dividir (-se) em partes; partir(-se); romper(-se); fraturar(-se). 17. Sofrer de hérnia.	2. Partir; romper; fraturar. 25. Sofrer quebra; adquirir hérnia.
	3. Fazer entortar-se ou curvar-se.	4. Fazer dobras em; vincar. 6. Dobrar o corpo; requebrar-se; saracotear. 13. Tornar-se dócil às rédeas (a cavalgada) na fase inicial da doma.	8. Fazer voltar-se; torcer; dobrar. 14. Tornar dócil (às rédeas); amansar. 20. Requebrar (-se) ao andar.	9. Torcer; dobrar. 19. Ensinar (o cavalo) a obedecer bem o freio, a voltear, esbarrar, etc. 20. Dobrar-se; curvar-se; vergar-se. 31. Requebrar-se; fazendo o passo. 35. Quebrar.
	4. Interromper.	12. Suspende a continuidade de; fazer parar por algum tempo; cortar; dissipar; sustar. 16. Cortar as relações com alguém.		4. Interromper, cortar. 37. Interromper-se.
	5. Violar; desrespeitar.	18. Infringir.	3. Cometer infração contra; infringir; violar.	5. Infringir; violar; transgredir; quebrantar. 32. Fugir, desviar-se; infringir; transgredir.
	6. Vencer; afrouxar.	10. Quebrantar; amansar. 22. Vencer ou derrotar (a resistência, o orgulho).	9. Conseguir aplacar; domar; subjugar, vencer.	10. Domar; subjugar; vencer; afrouxar; quebrantar.
	7. Levar à falência; arruinar.	20. Abrir falência. 21. Ficar pobre; arruinar-se.	15. Entrar em falência. 16. Ficar sem dinheiro; ficar pronto; liso.	7. Arruinar financeiramente. 23. Declarar estado de quebra; falir. 24. Ficar sem dinheiro; ficar pronto, liso.
	8. Ultrapassar; vencer.			
	9. Fazer diminuir; atenuar.	8. Dar quebra, faltar no peso ou na medida, perder peso (falando dos gêneros).	19. Diminuir no preço; na qualidade etc.	29. Sofrer quebra ou diminuir no peso, na qualidade etc.
	10. Virar; contornar.	5. Desviar-se para;	11. Mudar a direção	14. Virar, voltear, tornar.

		dobrar a esquina para.	de, desviar.	15. Fugir do engarrafamento.
	12. Sofrer dano em. 17. Danificar-se; encrencar; enguiçar.		6. Tornar ou ficar imprestável; inutilizar(-se), danificar(-se); enguiçar.	12. Inutilizar; danificar; enguiçar, encrencar. 30. Enguiçar; encrencar.
	13. Decodificar.			
	14. Possuir curva ou ângulo com forma de.			26. Dobrar-se, formando ângulo.
	15. Bater com ímpeto; arrebentar. 22. Arrebentação.		18. Dar com ímpeto; embater (o mar).	28. Dar com ímpeto; bater.
	18. Desfazer-se; acabar.	15. Acabar com; pôr termo a; fazer cessar. 17. Fazer desaparecer; dissipar.	5. Pôr termo a ou chegar a termo; interromper; desfazer(-se); dissipar(-se). 10. Tornar nulo; anular, cassar.	6. Acabar com; pôr termo a; destruir. 11. Desfazer; dissipar. 13. Anular, cassar.
	19. Perder a intensidade. 21. Diminuição da intensidade.	14. Perder o impulso; diminuir a violência do ímpeto.	2. Diminuir a intensidade de; enfraquecer; baixar.	3. Diminuir a intensidade de; enfraquecer; debilitar, esfriar. 22. Diminuir a intensidade, ou perdê-la; enfraquecer, afrouxar.
		9. Refletir-se ou refratar-se (a luz ou o som).		27. Refratar-se, refletir-se.
		11. Causar comoção ou abalo a; abalar, comover.		
		19. Faltar ao cumprimento de (palavra ou promessa).	7. Faltar ao cumprimento de.	8. Faltar ao cumprimento de (promessa ou palavra)
			12. Passar para a linha seguinte parte de (palavra, título, verso etc.)	16. Passar para a linha seguinte parte de (palavra; título, verso etc.)
			13. Bater em; espancar.	17. Matar. 18. Bater em; espancar.
			21. Andar vestido luxuosamente.	33. Andar vestido luxuosamente.

Fonte: elaboração própria.

Além das acepções, os dicionários consultados aqui também trazem algumas expressões metafóricas com o verbo ‘quebrar’. Vejamos:

Expressões metafóricas com o verbo ‘quebrar’ descritas pelos dicionários Unesp (BORBA, 2004), Michaelis *on-line* (MICHAELIS ONLINE, 2015), Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) e Aurélio (FERREIRA, 2009)

	Dicionários			
	Unesp	Michaelis <i>on-line</i>	Houaiss	Aurélio
Expressões	O quebrar da barra: a primeira claridade da manhã.		O quebrar da barra: alvorecer.	O quebrar da barra.
	Quebrar asas para fazer a corte; tentar conquistar.			
	Quebrar a cabeça; esforçar-se em reflexões; pensar muito.			
	Quebrar a cara; dar-se mal.			
	Quebrar o/um galho; ajudar a remediar situações.			
	Quebrar o pau; fazer baderna; brigar.			
	Quebrar o saque de /no jogo de tênis; obter ponto quando o adversário está com o saque.			

Fonte: elaboração própria.

Observamos os significados descritos pelos quatro dicionários e verificamos que somam um total de 104 acepções para o verbo ‘quebrar’ e mais nove significados advindos de expressões metafóricas. Das 22 acepções trazidas no *Dicionário Unesp*, apenas duas não tiveram equivalência com os conceitos dos outros dicionários examinados, a saber: **8.** Ultrapassar; vencer.; e **13.** Decodificar. No *Dicionário Houaiss*, apenas uma acepção não teve correspondência nos outros dicionários: a acepção **11.** Causar comoção ou abalo a; abalar, comover. Quanto aos dicionários *Michaelis* e *Aurélio*, estes tiveram conceitos equivalentes compartilhados pelos demais dicionários aqui consultados.

Dentre as demais, foram encontradas 73 acepções em todos os dicionários analisados. Dentre elas, um total de 17 acepções estava presente em, pelo menos, três dos dicionários aqui apresentados e 11 acepções foram compartilhadas por, no mínimo, dois deles. Das expressões metafóricas, sete foram encontradas no *Unesp*; uma no *Houaiss*; uma no *Aurélio*, e nenhuma no *Michaelis*. Das ocorrências das expressões metafóricas nos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*, ressaltamos que ambos tiveram equivalência com o *Dicionário Unesp*. Portanto, destes dados,

obtém-se o compartilhamento de apenas uma ocorrência metafórica entre os dicionários *Unesp*, *Houaiss* e *Aurélio*.

Os dicionaristas e gramaticistas, mesmo que não definam os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ como possuidores de um significado literal, próprio e de conhecimento compartilhado por todos os sujeitos, atestam a ideia da estabilidade fundamental das línguas e reiteram a tese de uma relação intersubjetiva homogênea. Comprovando este mote, temos o pressuposto de que todo vocábulo possui um significado original e seus outros distintos significados são de caracteres metafóricos. Os estudiosos acreditam que, ao longo do tempo, as palavras vão sofrendo acréscimos e seus significados “mais concretos”²⁰ vão se expandindo e adquirindo caracteres “mais abstratos”.²¹

Partindo disso, tem-se que todas as palavras da língua possuem uma significação própria, fixa e imutável, cuja questão vai à contramão do estudo aqui proposto, ou seja, do estudo linguístico embasado pela Tope. E, diferentemente de Culioli, quando os dicionaristas e gramaticistas defendem que os vocábulos adquirem significados distintos nos seus contextos de emprego estão referindo-se não à variação experiencial dos sujeitos, mas às repetições dos significados já cristalizados tidos como prontos, ideais e disponíveis nas línguas para usos já predeterminados.

A questão da literalidade dos vocábulos, como proposta por gramáticos e estudiosos da língua que não se embasam por um viés enunciativo, só é possível se considerarmos a autonomia das línguas. Esta autonomia implica pensar na existência das línguas sem os sujeitos e fora das situações de prática de linguagem, isto é, sem a existência da alteridade.

A ideia de significados “mais concretos” e “mais abstratos”, bem como a configuração em classes gramaticais, corrobora apenas para mostrar o verdadeiro objetivo defendido pelas abordagens estáticas: as unidades das línguas têm apenas a função de encapsular e veicular significados prontos e acabados, que independem das modalizações linguísticas dos sujeitos, afinal, nessas perspectivas, sujeito e linguagem não estão imbricados.

Por essa razão, assumimos o estudo dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ sob uma perspectiva linguística que considera sujeitos e línguas elementos essenciais para a proliferação e estabilidade de significados. Embasamo-nos em um estudo linguístico que

²⁰ Chamamos de significados “mais concretos”, neste trabalho, os significados que a gramática e os dicionários tomam como básicos, próprios para os vocábulos, isto é, os significados “mais concretos” dizem respeito aos significados mais ligados à realidade física.

²¹ Chamamos de significados “mais abstratos” os significados que a gramática e os lexicográficos acreditam ser metafóricos, derivados e sinônimos.

considera que as significações são construções provenientes da relação dos sujeitos com a linguagem e do funcionamento da linguagem, haja vista que, para a Tope, a linguagem é entendida como uma atividade, ao mesmo tempo, linguística e subjetiva, envolvendo sujeitos com percepções distintas. A partir disso, ao apropriarem-se das formas das línguas, os sujeitos constroem significados porque, nessa concepção, a linguagem compreende a variação como um processo intrínseco e inerente às línguas. Noutros termos, a Tope entende a linguagem enquanto atividade simbólica que suscita a relação entre representação mental, processos referenciais e metalinguísticos, isto é, “linguagem e sujeito firmam uma relação complexa de interioridade e exterioridade, uma vez que é ela que lhe atribui identidade por lhe dar equilíbrio e é ele (o sujeito) que deixa rastros textuais que permitem seu acesso (o da linguagem)” (CUMPRI, 2018, p. 310).

Neste estudo, temos, como pressuposto teórico, a tomada da linguagem na qualidade de fenômeno de caráter indeterminado e que subjaz ao empírico por meio da dinamicidade e plasticidade, que perpassam o funcionamento das invariantes. Nosso posicionamento teórico rompe o paradigma das significações literais e metafóricas, sustentado por um ideal de língua determinada pela forma e pelo conteúdo, propostos por vieses de caracteres estáticos.

Com isso, também se afasta da ideia de polissemia como fenômeno acarretado pelo contexto advindo das relações sintáticas e semânticas, em que os sujeitos não são/estão intrínsecos aos fenômenos das línguas, assim como também se desfaz do ideal de língua inflexível e detentora de significados fixos e inalteráveis, pautados em um plano abstrato em que os conhecimentos e estabilidades são compartilhados por todos.

E, por último e não menos importante, rompe-se com a oposição entre sintaxe/gramática e léxico, porque, em uma abordagem enunciativa, os fenômenos linguísticos são tomados como dinâmicos e flexíveis, cujas estabilização de significados e a determinação são construídas no percurso linguístico pelas modalizações, logo, são objetivos a serem alcançados, e não o alicerce das representações linguísticas.

Diante disso, tem-se os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ como unidades proliferadoras de significações nas línguas, cujos funcionamentos são promovidos graças à articulação entre léxico e gramática. Assim, os significados dos verbos elegidos não podem ser apreendidos por ser uma unidade de valor estabilizado e imutável, como a ideia de “apropriação” ou “ingestão”; de “deslocamento”; de “segurar”, ou de “reduzir a pedaços”, postas pelos estudos gramaticais, porque todas as palavras são polissêmicas e possuem valores oscilantes e potencial significativo.

Em suma, elaboramos, portanto, um estudo no qual os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ serão manipulados e postos em relação às outras unidades nos textos, para construir e proliferar significados, trazendo consigo os sujeitos e a linguagem para o centro das questões de língua, de onde se apreendem as significações, pois o significado na Tope é tido “como produto da materialidade verbal, *i.e.* das relações que a unidade lexical entretém com os enunciados nos quais se insere e ajuda a construir” (ROMERO; TRAUZZOLA, 2014, p.240).

A apreensão dos significados ocorrerá a partir do plano simbólico da linguagem e da atividade de determinação e da indeterminação, atreladas ao universo representacional dos sujeitos que trazem à tona operações linguísticas postas em funcionamento pela intersubjetividade resultante da participação de dois enunciadores que, durante o processo de diálogo, regulam e modulam seus discursos para estabilizar significados. O nosso modelo de estudo visa a manipulação dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ de modo a aproximá-los da poética, em que a atividade da linguagem se dá pela ação continuada e incessante de:

um método que dá lugar ao imprevisto, prepara para apreendê-lo, faz surgir novos fenômenos e com eles novos problemas. É enfim também uma ética, que nos ensina a admitir que o herói de mil facetas não pode nunca ser completamente apreendido, organizado, catalogado, que, sem cessar, escapa e prolifera de modo irracional e o mais frequentemente imprevisível; de tal modo que continuar a persegui-lo supõe uma escolha de vida e manifesta um jogo subjetivo (NORMAND, 2009, p. 11).

Isso posto, vejamos os enunciados apresentados a seguir como acontecimentos observáveis e, a partir deles, delimitemos uma classe de problemas.²²

1. Mário tomou o relógio de Pedro.

2. Pedro tomou uma cerveja.

Analisando os enunciados 1 e 2, do ponto de vista gramatical estático, teríamos, em ambos, as construções transitivas exprimindo ideias de “apropriação de algo alheio” e “ingestão de algo”, respectivamente. “Pedro”, no enunciado 1, é o sujeito que tinha a posse de um objeto (o relógio), que, em determinado momento, é surrupiado por “Mário”. No

²² Decidimos esboçar uma breve análise visando mostrar como a apreensão de significados é feita na Tope somente a partir do verbo ‘tomar’, haja vista que o processo será o mesmo para os demais verbos aqui estudados, mudando apenas os significados que serão estabilizados para eles, tendo em vista que trata-se de verbos diferentes, logo, fazer o processo com todos os verbos estudados neste trabalho tornaria a observação maçante.

enunciado 2, “Pedro” é o sujeito que ingere uma determinada bebida (uma cerveja). Ressaltamos que, nos enunciados, do ponto de vista estático, os valores para o verbo ‘tomar’ já estão dados.

Nesta análise, temos “o relógio” e “uma cerveja” como propriedades inerentes aos sujeitos dos enunciados, e não como propriedades atribuídas por um ato de dizer, como defende Rezende (2000). As análises não nos interessam porque consideram os enunciados como prontos e acabados, quando deveriam, conforme proposto na Tope, ser vistos como resultados de um processo de atribuição de propriedade por um sujeito enunciador. Veja o exemplo:

1. Mário tomou o relógio de Pedro.

Temos, a partir desse enunciado, a representação projetada “alguém com relógio” e o pré-constructo “atribuição de relógio para alguém” (que pode ser o outro). Retomando a projeção de existência “alguém com relógio”, temos um pré-constructo “relógio para alguém”, localizado pelo verbo ‘tomar’ em relação a “Pedro”.

Temos X (sujeito enunciador) atribuindo a Y (coenunciador) a tarefa de validar uma dada ação de Z (sujeito do texto). Nesse percurso, o verbo ‘tomar’ projeta a identificação de “Pedro” com o sujeito da predicação “alguém com relógio”. O nominal “Pedro” é a marca de bloqueio, dificultando a validação da relação de identificação de “Pedro” sendo “alguém com relógio”. Nesse caso, a marca de bloqueio faz com que não exista, de fato, o acontecimento “Pedro com relógio”. Disso, abrem-se possibilidades para outras representações, como: “Mário com o relógio”, ao considerar uma possível identificação de “Mário” com o sujeito da predicação “alguém com o relógio”.

Dessa relação, percebemos que não era “Pedro” o possuidor do relógio, pois “Mário” lhe tomou, arrancando-lhe do pulso. Não é aquilo que Mário faz ou deixa de fazer o determinante para a existência de “Pedro”, sendo “alguém sem o relógio”, mas, sim, o ato de dizer de alguém por meio da atribuição de “relógio para alguém” (que pode ser o outro) que “Pedro” se determina como “alguém com o relógio”. Nesse caso, da relação entre enunciador e coenunciador, ocorre a estabilização do verbo ‘tomar’ como sendo um “ato de se apropriar de algo alheio”.

Em outras palavras, “o relógio de Pedro” é um modo de retomar, sob forma de predicado, o processo de atribuição de “relógio” para “Pedro” por um sujeito qualquer. E,

enquanto retomada de um processo, o predicado oscila entre o que é e o que não é. Já o enunciado “Mário tomou o relógio de Pedro” é um modo de retomar o predicado e, através dele, o processo que está na sua origem. Sendo assim, o papel do verbo ‘tomar’ nesta retomada é validar o processo subjacente ao predicado “o relógio de Pedro” e atribuir a “Pedro” a posse do relógio por um ato de dizer de um sujeito observador.

2. Pedro tomou uma cerveja.

Temos, a partir deste enunciado, a representação projetada “alguém com cerveja” e o pré-constructo “atribuição de cerveja para alguém”. Retomando a projeção de existência “alguém com cerveja”, temos um pré-constructo “cerveja para alguém”, localizado pelo verbo ‘tomar’ em relação a “Pedro”.

Na retomada da projeção “alguém com cerveja”, temos X (enunciador) relacionando-se com Y (coenunciador) e atribuindo “cerveja para alguém”, no caso, “cerveja para Pedro”, por meio de um ato de dizer. Disso, “Pedro” se constrói, ainda que pontualmente, como o “sujeito tomador de cerveja”, porque os sujeitos enunciadores, ao estarem inseridos em uma relação intersubjetiva, localizam uma ocorrência do verbo ‘tomar’ no espaço e no tempo, possibilitando a identificação do nominal “Pedro” com a predicação projetada de “alguém com cerveja”.

Noutras palavras, a representação “Pedro com cerveja” retoma, sob forma de um predicado, o processo de atribuição de “cerveja para Pedro” por um ato de dizer de um sujeito qualquer.

É na atribuição de “cerveja para Pedro” que se determina a existência de “Pedro, tomador de cerveja”. Com isso, tem-se o sujeito enunciador, em relação a um sujeito coenunciador, atribuindo propriedade de “alguém com cerveja” para “Pedro” e trazendo, ao verbo ‘tomar’, um valor do “ato de ingerir”, intuído pelos sujeitos enunciadores, ainda na projeção de existência de “alguém com cerveja”, dadas as suas experiências e vivências. Nesse sentido, temos o verbo ‘tomar’ validando o processo subjacente ao predicado “cerveja para Pedro”.

A partir desse esboço de análise, buscamos mostrar que, do ponto de vista enunciativo, os predicados “tomou o relógio” e “tomou uma cerveja” não podem ser tidos como propriedades inerentes, mas predicados que se determinam por um ato de dizer. Ao atribuir

predicados aos argumentos, ajuíza-se o porquê da atribuição de um predicado, e não de outros.

A atribuição de predicado é resultado de um processo avaliativo de um sujeito que, dentre inúmeras opções, realiza escolhas. Portanto, um enunciado como “Mário tomou o relógio de Pedro” pode ser interpretado como “Mário, dentre outras coisas, tomou o relógio de Pedro”, e o enunciado “Pedro tomou uma cerveja” pode ter a interpretação: “Pedro, dentre outras coisas, optou por tomar uma cerveja”.

Partindo disso, entendemos que a predicação não é um processo por meio do qual, atribuindo-se propriedades, algo venha a ter existência porque ela não remete a alguma coisa preexistente. Não é porque “Mário” e “Pedro” existem no extralinguístico, e não é porque “Mário” toma o relógio de “Pedro”, ou “Pedro” toma uma cerveja no extralinguístico que se diz que “Mário toma o relógio”, ou que “Pedro tinha um relógio”, ou que “Pedro toma uma cerveja”.

Existe a chance de “Mário” e de “Pedro” nem existirem fora do texto, ou tomarem qualquer coisa fora do texto, afinal, isso não nos interessa. O que nos interessa são os modos pelos quais se pode trazer um sujeito à existência simbólica por um ato enunciativo. Trabalhamos com a hipótese de que as experiências dos sujeitos, com o mundo físico-cultural, estão imbricadas à organização interna da língua, e disso proliferam os significados por acreditarmos que as representações dos sujeitos estão propensas às variações diversas, que, por sua vez, traçam a trajetória de determinação das representações linguísticas.

Em síntese, os dicionários fragmentam os valores dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ em diversas acepções, o que sugere a impossibilidade de um único tratamento para eles. As gramáticas não fragmentam tanto os valores dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, contudo adjudicam-lhes um valor ideal e estável sem nenhum diálogo com a variação.

Diante do exposto, pretendemos, nesta pesquisa, desenvolver um estudo que possibilite refletir sobre os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ para tratar das variações semânticas deles, bem como elaborar uma identidade para estes verbos por intermédio da manipulação dos textos, como fizemos com os enunciados 1 e 2. Mediante a manipulação dos textos, é possível construir valores que possibilitarão apreender o que há de mais generalizável na língua pelas ocorrências singulares, cujas unidades são constitutivas dos enunciados, haja vista que o valor das unidades linguísticas é um valor em equilíbrio decorrente da relação da unidade com demais unidades constituintes do enunciado.

Em outros termos, saímos de uma língua determinada e caminhamos em direção à linguagem, descentralizando-a e, depois disso, voltamos para uma língua dada, centralizando-a para mantermos

sempre juntas as duas dimensões [...] de análise: descentralização máxima, criatividade, liberdade e, por mais paradoxal que possa parecer, é nessa dimensão que podemos apreender o que é a linguagem. É a dimensão mais objetiva e universal; centralização máxima, coerção, história de língua, cultura e indivíduos, portanto máxima subjetividade. É a dimensão mais subjetiva e particular. Conduzindo o trabalho lingüístico por essa via: centralização e descentralização, deve haver, por parte do lingüista, um processo de aprender a desaprender” (REZENDE, 2000, p. 169).

2.1 **Agentividade e transitividade:** breve percurso

Neste item, trouxemos o estudo da transitividade sob pontos de vistas díspares, contudo, ressaltamos que estes vieses acreditam, de alguma maneira, na transitividade como um fenômeno intrínseco aos verbos, cuja proposição discordamos por crermos na transitividade como processo, como uma construção, e não como estado, conforme será discorrido ao longo desta seção.

O estudo dos verbos é algo de interesse para muitos pesquisadores que se debruçam sob a investigação da relação entre nomes e verbos nos textos. O fenômeno da *transitividade* não é algo da atualidade, pois remonta a estudos que vêm desde Aristóteles até as perspectivas teóricas mais recentes, como a gramática funcional, por exemplo. O termo “transitivo” tem a sua origem do nome latim *transitivus*, que remete à seguinte definição: **aquilo que vai além, aquilo que se transmite.**

No viés da gramática tradicional, por exemplo, o verbo comporta a propriedade da *transitividade*, isto é, a *transitividade* é condição inerente ao verbo e disso entende-se que a mesma tem relação direta com a posição do complemento inserido ao verbo, isto é, à direita. Nesse sentido, o sujeito, embora considerado um termo essencial²³, numa oração, não é tido como complemento. Partindo disso, observamos que, para tal visão gramatical, o complemento está diretamente ligado ao significado do verbo.

Em termos gerais, os estudos tradicionais tratam a questão da transitividade sob um viés dicotômico, ou seja, a propriedade ser transitivo está sempre no verbo e parte dele em

²³ São considerados **termos essenciais da oração** o sujeito e o predicado. É em torno desses dois elementos que as orações são estruturadas, ou seja, “Sujeito é o elemento a respeito do qual se informa algo” e “Predicado é aquilo que se informa sobre o sujeito”. Ver: (NICOLA, 2000, p.137).

relação ao complemento posicionado à direita e volta para o verbo. Contudo, após tantos anos de surgimento, estudos mostram que houve avanços nesse campo de estudo, como vemos nos trabalhos de Cançado (1995; 2000), por exemplo. Estes avanços resultaram em subespecificações para os verbos com base em distintas formas de transitividade, no entanto, apesar disso, foi preservado o conceito de transitividade como central.

Na contramão da abordagem tradicional, temos o Gerativismo. Nessa teoria, é proposto outro caminho para o estudo da *transitividade*: tomada como uma propriedade escalar da oração e compreendida por se tratar de termos de gradiente. Em outros vocábulos, a *transitividade* é tomada no gerativismo por ser um *continuum* realizador da interação entre fatores sintáticos e semânticos e discursivo-pragmáticos.

A Gramática Funcional, por sua vez, apresenta o fenômeno da *transitividade* como sendo uma propriedade advinda de um esquema de construção armazenado na mente do falante, que é forjado nas experiências sociocomunicativas, ou seja, nas experiências de interação verbal por meio do uso.

Partindo dessas breves exposições, chegamos à constatação de que os estudos gramaticais, ou pelo menos maior parte deles, mesmo na atualidade, partem do conceito de transitividade advinda da tradição gramatical de que o nome e o verbo são elementos indispensáveis na fundamentação de uma oração, considerando, assim, dois elementos: a forma e o conteúdo, como trazido na seção 1 do primeiro capítulo da nossa tese. No entanto, estas correntes ampliam e refinam seus estudos acerca da categoria, mas não põem em xeque a centralidade da transitividade.

Em termos gerais, temos que o verbo transitivo é aquele que faz a transformação de vozes, como o proposto pela Gramática Tradicional, isto é, “para haver transformação de voz é preciso que o verbo seja transitivo” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 399). Nesse sentido, temos posto, em estudos de vieses categoriais, a noção de sujeito agente como **aquele que age, causa ou faz algo** e a noção de sujeito paciente como **o receptor da ação expressa pelo verbo**. Logo, ser agentivo é uma propriedade inerente ao sujeito? Ser paciente é propriedade inerente ao sujeito? Ser transitivo é propriedade inerente ao sujeito? As respostas a estes questionamentos são negativas.

Diferentemente do contínuo estabelecido pelas categorizações, na Tope, o sujeito ser *agente* ou *paciente* decorre de uma construção cujos lugares vazios, na *léxis*²⁴, ao serem

²⁴ [...] uma *léxis* não é um enunciado: ela não é nem assertada, nem desassertada, porque não está (ainda) localizada em um espaço enunciativo ancorado de um referencial (sistema de coordenadas enunciativas) (Culioli,

preenchidos (não preenchidos ao acaso), derivam construções enunciativas moduladas: as *paráfrases*. Este preenchimento gera enunciados e, a partir deles constrói-se a *transitividade*.

Logo, a *transitividade* é um pré-constructo arquitetado nas relações entre as formas linguísticas, ou seja, “a transitividade diz respeito a processo e não a estado” (Rezende, 2000, p. 252). Posto isso, para compreendermos os papéis desempenhados pelo verbo, é necessário, antes de tudo, compreendermos que ele

não remete a uma causa, um ato, um acontecimento ou mesmo um julgamento, mas a uma configuração que é, antes, da alçada do dizer, estando inscrita, portanto, na linguagem. Particularmente, isto significa que o que buscamos é também de natureza absolutamente formal, e por três razões: por se elaborar por via das formas, por proceder de um cálculo e por consistir em operações que, quaisquer que sejam, presidem ao “fabricar” do dizer (DE VOGÜE, 2011, p. 278-279).

1990, p.77) - No original: [...] Une lexis n'est pas un énoncé: elle n'est ni assertée, ni non-assertée, car elle n'est pas (encore) située (repérée) dans un espace énonciatif muni d'un référentiel (système de coordonnées énonciatives) (CULIOLI, 1990, p.77). Este conceito é abordado no capítulo 3 da nossa tese, mais especificamente na seção 3.4.

III- CONSTRUINDO A ENUNCIÇÃO

Neste capítulo, trouxemos os conceitos abordados sob o viés da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, tratando, a princípio, do enunciador e das marcas deixadas por ele nos textos. Neste contexto, o sujeito é o mediador e o equilíbrio no diálogo, logo, não é entendido como uma instância predeterminada. As marcas deixadas por ele podem ser configuradas pelas operações modais atuantes nos enunciados.

1 O sujeito enunciador e suas marcas na Tope: a modalidade

Trouxemos aqui, neste item, o parâmetro operatório atuante na construção dos enunciados: o sujeito, responsável por modalizar as ocorrências em línguas ao construir a enunciação. Dito de outro modo, os sujeitos imprimem suas marcas nos textos por meio de categorias de operações linguísticas, que são as *modalidades*, também abordadas aqui neste item.

Para não parecermos repetitivos, esclarecemos que, no capítulo II, tratamos do sujeito gramatical no âmbito da transitividade e, agora, neste item, trouxemos a definição de sujeito e suas marcas no plano enunciativo, isto é, trataremos do sujeito enquanto parâmetro para as operações que fundamenta a atividade de linguagem.

O sujeito é o parâmetro para as operações que fundamentam as atividades de linguagem geradoras do enunciado. Ele não deve ser tomado como uma instância preestabelecida, mas como o mediador no processo de reconhecimento de formas. O sujeito é o realizador de modalizações e articulações, visando o equilíbrio e/ou a estabilidade por meio do diálogo, conforme salienta Fuchs (1984), ou seja, “através da modulação, o sujeito encontra-se, pois, fundamentalmente introduzido na teoria, uma vez que não há enunciados não modulados, e que as modulações são precisamente o vetor das variações intersubjetivas” (Idem, 1984, p. 81).

Prontamente, o sujeito é elemento indispensável na enunciação e no funcionamento da linguagem e “está fundamentalmente inscrito tanto no objeto de estudo quanto no tipo de dados linguísticos que estão vinculados a teoria de Culioli”. (FUCHS, 1984, p. 78). Assim sendo, na teoria culioliana, os sujeitos e as formas linguísticas encontram-se imbricados e estabelecem parcerias ao pôr as línguas em funcionamento para estabilizar significados, haja

vista que “a presença dos sujeitos não tem nada de heterogênea ou de transcendente às formas: ela lhes é inerente” (VOGUE; FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 11).

A *modalidade*, por sua vez, é uma categoria de operação linguística com a finalidade de construir valores referenciais na interação entre enunciador e coenunciador em uma relação intersubjetiva, assim, prontamente, ela constitui uma marca do sujeito nos textos. A explicação de seus aspectos suscita a fragmentação dela em quatro tipos: *modalidade 1* (asserção; interrogação; injunção e hipotética); *modalidade 2* (epistêmica); *modalidade 3* (apreciação), e *modalidade 4* (deôntica).

A *modalidade 1* é constituída pelos marcadores: negativos ou afirmativos, interrogativos, injuntivos e hipotéticos, cuja subfragmentação acontece por ela estar dentro do domínio da predicação.

As marcas de *modalidade 1* do tipo *assertivas* estabelecem um limite predicativo para o conteúdo validado como positivo ou negativo. As marcas de *modalidade 1* do tipo *interrogativas* pressupõem um não comprometimento do enunciador com o conteúdo a ser validado no enunciado, bem como o não envolvimento desse sujeito enunciador com os valores proliferados, independentemente desses valores serem falsos ou verdadeiros. Em outros termos, o sujeito enunciador atribui a responsabilidade de construir valor para o coenunciador.

As marcas de *modalidade 1* do tipo *injuntiva* trazem, em si, a ideia de incerteza do enunciador diante da construção enunciativa, e não uma obrigação dele sobre a validação de valor positivo ou negativo e de verdadeiro ou não verdadeiro. E, nas marcas de *modalidade 1* do tipo *hipotética*, tem-se valores para estabilizar com a possibilidade do sim, do não, do talvez e daí por diante, isto é, traz uma possibilidade de isenção do enunciador de qualquer predicação absoluta.

Há, como exemplos, os enunciados a seguir:

- (1) Nós vamos tomar cerveja após o expediente.
- (2) Nós não vamos tomar cerveja após o expediente.
- (3) Nós vamos tomar cerveja após o expediente?

Com eles, observamos as marcas de *modalidade 1* do tipo asserção positiva em (1); em (2), a marca de asserção do tipo negativa; e em (3), a marca de *modalidade 1* do tipo *interrogativa*, em que o coenunciador é imbuído da construção de valor para o enunciado e tem-se a possibilidade de validação ou não da ocorrência, podendo ser:

- (3a) Sim, nós vamos!

(3b) Não, nós não vamos!

Em:

(4) Vou ver o que eles acham de tomarmos cerveja após o expediente.

A construção posta em (4) traz consigo marca de asserção de *modalidade 1* do tipo *injuntiva*, logo, suscita validação ou não por alguém que não é o enunciador, ou seja, o enunciador não vê a obrigação de construir predicções absolutas e, por isso, ocorre a oscilação decorrente das incertezas, por exemplo:

(4a) Talvez eles vão. (E não foram.).

(4b) Talvez eles não vão. (Organizaram-se e saíram.).

As construções (4a) e (4b) trazem marcas de *modalidade 1* do tipo *hipotética*, em que o coenunciador poderá estabilizar valores com as possibilidades, hipóteses de algo se concretizar ou não.

Na *modalidade 2 (epistêmica)*, há a presença de marcas subjuntivas, em que são inseridas as ocorrências no domínio da possibilidade, do provável e do possível. Esta *modalidade* é configurada com base na *modalidade assertiva (modalidade 1)* e se manifesta como possibilidade de efetivação de predicação.

Por exemplo:

(5) Talvez nós vamos tomar cerveja após o expediente.

ou

(6) Provavelmente nós vamos tomar cerveja após o expediente.

A *modalidade 3 (apreciativa)* se constrói em uma relação centrada no sujeito enunciador a respeito de algo de seu agrado, algo que lhe convém, que não lhe agrada, ou convém. Nessa categoria, o enunciador realiza um julgamento por meio da predicação, deixando sua impressão sobre os valores a serem construídos.

Por exemplo:

(7) Esquisito ele ter nos chamado para tomar cerveja após o expediente.

(8) Seria bom se ele nos chamasse para tomar cerveja após o expediente.

(9) Até que não seria ruim ele chamar a gente para tomar cerveja após o expediente.

ou

(10) Até que não seria má ideia ela chamar a gente para tomar cerveja após o expediente.

A *modalidade 4 (deôntica)* é arquitetada por ocorrências enunciativas construídas na relação intersubjetiva dos sujeitos inseridos no mundo da linguagem e por se constituírem enquanto sujeitos a partir dela. Aqui, os sujeitos praticam modalizações e realizam a reversibilidade de papéis no *processo epilinguístico*²⁵, sendo que as ocorrências podem ou não serem validadas no processo intersubjetivo no qual os sujeitos colocam em evidência seus pontos de vista.

Por exemplo:

(11) Você disse que ontem tomaríamos cerveja após o expediente.

(11a) Claro que não, ontem fui ao médico.

ou

(11b) Sim, eu disse, mas precisei ir ao médico.

(12) Ontem você disse ou não que tomaríamos cerveja após o expediente?

(12a) Sim, eu disse!

(12b) Não, eu não disse!

(12c) Não estou lembrado disso!

(12d) Acho que você se enganou.

A *modalidade* é uma categoria de linguagem com a função de construir valores referenciais na enunciação, que emergem na relação intersubjetiva entre enunciadores e configuram-se a partir da “localização de uma relação predicativa – ou conteúdo proposicional – em relação a uma classe de sujeitos enunciadores constituída por um enunciador origem, parâmetro primitivo, e por um sujeito-locutor” (CAMPOS, 1997, p. 53). Em resumo, a modalidade é uma categoria linguística manifestada em qualquer situação de enunciação, dadas as relações dos sujeitos e as modalizações realizadas por eles (VIGNAUX, 1995).

2 *Discreto, compacto e denso*

Os valores para as unidades das línguas não são dados *a priori*, mas são instanciados pelo funcionamento dos processos de *denso*, *compacto* e *discreto*, que funcionam mediante as operações de *QNT* e *QLT*, tratadas no item 3.2 do capítulo I.

²⁵ A noção de processo epilinguístico, para Culioli (1999a), diz respeito à atividade interna não consciente que representa a própria atividade de linguagem. A atividade epilinguística, desse modo, remete a um saber espontâneo e não consciente que todo sujeito possui de sua língua materna, logo, está atrelada ao conhecimento de mundo do indivíduo.

Assim, neste item, discutimos sobre as instanciações de valores para as unidades linguísticas supracitadas, que são advindas do funcionamento de processos gerados pelas operações de *QLT* e *QNT*. Seguidamente, no item 2.1, ilustramos as instanciações com exemplos.

Pelas operações *QLT* e *QNT*, são estanciados valores com propriedades qualificáveis e quantificáveis, com valores identificáveis ou diferenciáveis, e com valores enumeráveis e não enumeráveis emergidos na enunciação, ou seja, a *QLT* e *QNT* arquitetam valores pelas movimentações por meio das relações predicativas e enunciativas promovidas pelos funcionamentos *discreto*, *compacto* e *denso*, dando contorno às organizações léxico-gramaticais das *noções*.

Estes funcionamentos são responsáveis por trazer à tona proliferações de propriedades para as unidades da língua pelo entrelaçamento delas a fim de estabilizar os significados.

Observemos os seguintes enunciados:

Tome a taça de suco que está sobre a mesa.

Tome cuidado!

As ocorrências “taça” e “mesa” são enumeráveis e quantificáveis, enquanto “cuidado” é uma ocorrência não quantificável, tampouco enumerável. A ocorrência “suco” pode ser quantificada, mas apenas por causa do suporte “taça”, dando-lhe propriedade quantificável. No entanto, não pode ser considerada uma ocorrência enumerável, permitindo apenas construções de valores, como “Tome a quantidade de suco da taça sobre a mesa”, ou “Tome a quantidade de suco que permite ser tomado da taça sobre a mesa”.

O *discreto* remete a um estado resultante, e as propriedades proliferadas na predicação podem ser contáveis por apresentar propriedades preponderantemente *QNT*. Nele, a predominância da delimitação espaço-temporal permite à projeção chegar a um nível de predicação elevado, caracterizando a ocorrência em que o tipo²⁶ é privilegiado em relação ao *atrator*²⁷. Nas palavras de Vogüe, “os nominais (cf. cão, carro) que provavelmente serão contados são chamados de *discretos*”²⁸ (1989, p. 5). O mesmo ocorre com os termos “taça” e “mesa” dos enunciados acima.

O *discreto* é uma

²⁶ Um dos núcleos de referência ligado ao centro organizador dos domínios nocionais.

²⁷ Outro núcleo de referência ligado ao centro organizador dos domínios nocionais.

²⁸ Original: “sont appelés discrets les nominaux (cf. chien, voiture) sucepitibles d’ être dénombrés” (VOGÜE, 1989, p. 5).

operação por “equilíbrio” que faz a especificidade primária do discreto, e cujo critério de quantificabilidade não é apenas uma consequência. Os discretos de alguma maneira remetem a “noções” pré-formatadas (e, portanto, diretamente quantificáveis), enquanto as densas exigem a utilização de um formato extrínseco. As ocorrências de discreto tem uma divisão anterior a qualquer espaço-temporal que só ocorre no tempo e no espaço com ocorrência verdadeira da noção (uma ocorrência que corresponde ao formato padrão)²⁹ (VOGÜE, 1989, p. 6-7).

As ponderações do *compacto* exigem um suporte para haver a qualificação à determinada ocorrência, porque as noções compactas não possuem propriedades quantitativas e não se ancoram no espaço e no tempo. Por assim ser, o *compacto* estabiliza termos advindos do centro atrator, e sua natureza é preponderantemente qualitativa, como vemos em:

Tome cuidado!

Neste enunciado, o termo “cuidado” necessita de suporte para ter predicação de existência, por exemplo: “Tome cuidado, Isa!” Nota-se que o nominal “Isa” é o suporte para a estabilização da ocorrência de “cuidado” na relação com “Isa”. O *compacto* se caracteriza por não ter ocorrências enumeradas nem quantificadas, existindo nele apenas um grau de intensidade, mas isso não transforma a ocorrência em quantificável.

Por exemplo:

Tome um pouco de cuidado.

Tome muito cuidado.

Tome pouco cuidado.

Em resumo:

No caso do **compacto**, o tipo não tem papel preponderante, é a construção de um gradiente que é essencial. Estamos lidando com homogeneidade. A estabilidade vem do atrator. A única singularização de ordem qualitativa. Não há ocorrência, no sentido de que não existe fragmentação de uma amostra do espaço-temporal, mas pode-se, sem contradição, falar de ocorrência, pois o compacto, ao referir-se ao homogêneo, agrega o desencadeamento da fragmentação no entorno [...] ³⁰ (CULIOLI, 1999b, p. 14, grifo do autor).

²⁹ No original: “fonctionnement par “étalonnage” qui fait la spécificité première des discrets, et dont critère de quantifiabilité n’est qu’une conséquence. Les discrets renvoient en quelque sort à des notions “préformatées” (et dès lors directement quantifiables), alors que les denses nécessitent le recours à un format extrinsèque. Autrement dit alors que les occurrences de denses sont découpées de manière externe, par le temps et l’espace, ou par un dénombreur, les occurrences de discrets ont un découpage préalable à tout ancrage spatio-temporel qui ne fait jamais que se réaliser – dans le temps et l’espace – comme une vraie occurrence de la notion (i.e. une occurrence qui corresponde un format-type)” (VOGÜE, 1989, p.6-7).

³⁰ Dans le cas du **compact**, le type ne joue pas de rôle prépondérant, c’est la construction d’un gradient qui est fondamentale. On a affaire à de l’homogène. La stabilité provient de l’attacheur. La seule singularisation possible est d’ordre qualitatif. Il n’y a pas occurrence, au sens où il n’y a pas fragmentation d’une occurrence, car le compact, en renvoyant [...] (CULIOLI, 1999b, p. 14, grifo do autor).

O *denso* é construído por ocorrências quantificadas indeterminadamente e amparadas por marcadores atuantes de modo *discreto*, e nele há o funcionamento compartilhado entre operações QLT e QNT, que têm, em sua constituição, a equiponderância e “corresponde a uma miscelânea, um caso intermediário e mutável. Nem Qnt, nem Qlt são preponderantes. Não existe uma forma tipo para estabilizar. Nesse caso, Qnt corresponde a formas pré-construídas”³¹ (CULIOLI, 1999b, p. 14).

No funcionamento de *denso*, as formas preconcebidas se apresentam como uma antecipação motivada por determinada quantidade não definida fora do domínio dessas ocorrências.

Por exemplo:

Eu tomei cerveja.

Eu tomei Coca-Cola.

Eu tomei água.

Nestes enunciados, a quantidade de “cerveja”, “Coca-Cola” e “água” tomadas se determinam circularmente, isto é: “Eu tomei a quantidade de cerveja que tomei”, “Eu tomei a quantidade de Coca-Cola que tomei”, “Eu tomei a quantidade de água que tomei”, “Eu tomei a quantidade de cerveja que consegui tomar”, “Eu tomei a quantidade de Coca-Cola que consegui tomar”, ou “Eu tomei a quantidade de água que consegui tomar”.

As quantidades tomadas foram um litro? Dois litros? Um copo? Não sabemos ao certo e não podemos quantificar porque, no domínio de *denso*, não é possível enumerar as ocorrências. Entretanto, se o sujeito enunciator inserir delimitadores de quantidade, é possível quantificá-las.

Por exemplo:

Eu tomei (três copos de) cerveja.

Eu tomei (um copo de) Coca-Cola.

Eu tomei (um balde de) água.

2.1 O funcionamento do *compacto*, do *discreto* e do *denso* com o verbo ‘tomar’: um esboço

³¹No original: “correspond à um mixte, um cas intermédiaire et instable. Ni Qnt, ni Qlt ne sont prépondérants. Il n’y a pas de forme type qui stabilise. Dans ce cas, Qnt correspond à des formes de prélèvement” (CULIOLI, 1999b, p. 14).

Como posto anteriormente, as *noções* apresentam a instabilidade como características e buscam encontrar a estabilização dentro do plano da enunciação por meio de modelizações de ocorrências arquitetadas pelo plano enunciativo, que não se manifestam de modo simplório, pois suscitam esforços de *regulação* dos sujeitos para que uma construção referencial seja alcançada.

Partindo das categorias de determinação qualitativas e quantitativas, apontamos os verbos como unidades responsáveis por definir e estabelecer valores semânticos variáveis quando postos em relação com complementos, ou seja, outras formas linguísticas, e com isso podem se apresentar de modo *compacto*, *discreto* ou *denso*, sendo, portanto, susceptíveis de deformabilidade.³² Noutras palavras, o funcionamento de *discreto*, *compacto* e *denso* não é proveniente do verbo em si, mas do complemento que contribui para a compreensão do funcionamento do verbo e para a estabilização de significados para o mesmo nos textos em que aparece.

Visando ilustrar a disposição destes valores referenciais nas ocorrências verbais, utilizamos, como exemplos, algumas ocorrências com o verbo ‘tomar’ para mostrar o funcionamento dos mecanismos resultativos que constroem a referência e conduzem à estabilização de significado em enunciados moldáveis e aceitáveis do ponto de vista da significação linguística.

Vejamos:

(a) Nossa, como ela tomou coragem (ontem)!

No enunciado acima, temos um sujeito enunciador que observa a ocorrência de ‘tomar’ e a situa no tempo e no espaço ao atribuir ao termo “ela” o acontecimento “tomar coragem”. Disso obtemos “alguém tomador de coragem” por um ato de dizer do sujeito enunciador. O verbo ‘tomar’, dado o complemento “coragem”, que apresenta funcionamento *compacto*, instancia-se com valor de “ato de bravura”.

O verbo ‘tomar’, neste enunciado, dado a atribuição de “coragem para alguém” realizada pelo sujeito enunciador, transmite a ideia de algo realizado de fato num tempo anterior ao momento da enunciação, como expresso pelo marcador temporal “ontem”, que traz a ideia de acontecimento iniciado e finalizado num momento anterior à enunciação.

³² Refere-se, grosso modo, às possibilidades de atualizações dos valores das unidades ao serem modalizadas na enunciação.

Percebemos em (a) que o verbo ‘tomar’, ao ser posto em relação com o complemento *compacto*, estabiliza-se com propriedades qualitativas por não ser possível quantificar/delimitar a quantidade de “coragem”, visto que coragem não é algo contável, tampouco enumerável, com isso podendo ter apenas construções, como “Ela tomou muita coragem ontem”, ou “Ontem ela tomou uma baita coragem”.

Mesmo que o sujeito enunciador insira ao acontecimento “tomar coragem” outras formas linguísticas a fim de atingir uma quantificação, como em “Ela tomou coragem de/do leão ontem”, ainda assim não será possível quantificar a coragem tomada, dado o funcionamento preponderantemente qualitativo do *compacto*. Como Culioli (1999, p. 84), “demos alguns exemplos deliberadamente heterogêneos para mostrar que qualificar é desencadear uma cadeia complexa de operações, e não se contentar em simplesmente adicionar um qualificativo”.³³

Assim, observamos, nesse caso, a existência da instanciação de valor do verbo ‘tomar’ como sendo “ato de bravura”, dado ao complemento *compacto* “coragem” a ele adicionado. Ressaltamos que o acontecimento “tomar coragem” é localizado em um espaço-temporal anterior ao momento do acontecimento da enunciação.

(b) Até que enfim ela tomou o suco.

As instanciações de valores para este enunciado pressupõem uma situação em que um sujeito enunciador localiza uma ocorrência de ‘tomar’ no tempo e no espaço ao observar o desenrolar do acontecimento “alguém tomar suco”. Disso, obtemos “ela tomando o suco” por um ato de dizer do sujeito enunciador.

O verbo ‘tomar’, dado o complemento *discreto* “o suco”, transmite a ideia de existência de algo na realidade: “o suco” de alguém, feito por alguém e para alguém, logo, estabiliza-se com valor de “ato de ingerir” e seu funcionamento é preponderantemente QNT por apresentar a ideia de processo e por causa das marcas de operação que constroem a existência de “suco”. Disso podemos ter construções como: “Ela tomou o suco da garrafa”, “Ela tomou todo o suco do mundo”, “Ela tomou o suco que ela mesma fez”, ou “Ela toma o suco integral.”.

³³ No original: “Dannos em quelques exemples, délibérément hétéroclites, afin de bien montrer que qualifier, c’est déclencher une chaîne complexe d’opérations, et non pas se contenter d’ adjoindre un qualificatif” (Culioli, 1999, p.84. Tomo 3).

Partindo disso, temos o verbo ‘tomar’ inscrito dentro de uma relação espaço-temporal, sendo necessário considerar a questão de a substância a ser tomada ter sido tomada, configurando a materialização de uma ação com início e final, conforme intuído pelo enunciador.

(c) Ontem à noite ela tomou vinho.

Neste enunciado, temos um sujeito enunciador que observa a ocorrência de ‘tomar’ e a situa no tempo e no espaço ao atribuir ao termo “ela” o acontecimento “tomar vinho”. Disso obtemos “alguém tomador de vinho” por um ato de dizer do sujeito enunciador. O verbo ‘tomar’, dado o complemento “vinho”, que apresenta funcionamento *denso*, instancia-se com valor de “ato de ingerir”.

Aqui a ocorrência do verbo ‘tomar’ é caracterizada por um acontecimento delimitado num determinado tempo, quando um sujeito enunciador observa o acontecimento “ela tomar vinho”. Esta delimitação traz à tona as instanciações espaços-temporais para que o verbo ‘tomar’ se efetive como processo com início e final.

Percebe-se em (c) que o verbo ‘tomar’, ao ser posto em relação com o complemento *denso*, estabiliza-se com propriedades ora qualitativas, ora quantitativas, haja vista que, no *denso*, existe a equiponderância entre QNT e QLT. Disso podemos ter construções em que haverá ressaltos QNT, porém, para isso, é preciso que a quantidade seja apreendida por um suporte, como: “Ontem à noite ela tomou (um copo/uma garrafa/ uma taça de) vinho”, ou ainda que a quantidade seja delimitada circularmente, como: “Ontem à noite ela tomou a quantidade de vinho que foi possível tomar”. ou “Ontem à noite ela tomou a quantidade de vinho que tomou”. E construções com propriedades com ressaltos QLT, como: “Ontem à noite ela tomou o vinho da garrafa”, ou “Ontem à noite ela tomou vinho da adega do pai”.

No mais, percebemos, no enunciado (c), o advérbio temporal “ontem à noite” inserindo o acontecimento “alguém tomar vinho”, observado pelo sujeito enunciador em um tempo específico e delimitado, definindo-o como evento efetivado de fato.

A partir deste esboço de análise, percebemos as distintas alternativas de estabilidades de valores para as ocorrências arquitetadas por meio dos enunciados com o verbo ‘tomar’. Estas ocorrências são responsáveis por construir valores referenciais particulares, obtidos somente pelas instanciações que delimitam os contornos e limitam os significados para as unidades e os enunciados nos quais elas estão inseridas.

A partir das construções presentes nos exemplos a, b e c, obtivemos:

(a) Valor *compacto*, com instâncias preponderantemente QLT.

(b) Valor *discreto*, com instâncias preponderantemente QNT.

(c) Valor *denso*, com instâncias nem preponderantemente QNT nem preponderantemente QLT.

O enunciado apresentado no exemplo (a) é considerado uma referência *compacta* porque apresenta, como base, a atribuição de propriedade para o termo “ela”, para conferir a qualidade de “ser corajosa” para este termo por um sujeito enunciador. Ele traz à tona a instância que remete à situação enunciativa, em que o sujeito enunciador confere atributo, ou seja, valor para outro sujeito.

O termo “ela” tem seu funcionamento embasado na instância de propriedade que lhe foi atribuída pelo enunciador, visando estabilizar valor para o verbo ‘tomar’ a partir da delimitação espaço-temporal e da inserção de determinado tipo de complemento ao verbo, no caso complemento *compacto*. A função do sujeito aqui é conferir qualidade ao termo e colocá-lo como propriedade central, considerando sua delimitação espaço-temporal e a inexistência de quantificadores, ou seja, dando ressaltado apenas aos qualificadores.

A característica de *compacto* é realçada pelo fato de a noção não ser quebrável e divisível, isto é, quando falamos de ocorrência de *compacto*, estamos falando de uma configuração de ocorrência que permite apenas proliferar ocorrências qualitativas, por mais que se busque, através da inserção de outras formas linguísticas, mudar o funcionamento do complemento, dando-nos a impressão de uniformidade ao tipo de propriedade que será extraída. Prontamente, a qualificação “ser corajosa” apresenta-se como qualidade e não pode ser medida por ser uma propriedade nem quantificável, nem enumerável.

Por outro lado, no exemplo (b), percebemos a *quantificação* operando como determinante para o conteúdo da informação. Nele, o resultado é fundamentado por ideias instanciadas de maneiras específicas e conclusas. Verificamos, no enunciado (b), que a ação do verbo ‘tomar’ tem começo e final porque a ação verbal se apresenta como finalizada, evidenciando os aspectos quantitativos para elas.

Isso posto, em (b), existe um ‘tomar’ vislumbrado no tempo e no espaço, a partir da ação em processo situada em um espaço-tempo, conferindo-lhe status quantitativo. Notamos que, nesse exemplo, não é a qualidade a base para a sustentação da noção de ‘tomar’, mas a quantidade evidenciada por ela. É no processo que subjaz a condição básica e necessária para a concretização da ação, isto é, o tempo é o parâmetro mais proeminente.

O *discreto*, por não ter a obrigação de concordar integralmente com a *noção*, é aproveitado para caracterizar determinados grupos de ocorrências que colaboram para a concretização de dada atividade.

No enunciado (c), não temos a atribuição de valor para ‘tomar’ centrada na conclusão de processo, mas embasada pela atribuição de existência de “alguém tomador de vinho”, localizado e desenvolvido com base no parâmetro espaço-temporal observado pelo sujeito enunciador no momento da enunciação. Vemos que a ocorrência do verbo ‘tomar’, em (c), não abre possibilidade de delimitação para a ação trazida pela unidade, mas possibilita a definição de um formato em si, porque, no caso de *denso*, as propriedades proliferadas da unidade são classificadas como adequadas e com afinidades à *noção* da qual teve origem.

Em outros termos, as instanciações de *denso* se justificam pela conformidade, devendo completar um contíguo de propriedades que lhes são intrínsecas. Se as adequações das propriedades forem apenas parciais, elas se tornam responsáveis pela configuração de um valor, apresentando-se como um recorte espacial responsável por promover uma enunciação validada por si só.

O exemplo trazido em (c) mostra a necessidade de o enunciado ser legitimado/validado para que uma ocorrência de ‘tomar’ venha ter existência. A ocorrência da *noção* suscita um processo para localizar e validar a ocorrência do verbo ‘tomar’, para ele se efetivar verdadeiramente como “tomado”, estando, nos resultados, a diferença entre as instanciações de *discreto* e *denso* para este verbo.

No *denso*, para haver a efetivação de uma ocorrência, é preciso haver o processo para obter valores únicos. Já no processo resultante da instanciação de *discreto*, o objetivo é atingir os resultados. Estes resultados podem ser atingidos por meio da estabilização de um conjunto de propriedades definidas por um formato-tipo. No *discreto*, as *noções* não devem obrigatoriamente percorrer todas as ocorrências do verbo ‘tomar’ para preencher todas as qualidades e obter, de fato, uma ocorrência privilegiada que caracterize seu tipo de funcionamento, porque o *discreto* tem como foco o processo e os desdobramentos na busca pela obtenção dos resultados.

2.2 Situando ocorrências: o aspecto

Neste item, escrevemos sobre o espaço e o tempo de acontecimento das enunciações e, se tratando de tal questão, na Tope, as modulações espaço-temporais são provenientes do

funcionamento da operação de *aspecto*, que, por sua vez, é o responsável por determinar o tipo de representação projetada pelos sujeitos, que traçam um percurso para que haja a transformação de representação mental em representação linguística. Isso posto, abordamos como se dão as modulações espaço-temporais nos domínios da *noção*, ou seja, por meio da operação de *aspecto*.

Para Rezende (2000), no processo de enunciação, são construídos e reconstruídos domínios de referência pelos sujeitos, que precisam ser modulados no tempo e no espaço. Esta modulação espaço-temporal é possível pela operação de *aspecto*, que, de um lado, situa-se no plano dos constructos, ou seja, coloca o predicado no enunciado, estabelecendo limites entre aquilo que é predicado e aquilo que não é predicado e, por outro, projetando este espaço instituído em um eixo, localizando-o temporalmente.

Esta localização temporal considera o tempo da enunciação, a posição do sujeito em relação ao que ele enuncia e as coordenadas que estabelecem o momento e a abrangência do processo, ou seja, *aspecto* trata de uma categoria de localização espaço-temporal determinante para o tipo de representação visada.

Prontamente, o *aspecto*, assim como a *modalidade*, contribui para a formação de valores referenciais nos textos e se configura pela articulação de domínios diversos, como as representações e os marcadores de linguagem, por exemplo, dadas as representações de ordem mental, psicológica, envolvendo as experiências dos sujeitos. Como explicam Santos e Mantovani (2021, p. 142), o processo de representação “se reflete na linguagem e se caracteriza por construir as noções (linguísticas e extralinguísticas) que adquirem forma quando entra em relação com outras noções. [...]” dando origem aos processos referenciais que são “de ordem sociológica” e “consistem nas operações de localização das noções em um dado tempo e espaço”. Noutras palavras, a articulação entre representações e marcadores se dá porque os sujeitos constroem as operações de linguagem, estabelecendo relações entre os marcadores presentes nas superfícies dos textos, isto é, pondo em relação as formas linguísticas, visando obter estabilidades de significados ao mesmo tempo em que vai situando espaço-temporalmente as relações através de um jogo intersubjetivo possibilitado pelo diálogo. Nesse sentido, o *aspecto* se constitui conforme a construção da *léxis*³⁴ e da relação entre *léxis* em uma dada situação de enunciação.

³⁴ A *léxis* é a origem do processo de construção do enunciado, sendo representada por $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$, isto é, constituída de dois argumentos (ξ_0, ξ_1) e de um relator (π) (CULIOLI, 1999a).

Fundado pelo movimento das representações mentais até o procedimento regulatório, o *aspecto* é concebido no domínio referencial à medida que os sujeitos modalizam suas alocações mediante processo intersubjetivo. Nesse sentido,

Trata-se, portanto, de espaços construídos por um percurso enunciativo, de um momento original a um momento visado, esperado ou inesperado, entre, portanto, um estado de situação e um estado esperado, futuro ou mesmo passado e que só os jogos de temporalidades introduzidas na aspectualidade do julgamento permitirão modular do certo ao provável ou mesmo o simples hipotético ou o improvável³⁵ (VIGNAUX, 1995, p. 580).

Na categoria de *aspecto*, consideram-se dois espaços topológicos: o espaço semântico da *noção* e o espaço construído por um *domínio nocional* desta noção. O espaço da *noção* é responsável pelas representações de determinada ocorrência, e o espaço do domínio nocional dá realces às construções advindas das representações dos sujeitos por meio de marcas de continuidade ou não continuidade, identificação ou diferenciação para as noções postas.

Mesmo correndo o risco de parecermos repetitivos, a aspectualidade

vai permitir organizar a profusão de eventos, desenvolvendo a apreensão de estabilidades permanentes ou temporárias, a representação dos eventos como visados ou fortuitos, efetivados ou falhos, simplesmente mencionados ou avaliados de um ponto de vista qualitativo³⁶ (CULIOLI, 1999, p. 173).

3 As relações linguísticas: SIT 0, SIT 1 e SIT 2³⁷

Neste item, trouxemos o percurso dos sujeitos para transformar suas representações mentais em textuais, que é realizado em três etapas. Na primeira etapa, chamada *relação primitiva*, os sujeitos constroem a intenção de dizer; na segunda, denominada *relação predicativa*, eles representam a intenção de dizer e, na última, conhecida como *relação enunciativa*, os sujeitos realizam as regulações do dizer, constroem enunciados e os modalizam.

3.1 A relação primitiva (SIT 0)

³⁵ No original: “Il’s agit donc bien d’ espaces construits par un parcours énonciatif, depuis un moment origine jusqu’ à um moment visé, attendu ou espéré, entre donc um état de situation et um état attendu, futur ou memé passé, et que seuls les jeux de temporalités introduits dans l’ aspectualité du procès permettront de moduler depuis le certain jusqu’ au probable voire au simple hypothétique ou à improbable” (VIGNAUX, 1995, p. 580).

³⁶ No original: “va permettre d’organiser la profusion des événements, em développant l’ appréhension de stabilités permanentes ou précaires, la représentation des événements comme visés ou fortuits, réussis ou ratés, simplement mentionnés évalués d’ um point de vue qualitatif” (CULIOLI, 1999, p. 173).

³⁷ Os termos SIT 0, SIT 1 e SIT 2 são utilizados por Rezende (2000), em sua tese de doutoramento, para fazer referências às relações linguísticas.

Rezende (2000) afirma que todo ato de linguagem resulta de uma organização das unidades. Esta organização das unidades das línguas assegura as relações entre as coisas e disso dá-lhes a atribuição de predicado, só sendo possível graças a um esquema primitivo que possibilita que as representações mentais adquiram a existência no plano do dizível.

Em outras palavras, o caminho percorrido pelos sujeitos para transformar representação mental em representação textual inicia-se em um plano primitivo associado às representações mentais arquitetadas pelos sujeitos. Este início está no nível da atividade cognitiva e se organiza em termos de origem, relator e objetivo, que remetem às noções, ao universo extralinguístico e à linguagem.

Vejamos, por exemplo, os termos:

<Maria – suco – tomar> e <João – vergonha – tomar>

A partir deles, podemos fazer uma *relação primitiva*, colocando-os em ordem de maneira a atribuir propriedades de “tomador” aos termos iniciais “Maria” e “João” e atribuir valores de propriedade “tomáveis” aos outros termos “suco” e “vergonha”. Nesses casos, ocorrem relações de orientação de “tomador” em relação ao “tomável”. Isso acontece porque os termos “Maria” e “João” têm maiores chances de aparecer como os termos de origem, considerando as noções em relação e a experiência dos sujeitos com tais noções.

Então, temos: $\langle x R y \rangle = \langle \text{Maria tomar suco} \rangle$ e $\langle \text{João tomar vergonha} \rangle$.

Esta ordenação dos termos primitivos chama-se *léxis* e antecede a *relação predicativa*. Nessa ordenação, os termos são indeterminados porque ainda não foram localizados em relação a uma dada situação enunciativa. Na *léxis*, a categorização e a determinação geradora de significados ainda não estão configuradas, sendo elas o ponto de partida do processo de construção do enunciado.

A *léxis* é, segundo Culioli,

um esquema, com uma instanciação de seus lugares, de tal maneira que isso nos dê, não um enunciado diretamente, mas um pacote de relações que nos fornecerá, em seguida, diferentes enunciados pertencendo a uma mesma família parafrástica³⁸ (1976, p. 60-61).

O esquema de *léxis*, representado por $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$, é composto de dois argumentos (ξ_0 , ξ_1) e de um relator (π). ξ_0 é o termo de origem, ξ_1 é o objetivo e π é o operador de predicação. Este esquema é uma forma de filtrar e selecionar propriedades das noções às quais os termos

³⁸ No original: “um schéma, avec une instanciation des places du schema de telle manière que cela nous donne, no pas un énoncé directement mais um paquet de relations tel que cela donne ensuite différents énoncés appartenant à une même famille paraphrastique” (CULIOLI, 1976, p. 60-61).

remetem, exatamente por constituir um potencial gerador de construções análogas, ou seja, a *léxis* é um esquema formal de construção de enunciados.

3.2 A relação predicativa (SIT 1)

A *relação predicativa* é formada a partir do esquema formal de *léxis*, ao pôr em relação dois argumentos e um relator. Os argumentos dispostos na *léxis* podem ser tomados como termo de origem, para a *relação predicativa*, a depender daquilo que se pretende construir.

Consideramos, por exemplo, que “Pedro toma relógio de João” é $\langle \text{Pedro, tomar relógio, João} \rangle$. Nesse esquema, “Pedro” é ξ_0 e *João* é ξ_1 , mas “João” pode ser ξ_0 e “Pedro”, $\xi_1 = \langle \text{João, tomar relógio, Pedro} \rangle$.

Em “Pedro toma chuva forte”, a *léxis* é $\langle \text{Pedro, tomar, chuva forte} \rangle$. Nesse esquema, temos um argumento nominal “Pedro”, sendo ξ_0 ; a noção de predicado “tomar” e um argumento proposicional “chuva forte”, sendo ξ_1 . Dessa ordenação, é possível derivar uma relação predicativa gerada por meio de dois argumentos e mais outro argumento para funcionar como relator da predicação. Os lugares vazios dos termos compositores da *léxis* devem ser postos em ordem para haver um termo de origem (ξ_0), um termo de chegada (ξ_1) e um termo operador de predicação (π).

Vejamos:

$$\langle \text{Pedro}_{\xi_0} \text{ tomar}_{\pi} \text{ chuva forte}_{\xi_1} \rangle$$

3.3 Relação enunciativa (SIT 2)

A *relação enunciativa* é, segundo Culioli, “definida por um conjunto de parâmetros que formam um pacote de relações entre o sujeito do enunciado S_0 e o sujeito enunciador S_1 , e um pacote de relações entre o momento ao qual se refere o enunciado T_0 e o momento de enunciação T_1 ”³⁹ (1976, p. 93).

Na *relação enunciativa*, são estabelecidas as relações entre sujeito-enunciador (SE), tempo (T) e espaço (E). Nela, o enunciado é o produto da localização de uma *léxis* (λ), situada

³⁹ No original: “défini par un ensemble de paramètres qui forment un paquet de relations entre sujet de l'énoncé (S_0) et sujet énonciateur (S_1) et un paquet de relations entre le moment auquel réfère l'énoncé (T_0) et moment de l'énonciation (T_1)”.

em relação a um parâmetro abstrato de coordenadas enunciativas (SIT 0). A configuração da relação enunciativa exige um localizador da enunciação (SIT 1) e um localizador do evento posto no enunciado (SIT 2). Nessa relação, o sujeito enunciador e o locutor são representados pela notação (S) e os localizadores de tempo e espaço da enunciação de origem, do ato de locução e do acontecimento referido, são notados por (T).

Um enunciado comporta operações de localização no tempo e espaço e marcas de determinação geradas pela relação combinatória dos níveis primitivo, predicativo e enunciativo. Esta ação combinatória determina e permite a materialização do enunciado. Em outros termos, o enunciado é o resultado de modalizações dos sujeitos, e seus significados vão se atualizando conforme as unidades linguísticas vão sendo postas em relação, e isso ocorre a partir de três níveis relacionais, como já posto, ou seja, o nocional, o predicativo e o enunciativo.

Para ilustrar a *relação enunciativa*, Culioli (1999a, 1999b) utilizou a seguinte notação formal:

$$\langle \lambda \in \langle \text{SIT 2 (S2, T2)} \in \text{SIT 1 (S1, T1)} \in \text{SIT 0 (S0, T0)} \rangle$$

Em suma, a *relação enunciativa* se dá

a partir de relações orientadas (relação primitiva) e ordenadas (relação predicativa) precedentes, localizadas em relação a um sistema de coordenadas enunciativas (Sit), é possível derivar uma família de relações predicativas e possivelmente uma família de enunciados em relação parafrástica (PRIA, 2009, p. 45).

3.4 Sintetizando as relações linguísticas

Neste item, trouxemos uma síntese do desenrolar do percurso dos sujeitos para se chegar à representação linguística, ou seja, resumimos as operações linguísticas mediante as exemplificações a seguir.

A *léxis* é a relação primitiva: <Maria – suco – tomar> e <João – vergonha – tomar> ($\langle \epsilon_0, \epsilon_1, \pi \rangle$), e pode ser organizada de modos distintos, resultando na relação predicativa.

Vejamos:

<Maria – tomar – suco > ($\langle \epsilon_0, \pi, \epsilon_1 \rangle$) ou <Suco – tomar – Maria> ($\langle \epsilon_1, \pi, \epsilon_0 \rangle$), e <João – tomar – vergonha> ($\langle \epsilon_1, \pi, \epsilon_0 \rangle$) ou <Vergonha – tomar – João> ($\langle \epsilon_1, \pi, \epsilon_0 \rangle$).

À *relação predicativa* são aplicadas determinantes de localização como marcas de espaço-temporais, elevando a *relação predicativa* ao estatuto de enunciado. Vejamos:

Maria toma suco.

O suco é tomado por Maria.

Maria tomou todo o suco.
O suco foi todo tomado por Maria.
O suco não foi tomado por Maria.
Maria não toma suco.
Maria toma qualquer suco.
Maria não toma qualquer suco.
João toma vergonha.
João tomou vergonha ontem.
Vergonha foi tomada por João.
João não toma vergonha.
João foi tomado por vergonha.
A vergonha tomou conta de João.

Ressaltamos que, segundo Souza (2018, p. 61), o enunciado é o vestígio do projeto de representação realizado pelos sujeitos, sendo uma construção possível por um processo operatório de orientação e reorientação das unidades na ligação entre os três níveis de relação linguística. Prontamente, as enunciações são desencadeadas nas relações entre as operações mentais e as marcas linguísticas por meio da atividade metalinguística, que possibilitará ao linguista dar visibilidade às modulações dos sujeitos na tentativa de construir e estabilizar valores.

IV- OBJETOS OPERACIONAIS E O OBJETO TEÓRICO FUNDAMENTAL NA TOPE: A NOÇÃO

Realizamos aqui, neste capítulo, conforme Zavaglia (2016), a explicitação de alguns dos objetos teóricos operacionais e a explicitação sobre o objeto teórico fundamental na Tope: a *noção*.

1 Organizando os domínios de referência: *tipo* e *atrator*

Neste item, trouxemos os modos como a *noção* organiza seus domínios, segundo propõe Culioli (1999b), mediante dois polos de referência: o *tipo* e o *atrator*.

O *tipo* e o *atrator* são os cerne de referência vinculados ao centro organizador dos domínios nocionais. Não existe representação de nenhum modo se não houver um centro de referência para colocá-lo em relação. Este polo de referência “é a própria condição da regulação intersubjetiva”⁴⁰ (CULIOLI, 1999b, p. 11).

O *tipo* se configura pelas operações de identificação e diferenciação. As ocorrências de *tipo* se identificam ou se diferenciam daquela de origem e podem ser quantificadas por assumirem caracteres de ocorrências privilegiadas. Por exemplo:

- (i) O cachorro toma o leite.⁴¹
- (ii) O cachorro passa no portão.
- (iii) O cachorro pega o gato.
- (iv) O cachorro quebra a perna.

Nesses enunciados, são construídas representações mentais para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ com as possíveis propriedades que eles podem ter: em (i) “ser ingerir” e “ser beber”, porque “leite” possui propriedades de bebível, e o termo “o cachorro” se caracteriza como “tomador de leite”; em (ii) ser “atravessar”, “ultrapassar um limite/barreira”, já que “portão” possui propriedades de ultrapassável/atravessável, e o termo “cachorro” se caracteriza como “atravessador de portão”; em (iii) ser “ataque”, porque o

⁴⁰ No original: “Ce pôle de référence est la condition même de la régulation intersubjective” (CULIOLI, 1999b, p. 11).

⁴¹ No enunciado “O cachorro toma leite”, o *tipo* permite que os termos “o” e “cachorro” generalizem, de certa maneira, a classe dos cachorros, ou seja, se trata de um animal: “o animal doméstico”, “o cachorro que eu conheço”, “o cachorro que toma leite”, portanto, define o cachorro enquanto pertencente à categoria dos cachorros, ou seja, como explica Franchkel e Paillard (2011, p. 93), é “um exemplar está conforme a propriedade que ele identifica e da qual constitui uma amostra”.

termo “gato” possui propriedades de atacável, e o termo “cachorro” se qualifica como “pegador de gato”, e em (iv) ser “fratura”, pois o termo “perna” possui propriedades de fraturável, enquanto o termo “cachorro” possui propriedades de “fraturador de perna”. Estas representações identificam-se com as ocorrências fenomenológicas de ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’.

Por outro lado, se temos “O cachorro toma o leite **do gato** e bebe”, a representação mental para o verbo ‘tomar’ posta em (i) não mais terá apenas propriedade “ser bebível”, mas pode também “ser ato de suprimir”. Ou seja, neste enunciado, temos o termo “o cachorro” se caracterizando como “o cachorro que suprime algo do gato”, e não apenas “o cachorro que bebe o leite”, bem como o termo “gato” se caracterizando como “alguém que tem o leite suprimido pelo cachorro”. Prontamente, as representações para o verbo ‘tomar’, que optamos por considerar nesse enunciado, já não se identificam com a ocorrência fenomenológica de ‘tomar’ anteriormente posta.

O tipo permite

A construção de uma classe de ocorrências que possibilita dizer se estas últimas são ou não ocorrências da mesma propriedade. Ela repousa, portanto, sobre uma dupla operação de identificação/diferenciação. Essa operação é estabelecida em relação a um termo que serve de delimitador e que eu chamo de tipo⁴² (CULIOLI, 1999b, p. 11-12).

O *atrator*, diferentemente do *tipo*, remete a uma representação abstrata e absoluta daquilo ao qual se refere, ou seja, o *atrator* singulariza os termos aos quais faz referência, logo, traz para a superfície dos textos ocorrências que, de certo modo, não se compararão às outras ocorrências da noção. Como explica Zavaglia (2016, p. 118), o centro *atrator* de uma noção “constrói-se a partir do próprio predicado”. No *atrator*, cria-se apenas construções que vão compor o *interior*, o *exterior* ou a *fronteira*⁴³ de dado *domínio nocional*.

O atrator

não corresponde a um máximo ou a um supremo, não é um último ponto: há sempre um ponto além daquele que estamos construindo. É um valor em relação ao próprio

⁴²No original: “La construction de une classe d’occurrences implique que l’ on puisse dire se dernieres sont ou non occurrences de la même propietí. Elle repose donc sur une double opération d’ identification/diferenciation. Cette opération s’ établit par rapport à um terme qui sert de repère et que appelle le type” (CULIOLI, 1999b, p. 11-12).

⁴³ O *interior* é aquilo que é construído ao redor do CA e que, além de ser aberto, contém ocorrências identificáveis com o CA ou o *tipo*. O *exterior* é o que anula, esvazia o *interior* e é o que contém um possível centro no qual lidamos com antônimos tipificados (por exemplo: baixo/alto e grande/pequeno). Já a *fronteira* é sempre um campo vazio, não há termo que pertença a ele, por exemplo, quando alguém diz: *eu não tenho a menor ideia*, fica evidente que todas as possibilidades de haver qualquer indício da mais ínfima ideia foram esgotadas (CUMPRI, 2010, p. 10).

predicado, não é invertível em relação à outra ocorrência, é constitutivo de seu próprio fundamento⁴⁴ (CULIOLI, 1999b, p. 13)

Por exemplo:

O homem toma líquido.

Nesse enunciado, o verbo ‘tomar’ tem propriedades “ser bebível”, considerando seu predicado “líquido”. Assim, tudo que venha ter a propriedade “ser líquido” poderá compor o domínio *interior* de ‘tomar’: “cerveja, água, whisky, café” etc., ou seja, as ocorrências “cerveja, água, vinho, whisky, café” têm as mesmas propriedades de “ser líquido” postas no exemplo. Tudo que não for “líquido” e “bebível” ficará exterior ao domínio de ‘tomar’, como: “pastel, arroz, biscoito”, pois não apresentam a propriedade básica “ser líquido” exposta no exemplo. Na *fronteira* desse domínio, estão “as coisas que não tenho ideia se são bebíveis ou não bebíveis”, se são de fato líquidas, ou seja, as ocorrências que possuem a propriedade “ser líquido” e, ao mesmo tempo, não possuem a propriedades de “ser líquido”, como em “remédio”, “picolé”.

O menino passou de ano.

Nesse enunciado, o verbo ‘passar’ traz como propriedade “ser aprovação”, dado seu predicado “de ano”, logo, tudo o que venha a ter a propriedade “ser aprovação” irá compor o *interior* de ‘passar’: “ser aceito”, “ser validado”, isto é, apresenta propriedades identificáveis com a propriedade exalada por “passar de ano”. Tudo o que se diferenciar das propriedades proliferadas por “passar de ano”, tais quais: “ser reprovado”, “ser recusado”, por exemplo, poderá compor o *exterior* de ‘passar’. E, na *fronteira* do domínio de “passar de ano”, estarão as propriedades que nem apresentam diferenciações e nem identificação com a qualificação “ser aprovação”, proliferadas da relação entre as *noções* <passar> e <de ano>.

O menino pegou gripe.

No enunciado, o verbo ‘pegar’ traz como propriedade “ser contrair doença”, dado seu predicado “gripe”, assim, tudo o que venha a ter a propriedade “ser contrair doença” irá compor o *interior* de ‘pegar’: “ser doente”, “ser gripado”, ou seja, apresenta propriedades identificáveis com a propriedade proliferada por “pegar gripe”. Tudo o que se diferenciar das propriedades proliferadas por “pegar gripe”, tais quais: “ser curado”, “ser boa saúde”, por exemplo, poderá compor o *exterior* de ‘pegar’. E, na *fronteira* do domínio de “pegar gripe”,

⁴⁴ No original: “L’ attracteur ne correspond pas à maximum ou um supremum, ce n’ est pas dernier point: il y a toujours un point au-delà de celui que l’ on construit. C’ est une valeur définie par rapport au prédicat lui-mêmê. C’ est un point de fuite, il n’ est pas inversible par rapport à une autre occurrence, il est constitutif de son propre fondement” (CULIOLI, 1999b, p. 13).

estarão as propriedades que nem apresentam diferenciações, nem identificação com a qualificação “ser doente”, proliferadas da relação entre as *noções* <pegar> e <gripe>.

O menino quebrou o vaso.

No enunciado, o verbo ‘quebrar’ traz como propriedade “ser despedaçar”, dado seu predicado “o vaso”, logo, tudo o que venha a ter a propriedade “ser despedaçar” irá compor o *interior* de ‘quebrar’: “ser partido”, “ser rachadura”, “ser estilhaço”, ou seja, apresenta propriedades identificáveis com a propriedade proliferada por “quebrar o vaso”. Tudo o que se diferenciar das propriedades proliferadas por “quebrar o vaso”, tais quais: “ser inteiro”, “ser perfeitamente inteiro”, por exemplo, poderá compor o *exterior* de ‘quebrar’. E, na *fronteira* do domínio de “quebrar o vaso” estarão as propriedades que nem apresentam diferenciações, nem identificação com a qualificação “ser despedaçar”, proliferadas da relação entre as *noções* <quebrar> e <o vaso>.

1.1 *Noção e domínio nocional*

Neste item, tratamos do conceito de *noção* e de seus domínios, que abarcam desde o nível representacional subjetivo ao nível do diálogo. Logo, os domínios são organizados por ocorrências abstratas de uma *noção* em dada situação de enunciação.

Noção e domínio nocional são conceitos basilares e centrais na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, e subsidiam o estudo linguístico sob um ponto de vista semântico mais elaborado, plástico e dinâmico.

A *noção* é uma propriedade de representação das experiências dos sujeitos, que é definida como o “feixe de propriedades físico-culturais que apreendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados”⁴⁵ (CULIOLI, 1999b, p. 9). Por ser uma propriedade representacional, a *noção* ilustra o quadro de estudo e compreensão das experiências físicas, mentais e culturais dos sujeitos, se remetendo ao universo das propriedades e dos fenômenos, abarcando todos os domínios da linguagem.

Por ser de ordem do simbólico, a *noção* representa o elo entre as coisas do mundo, as representações físico-culturais e entre as línguas, assim, é responsável por proporcionar aos sujeitos as regulações e ajustamentos intersubjetivos necessários para que estes realizem as

⁴⁵No original: “faisceau de propriétés physico-culturelles que nous appréhendons à travers notre activité énonciative de production et de compréhension d’ énoncés.” (CULIOLI, 1999b, p.9)

estabilizações de significados para os textos e façam proliferar novos significados, causando a deformabilidade em relação aos valores esperados pelo conteúdo linguístico propagado.

Isso posto, ressaltamos que o estudo da *noção* compreende diversos domínios: o subjetivo; o físico e cultural, e o da linguagem. Através da articulação entre estes domínios, os sujeitos se apropriam de operações como aquelas permitidas pela QNT e QLT para estabilizar significações mediante a orientação e a reorientação do discurso, em uma relação intrínseca entre enunciado e enunciator, porque a *noção* cria um sistema metalinguístico de representação para dar conta do estudo linguístico desenvolvido pela articulação das línguas naturais e da linguagem.

As *noções*

são sistemas de representações complexos de propriedades físico-culturais, isto é, de propriedades de objetos resultantes de manipulações necessariamente tomados no interior das culturas e, dessa maneira, falar de *noção* é falar de problemas que são de domínio de disciplinas que não podem se limitar só e unicamente à Linguística⁴⁶ (CULIOLI, 1990, p. 50).

Uma *noção*

não tem quantidade nem qualidade, não é positiva nem negativa (para limitar nossa descrição de quantificação e modalidade), mas é compatível com todos os valores que as operações de determinação enunciativas e predicativas acarretam ⁴⁷ (CULIOLI, 1995, p. 33).

O *domínio nocional* é organizado por ocorrências abstratas de uma *noção*, sendo constituído por conta da incidência sobre a *noção* quando os acontecimentos, ao serem relacionados, criam, por meio de manipulações linguísticas, domínios para estruturar as ocorrências. Este conceito pode instaurar qualificação às propriedades nocionais e colocá-las em uma relação espaço-temporal, que, por sua vez, colabora com o surgimento de uma classe de construções linguísticas com propriedades diversas. Estas propriedades proliferadas ilustrarão os eventos linguísticos mantidos no *interior*, no *exterior* ou na *fronteira* de domínio da *noção*.

Para Rezende,

O domínio nocional evoca a idéia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento, e por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre escolhidos, propriedades lhes são

⁴⁶ No original: “sont des systèmes de représentation complexes de propriétés physico-culturelles, c’est-à-dire des propriétés d’objet issues de manipulations nécessairement prises à l’intérieur de cultures et, de ce point de vue parle de notion c’est problèmes qui sont Du ressort de disciplines qui ne pas peuvent pas être ramenées uniquement à la linguistique” (CULIOLI, 1990, p. 50).

⁴⁷ No original: “has neither quantity nor quality, is neither positive nor negative (to limit our description to quantification and modality) but is compatible with all the values that operations of enunciative and predicative determination entail” (CULIOLI, 1995, p. 33).

atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzindo segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso, é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de centro do domínio, que será o alto grau da noção (2000, p. 104)

Para ilustrar brevemente o funcionamento do *domínio nocional*, trouxeamos, no item a seguir, uma análise do seguinte enunciado:

Pedro tomou coragem.

Observamos que a *noção* <tomar coragem>, ao ser movimentada pelos sujeitos, adquire qualificações devido às atribuições de significados realizadas por eles. Isso ocorre porque os sujeitos possuem representações distintas para um mesmo acontecimento, dadas as suas experiências de língua e as modalizações realizadas por eles para estabilizar significados.

A partir disso, são construídos domínios de ocorrências para as *noções* <tomar coragem>, que vão se revelando e se delimitando em relação a outras ocorrências. As ocorrências com as quais as *noções* se relacionam conferem qualificações para elas e as inserem dentro de um centro organizador de referências, considerando as propriedades proliferadas por elas, isto é, as qualificações atribuídas definirão se as *noções* irão compor o *interior*, o *exterior* ou a *fronteira* do *domínio nocional*.

1.1.1 *Interior, exterior e fronteira*: exemplificando

Nesta subseção, ilustramos o funcionamento do *domínio nocional*, ou seja, as maneiras como são conferidas delimitações e qualificações para determinada noção ao inseri-la dentro de um domínio de referência caracterizado por *interior*, *exterior* e *fronteira*.

A *noção* é o que está no núcleo da Tope e pela qual todos os estudos passam, uma vez que nos remete ao nível anterior ao do signo linguístico e é a junção das experiências de língua, cultura e pensamento, responsáveis pelos significados razoavelmente estáveis das unidades das línguas. Vejamos a *noção* <tomar>, por exemplo.

Ao pensarmos na unidade linguística ‘tomar’⁴⁸, de imediato, recuperamos os contornos de alguns atos quando a combinamos com outras formas linguísticas: **tomar suco, tomar**

⁴⁸ Apenas o verbo ‘tomar’ foi utilizado como modelo para que a exemplificação não ficasse maçante, porém, os verbos ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ também são unidades linguísticas investidas de significados e, quando postos em relação com outras formas da língua, também proliferam diversos significados. Vejamos:

remédio → (ingerir); **tomar coragem**, **tomar atitude** → (encorajar-se, ter dado comportamento); **tomar a terra** → (suprimir), por exemplo. Estes atos revelam algumas propriedades que o verbo ‘tomar’ pode apresentar dentro do plano da enunciação.

Diante disso, constatamos que todas essas propriedades para o verbo ‘tomar’ não se encontram postas de antemão. A obtenção das propriedades para o verbo ‘tomar’ não é uma tarefa simples, porque ela exige que compreendamos que é por meio das nossas experiências de vida, somadas/confrontadas às experiências de vida de outros, mediante as artes, os fatos, a observação, as imagens mentais, as memórias, os acontecimentos de linguagem, o que vemos, o que ouvimos e o que sentimos. Desse misto entre simbólico, físico, cultural e linguístico, a *noção* de <tomar> se desenvolve. Logo, as propriedades do verbo ‘tomar’ não estão postas, mas são construídas nas articulações linguísticas, nas modelizações e nas experiências dos sujeitos com o mundo e com as línguas e a linguagem.

Indo além, temos um domínio nocional de <tomar>, que, grosseiramente, seria “a caixa”⁴⁹, em que tudo o que for do domínio deste verbo estará dentro. Por outro lado, teremos incontáveis *noções* que não se enquadrariam dentro do domínio de <tomar> e, por isso, elas ficarão do lado de fora “da caixa”. Em termos linguísticos, o verbo ‘tomar’ é organizado por um *domínio nocional*, que é regulado, ou seja, a *noção* <tomar>, ao se relacionar com outras ocorrências que poderão se identificar ou se diferenciar das propriedades que estão em seu domínio, adquirirá qualificações que a colocará dentro de um centro organizador, a depender das propriedades que ela disseminará. Nesse sentido, as qualificações que serão atribuídas para a *noção* <tomar>, ao serem postas em relação com outras ocorrências, definirão se a

Passar carão, **passar vergonha** → (envergonhar-se); **passar de ano** → (ser aprovado ao final do ano letivo); **passar batido** → (não perceber algo); **passar da validade** → (não estar mais apropriado para o consumo); **passar a perna** → (ser desonesto e/ou esfregar a perna em algo ou alguém [*O gato passou a cauda nas pernas de Isabeli.*]); **passar a roupa** → (engomar) etc.

Pegar gripe; **pegar catapora** → (contrair alguma doença); **pegar o trem** → (embarcar); **pegar a criança** → (segurar); **pegar no sono** → (dormir) etc.

Quebrar a cara → (se decepcionar com algo ou alguém); **quebrar um galho** → (colaborar com algo ou alguém); **quebrar o vaso** → (despedaçar-se); **quebrar a perna** → (fraturar-se); **quebrar o contrato** → (pôr fim a um acordo) etc.

E, assim como o mostrado com o verbo ‘tomar’, estes verbos também proliferam propriedades quando combinados com outras formas linguísticas e quando manipulados dentro do plano da enunciação, dadas as regulações dos sujeitos e suas experiências de mundo e de linguagem. Logo, como dito sobre o verbo ‘tomar’, as propriedades dos verbos elegidos não se encontram postas de antemão, mas são construídas no processo de enunciação. Noutras palavras, os verbos ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ são regulados e organizados por um *domínio nocional* e, dentro desse domínio, se relacionam com outras ocorrências e adquirirão qualificações que os colocam dentro de um centro organizador, isto é, as propriedades proliferadas poderão compor o *interior*, o *exterior* e a *fronteira do domínio nocional* em que estão inseridos.

⁴⁹ Utilizamos o nome “caixa” para ilustrar didaticamente o *domínio nocional* de ocorrência de uma *noção*.

noção fará parte do *interior*, *exterior* ou da *fronteira* do *domínio nocional* em que está inserida.

O *interior* do *domínio nocional* de <tomar> será representado por todas as propriedades proliferadas que se identificam como sendo verdadeiramente <tomar>, e o *exterior* do *domínio nocional* de <tomar> será ilustrado por todas as propriedades que se distanciarão da propriedade exalada pela *noção* <tomar>.

Para finalizar, entre o que está dentro e o que está fora da “caixa”, há a *fronteira*, “as bordas” que separam o *interior* do *exterior*. Nessa *fronteira*, está o que poderíamos chamar de “mais ou menos tomar”, “tomar, mas não apenas tomar”, “um pouco tomar” e “tomar, mas não muito tomar”. Dessa maneira, a fronteira é ilustrada por ocorrências que nem se identificam como sendo verdadeiramente <tomar> e nem se diferenciam totalmente da *noção* <tomar>. Aí cabem as metáforas, os empréstimos de sentidos e os novos significados.

Por exemplo, quando se diz: (i) “Antônio toma suco” e (ii) “Antônio toma no zóio”, tenho, em “Antônio” do enunciado (i) e em “Antônio” do enunciado (ii), a propriedade de <ser tomador>. Mas, dados os complementos postos em relação à <tomar> nos dois enunciados, as propriedades de “tomador” atribuídas para Antônio não são as mesmas. Notamos que se tem em (i) a propriedade <Antônio ser tomador de suco>, logo, Antônio ingere um líquido, no caso, o suco. Já em (ii), <Antônio é tomador de outra categoria>, tem-se “aquele que se dá mal, aquele que se prejudica”. Contudo, isso não faz com que <tomar>, em (ii), deixe de ser o mesmo que <tomar> posto em (i) e, ao mesmo tempo, deixe de ser correspondente. Prontamente, tanto as propriedades proliferadas para <tomar> em (i), quanto em (ii) ficam na *fronteira* um do outro por não haver identificação entre elas, porém, também não há diferenciação total entre elas, isto é, não deixando de ser, de alguma maneira, <tomar>.

Vejamos exemplificado melhor os domínios *interior*, *exterior* e *fronteira* da *noção* <tomar>, posta em relação à *noção* <coragem>, como propusemos no item anterior. Disso temos:

✓ Em <tomar coragem>, as duas noções, ao serem combinadas e dadas as modalizações dos sujeitos, suas experiências culturais e de linguagem, proliferam propriedades que irão qualificar/atribuir significados às noções, tais quais: “ser corajoso, ser valente, não ter medo, ser destemido e ser decidido”. Nesse raciocínio, as propriedades obtidas para <tomar> na relação com <coragem> ilustrarão o *interior* do domínio da *noção* de <tomar> por se identificarem verdadeiramente com a ocorrência origem: <tomar coragem>. Podemos representar este domínio por $P_0 = p_1, p_2, p_3, p_4$ e p_5 .

✓ *Exterior* a este domínio, temos <tomar coragem> “ser medroso, ser covarde, não ter coragem e não ser destemido”, ou seja, se as *noções* <tomar> e <coragem>, ao serem postas em relação e após as regulações dos sujeitos, virem apenas adquirir qualificações que se diferenciam da ocorrência de origem, as propriedades delas proliferadas, nesse caso, ilustrarão o *exterior* do domínio da *noção* de <tomar>. Prontamente, podemos representar esse domínio por: $P_0 \neq p_1, p_2, p_3$ e p_4 .

✓ A *fronteira* do domínio de <tomar coragem> poderia ser: “pouco corajoso, quase destemido, meio decidido”, porque pode ser que, após as modulações dos sujeitos enunciadores, as *noções* <tomar> e <coragem> só venham a estabilizar valores, ou seja, qualificações que dão a elas apenas propriedades que deixarão a *noção* na *fronteira* do domínio por não se identificarem, tampouco se diferenciarem da ocorrência de origem.

Isso posto, poderíamos ilustrar os domínios de <tomar coragem> com enunciados como:

Domínio interior	Pedro não tem medo.	Pedro é decidido.
	Pedro é valente.	Pedro é corajoso.
	Pedro é destemido.	Pedro é superdestemido.
Domínio exterior	Pedro é medroso.	Pedro não é decidido.
	Pedro é covarde.	Pedro nunca foi corajoso.
	Pedro não é destemido.	Pedro é muito covarde.
Fronteira	Pedro quase não tem medo.	Pedro é quase decidido.
	Pedro é um pouco valente.	Não faço ideia da coragem de Pedro.
	Pedro é meio destemido.	Pedro é pouco destemido.

Partindo deste esboço de análise, adotamos as palavras de Cumpri (2010) ao alegar que

defrontar-se com o problema da *noção* é encontrar, de um lado, os feixes de propriedades físico culturais ou propriedades do objeto (de organização) e, por outro, o problema de construção de um complementar (por meio das marcas de asserção, negação, interrogação, etc.). E desse modo voltar ao problema do predicado, quer dizer, de qualquer modo trata-se de trabalhar tomando como ponto de partida uma relação predicativa não saturada (p, p') que somente ela permitirá apreender o domínio nocional.

Nesse sentido, as propriedades que regem os domínios sairão de diversas categorias. Alguns desses domínios que constituem as categorias nocionais seriam a *noção* semântica (ser cachorro, ser líquido), a *noção* gramatical (aspectualidade, modalidade) e a *noção* quantitativa/qualitativa (avaliação do grau de intensidade) (CUMPRI, 2010, p. 11 *apud* CULIOLI, 1978/1979).

2 **Glosa e paráfrase:** os mecanismos de modalização do dizer

[...] o herói é a linguagem, da qual ele [Culioli] representa (no sentido da *mimésis*) a história de reviravoltas múltiplas que não se consegue imaginar fixá-las; uma história no presente com aberturas para o passado e outros lugares; uma história de aventuras e de adaptação às circunstâncias, com seus caminhos que às vezes param, bifurcam-se e contornam o obstáculo, suas transformações, coincidências, compromissos, estabilizações provisórias e sempre um *télos*, um objeto visado como por um desejo, na inconsciência das razões desse alvo (NORMAND, 2009, p. 10-11).

Nesta subseção, abordamos sobre os mecanismos de modalização dos discursos que ocorrem na troca de experiências entre os sujeitos de linguagem quando, por meio da intersubjetividade, estabilizam significados e atribuem valores para determinada ocorrência nocional. A explicitação foi realizada no item 2.1, intitulado de *glosa*, e, no item 2.2, intitulado de *paráfrase*.

Os significados ganham estabilidades, considerando as modalizações discursivas realizadas pelos sujeitos. A cada nova experiência, constroem-se novas significações textuais que não são exteriores à língua, pelo contrário, são construídas por meio de formulações e reformulações de enunciados. Há sempre maneiras distintas para os sujeitos dizerem ou interpretarem um enunciado e diversos modos para “redizer um mesmo dito.” (SILVA, 2020, p. 39), isto é, um mesmo texto é capaz de proliferar diversos significados, haja vista que, a cada enunciação, os sujeitos enunciadore atualizam, acrescentam e eliminam valores, abrindo possibilidades de estabilizações, algumas vezes, não vislumbradas ou pretendidas no início do processo enunciativo.

O objetivo do estudo linguístico, pelo viés enunciativo culioliano, é compenetrar uma investigação da língua para além do provável e da estrutura e que visa trazer, para a superfície textual, as operações fundadoras dos enunciados para a compreensão da linguagem em seu funcionamento.

O funcionamento da linguagem é possibilitado pelos processos de *glosagem* e *parafrasagem*, que estanciam as operações de retomada e modalização dos dizeres e permitem à linguagem, “com seus caminhos que às vezes param, bifurcam-se e contornam o obstáculo”, a busca para estabilizar significados, mesmo que provisoriamente (NORMAND, 2009, p. 10-11).

2.1 *Glosa*

A linguagem, na Tope, conforme intitulada por Normand (2009, p. 11), é o “herói de mil facetas” e, por assim ser, ela é caracterizada por sua função operatória, ou seja, por permitir aos sujeitos a realização do trabalho de *glosagem*.

O trabalho de *glosagem* consiste na retomada e na reformulação dos discursos dos sujeitos numa relação intersubjetiva, visto que a *glosa* é um mecanismo linguístico que possibilita e auxilia os sujeitos na compreensão e na desambiguação de enunciados, sendo a representação inconsciente dos saberes dos sujeitos de linguagem, contribuindo, dessa maneira, para trazer à tona os modos de funcionamento da linguagem. Conforme Romero (2011, p. 156), a *glosa* é um modo particular de modulação, não podendo ser comparável a uma simples acepção, tampouco a uma retomada para realizar uma reformulação de modo mais específico ou explicativo sobre algo dito em algum momento antecedente.

As *glosas* são reformulações realizadas pelos sujeitos para estabilizar significados aos textos, mas elas não se configuram enquanto uma atividade controlável. Trata-se de formulações espontâneas, isto é, são modalizações realizadas pelos sujeitos na busca por regular o discurso e estabilizar valores aos textos, logo, podemos dizer que as *glosas* são obtidas através do processo metalinguístico. Nas palavras de Culioli, as *glosas* são “textos que um sujeito produz quando, de maneira espontânea ou em retorno a uma solicitação, ele interpreta um texto precedente”⁵⁰ (CULIOLI, 1999a, p. 74).

Em resumo, a *glosa* é fruto da atividade epilinguística dos sujeitos e está atrelada às experiências e ao cotidiano deles. O trabalho de *glosagem* permite tanto o entendimento dos significados de determinada construção linguística não comum, quanto a desambiguação das sequências textuais com dupla significação. As *glosas* não podem ser completamente apreensíveis e controláveis por ser um trabalho interno à linguagem e, devido ao fato de fazer parte do trabalho de representação dos sujeitos, não podem ser manipuladas pelo linguista, porque ainda é da competência do domínio mental.

2.2 *Paráfrase*

⁵⁰ No original: “textes qu’un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent” (Culioli, 1999a, p. 74).

A *paráfrase* tem seu funcionamento na contramão da *glosa*, embora ambas sejam atividades que podem ser reguladas pelos sujeitos. Ou seja, enquanto a *glosa* se caracteriza por ser uma atividade incontrolável pelo linguista, por ainda fazer parte do domínio mental do homem, a *paráfrase* é uma atividade metalinguística totalmente apreensível, manipulável e controlável pelo linguista por se tratar de uma atividade de linguagem, assim, a *paráfrase* não mais se encaixa no domínio da *representação*, mas no da *regulação*.

Além disso, é uma atividade regrada, que pode ser observada, analisada e controlada pelo sujeito observador e pelo linguista e uma forma de simular as *glosas* produzidas pelos enunciadores, permitindo ao linguista, como sujeito enunciator, construir famílias parafrásticas a partir de uma construção anterior. Contudo, não temos um encadeamento linguístico equivalente, pois, no processo de *parafraseagem*, contamos apenas com as sequências linguísticas homeomorfas e paralelas.

Com a *parafraseagem*, vislumbramos e compreendemos os textos como construções passíveis de interpretações múltiplas, que são proliferadas nas modulações possibilitadas pela *paráfrase* ao arquitetar o processo de simulação de enunciados ulteriores a fim de descobrir os desdobramentos linguísticos indutores de um agenciamento a outro. O processo parafrástico traz à tona os princípios geradores dos valores referenciais congruentes por meio dos agenciamentos de formas⁵¹.

A *paráfrase* é uma “classe de enunciados, que se pode definir como uma classe de ocorrências moduladas”⁵² (CULIOLI, 1990, p. 137). Em uma família parafrástica, “considera-se n enunciados, dos quais sabe-se intuitivamente que eles estão relacionados por um determinado número de operações, que são bastante simples, e procura-se averiguar se se podem construir as operações que, a partir de uma fórmula, vão permitir que se derivem os enunciados”⁵³ (CULIOLI, 1976, p. 63).

Ao definir *glosa* e *paráfrase*, Culioli (1999a) buscou arquitetar um estudo da linguagem abarcando os sujeitos e as suas experiências dentro do processo de constituição e estabilização de significados nas construções possibilitadas pela língua.

⁵¹ Para Culioli (1990), o enunciado é um agenciamento de formas, resultado de operações proporcionadas pelos fenômenos mentais que nós não temos acesso. Por essa razão, Culioli propõe a representação destes fenômenos por meio da metalinguagem.

⁵² No original: “classe d’énoncés, que l’on peut définir comme une classe d’occurrences modulées” (CULIOLI, 1990, p. 137)

⁵³ No original: “on pose n énoncés dont, intuitivement on sait qu’ils sont reliés par un certain nombre d’opérations qui sont assez simples et on cherche à voir si on peut construire les opérations qui, à partir d’une formule, vont permettre de dériver les énoncés” (CULIOLI, 1976, p. 63)

Vejamos, a partir dos enunciados abaixo, por exemplo, como os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ se comportam e se estabilizam ao serem manipulados pelo linguista através do mecanismo de *parafraseagem*:

- (i) João toma cerveja.
- (ii) Mário quebrou o braço.
- (iii) A vaca pegou a Maria.
- (iv) Isa passou na rua.

Nestes enunciados, há um enunciador e um coenunciador em um processo intersubjetivo. Ou seja, os enunciados supõem a existência de um diálogo entre dois sujeitos: o sujeito que enuncia (sujeito X) e o sujeito que recebe a enunciação (sujeito Y). Ressaltamos que, neste processo, sempre há a reversibilidade de papéis em que ora o enunciador (X) assume o papel de coenunciador (Y), ora o coenunciador (Y) se coloca no papel de enunciador (X).

Isso posto, comecemos por:

- (i) João toma cerveja.

O enunciado posto traz as movimentações dos sujeitos X e Y na busca por estabilizar significados para a construção. Nesse sentido, o sujeito enunciador busca a validação de algo que ele mesmo atribui ao “João”, ou seja, busca a validação da atribuição “João ser tomador de cerveja” por outro sujeito, o coenunciador.

Ao atribuir ao sujeito Y o trabalho de validar a ocorrência, o sujeito X abre possibilidades de modalizações que poderão gerar novas construções, isto é, dessa troca linguística, poderá resultar, através do trabalho de regulação, construções equivalentes, o que chamamos de *parafrases*. Tais construções poderão diferir, reiterar ou negar a intuição de existência de “João tomador de cerveja”, como posto no início do processo enunciativo.

As construções textuais equivalentes e a estabilização de significados, muitas vezes, não foram intuídas no início do processo enunciativo, mas são obtidas a partir das regulações dos sujeitos e da combinação e existência de três elementos essenciais na organização de sequências textuais interpretáveis: os argumentos (João e cerveja) e o relator (tomar), logo, temos uma relação <a R b>.

A relação <a R b>, isto é, <João; tomar; cerveja>, promove a organização dos elementos da construção textual para estabilizar novos significados para o verbo ‘tomar’ e possibilitar novas construções equivalentes dadas às experiências dos sujeitos, como em:

João **não** toma cerveja.

João toma cerveja? **Desde quando?**
Claro que João **não** toma cerveja!
Claro que João toma cerveja!
 João **não** toma **mais** cerveja, **só vinho**.
 João **não** toma **mais** cerveja, **[ele tomou vergonha.]**
Somente às quartas-feiras João toma cerveja.
Nunca que João toma **a** cerveja **[do irmão.]**
 João **só** toma cerveja? **Jura?**
 João **somente** toma cerveja.
 A cerveja **que** João **não** toma.
 A cerveja tomada por João.
 João **não** toma cerveja **nenhuma!**
 João **nunca** toma cerveja **[no boteco.]**
 João **não** toma **mais** cerveja, **[ele toma remédio.]**
 João **não** toma **mais** cerveja **[o médico proibiu.]**
 João toma **qual** cerveja?
Onde João toma cerveja?
 João toma cerveja **[escondido da esposa.]**
Mentira, João **não** toma cerveja!
Mentira que João **não** toma cerveja!
 João toma **todas as** cervejas **[do mundo/ de garrafa/ artesanal/ sem álcool.]**
 João toma cerveja **[no banho/no trabalho/quase todos os dias/todo santo dia!]**

Em (ii) “Mário quebrou o braço”, temos o sujeito X atribuindo ao sujeito Y a tarefa de validar a existência de “Mário com o braço quebrado”, abrindo, assim, possibilidades de modalizações que contribuirão para gerar outras construções com outras interpretações em relação ao enunciado de origem.

As novas construções textuais são possíveis graças às regulações dos sujeitos no processo enunciativo, ou seja, dada a relação <a R b>, a saber: <Mário; quebrar; braço>, que permite a organização das sequências textuais interpretáveis e possibilita aos sujeitos realizarem modelizações na busca por estabilizar novos/outros significados para o verbo ‘quebrar’ e proliferar construções equivalentes.

Vejamos:

Mário quebrou o braço [**da cadeira**].
 Mário **nunca** quebrou o braço.
 Mário **não** quebrou o braço, [**mas a cara...**]
 Mário **nunca** quebrou o braço.
 Mário **não** quebrou o braço, [**ele quebrou o fêmur.**]
 Mário quebrou o braço? [**Ele não tem braço.**]
 Mário **jamaís** quebrou o braço.
 O braço de Mário **não** quebrou!
Quando Mário quebrou o braço?
 Mário quebrou o braço?
É verdade que Mário quebrou o braço?
 Mário quebrou **somente** o braço.
Nem o braço Mário quebrou! [**Que sorte!**]
 Mário **não** quebrou **nenhum dos** braços!

Em (iii) “A vaca pegou a Maria”, temos o sujeito X atribuindo ao sujeito Y a tarefa de validar a existência de “Vaca pegando a Maria”, abrindo, assim, probabilidades de modalizações que colaborarão para motivar outras construções com outras interpretações em relação ao enunciado de origem.

As novas construções textuais são possíveis graças às regulações dos sujeitos no processo enunciativo, ou seja, dada a relação <a R b>, a saber: <Vaca; pegou; Maria>, que permite a organização das sequências textuais interpretáveis e aos sujeitos realizarem modelizações na busca por estabilizar novos/outros significados para o verbo ‘quebrar’ e proliferar construções equivalentes.

Vejamos:

A vaca **não** pegou a Maria.
 A vaca **quase** pegou a Maria.
Conversa, nunca que a vaca pegou a Maria.
 A vaca **que quase** pegou a Maria [**foi sacrificada.**]
Coitada da Maria, a vaca a pegou!
Aquela é a vaca que pegou a Maria?
Aquela é a vaca que pegou a Maria.
Aquela não é a vaca que pegou a Maria.

Aquela não é a vaca que pegou a Maria?

A vaca **da** Maria pegou **[febre aftosa.]**

A Maria pegou a vaca **[no laço].**

A Maria **nunca** pegou a vaca **[no laço.]**

Por fim, em (iv) “Isa passou na rua”, temos o sujeito X atribuindo ao sujeito Y a tarefa de validar a existência de “Isa passando na rua”, abrindo, assim, possibilidades de modalizações que colaborarão para motivar outras construções com outras interpretações em relação ao enunciado de origem.

As novas construções textuais são possíveis graças às regulações dos sujeitos no processo enunciativo, ou seja, dada a relação <a R b>, a saber: <Isa; passar; rua>, que permite a organização das sequências textuais interpretáveis e aos sujeitos realizarem modelizações na busca por estabilizar novos/outros significados para o verbo ‘quebrar’ e proliferar construções equivalentes.

Vejamos:

Isa **não** passou na rua.

Isa **já** passou **por todas** as ruas **[da cidade.]**

Quando Isa passou na rua **[do ex?]**

Isa **jamais** passou **naquela** rua.

Isa **nunca** passou **naquela** rua.

Em qual rua Isa passou?

Hoje Isa passou na rua.

Ontem Isa passou **aqui** na rua **[e me deu tchau.]**

Isa passou na rua **[de baixo.]**

Isa **não** passou **na** rua **[da escola].**

Notamos que são os sujeitos enunciadore os responsáveis por instituírem e estabilizarem as situações enunciativas, mesmo que temporariamente, por meio de um ato de dizer. Ou seja, realizam ajustamentos e *regulações*, fazendo os verbos ‘tomar’, ‘pegar’, ‘quebrar’ e ‘passar’ estabilizarem significados na relação com outras unidades linguísticas presentes nas superfícies dos textos. Noutras palavras, os verbos supracitados podem ter valores distintos daqueles intuídos no início do processo enunciativo, a depender das regulações e das modulações realizadas pelos sujeitos enunciadore.

Em resumo, a *glosa* e a *paráfrase* permitem aos sujeitos, em determinada situação enunciativa, estabilizarem significados com base no contínuo movimento de passagem daquilo que é específico ou particular para o generalizável. Os valores não são dados de antemão, pois são gerados/construídos a partir de modalizações e se aperfeiçoam dadas as experiências empíricas, culturais e sociais dos sujeitos envolvidos no processo enunciativo.

Contudo, não se deve confundir o significado construído na enunciação com o significado das unidades, já que, na Tope, as unidades proliferam significados quando postas em relação com outras unidades nos textos. Porém, não se pode pensar que as unidades linguísticas são esvaziadas de significados antes das modulações, pelo contrário, toda e qualquer unidade possui um valor projetivo, uma vez que remete sempre a alguma experiência em língua presenciada ou comum aos sujeitos. No entanto, convém ressaltar que estes valores das unidades não são fixos, prontos e acabados, mas atualizados na/pela enunciação que traz as transformações na superfície das línguas. Prontamente, os significados construídos são os valores operatórios.

Isso posto, passemos para a nossa seção de análise.

V- OS SIGNIFICADOS NÃO SÃO DADOS, SÃO CONSTRUÍDOS

Neste capítulo, estudamos os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ sob a perspectiva enunciativa culioliana e realizamos as análises mostrando a maneira como estes verbos estabilizam significados, ou seja, ao interagirem com outras unidades nos enunciados que se fazem presentes.

1 Da representação projetada à representação construída: nossas análises

A validação de um enunciado está na dependência do ato de dizer. Tal ato de dizer é, por sua vez, uma forma de fazer, um modo de ação (REZENDE, 2000, p. 184).

Nossas análises partem da linguística, que se opõe ao ideal de significação fixa e de base ao ideal de significação figurada e metafórica para dar tratamento ao funcionamento dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’. Tradicionalmente, como já trazido em outro momento desta pesquisa, os estudos linguísticos atribuem às ocorrências dos verbos elegidos valores objetivos ou descritivos⁵⁴, remetendo ao universo físico-cultural, como em: **“tomei a pinga”, “passei o quarteirão”, “peguei o caderno” e “quebrei a cadeira”**. Do mesmo modo, atribuem às ocorrências destes verbos em: **“tomei (a) coragem (necessária)”, “passei por uma agulha”, “peguei no pé do aluno (durante a aula)” e “quebrei a cara (por acreditar)”** valores metafóricos ou figurados⁵⁵ que remetem a uma avaliação sobre o modo de ser de alguém.

Tais estudos inferem que os significados dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ nas primeiras orações sejam **“ingerir líquidos ou alimentos”, “percorrer determinada distância”, “segurar nas mãos um objeto, o caderno” e “danificar, fazer em pedaços um objeto”**, e que os significados destes verbos nas segundas frases sejam **“encorajar-se”, “descrever uma impossibilidade”, “insistir” e “desiludir-se, sofrer frustração”**. Contudo, discordamos desta visão linguística e assumimos, portanto, em nosso

⁵⁴ No item 2, os verbos **‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’**: etimologia e sentido na gramática tradicional e a polissemia em dicionários de Língua Portuguesa, do Capítulo II, referimo-nos a esses sentidos como “sentidos mais concretos”.

⁵⁵ No item 2, os verbos **‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’**: etimologia e sentido na gramática tradicional e a polissemia em dicionários de Língua Portuguesa, do Capítulo II, referimo-nos a esses sentidos como “sentidos mais abstratos”.

estudo, que os significados observados nos usos destes verbos não é o que fundamenta os seus funcionamentos, ou seja, abandonamos a oposição entre valores descritivos ou objetivos que remetem ao universo físico-cultural e valores metafóricos ou figurados que levam a uma avaliação sobre o modo de ser de alguém, e ratificamos que toda linguagem é constructo do trabalho dos sujeitos e que, por conseguinte, é sempre o resultado de um gesto adaptativo das expressões de uma língua, dada a realidade percebida pelos sujeitos que falam, ouvem, escrevem e leem.

Os estudos linguísticos de vieses estáticos consideram o estudo da língua de modo estável e não levam em conta o uso articulado entre léxico e gramática, logo, nesses vieses, não há um processo operatório gerador de valores e significados para as unidades, o que existem são valores já estabilizados.

Desse ponto de vista, não se consideram os processos, pelo contrário, contentam-se apenas com valores fixos e acabados. Contrapondo este viés, fundamentamos o nosso trabalho sob uma ótica dinâmica que articula linguagem e línguas, porque não acreditamos no ideal de funções preestabelecidas.

Para tecer nossas análises, realizamos modalizações das unidades para protocolizar um esquema invariante da linguagem por meio dos processos de construção do enunciado. Nesse sentido, priorizamos um estudo não embasado por categorias estáticas, mas aquele no qual a linguagem se encontra articulada às línguas naturais e são priorizados os processos resultativos inscritos no âmago da linguagem, antes mesmo da materialização do enunciado.

Demos prioridade ao estudo dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ sob uma perspectiva que apreende as variações como bem-vindas. Estas variações colaboram para a busca da regularidade em cada ocorrência da unidade, sendo ela a responsável por especificá-la como única e não repetível. Partimos da ideia de significado construído, por isso, “nossa análise parte das formas linguísticas e apenas delas para considerar que o sentido aí elaborado não é um sentido dado de modo independente, mas, pelo contrário, é desconhecido e a ser descoberto, sendo necessário desvendá-lo” (DE VOGÜE, 2011, p. 278).⁵⁶

Ao elaborar este estudo com os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, tivemos como proposição o amoldamento dos dados sob um viés construtivista, visando analisar o formalismo do ponto de vista interno da linguagem, sem deixar de fora o empírico, o social e

⁵⁶No original: DE VOGÜE. Les principes organisateurs de la variété des constructions. Tradução de Márcia Romero e Helena Valentim. In: DE VOGÜE. **Os Princípios Organizadores da Variedade das Construções Verbais**. ReVEL, 2011.

o cultural dos sujeitos, para observarmos as diversas construções que comportam tais unidades e como estas geram e estabilizam significados, mesmo que provisoriamente. Acreditamos serem os dados “em sua variação intrínseca que constituem o empírico do qual é preciso dar conta, sendo, portanto, este empírico que deve ser simultaneamente explorado, mensurado e explicado” (DE VOGÜE, 2011. p. 279).

Nesta investigação, tivemos a intenção de redimensionar estes verbos e estudá-los de maneira dinâmica, apoiando-nos na plasticidade possibilitada pela linguagem. Modalizamos e reorientamos estes verbos, assim como as demais unidades que se relacionam com eles nos enunciados, para buscarmos a invariância e estabelecermos um jogo de “diferenciações que não tem fim” (DE VOGÜE, 2011, p. 280).

Nossa proposta investigativa parte do pressuposto de que as unidades são as responsáveis por mobilizar pluralidades de significados e inúmeras operações de linguagem, sendo a própria linguagem uma atividade de reconstrução e reconhecimento. O corpus da nossa pesquisa é composto por 52 enunciados elaborados por nós, e o método de análise adotado se fundamenta na elaboração de uma metalíngua, isto é, na metalinguagem.

Por meio dela, constrói-se um sistema de representação metalinguística para os enunciados serem manejados e postos em relação com as suas famílias parafrásticas, mediante operações de *qualificação*, *quantificação*, *aspecto*, *modalidade*, entre outras. Nesse sentido, temos a enunciação pondo em jogo as relações entre a atividade de um sujeito enunciador e a *léxis*, trazendo à tona o trabalho de *referenciação* pela *relação predicativa*.

É importante também salientarmos que nossos objetos de análise não são apenas os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, mas os enunciados em que eles apareçam, porque os significados dos e nos enunciados são proliferados pela relação entre todas as unidades lexicais presentes nele e pela relação intersubjetiva constitutiva das operações e processos. Logo, ao fazermos variar as unidades mediante as mobilizações de processos enunciativos, os verbos interagem e estabilizam distintos significados.

Para o nosso estudo, trouxemos os modos como os verbos escolhidos estabilizam valores, ou seja, a partir das operações quantitativas e qualitativas. As propriedades geradas dessas operações se instanciarão com valores de *denso*, *discreto* ou *compacto*. Rezende (2000) ressalta que o *discreto* remete a um estado descontínuo; o *denso* a um estado contínuo enumerável, e o *compacto* leva a um contínuo não enumerável, logo, os valores *denso* e *discreto* são advindos das operações de QNT, e os valores de *compacto* são advindos da

operação de QLT. Desse modo, para ilustrar as ocorrências do verbo ‘tomar’ com instanciações de *discreto*, separamos os seguintes enunciados:

- (1) João tomou cinco comprimidos.
- (2) João tomou cinco gols ontem.
- (3) João tomou o/um casaco/três casacos.
- (4) João tomou dez aulas de inglês.
- (5) João tomou cinco broncas do orientador.
- (6) João tomou um coice do cavalo.
- (7) João tomou um coice do professor.
- (8) João tomou a criança pela mão.

Para exemplificar as ocorrências do verbo ‘passar’ com instanciações de *discreto*, tem-se os enunciados a seguir:

- (1) João passou em história.
- (2) Pedro passou pela Bahia.
- (3) Joana passa as roupas.
- (4) Maria passou o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura na casa.

Para apontarmos as ocorrências do verbo ‘pegar’ com instanciações de *discreto*, tem-se os seguintes enunciados:

- (1) Eu peguei o/um/dois chicletes de morango (na compra).
- (2) Pedro pegue um copo para mim!
- (3) Carlos pegou o dinheiro.
- (4) Peguei os óculos em cima da mesa.
- (5) Maria pegou os livros nas mãos.
- (6) Marcos pegou o carro na oficina.

Para indicar as ocorrências do verbo ‘quebrar’ com instanciações de *discreto*, separamos os enunciados a seguir:

- (1) A previdência quebrou os países.
- (2) O menino quebrou os vasos.
- (3) João quebrou o braço.

(4) O ônibus quebrou para a direita.

Para ilustrar as ocorrências do verbo ‘tomar’ com instanciações de *denso*, temos os seguintes enunciados:

(9) João toma (um copo de) vinho.

(10) João tomou ar (de rico).

(11) A ida ao centro tomou tempo de João.

(12) João tomou rumo na vida.

(13) Paulo tomou o lugar de João no ônibus.

Para exemplificar as ocorrências do verbo ‘passar’ com instanciações de *denso*, separamos os enunciados abaixo:

(5) Isa passou (um pouco de) perfume/hidratante.

(6) Marcio passou piolho para Caio.

(7) Carlos passou dinheiro para Maria.

(8) Luiz passou manteiga no pão.

Para mostrar as ocorrências do verbo ‘pegar’ com instanciações de *denso*, temos:

(7) Carla pegou piolho/gripe/resfriado.

(8) A toalha pegou fogo.

(9) Pedro pega pesado no treino.

(10) João pegou carona.

(11) Pedro pegou dinheiro hoje.

(12) O arroz pegou (na panela).

Para ilustrar as ocorrências do verbo ‘quebrar’ com instanciações de *denso*, separamos os enunciados listados abaixo:

(5) Quebrei nozes.

(6) O vento quebrou postes de luz.

Para apontar as ocorrências do verbo ‘tomar’ com instanciações de *compacto*, apresentamos os seguintes enunciados:

(14) Pedro tomou coragem.

(15) Pedro tomou vergonha.

(16) Pedro tomou medo.

(17) Pedro tomou satisfação.

(18) Pedro toma banho.

Para indicar as ocorrências do verbo ‘passar’ com instanciações de *compacto*, separamos os enunciados a seguir:

(9) A carne/maçã/Danone passou.

(10) Maria passou vergonha/medo/raiva/calor/frio.

Para ilustrar as ocorrências do verbo ‘pegar’ com instanciações de *compacto*, vejamos os seguintes enunciados:

(13) João pegou ranço/medo/raiva/amor por Maria.

(14) Os irmãos se pegaram (no tapa).

(15) O carro pegou.

(16) O fogo pegou.

E, por fim, para ilustrar as ocorrências do verbo ‘quebrar’ com instanciações de *compacto*, separamos os enunciados abaixo:

(7) Aquele grito quebrou o silêncio profundo.

(8) Aquele depoimento triste quebrou-me.

Isso posto, vamos às análises dos enunciados.

1.1 Formalizações do verbo ‘tomar’ com complemento *discreto*

Percebemos nos enunciados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, listados acima, as características serem contáveis. Além disso, notamos neles a instanciação de *discreto* trazendo a intuição de existência de algo na realidade, contudo, nada impede que as propriedades contáveis, expressas nas ocorrências, venham a perder seus traços QNT e adquiram propriedades QLT.

Ressaltamos que as instanciações de *discreto*, como defendido por Rezende (2000), remetem aos processos de **tomada do comprimido**, **tomada de gols**, **tomada de casacos**, **tomada de aulas**, **tomada de broncas**, **tomada de coices**, e **tomada de mão**.

Como dito anteriormente, as instanciações de *discreto*, considerando as modalizações dos sujeitos no processo intersubjetivo, podem sofrer compactação, de certo modo, e, com isso, vir a estabilizar outros valores. O *discreto*, por remeter à intuição de existência, pode ser transformado de predicação de existência à apenas intuição de existência, caso os sujeitos, nas suas relações intersubjetivas, não validem a intuição de existência de “alguém tomar algo”, talvez por não ser mais possível predicar a ocorrência do verbo ‘tomar’.

Ademais, se os sujeitos não validarem a intuição de existência de alguém tomar “comprimidos”, “gols”, “casacos”, “aulas”, “broncas”, “coices” e “mão da criança”, teremos, nesses casos, o verbo ‘tomar’, dado a inserção de novos complementos por meio do diálogo entre os sujeitos enunciadore, estabilizando outros valores com qualidades características do funcionamento de *compacto*, por exemplo.

Isso posto, vamos ao primeiro enunciado em análise.

(1) João tomou cinco comprimidos.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ se encontra estabilizado com valor de “ingerir”. No entanto, se o modalizarmos, visando moldar os dados, veremos este valor sofrer alterações por causa das experiências dos sujeitos a respeito do verbo ‘tomar’, como em: (1a) “João tomou cinco comprimidos **(da mão do farmacêutico)**”. Aqui, o verbo passa do valor de “ingerir” para o valor de “suprimir”, mas a instanciação de *discreto* ainda se sobrepõe.

Contudo, se tivermos: (1b) “João toma comprimidos **imaginários na apresentação teatral**”, a ideia de existência de comprimido é frustrada e se desfaz instanciando, assim, a ocorrência do verbo ‘tomar’ com o mesmo valor estabilizado na sua origem, ou seja, estabiliza-se com o valor de “ingerir”, traz à tona uma instanciação motivada por outro tipo de funcionamento: o de *compacto*.

Em contrapartida, se tivermos: (1c) “João tomou **os cinco comprimidos do farmacêutico**”, obtemos o verbo ‘tomar’ com funcionamento também *compacto*, porém, estabilizando-se com o valor de “ingerir” ou “suprimir”, ou seja, tal construção é extremamente ambígua, logo, suscita regulações para se chegar a um consenso, que poderá ser: “João tomou **os cinco comprimidos do farmacêutico e bebeu**”, ou “João tomou **os cinco comprimidos do farmacêutico e correu**”.

As instanciações de *compacto* em 1b e 1c ocorrem porque há, nestes enunciados, apenas a possibilidade de estabilização de valores qualificativos, considerando os

complementos “**comprimidos imaginários**” e “**comprimidos do farmacêutico**”, que não permitem quantificar, tampouco enumerar as ocorrências do verbo ‘tomar’. As impossibilidades de *quantificação* e enumeração destas ocorrências se dão por não haver o vislumbre delas em uma relação espaço-temporal. Assim, é possível obter: “Isso que João tomou é, de fato, comprimido”, ou “Isso que João tomou é o que podemos chamar de comprimido”.

No caso de termos: (1d) “**De manhã/ontem** João tomou **comprimidos na apresentação teatral**”, a ocorrência do verbo ‘tomar’ remete ao funcionamento de *denso*. Tal propriedade é elucidada pelo acontecimento “comprimidos tomados”, localizado espaço-temporalmente por causa dos advérbios temporais “**de manhã**” e “**ontem**”.

A *quantificação* do verbo ‘tomar’ em 1d se dá circularmente, sendo possível quantificar a ocorrência de ‘tomar’ por causa de seu complemento, que direciona para a interpretação de existência de “comprimidos tomados de fato”. Dessa forma, a quantidade tomada se determina apenas circularmente, devido à equiponderância entre QNT e QLT, característica do funcionamento de *denso*. Logo, é possível determinar apenas a quantidade tomável: “João tomou a quantidade de comprimidos que tomou”, ou “João tomou a quantidade de comprimidos que foi possível tomar”.

Seguimos com as análises.

(2) João tomou cinco gols ontem.

Neste enunciado, temos o verbo ‘tomar’ estabilizado com valor de “levar/ sofrer”, que se determina porque os sujeitos enunciadoreis localizam no espaço e no tempo uma ocorrência de ‘tomar’, atribuindo “cinco gols tomados para alguém”, no caso, “cinco gols tomados para João”, quantificando, assim, a ocorrência do verbo ‘tomar’.

Se modalizarmos esta ocorrência, inserindo nela outros tipos de complementos, como do funcionamento de *denso*, por exemplo, o valor de “levar/sofrer” estabilizado para o verbo ‘tomar’ ainda existirá. Contudo, devido aos complementos inseridos nas modalizações realizadas pelos sujeitos na enunciação, as instanciações de caráteres quantitativos passarão a ser determinadas circularmente, ou seja, a determinação se dará somente por conta do advérbio temporal “**ontem**”, que permite localizar e inserir a ocorrência de ‘tomar’ no tempo e no espaço.

Vejamos:

(2a) João tomou gols **ontem**.

(2b) João tomou **muitos gols ontem**.

Os enunciados 2a e 2b poderão ser modulados e resultar em: “João tomou a quantidade de gols que tomou”, ou “João tomou a quantidade de gols que foi possível de ser tomado”.

Se modularmos um pouco mais o enunciado 2, podemos obter também:

(2c) João tomou **gols bobos**.

(2d) João tomou **gols feios**.

(2e) João tomou **gols inimagináveis**.

(2f) João tomou **o gol dos bobos**.

(2g) João tomou **o gol dos feios**.

Nos casos 2c, 2d e 2e, as instanciações do verbo ‘tomar’ ficam por conta de *compacto*, assim como em 2f e 2g. Contudo, em 2c, 2d e 2e, os complementos adicionados junto ao verbo ‘tomar’ ainda estabilizam o valor de “levar/sofrer”, enquanto, em 2f e 2g, os complementos colaboram para a estabilização do verbo ‘tomar’ com valor de “suprimir”. Ressaltamos que as instanciações do *compacto* inserem as ocorrências deste verbo no domínio das propriedades qualificáveis, permitindo apenas a apreensão de valores qualificativos, como os valores trazidos pelos complementos: “**gols bobos**”, “**gols feios**”, “**gols inimagináveis**”, “**o gol dos bobos**” e “**o gol dos feios**”. Nesse sentido, é possível obter: “Isso que João tomou é, de fato, gols”.

Vamos à análise do próximo enunciado.

(3) João tomou o/um casaco/três casacos.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ se encontra estabilizado com o significado de “utilizar”, mas, se os sujeitos enunciadore, ao localizarem a ocorrência do verbo no tempo e no espaço, não a validarem, a intuição de existência de algo (casacos) é bloqueada e o verbo entra no domínio das coisas “suprimidas”, por exemplo.

Vejamos:

(3a) João tomou **o/um casaco/três casacos do irmão**.

Aqui, o verbo ‘tomar’ adquire valor de “ato de suprimir” e encontrará bloqueios para validar a intuição de existência de “alguém com casaco”, dada a existência de dois argumentos: “João” e “irmão”, que poderão oscilar em decorrência das identificações deles

com a predicação de existência de “alguém com casaco”, realizadas pelos sujeitos no processo intersubjetivo. Ressaltamos que, mesmo havendo a oscilação, o verbo ‘tomar’ se estabiliza e instancia propriedades de caráter quantitativo, ou seja, de caráter *denso*, em que ora “João é o tomador”, ora o “irmão é tomador”.

Se tivermos:

(3b) João tomou **o casaco ainda não fabricado**.

(3c) João tomou **o casaco imaginário**.

(3d) João tomou **o casaco rasgado**.

(3e) João tomou **o casaco novo**.

(3f) João tomou **o casaco novo do irmão**.

As instanciações de valores ficam por conta de *compacto*, haja vista que os complementos “**o casaco ainda não fabricado**”, “**o casaco imaginário**”, “**o casaco rasgado**”, “**o casaco novo**” e “**o casaco novo do irmão**” permitem apenas atribuir qualidades ao verbo ‘tomar’. Contudo, em 3b, 3c, 3d e 3e, o verbo é estabilizado com o valor de “utilizar”, enquanto, em 3f, se estabiliza com valor de “suprimir”, dados os nominais “**do irmão**”, que direcionam o verbo ‘tomar’ ao encontro desse significado. Assim, podemos obter: “Isso que João toma é, de fato, casaco”, ou “Isso que João tomou é verdadeiramente casaco”.

Seguimos para o estudo do próximo enunciado.

(4) João tomou dez aulas de inglês.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ apresenta significado de “receber instrução” e instancia propriedades quantitativas do domínio de *discreto*. Notamos que este verbo está localizado no tempo e no espaço por meio do processo intersubjetivo dos sujeitos na busca por estabilizar valores devido às suas experiências e vivências.

Nesse sentido, observamos o verbo ‘tomar’ funcionando como um processo com início e fim, ou seja, um sujeito enunciador analisa e atribui à existência de “alguém tomar aulas de inglês” e identifica “João” com a predicação “tomar aulas de inglês”. Por meio desta localização espaço-temporal, os sujeitos validam e estabilizam valores para o verbo ‘tomar’ e qualifica a ocorrência como sendo uma ocorrência quantitativa com instanciações de *discreto*.

No entanto, se os sujeitos na enunciação glosarem o enunciado 4, transformando-o em: (4a) “João toma **aulas de inglês todos os dias**”, da instanciação de valor para o verbo ‘tomar’,

poderá proliferar valores ainda quantificáveis, porém, poderão ilustrar o domínio de *denso*, levando-nos a ter construções quantificadas circularmente como: “João tomou muitas/ poucas aulas de inglês”, ou “João tomou as aulas de inglês que tomou”.

Se reformularmos o enunciado de partida, podemos obter:

(4b) João tomou **as dez aulas do inglês**.

Temos o verbo ‘tomar’ com significação destoante do valor “receber instrução” posto no enunciado 4. Nesse caso, o verbo ‘tomar’ se estabiliza como sendo “suprimir”, mas as instâncias ainda apresentam caráter *discreto*, com propriedades enumeráveis e quantificáveis. Porém, em (4c): “João toma **aulas de inglês**”, temos preponderância do *compacto*, sendo possível apenas qualificar a ocorrência do verbo ‘tomar’ devido ao complemento “**aulas de inglês**”, que exprime qualidade ao verbo ‘tomar’. No mais, ressaltamos que, aqui, o significado estabilizado retorna à origem: “receber instrução”, assim, temos: “Isso que João toma é o que chamamos de aulas de inglês”.

Seguimos com nossas análises.

(5) João tomou cinco broncas do orientador.

Este enunciado se enquadra, assim como todos os demais enunciados trazidos aqui até o momento, no quadro das propriedades *discretas*, e o verbo ‘tomar’, nesse caso, tem o significado “receber advertência”. A propriedade *discreta* para o verbo é evidenciada porque os sujeitos, ao realizarem o diálogo visando estabilizar significados ao verbo ‘tomar’, realizam a localização espaço-temporal dele e disso surge este funcionamento.

Ao localizar a ocorrência do verbo ‘tomar’ no tempo e no espaço, os sujeitos enunciadorez trazem à tona o acontecimento de “tomada de bronca” sendo um evento com início e fim, mas este enunciado apresenta dois argumentos: “João” e “o orientador”, dos quais ocorre a oscilação no momento da atribuição de “bronca para alguém”, já que os sujeitos enunciadorez podem realizar a identificação tanto de “João”, quanto de “o orientador” com o sujeito “tomador de bronca”, ou seja, ao atribuir predicado de “alguém tomando bronca”, dadas as modalizações dos sujeitos, poderá haver a identificação de “João” ou do “o orientador” com o predicado “tomar broncas”.

Do enunciado 5, temos as seguintes construções:

(5a) João tomou **broncas**.

(5b) O orientador tomou **broncas**.

A oscilação não mais existirá por haver apenas um argumento posto em relação ao predicado. Construções como estas inserem o verbo ‘tomar’ no domínio das instanciações de *denso*. E, a partir destes enunciados, temos a determinação do verbo ocorrendo de modo circular, sendo possíveis apenas construções como: “João tomou a quantidade de broncas que tomou” e “O orientador tomou a quantidade de broncas que poderiam ser tomadas/possíveis de serem tomadas”.

Salientamos que a localização espaço-temporal ainda ocorre porque o verbo ‘tomar’, por estar flexionado no passado, possibilita aos sujeitos enunciadore intuir que houve uma ação iniciada e finalizada, isto é, houve, de fato, “broncas tomadas por alguém”.

Se, do enunciado 5, tivermos *paráfrases* como:

(5c) João tomou **broncas inimagináveis**.

(5d) João tomou **broncas improváveis**.

(5e) João tomou **as broncas do orientador**.⁵⁷

Nestes enunciados, o verbo ‘tomar’ se estabiliza, assim como na origem do processo de diálogo, ou seja, com o valor de “receber advertência”, mas, no enunciado 5e, se assumirmos a unidade “**bronca**” com um significado de “responsabilidade”, teremos o verbo se estabilizando como valor de “responsabilizar-se”. Logo, em 5e, fica compreendido que: “João tomou **as broncas** (responsabilidade) **do orientador para si**” e, disso, temos o funcionamento da instanciação de *compacto* atualizando o valor para o verbo ‘tomar’, que deixa de ser “receber advertência” e adquire o valor de “responsabilizar-se”.

Ademais, independentemente dos valores que proliferaram nestas orações, temos o funcionamento de *compacto* ressaltado por não haver a *quantificação* do verbo ‘tomar’, sendo possível apenas qualificar e trazer como resultados caráters preponderantemente qualitativos advindos e estabilizados pelo centro *atrator* de ‘tomar’. Assim, podemos obter: “Isso que João tomou é o que podemos chamar de broncas”, ou “Isso que João tomou para si é o que podemos chamar de broncas”.

Seguimos para o próximo enunciado.

(6) João tomou um coice do cavalo.

(7) João tomou um coice do professor.

⁵⁷ Nesse enunciado, trouxemos a unidade linguística “bronca” estabilizada com valor do ato de “responsabilizar-se”, contudo, não sabemos se os possíveis leitores deste trabalho compartilham deste significado de “bronca” aqui trazido. Ressaltamos que este sentido de “bronca” é utilizado pela mãe desta doutoranda para se referir a algumas responsabilidades dos filhos que, às vezes, ela assume.

O verbo ‘tomar’ no enunciado 6 tem o significado descritivo de “levar/sofrer agressão”. Já no enunciado 7, o verbo, conforme descreve a gramática, apresenta um valor figurativo com significado de “receber resposta atravessada/resposta grosseira”. Todavia, como nos demais enunciados, a propriedade *discreta* é evidenciada tanto no enunciado 6, quanto no enunciado 7 por conta dos processos instaurados neles.

Temos a ação de ‘tomar’ iniciada no passado e finalizada, ou seja, temos “coices tomados de fato”. Na atribuição “coice para alguém”, realizada por meio de um ato de dizer dos sujeitos da enunciação, são localizadas ocorrências do verbo ‘tomar’ no tempo e no espaço que se identificam com a projeção “alguém tomar coices”, isto é, ocorrências que colocam em relação “João” com o predicado “alguém tomar um coice do cavalo” no enunciado 6, e “alguém tomar um coice do professor, no enunciado 7. Disso, estabiliza-se o verbo ‘tomar’ com propriedades *discretas*, de caracteres quantitativos preponderantes.

Caso tenhamos outros enunciados gerados a partir dos enunciados 6 e 7, como:

(6a) e (7a) **Semana passada** João tomou coice.

(6b) e (7b) **Ontem** João **quase** tomou coice.

Nestes casos, não teríamos mais instancias de *discreto*, mas de *denso*, por não haver um delimitador quantitativo para definir determinada quantidade de “coices” tomados por “João”, no entanto, ainda assim, existe a localização espaço-temporal do verbo ‘tomar’ trazida pelos advérbios temporais “**semana passada**” e “**ontem**”, que indicam ações iniciadas e finalizadas.

O *denso*, por comportar em seu âmago a equiponderância, traz, em 6a, 6b, 7a e 7b, instancias que podem ser quantificadas e determinadas circularmente, de modo que podemos ter construções como: “João tomou a quantidade de coice que tomou”, ou “João tomou a quantidade de coice possível de ser tomado”.

Ilustrando as instancias de *compacto*, temos:

(6c) e (7c) João tomou **coices fortíssimos**.

(6d) e (7d) João tomou **coices fracos**.

(6e) e (7e) João tomou **coices de cavalo**.

Nestes enunciados, as instancias de *compacto* são evidenciadas porque não há a localização espaço-temporal da ocorrência de ‘tomar’, inserindo-a no domínio qualitativo, não sendo possível mais predicar a ocorrência. Salientamos que, até o momento, as mudanças só ocorreram nos tipos de instancias, ou seja, o valor intuído para o verbo ‘tomar’ nos

enunciados 6 e 7 ainda são: “levar/sofrer agressão” e “receber resposta atravessada/resposta grosseira”, respectivamente.

Entretanto, se os sujeitos enunciadoreis durante o processo intersubjetivo estabilizarem outras ocorrências para o verbo ‘tomar’, como: (6f) “João tomou **o coice do cavalo**” e (7f) “João tomou **o coice do professor**”, teremos, nestas duas construções, o verbo ‘tomar’ passando de um valor a outro, isto é, diferentemente dos significados estabilizados nos enunciados 6, 6a, 6b, 6c, 6d e 6e, bem como em 7, 7a, 7b, 7c, 7d e 7e.

Percebemos, em 6f e 7f, que o verbo ‘tomar’ adquire significado de “ato de suprimir” e estabiliza-se, considerando as modulações dos sujeitos que atribuem a esse verbo complementos do campo de *compacto*, porém, sob uma ótica distinta da ótica dos sujeitos nos demais enunciados proliferados e nos enunciados de origem. Isso ocorre porque os valores das unidades são moldados na relação com outras unidades e nas relações entre os sujeitos de linguagem que, ao se apropriarem da língua, arrastam consigo experiências e vivências particulares.

Os valores *compactos*, instanciados para o verbo ‘tomar’ nos enunciados 6f e 7f, transformam o significado de origem do verbo, principalmente por conta do artigo definido “o” que determina “coice”, inserindo-o no centro *atrator* da *noção* de ‘tomar’, não possibilitando outras qualificações. Assim, temos o verbo ‘tomar’ se estabilizando com o valor de “suprimir” e, a partir disso, podemos ter os seguintes eventos: “Isso que João tomou é, de fato, coice”, ou “Isso tomado por João é o que podemos chamar de coice”.

Seguimos com as análises.

(8) João tomou a criança pela mão.

Neste enunciado, o complemento *discreto* atribuído ao verbo ‘tomar’ estabiliza para ele o significado de “segurar”. A instanciação de *discreto*, no enunciado 8, ocorre por causa da atribuição de “mão de alguém para alguém” por um ato enunciativo. Neste processo de atribuição, os sujeitos enunciadoreis localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘tomar’ e, por meio dela, realizam a identificação de “João” com o predicado “mão da criança”. Disso, obtém-se “João tomando a mão da criança”. Contudo, se os sujeitos enunciadoreis, em suas modelizações, identificarem “a criança” com o predicado “mão de João”, todo o processo de atribuição apresentará oscilação em decorrência da existência de dois argumentos que podem se identificar com a ocorrência do verbo ‘tomar’.

É na atribuição de algo para alguém que faz com que este alguém tenha existência. Contudo, observamos o processo de “tomada de mão”, por isso, ainda há a instanciação *discreta* devido ao nominal “a”, em: “**a mão da criança**” e em: “**a mão de João**”, que atribui propriedade contável e intuição de existência ao que está sendo predicado.

No entanto, se, em algum momento do processo enunciativo, os sujeitos elaborassem a seguinte ocorrência: (8a) “João tomou **a criança da mãe/da avó/do irmão/do pai**”, teríamos o verbo ‘tomar’ estabilizado com valor de “suprimir”, dada a atribuição do complemento *compacto*: “**a criança da mãe/da avó/do irmão/do pai**”.

Nesse sentido, o verbo ‘tomar’ não poderia ser localizado no tempo e no espaço, logo, não se daria por ser um processo, mas por ser uma ocorrência preponderantemente qualitativa que não admite outras qualificações. Ressaltamos que o valor do verbo ‘tomar’ é moldado na enunciação, assim, prontamente, crer em significados ideais não passa de mera ilusão, porque a cada enunciação novos valores são estabilizados e estes valores podem tanto se identificarem com o valor intuído na origem do processo enunciativo, quanto serem atualizados, estabilizando valores novos.

Já em (8b) “João tomou **alguma criança pela mão**”, temos o verbo ‘tomar’ complementado por argumentos *densos*. Claro que é possível observar o desenrolar do processo de “tomada”, porque, nesta construção enunciativa, os sujeitos enunciadores conseguem vislumbrar a ocorrência de ‘tomar’ no espaço e no tempo, mas a *quantificação* só se dá circularmente: “João tomou pela mão a criança que foi possível tomar pela mão”, ou “A mão possível de ser tomada foi a da criança”.

Vamos às análises dos enunciados em que o verbo ‘tomar’ possui funcionamento *denso*.

1.2 Formalizações do verbo ‘tomar’ com complemento *denso*

Os enunciados 9, 10, 11, 12 e 13 com o verbo ‘tomar’, listados no item 1 deste capítulo, apresentam a característica quantitativa enfraquecida, podendo ser apenas enumeráveis e não quantificáveis. Os *densos* trazem a ideia de algo existente, mas esta intuição de existência pode ser frustrada devido às modalizações dos sujeitos durante o processo intersubjetivo. As instancicações de *denso* se dão de modo circular e, conforme Rezende (2000), trazem a ideia de contínuo enumerável por ter, em seu âmago, a equiponderância entre QNT e QLT.

A seguir, têm-se as explicações dos enunciados:

(9) João toma (um copo de) vinho.

O verbo ‘tomar’ tem seu significado descrito por ser “ingerir”. Temos nele a instanciación de *denso* porque o complemento dele permite assim observarmos. Os sujeitos enunciadores, durante o processo regulatório, ou seja, no processo intersubjetivo, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘tomar’ e a identificam com o complemento “vinho”.

Neste processo intersubjetivo, ao atribuir “vinho para alguém”, os enunciadores determinam o valor de ‘tomar’ circularmente, dado o suporte “um copo de”, que assim permite, ou ainda porque ‘tomar’ pode ter a intuição de existência frustrada, como em: “João vai tomar o vinho que vai comprar”. Dessa maneira, o suporte e a não localização da ocorrência determinam a *quantificação* para ‘tomar’, como em:

(9a) João toma **(uma xícara de) vinho**.

(9b) João toma **(uma garrafa de) vinho**.

(9c) João toma **(uma taça de) vinho**.

(9d) João toma **(um copo de) vinho**.

(9e) João toma **nenhum vinho**.

(9f) **O vinho que João toma acabou**.

Mesmo se os sujeitos da enunciação inserissem intensificadores ao enunciado, a quantidade não poderia ser determinada de fato, como em: “João toma **(muito) vinho**.” ou “João toma **(pouco) vinho**”. Prontamente, a partir das ponderações de *denso*, só podemos ter determinações como “João toma a quantidade de vinho que toma”, ou “João toma a quantidade de vinho possível de ser tomada”.

Se, do enunciado 9, obtivermos a seguinte construção: (9g) “João tomou **o vinho do irmão**”, teremos uma construção totalmente ambígua, e o verbo ‘tomar’ poderá se estabilizar com valor de “suprimir” ou “ingerir”. A instanciación, nesse caso, fica por conta de *discreto*, por haver o vislumbre da ocorrência no tempo e no espaço. Em uma ocorrência ambígua como esta, os sujeitos enunciadores precisam realizar a regulação para estabilizar significados. Contudo, como sabemos, cada sujeito possui experiências de língua distintas, podendo, assim, ter para o verbo ‘tomar’ tanto o valor de “suprimir”, quanto o valor de “ato de ingerir”, ou ainda podemos ter outro valor não evidenciado aparentemente pelo contexto.

Vejamos:

(9gⁱ) João tomou **o vinho do irmão e bebeu**.

(9gⁱⁱ) João tomou **o vinho da mão do irmão**.

(9gⁱⁱⁱ) João tomou **todo o vinho do irmão**.

Notamos que, em 9gⁱ, o verbo ‘tomar’ adquire valor de “suprimir” e “ingerir”, ao mesmo tempo. Logo, dadas as regulações dos sujeitos, temos em “João” de 9gⁱ o sujeito que suprime o vinho do irmão e bebe; no enunciado 9gⁱⁱ, “João” é caracterizado como o sujeito que “suprime” o vinho do irmão, seja lá por quais motivos, e, em 9hⁱⁱⁱ, “João” é o sujeito que “ingere” todo o vinho do irmão. Estas estabilizações se dão por conta dos complementos adjudicados ao verbo ‘tomar’ pelos sujeitos na busca por estabilizar significados e devido às experiências de língua e de mundo destes sujeitos.

Nos seguintes enunciados:

(9h) João toma **vinho tinto**.

(9i) João toma **vinho suave**.

(9j) João toma vinho **caro/barato/importado**.

Temos o verbo ‘tomar’ estabilizado com o valor de “ingerir”. Este valor foi intuído ainda na origem do processo de atribuição de predicação. Nesses casos, os complementos postos em relação ao verbo ‘tomar’ fazem dele uma unidade com propriedade *compacta*, assim, os complementos “**tinto**”, “**suave**” e “**caro/barato/importado**” atribuem qualificações às ocorrências deste verbo, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que João toma é o que podemos chamar de vinho”, ou “Isso que João toma é verdadeiramente vinho”.

Seguimos para a análise do próximo enunciado.

(10) João tomou ar (de rico).

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ tem seu sentido figurativo definido por ser “parecer/agir”. Temos nele a instanciação de *denso*, de modo que o verbo ‘tomar’ só é quantificado circularmente devido à presença de um suporte, “de rico”, podendo também, por ser de caráter *denso*, ter sua intuição de existência frustrada, como em: (10a) “João tomou **ar (de rico) que não existe**”. Nesse sentido, a partir destes enunciados, podemos ter as seguintes construções: “João tomou a quantidade de ar (de rico) que tomou”, ou “João tomou a quantidade de ar (de rico) possível de ser tomado”.

No entanto, podemos vislumbrar que o valor de ‘tomar’ trazido nos enunciados 10 e 10a pode ser transformado em “suprimir”, caso seja inserido o complemento *compacto* ao verbo, como em: (10b) “João tomou **o ar do rico**”. Repare que, em 10b, os nominais “**o ar do rico**” qualificam a ocorrência de ‘tomar’ e insere-a no campo da QLT, não admitindo mais predicções. Assim, temos: “Isso tomado por João é ar de rico”, ou “Isso que João tomou é, de fato, ar de rico”.

Para obtermos, por exemplo, instanciações *discretas* para o verbo ‘tomar’ a partir do enunciado 10, é essencial que os sujeitos enunciadore eliminem a indeterminação da ocorrência de ‘tomar’ para inseri-la em uma relação espaço-temporal e disso obter construções, como em:

(10c) João toma **todo e qualquer ar de rico**.

(10d) João tomou **aquele ar de rico**.

(10e) João **continua tomando ar de rico**.

Ressaltamos que, nos enunciados 10c, 10d e 10e, a inserção de complementos de funcionamento *discreto* faz o valor do verbo ‘tomar’ retornar à sua origem e se estabilizar com valor de “parecer/agir”.

Passemos ao próximo enunciado.

(11) A ida ao centro tomou o tempo de João.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ tem seu sentido figurativo definido por ser “ocupar”. Temos nele a instanciação de *denso*, de modo que ‘tomar’ só é quantificado circularmente devido à presença de um suporte, “de João”, podendo também, por ser de caráter *denso*, ter sua intuição de existência frustrada, como em: (11a) “A ida ao centro tomou **o tempo que João não tem**”. Nesse sentido, a partir destes enunciados, podemos ter as seguintes construções: “A ida ao centro tomou o tempo possível de ser tomado de João”, ou “A ida ao centro tomou o tempo que tomou de João”.

Todavia, podemos vislumbrar que o valor de ‘tomar’ trazido nos enunciados 11 e 11a pode ser transformado em “suprimir”, caso seja inserido o complemento *compacto* ao verbo ‘tomar’, como fizemos em 10b.

Vejamos:

(11b) A ida ao centro tomou **o tempo do João**.

Repare que, neste enunciado, o nominal “o tempo do João” qualifica a ocorrência de ‘tomar’ e a insere no campo da QLT, não admitindo mais predicções. As operações de QLT evidenciam o caráter qualificativo das unidades. Então, temos: “Isso que é tomado do João é realmente tempo”, ou “Isso do João é verdadeiramente tempo tomado”.

Em relação ao enunciado 11, para dele obtermos estabilizações fundamentadas pelo funcionamento *discreto*, os sujeitos enunciadorez terão que acrescentar complementos adequados ao funcionamento almejado e eliminar a indeterminação para colocar a ocorrência de ‘tomar’ em um espaço-tempo. Feito isso, podemos ter, por exemplo:

(11c) A ida ao centro tomou **todo e qualquer tempo de João**.

(11d) A ida ao centro tomou **aquele tempo de João**.

(11e) A ida ao centro **continua tomando tempo de João**.

Vislumbramos, nos enunciados 11c, 11d e 11e, que a inserção de complementos de funcionamento *discreto* faz o valor do verbo ‘tomar’ retornar a sua origem, estabilizando-se com valor de “ocupar”.

Isso posto, seguimos com as análises.

(12) João tomou rumo na vida.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ tem seu sentido figurativo definido por ser “mudar”. Temos nele a instanciação de *denso*, de modo que o verbo só é quantificado circularmente devido à presença de um suporte, “na vida”, podendo também, por ser de caráter *denso*, ter sua intuição de existência abortada, como em: (12a) “**O rumo que João tomou na vida não existe**”. Nesse sentido, a partir destes enunciados, podemos ter as seguintes construções: “João tomou o rumo que foi possível de ser tomado”, ou “João tomou o rumo que tomou”.

O valor de “mudar”, trazido nos enunciados 12 e 12a, pode ser transformado em “suprimir”, caso seja inserido o complemento *compacto* ao verbo ‘tomar’, como fizemos nos enunciados anteriores.

Vejamos:

(12b) João tomou **o rumo da vida**.

Repare que, em 12b, o termo “**o rumo da vida**” qualifica a ocorrência de ‘tomar’, inserindo-a no campo da QLT. Assim, o verbo ‘tomar’, nesse caso, remete a uma propriedade preponderantemente qualitativa, e não se admite mais predicções. Então, podemos obter:

“Isso que João toma é, de fato, rumo na vida”, ou “Isso tomado por João é verdadeiramente rumo na vida”.

Para obtermos estabilizações instanciadas pelo *discreto*, é preciso que os sujeitos enunciadore insiram complementos desta natureza e eliminem a indeterminação para colocar o verbo ‘tomar’ em uma relação espaço-tempo e chegar, por exemplo, a construções, como:

(12c) João tomou **aquele rumo na vida**.

(12d) João toma **todo e qualquer rumo na vida**.

(12e) João **continua** tomando **rumo na vida**.

Nos enunciados 12c, 12d e 12e, em que os complementos inseridos são *discretos*, o valor do verbo ‘tomar’ retorna à sua origem e se estabiliza com valor de “mudar”. As instanciações de *discreto*, nestes enunciados, se dão por conta dos termos “**aquele**”, “**todo e qualquer**” e “**continua**”, que instanciam propriedades quantitativas e transmite a ideia de processo.

(13) Paulo tomou **o lugar de João no ônibus**.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ tem seu significado descritivo definido por ser “ocupar”. Temos nele a instanciação de *denso*, que se torna nítido, de modo que ‘tomar’ só é quantificado circularmente devido à presença de um suporte, “o lugar de João no ônibus”, podendo também, por ser de caráter *denso*, ter sua intuição de existência fracassada, como em: (12a) “Paulo tomou **o lugar de João no ônibus que não passou**”. Nesse sentido, a partir destes enunciados, podemos ter as seguintes construções: “Paulo tomou o lugar de João que foi possível de ser tomado”, ou “Paulo tomou o lugar que conseguiu tomar de João”.

O valor de “ocupar”, trazido nos enunciados 13 e 13a, pode ser transformado em “suprimir”, caso seja inserido o complemento *compacto* ao verbo ‘tomar’.

Vejamos:

(13b) Paulo tomou **o lugar do João no ônibus**.

Aqui, os nominais “**o lugar do João no ônibus**” qualificam a ocorrência do verbo ‘tomar’, inserindo-a no campo da QLT, ou seja, o verbo ‘tomar’, nesse caso, remete a uma propriedade preponderantemente qualitativa, e não se admite mais predicções. Assim, podemos ter: “Isso tomado por Paulo é verdadeiramente lugar do João”, ou “Isso tomado de João por Paulo é, de fato, lugar”.

Para obtermos estabilizações instanciadas pelo *discreto*, é preciso que os sujeitos enunciadore insiram complementos condizentes com este funcionamento e realizem a

indeterminação a fim de localizar o verbo ‘tomar’ no tempo e no espaço, por exemplo, em construções como:

(13c) Paulo tomou **aquele lugar de João no ônibus**.

(13d) Paulo toma **todo e qualquer lugar de João no ônibus**.

(13e) Paulo **continua** tomando **o lugar de João no ônibus**.

Nos enunciados 13c, 13d e 13e, o funcionamento *discreto* se dá por conta dos termos “**aquele**”, “**todo e qualquer**” e “**continua**”, que instanciam propriedades de caráter quantitativo e acabam por estabilizar o valor do verbo ‘tomar’ com aquele mesmo valor observado na sua origem, ou seja, estabilizam o verbo ‘tomar’ com valor de “ocupar”.

Passemos agora para as análises com o verbo ‘tomar’ instanciando valores *compactos*.

1.3 Formalizações do verbo ‘tomar’ com complemento *compacto*

Percebemos, nos enunciados 14, 15, 16, 17 e 18 com o verbo ‘tomar’, listados no item 1 deste capítulo, as características não contáveis devido ao fato de estarem amparados pela operação de QLT. Neste tipo de operação, é possível estabilizar somente valores qualificativos por meio da articulação léxico-gramatical.

A QLT, por ser uma operação ilustrativa do centro de domínio do *atrator*, não permite a ação de localizar espaço-temporalmente ocorrências próprias deste domínio, podendo apenas as caracteriza como sendo aquela ocorrência. As ocorrências fundamentadas por esta operação são instanciadas porque apresentam o comportamento *compacto*, que, conforme Rezende (2000), remetem a um contínuo não enumerável, logo, suas estabilizações se dão de modo qualificativo e não podem ter suas predicções superadas.

Isso posto, vamos às análises.

(14) Pedro tomou coragem.

Este enunciado traz o verbo ‘tomar’ no seu sentido figurativo estabilizado como “adquirir”. Por ter um valor figurativo, o verbo ‘tomar’, nesse caso, instancia propriedades *compactas* e, por assim ser, entende-se que ele não pode ser apreendido por um valor quantificável, mas qualificável.

No enunciado 14, o verbo ‘tomar’ é qualificado pelo termo “coragem”, ou seja, os sujeitos enunciadorees percorrem toda a classe de ‘tomar’ e não conseguem localizá-lo no

tempo e no espaço, por isso, neste tipo de instanciação, é possível apenas obter propriedades qualificativas para o verbo.

Vejamos:

(14a) Pedro tomou **coragem de leão**.

(14b) Pedro tomou **coragem instintivamente**.

(14c) Pedro tomou **coragem da aula**.

Verificamos, nas construções 14a, 14b e 14c, que o funcionamento do verbo ‘tomar’, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “**coragem de leão**”, “**coragem instintivamente**” e “**coragem da aula**”, ainda continua sendo *compacto* e com o valor figurativo de “adquirir”. Isso ocorre porque os outros elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza deste funcionamento por apenas contribuir com a efetivação da qualidade da coragem. Assim, podemos ter: “Isso tomado por Pedro é verdadeiramente coragem”, ou “Isso que Pedro tomou é, de fato, coragem”.

Além disso, podemos dizer que talvez, nos enunciados 14a, 14b e 14c, a equiponderância característica de *denso* se fará presente, de certo modo. Observamos que, se acrescentarmos algum delimitador temporal, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, as ocorrências de tomar descritas nos enunciados.

Vejamos:

(14d) Pedro tomou **coragem de leão pela manhã**.

(14e) **Ontem** Pedro tomou **coragem instintivamente**.

(14f) **Noite passada** Pedro **tomou coragem na aula**.

É possível vislumbrarmos, nos enunciados 14d, 14e e 14f, a existência de processo e disso obtêm-se instanciações quantificáveis. Os demarcadores de tempo “**pela manhã**”, “**ontem**” e “**noite passada**” quantificam, de alguma maneira, a ocorrência de ‘tomar’. Disso, podemos ter construções como: “Pela manhã Pedro tomou a quantidade de coragem que tomou”, ou “Pela manhã Pedro tomou a quantidade de coragem possível de ser tomada”; “Ontem na aula Pedro tomou a quantidade de coragem possível de ser tomada”, ou “Ontem na aula Pedro tomou a quantidade de coragem que tomou”, e “Noite passada Pedro tomou a quantidade de coragem possível de ser tomada”, ou “Noite passada Pedro tomou a quantidade de coragem que tomou”.

E, se os sujeitos nas suas buscas para estabilizar outros significados realizarem a inserção de complementos condizentes com os seus objetivos (complementos *discretos*) e executarem a indeterminação da ocorrência do verbo ‘tomar’, colocando-o em relação espaço-

temporal, podemos ter este verbo com valor atualizado e distinto dos significados proliferados nas ocorrências anteriores, como em:

(14g) Pedro tomou **a coragem do leão**.

(14h) Pedro tomou **aquela coragem do leão**.

(14i) Pedro tomou **toda a coragem do leão**.

Nesses casos, teríamos o verbo ‘tomar’ passando de um valor a outro, ou seja, o verbo ‘tomar’ adquire estatuto de “suprimir”. Além disso, os complementos do verbo nos parecem atribuir alguma existência ao nominal “coragem” nos enunciados 14g, 14h e 14i, por conta dos termos “**do leão**”, “**a**”, “**aquela**” e “**do leão**”, bem como “**toda a**” e “**do leão**”, respectivamente, determinantes para a ocorrência de ‘tomar’.

Diante do exposto, a intuição de existência de “coragem” é determinada por ser: “**a coragem do leão**”, “**aquela coragem do leão**” e “**toda a coragem do leão**” porque, em certo momento do processo intersubjetivo, os sujeitos, por meio de um ato de dizer, identificam “Pedro” com os predicados “a coragem do leão”, “aquela coragem do leão” e “toda coragem do leão”, transformando “Pedro” no “tomador da/daquela/toda a coragem do leão”.

Estes eventos se fazem possíveis porque os complementos *discretos* atribuídos ao verbo ‘tomar’ possibilitam a localização espaço-temporal da ocorrência do verbo e estabilizam valores. A questão da existência palpável e suprimível para coragem, nesse caso, não nos interessa, haja vista que, nas relações linguísticas dos sujeitos, tudo é possível.

Vamos ao próximo enunciado.

(15) Pedro tomou vergonha.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ tem seu sentido figurativo estabilizado como “adquirir”. Por ter um valor figurativo, nesse caso, instancia propriedades *compactas*, assim como o enunciado 14 e os demais enunciados deste item. Por assim ser, como já ressaltamos em outros momentos, o valor apreendido por ele é preponderantemente qualificável.

No enunciado 15, o verbo ‘tomar’ é qualificado pelo termo “vergonha”. Nesse sentido, os sujeitos enunciadore percorrem toda a classe de ‘tomar’, e não o localiza no tempo e no espaço. Dessa não localização espaço-temporal, instanciam-se apenas propriedades qualificativas para este verbo.

Vejamos:

(15a) Pedro tomou **vergonha do seu corpo**.

(14b) Pedro tomou **vergonha alheia**.

(14c) Pedro tomou **vergonha na cara**.

Temos, nas construções 15a, 15b e 15c, o verbo ‘tomar’, assim como no enunciado 14 e em seus derivados, acrescidos de outros elementos, porém, ainda assim, instanciando valores qualificativos como: “**vergonha do seu corpo**”, “**vergonha alheia**” e “**vergonha na cara**”. Notamos que os complementos conferidos a este verbo apenas contribuem para enfatizar e melhor caracterizar o tipo de vergonha tomada por “Pedro”.

Quanto à estabilidade do verbo ‘tomar’, ele ainda continua tendo estatuto de “adquirir”. Os complementos inseridos para o verbo ‘tomar’ em 15a, 15b e 15c, por si só, não possuem vocações suficientes para alterar o estilo de funcionamento dele e, por isso, apenas evidenciam e efetivam a qualidade da “vergonha” tomada por “Pedro” durante o processo intersubjetivo. Assim, temos: “Isso que Pedro tomou é realmente vergonha”, ou “Isso tomado por Pedro é verdadeiramente vergonha”.

Contudo, caso os sujeitos da enunciação realizem novas modalizações que permitam localizar no tempo e no espaço as ocorrências do verbo ‘tomar’ nos enunciados 15a, 15b e 15c, podemos ter ressaltadas, de alguma maneira, características quantificáveis próprias das instâncias de *denso*. Embora, em *denso*, a *quantificação* se dê apenas circularmente, ainda assim há *quantificação*.

Vejamos:

(15d) **No verão** Pedro tomou **vergonha do seu corpo**.

(15e) **Ontem** Pedro tomou **vergonha alheia**.

(15f) **Na tarde de ontem** Pedro tomou **vergonha na cara**.

Enxergamos, nos enunciados 15d, 15e e 15f, a existência de processo. Houve ações de “tomadas de vergonha” com inícios e finais, ou seja, nestes enunciados, existe a presença da localização espaço-temporal, considerando os demarcadores temporais especificados pelos advérbios de tempo “**no verão**”, “**ontem**” e “**na tarde de ontem**”, que quantificam, de certo modo, as ocorrências do verbo ‘tomar’. Disso podemos ter construções como: “No verão Pedro tomou a quantidade de vergonha que tomou”, ou “No verão Pedro tomou a quantidade de vergonha possível de ser tomada”; “Ontem Pedro tomou a quantidade de vergonha possível de ser tomada”, ou “Ontem Pedro tomou a quantidade de vergonha que tomou”, e “Na tarde de ontem Pedro tomou a quantidade de vergonha possível de ser tomada”, ou “Na tarde de ontem Pedro tomou a quantidade de vergonha que tomou”.

Nas inconstantes buscas para estabilizar novos significados, os sujeitos enunciadore podem inserir complementos conforme as suas pretensões (complementos *discretos*) e indeterminar a ocorrência do verbo ‘tomar’ e pô-lo em uma relação espaço-temporal, como em:

(15g) Pedro tomou **a vergonha do namorado**.

(15h) Pedro tomou **aquela vergonha da criança**.

(15i) Pedro tomou **toda a vergonha da criança**.

Nas ocorrências trazidas nestes enunciados, o verbo ‘tomar’ passa de um valor a outro, ou seja, nesses casos, adquire estatuto de “suprimir”, considerando os seus complementos, que parecem arrogar alguma existência ao termo “coragem” nos enunciados 15d, 15e e 15f por conta dos termos “**a**” e “**do namorado**”; “**aquela**” e “**da criança**” e “**toda a**” e “**da criança**”, respectivamente, que são responsáveis por determinar as ocorrências de ‘tomar’ nestas construções. As determinações se dão porque os complementos *discretos* atribuídos ao verbo ‘tomar’ possibilitam a localização espaço-temporal da ocorrência do verbo e estabilizam valores.

Passemos ao próximo enunciado.

(16) Pedro tomou medo.

(17) Pedro tomou satisfação.

Nestes enunciados, o verbo ‘tomar’ também tem sentidos figurativos estabilizados como “adquirir” e “exigir”, respectivamente. E, por ter valores figurativos, instancia propriedades *compactas*, assim como nos enunciados 14 e 15, analisados também neste item. Por assim ser, como já ressaltamos em outros momentos, os valores apreendidos nas construções 16 e 17 são preponderantemente qualificáveis.

Em 16, o verbo ‘tomar’ é qualificado pelo termo “medo”, e, em 17, é qualificado pelo termo “satisfação”. As qualificações para este verbo são instanciadas considerando as inexistências de localizações espaço-temporais, como também já ressaltamos em outros momentos deste trabalho.

Vejamos agora os seguintes casos:

(16a) Pedro tomou **medo de cobra**.

(16b) Pedro tomou **medo do palhaço**.

(16c) Pedro tomou **medo de cavalo**.

(17a) Pedro tomou **satisfação com o diretor**.

(17b) Pedro tomou **satisfação com o pai**.

(17c) Pedro tomou **satisfação com o padeiro**.

Temos, nestas construções, o verbo ‘tomar’, assim como nos enunciados 14 e 15 e em seus respectivos derivados, ao serem acrescidos por outros termos, instanciando valores qualitativos como: “**medo de cobra**”, “**medo do palhaço**” e “**medo de cavalo**”; “**satisfação com o diretor**”, “**satisfação com o pai**” e “**satisfação com o padeiro**”. Os complementos descritos contribuem somente para dar ênfase e nitidez ao tipo de “medo” e “satisfação” tomado por “Pedro”.

Ainda temos o verbo ‘tomar’ em 16a, 16b e 16c estabilizados como “adquirir” e em 17a, 17b e 17c como “exigir”, conforme os valores intuídos ainda nos enunciados de origens, ou seja, os complementos inseridos para o verbo ‘tomar’, em todas essas construções, não possuem forças suficientes para alterar o tipo de funcionamento do verbo e, por essa razão, ratificam e concretizam as qualidades do “medo” e da “satisfação” tomados por “Pedro” no processo intersubjetivo. Assim, resulta-se em “Isso que Pedro tomou é realmente medo/satisfação” ou “Isso tomado por Pedro é verdadeiramente medo/satisfação”.

Caso os sujeitos da enunciação realizem novas modalizações para localizar no tempo e no espaço as ocorrências de ‘tomar’, em todos estes enunciados, podemos ter enfatizadas, de alguma maneira, características quantificáveis próprias das instanciações de *denso*. Embora a *quantificação*, nesses casos, ocorra apenas circularmente, ainda assim, haverá *quantificação*.

Vejamos:

(16d) **Ontem** Pedro tomou **medo de cobra**.

(16e) **Ontem** Pedro tomou **medo do palhaço**.

(16f) **Ontem** Pedro tomou **medo de cavalo**.

(17d) **Ontem** Pedro tomou **satisfação com o diretor**.

(17e) **Ontem** Pedro tomou **satisfação com o pai**.

(17f) **Ontem** Pedro tomou **satisfação com o padeiro**.

Observamos nos enunciados supracitados a existência de processo. Houve ações de tomadas de “medo” e de “satisfação” com inícios e finais, ou seja, nessas construções, existe a presença da localização espaço-temporal, considerando os demarcadores temporais especificados pelo advérbio de tempo “**ontem**”, presente em todos os enunciados, que quantificam, de certo modo, as ocorrências do verbo ‘tomar’. Disso, podemos ter construções como: “Ontem Pedro tomou a quantidade de medo que tomou”, ou “Ontem Pedro tomou a

quantidade de medo possível de ser tomada”; “Ontem Pedro tomou a quantidade de satisfação possível de ser tomada” ou “Ontem Pedro tomou a quantidade de satisfação que tomou”.

Nas inconstantes buscas para estabilizar significados, os sujeitos enunciadorees podem inserir complementos conforme as suas pretensões (complementos *discretos*) e indeterminar a ocorrência do verbo ‘tomar’, colocando-o em uma relação espaço-temporal, como em:

(16g) Pedro tomou **o medo da cobra**.

(16h) Pedro tomou **aquele medo do palhaço**.

(16i) Pedro tomou **todo o medo do cavalo**.

(17g) Pedro tomou **a satisfação do diretor**.

(17h) Pedro tomou **a satisfação do pai**.

(17i) Pedro tomou **a satisfação do padeiro**.

Nestas ocorrências, o verbo ‘tomar’ passa de um valor a outro, ou seja, nesses casos, dos valores de “adquirir” e “exigir”, respectivamente, o verbo adquire estatuto de “suprimir”, considerando os complementos que parecem atribuir alguma existência aos nominais “medo” e “satisfação” nos enunciados supracitados por conta dos termos “o” e “da cobra”, “aquele” e “do palhaço”; “todo o” e “do cavalo”, presentes nas construções derivadas de 16, e dos termos “a” e “do diretor”; “a” e “do pai”, e “a” e “do padeiro”, presentes nos enunciados derivados de (17), respectivamente.

Estes termos são responsáveis por determinar as ocorrências do verbo ‘tomar’ em todas as construções supracitadas. As determinações se materializam porque os complementos *discretos* atribuídos ao verbo ‘tomar’ possibilitam a localização espaço-temporal das ocorrências do verbo e estabilizam valores, considerando as interações e as experiências dos sujeitos de linguagem.

Vamos ao próximo enunciado.

(18) Pedro toma banho.

Neste enunciado, o verbo ‘tomar’ também tem sentido figurativo estabilizado como “banhar-se”. E, por ter valor figurativo, o verbo, nessa construção, assim como em todos os demais enunciados analisados neste item, instancia-se com valores qualitativos preponderantes, considerando o funcionamento de *compacto* que assim permite.

No enunciado 18, o verbo ‘tomar’ é qualificado pelo termo “banho”. A instanciamento do verbo aqui é explicitada por meio de qualificativos que remetem ao tipo de banho em questão, como em:

(18a) Pedro toma **banho quente/frio**.

(18b) Pedro toma **banho demorado**.

(18c) Pedro toma **banho relaxante**.

(18d) Pedro toma **banho rápido**.

(18e) Pedro toma **banho de gato**.

(18f) Pedro toma **banho quente**.

Observando estes enunciados, temos ocorrências de banho que se identificam com o tipo/qualidade de banho, logo, nesses casos, o verbo ‘tomar’ se estabiliza com valor preponderantemente qualitativo, não admitindo outras predicções. Assim, podemos ter: “Isso que Pedro faz é realmente tomar banho”, “Isso que Pedro está fazendo é verdadeiramente banho quente/frio, demorado/rápido/de gato e relaxante/quente”, ainda que tais ocorrências não se identifiquem com outras ocorrências do mesmo caráter.

Ressaltamos que, mesmo inserindo complementos de natureza quantitativa, como os complementos *discretos*, por exemplo, as instanciamentos ainda serão de cunho qualitativo, e a mudança se dará apenas em relação ao valor estabilizado para o verbo ‘tomar’, que passará de “banhar-se” para “suprimir”.

Vejamos:

(18g) Pedro toma **o banho do gato**.

Passemos agora para as análises com o verbo ‘passar’ com funcionamento discreto.

1.4 Formalizações do verbo ‘passar’ com complemento *discreto*

Notamos, nos enunciados 1, 2, 3 e 4 com o verbo ‘passar’, listados no item 1 deste capítulo, a característica de ser contáveis. Além disso, neles, há a instanciamento de *discreto*, trazendo a intuição de algo existente na realidade, mas nada impede que as propriedades contáveis expressas em nestas ocorrências venham perder seus traços QNT e passem a ter propriedades QLT.

As instanciamentos de *discreto*, como defendido por Rezende (2000), remetem aos processos de **passagem no vestibular, passagem pela Bahia, passada de roupa e passada de pano, vassoura**.

Porém, as instanciações de *discreto* podem sofrer compactação e consequentemente estabilizar outros valores. O *discreto*, por remeter à intuição de existência, pode ser transformado de predicação de existência em apenas intuição de existência, ou seja, se os sujeitos durante o processo intersubjetivo não validarem a intuição de existência de “alguém passar algo” ou “passar por algo”, provavelmente não será possível predicar a ocorrência do verbo ‘passar’.

Ademais, se os sujeitos não validarem a intuição de existência de alguém passar “no vestibular”, “pela Bahia”, “a roupa” e “o pano/vassoura”, o verbo ‘passar’, caso posto em relação com outros complementos através do diálogo estabelecido entre os sujeitos enunciadore, poderá estabilizar outros valores com características comuns ao funcionamento de *compacto*, por exemplo.

Dito isso, passemos às análises dos enunciados.

(1) João passou em história.

Neste enunciado, o verbo ‘passar’ se encontra estabilizado com valor de “ser aprovação”, mas se o modalizarmos, podemos observar alterações no valor do verbo ‘passar’, como em: 1(a) “João **passou da história**”, 1(b) “João passou (**longe**) **da história**” e 1(c) “João passou **a história adiante**”. Repare que, em 1(a), o verbo ‘passar’ deixa de ter valor “ser aprovação” e passa a ser “ir além da página”; em 1(b) passa a ser “não se envolver” e, em 1(c), passa a ser “espalhar”, mas, ainda assim, a instanciação de *discreto* se sobrepõe.

Contudo, se tivermos: 1(d) “João passou **vistos ontem na história**”, a ocorrência de ‘passar’ estabiliza-se com o valor de “ser correção”, ou seja, diferindo-se do valor intuído no início do processo enunciativo, assim como também traz à tona uma instanciação motivada por outro tipo de funcionamento: o de *denso*.

Repare que, a *quantificação* do verbo ‘passar’, em 1d, se dá circularmente, sendo possível quantificar a ocorrência de ‘passar’ somente por conta do complemento “**vistos ontem na história**”, direcionando para a interpretação de existência de “vistos passados de fato”, localizado no tempo e no espaço pelo advérbio de tempo “**ontem**”. Assim, a quantidade passada se determina apenas circularmente por causa da equiponderância entre QNT e QLT, característica do funcionamento de *denso*. Dessa forma, é possível determinar apenas a quantidade passável: “João passou a quantidade de vistos que passou” ou “João passou a quantidade de vistos que foi possível passar”.

Porém, caso tivermos 1(e) “João passou **a história da criança (no quadro)**”, temos o verbo ‘passar’ se estabilizando com valor de “ser cópia, ser atividade escolar” e, em 1(f), “João passou **da história da criança (no livro)**”, temos o verbo ‘passar’ se estabilizando com valor de “exceder limite”, e a instanciação em ambas as ocorrências fica por conta de *compacto*, pois, nestes enunciados, existem somente possibilidades de estabilizações de valores qualificativos, considerando os complementos “**a história da criança**” e “**da história da criança**”, que não permitem quantificar esta ocorrência do verbo ‘passar’. A impossibilidade de *quantificação* de ‘passar’ se dá por não haver o vislumbre da ocorrência em uma relação espaço-temporal. Logo, é possível obter: “Isso que João passou, é de fato, a história da criança”, ou “Isso que João passou é o que podemos chamar de história da criança”.

Vamos ao próximo enunciado em análise.

(2) Pedro passou pela Bahia.

Neste enunciado, o complemento *discreto* atribuído ao verbo ‘passar’ estabiliza para ele o significado de “visitar, conhecer, transitar”. A instanciação de *discreto*, no enunciado 2, ocorre por causa da atribuição de “passagem pela Bahia de alguém para alguém” por um ato enunciativo. Neste processo de atribuição, os sujeitos enunciadoreis localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘passar’ e, por meio dela, realizam a identificação de “Pedro” com o predicado “pela Bahia”. Disso, obtém-se “Pedro passando pela Bahia”, e é pelo processo de atribuição de algo para alguém que este alguém vem a ter existência.

No entanto, se, em algum momento do processo enunciativo, os sujeitos elaborassem a seguinte ocorrência: (2a) “Pedro passou **(o limite) da Bahia**”, teríamos o verbo ‘tomar’ estabilizado com valor de “deixar para trás, ir além da”, dada a atribuição do complemento *compacto*: “**(o limite) da Bahia**”.

Nesse sentido, o verbo ‘passar’ não poderia ser localizado no tempo e no espaço, logo, não se daria por ser um processo, mas por ser uma ocorrência preponderantemente qualitativa que não admite outras qualificações. Ressaltamos que o valor do verbo ‘passar’ é moldado na enunciação, assim, prontamente, crer em significados ideais não passa de mera ilusão, porque, a cada enunciação, novos valores são estabilizados e estes valores podem tanto se identificarem com o valor intuído na origem do processo enunciativo, quanto serem atualizados, estabilizando valores novos.

Já em (2b) “Pedro passou **alguma vez pela Bahia?**”⁵⁸, temos o verbo ‘passar’ complementado por argumento *denso* e, assim como no enunciado de origem, estabiliza-se com o valor de “visitar, conhecer, transitar”. Nesse sentido, os sujeitos enunciadorees conseguem vislumbrar a ocorrência de ‘passar’ no espaço e no tempo, a *quantificação* só se dá circularmente: “Pedro passou pela Bahia quantas vezes foi possível passar”, ou “A Bahia foi passada por Pedro quantas vezes Pedro conseguiu passar”.

Vamos ao próximo enunciado.

(3) Joana passa as roupas.

Aqui, o verbo “passar”, dado seu completo *discreto*, adquire valor de “alisar com ferro”. A instanciación de *discreto*, neste enunciado, ocorre por causa da atribuição de “passagem de roupas de alguém para alguém” por um ato enunciativo. Neste processo de atribuição, os sujeitos enunciadorees localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘passar’ e, por meio dela, realizam a identificação de “Joana” com o predicado “as roupas”. Disso, obtém-se “Joana passando as roupas”.

No entanto, se, em algum momento do processo enunciativo, os sujeitos elaborassem as seguintes ocorrências: (3a) “Joana passa **roupas aos sábados**” e (3b) “Joana passa **roupas do marido para João**”, teríamos o verbo ‘passar’ em 3a estabilizado com valor de “alisar com ferro”, e em 3b com valor de “dar/doar”, porém, os seus funcionamentos ainda seriam *densos*, dado os complementos: “**roupas aos sábados**” e “**roupas do marido para João**”. Nesse sentido, os sujeitos enunciadorees conseguem vislumbrar as ocorrências de ‘passar’ no espaço e no tempo, mas a *quantificação* só se dá circularmente: “Joana passa a quantidade de roupas que é possível de se passar aos sábados”, “Aos sábados Joana passa a quantidade de roupas que é possível passar”, ou “Joana passa a quantidade de roupas do marido que é possível de se passar para João”.

⁵⁸ Imaginemos uma situação em que dois amigos, (A e B) estão conversando a respeito de uma viagem de Pedro. A viagem de Pedro é a trabalho, ou seja, para fazer algumas entregas. Em dado momento, o amigo A, preocupado com o fato de Pedro, talvez, não ter muita experiência com entregas, indaga ao amigo B: “**Pedro passou alguma vez pela Bahia?**”, e o amigo B responde: “**Lógico que não!**” ou “**Sim, algumas vezes**”. Percebemos que, em “**Lógico que não!**”, temos uma asserção negativa, logo, a atribuição de existência “de passagem pela Bahia para Pedro” é frustrada e não passa de intuição de existência. E, em “**Sim, algumas vezes**”, temos a intuição de existência de “passagem pela Bahia para Pedro”, se confirmando circularmente, haja vista que os termos “**algumas vezes**” não delimitam quantitativamente a ocorrência do verbo ‘passar’, mas permitem enumerar tal ocorrência.

No entanto, em 3(b), verificamos que há bloqueios que impedem a validação da intuição de existência de “alguém passando roupas”, dada a existência de dois argumentos: “Joana” e “João”, que poderão oscilar em decorrência das identificações deles com a predicação de existência de “alguém passando roupas”, realizadas pelos sujeitos no processo intersubjetivo. Contudo, apesar da oscilação, o verbo ‘passar’ se estabiliza e instancia propriedades de caráter *denso*, em que ora “Joana é o passador”, ora “João é passador”.

Se tivermos:

(3c) Joana passa **roupas imaginárias**.

(3d) Joana passa **roupas novas/velhas**.

(3e) Joana passa **roupas usadas**.

(3f) Joana passa **roupas do marido/dos filhos/da mãe**.

As instanciações de valores ficam por conta do funcionamento de *compacto*, haja vista que os complementos “**roupas imaginárias**”, “**roupas novas/velhas**”, “**roupas usadas**” e “**roupas do marido/dos filhos/da mãe**” permitem somente conferir qualidades ao verbo ‘passar’ e estabilizam-no com valor de “alisar com ferro”. Assim, podemos obter: “Isso que Joana passa é, de fato, roupas novas”, “Isso que Joana passa é, de fato, roupas imaginárias”, “Isso que Joana passa é, de fato, roupas velhas/novas/ usadas/ do marido”, e “Isso que Joana passa, é de fato, roupas do marido/dos filhos/da mãe”.

Se, por fim, tivéssemos uma construção como: 3(g) “Maria passa **pelas roupas no varal**”, teríamos novamente o verbo ‘passar’ apresentando propriedades *discretas*, assim como no enunciado 3, mas o valor proliferado e estabilizado para ele, dado o complemento “**pelas roupas no varal**”, é de “atravessar por/entre”, e não mais de “alisar com ferro”.

Vamos ao próximo enunciado.

(4) Maria passou o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura na casa.

Neste enunciado, o verbo ‘passar’ se encontra estabilizado com o significado de “limpar” e seu complemento é *discreto*, assim como todos os enunciados desta seção. Durante o processo enunciativo, ocorre a atribuição de “passagem de pano/vassoura de alguém para alguém”. Assim, os sujeitos enunciadores localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘passar’ e, por meio dela, realizam a identificação de “Maria” com o predicado “o pano/um pano/ a vassoura/uma vassoura na casa”. Disso, obtém-se “Maria passando o pano/um pano/ a vassoura/uma vassoura na casa”.

Entretanto, se tivéssemos uma construção como: 4(a) “Maria passou **pelo pano/ por um pano/pela vassoura/por uma vassoura no quintal**” ainda teríamos uma construção enunciativa com propriedades *discretas*, porém, o valor do verbo ‘passar’ não mais seria “limpar”, e, sim, “ato de visualizar, encontrar”.

Se, em algum momento do processo enunciativo, os sujeitos elaborassem as seguintes ocorrências: (4b) “Maria passou **pano/vassoura na casa de manhã/ à tarde/ a noite/de madrugada.**”, ainda teríamos o verbo ‘passar’ estabilizado como “limpar”, contudo, o funcionamento se tornaria *denso* por causa de seus complementos “**pano/vassoura na casa de manhã/ à tarde/ a noite/ de madrugada.**” Ressaltamos que, nesse caso, os sujeitos enunciadoreis vislumbram a ocorrência de ‘passar’ no espaço e no tempo através dos advérbios temporais “**de manhã/ à tarde/ a noite/ de madrugada.**”, mas a *quantificação* só se dá circularmente: “Maria passou pano/vassoura na casa a quantidade de vezes que conseguiu passar de manhã/ à tarde/ a noite/ de madrugada”, ou “De manhã/ à tarde/ a noite/ de madrugada Maria passou pano/vassoura na casa quantas vezes foram possíveis”.

Se tivermos:

(4c) Maria passou **o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura nova/velha/suja na casa.**

(4d) Maria passou **o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura azul na casa.**

(4e) Maria passou **o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura molhada/seca na casa.**

As instanciações de valores ficam por conta do funcionamento de *compacto*, porque os complementos “**o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura nova/velha/suja**”, “**o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura azul**” e “**o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura molhada/seca**” conferem qualidades ao verbo ‘passar’ e o estabilizam com valor de “limpar” conforme intuído no início do processo enunciativo. Assim, podemos obter: “Isso que Maria passou é de fato o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura molhada/seca na casa”, “Isso que Maria passou é de fato o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura azul na casa”, ou ainda “Isso que Maria passou é mesmo o pano/um pano/a vassoura/uma vassoura nova/velha/suja na casa”.

Passemos agora para as análises do verbo ‘passar’ com funcionamento regido por *denso*.

1.5 Formalizações do verbo ‘passar’ com complemento *denso*

Os enunciados 5, 6,7 e 8 com o verbo ‘passar’, listados no item 1 deste capítulo, e trazidos para análise nesta seção, apresentam a característica quantitativa enfraquecida, ou seja, podem ser apenas enumeráveis e não quantificáveis. Os *densos*, como já posto anteriormente, trazem a ideia de algo existente, porém, com uma intuição de existência que poderá não se vingar, dadas as modalizações que serão realizadas pelos sujeitos durante o processo intersubjetivo. Ressaltamos que as instanciações de *denso* se dão de modo circular e, conforme Rezende (2000), trazem a ideia de contínuo enumerável por ter, em seu âmago, a equiponderância entre QNT e QLT.

A seguir, tem-se as explicações dos enunciados:

(5) Isa passou (um pouco de) perfume/hidratante.

O verbo ‘passar’, neste enunciado, tem seu significado descrito por ser “perfumar-se”. Temos nele a instanciação de *denso* porque o complemento dele permite assim observarmos. Os sujeitos enunciadore, durante o processo intersubjetivo, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘passar’ e a identificam com o complemento “perfume/hidratante”.

No processo, os sujeitos enunciadore atribuem “perfume/hidratante para alguém” e assim determinam o valor do verbo ‘passar’ circularmente, dado o exemplificador “um pouco de” que assim possibilita. Ou ainda porque o verbo ‘passar’ pode ter a intuição de existência frustrada, como em: “Isa passaria perfume/hidratante, mas acabou”, ou “Isa vai passar perfume/hidratante quando comprar”. Dessa forma, a não localização da ocorrência determinam a *quantificação* para ‘passar’, como em:

(5a) Isa passaria **perfume/hidratante, caso comprasse**.

(5b) Isa passaria **(muito) perfume/hidratante, se tivesse**.

(5c) Isa passava **perfume/hidratante quando tinha**.

(5d) Isa passou perfume/hidratante na hora que lembrou.

Ressaltamos que, mesmo se os sujeitos enunciadore inserissem intensificadores ao enunciado origem, a quantidade não poderia ser determinada de fato, como em: “Isa passou **(pouco) perfume/hidratante**”, ou “Isa passou **(bastante) perfume/hidratante**”. Com as ponderações de *denso*, só é possível obter determinações como: “Isa passou a quantidade de

perfume/hidratante que passou”, ou “Isa passou a quantidade de perfume/hidratante possível de ser passada”.

Se, do enunciado 5, obtivermos as seguintes construções: (5e) “Isa passou **o perfume/o hidratante no corpo**”, ou (5f) “Isa passou **o perfume/hidratante para a tia**”, teremos o verbo ‘passar’ em 5e ainda sendo estabilizado com valor de “perfumar-se” e o verbo ‘passar’ em 5f alterando seu valor e estabilizando-se como “dar/ doar”, porém, a instanciação ficará por conta de *discreto*. Isso ocorre porque, nesses casos, há o vislumbre da ocorrência de ‘passar’ situada no tempo e no espaço.

Nos seguintes enunciados:

(5g) Isa passou **perfume/hidratante caro/barato**.

(5h) Isa passou **perfume/hidratante forte/floral/ amadeirado**.

(5i) Isa passou **perfume/hidratante Nativa SPA/importado**.

Temos o verbo ‘passar’ estabilizado, assim como no enunciado origem com o valor de “perfumar-se”. Contudo, os complementos postos em relação ao verbo ‘passar’ fazem dele uma unidade com propriedade *compacta*, logo, os complementos “**caro/barato**”, “**forte/floral/amadeirado**” e “**Nativa SPA/importado**” atribuem qualificações às ocorrências deste verbo, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que Isa passou é o que podemos chamar de perfume/hidratante”, ou “Isso que Isa passou é verdadeiramente perfume/hidratante”.

Vamos à próxima análise.

(6) Marcio passou piolho para Caio.

O verbo ‘passar’, neste enunciado, tem seu significado descrito por ser “transmitir”. Nele há a instanciação de *denso* porque o complemento dele assim nos permite observar. Os sujeitos enunciadore, durante o processo de diálogo, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘passar’ e a identificam com o complemento “piolho para Caio”.

Além disso, em 6, durante o processo intersubjetivo os enunciadore, ao realizarem a atribuição “alguém passando piolho para alguém”, esbarram em uma questão de duplicidade de argumentos, encontrando, assim, bloqueios que impedem a validação da intuição de existência de “alguém passando piolhos”. Isso acontece dada a existência de dois argumentos: “Marcio” e “Caio”, que poderão oscilar, em decorrência das identificações deles com a predicação de existência de “alguém passando piolho”, realizadas pelos sujeitos no processo

intersubjetivo. Contudo, ainda assim, o verbo ‘passar’ se estabiliza e instancia propriedades de caráter *denso*, em que ora “Marcio é passador”, ora o “Caio é passador”.

No processo intersubjetivo trazido pelo enunciado 6, os sujeitos enunciadores atribuem “piolho para alguém” e assim determinam o valor de ‘passar’ circularmente, como em: “Marcio passou a quantidade de piolho que passou para Caio”, ou “Caio passou a quantidade de piolho que passou para Marcio”. E, mesmo que os sujeitos enunciadores insiram ao enunciado 6 marcas que delimitem a *quantificação* para o verbo ‘passar’, ele ainda permanecerá instanciando valores *densos*, como em: “Marcio passou **(muito) piolho para Caio**”, “Caio passou **(pouco) piolho para Marcio**”, “Caio passou **(muito) piolho para Marcio**”, ou “Caio passou **(pouco) piolho Marcio**”. Dessa forma, a localização da ocorrência no tempo e no espaço determina circularmente a *quantificação* para o verbo ‘passar’.

Se, do enunciado 6, obtivermos a seguinte construção: (6a) “Marcio passou **o/um piolho para Caio**”, ou (6b) “Caio passou **o/ um piolho para Marcio**”, ainda teremos o verbo ‘passar’ sendo estabilizado com valor de “transmitir”, contudo, as instanciações ficam por conta do funcionamento de *discreto*. Isso ocorre porque, nesses casos, há o vislumbre da ocorrência de ‘passar’ situada no tempo e no espaço.

Nos seguintes enunciados:

(6c) **O/um piolho grande do Marcio** passou para Caio.

(6d) **O/um piolho grande do Caio** passou para Marcio.

Temos o verbo ‘passar’ estabilizado, assim como no enunciado origem, com o valor de “transmitir”, mas os complementos postos em relação ao verbo fazem dele uma unidade com propriedade *compacta*, logo, os complementos que antecedem o verbo “**O/um piolho grande do Marcio**” e “**O/um piolho grande do Caio**”, combinados aos complementos que sucedem: “para Caio” e “para Marcio”, atribuem qualificações às ocorrências do verbo, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que Marcio/Caio passou é o que podemos chamar de piolho”, ou “Isso que Marcio/Caio passou é verdadeiramente piolho”.

Passemos para o próximo enunciado.

(7) Carlos passou dinheiro para Maria.

O verbo ‘passar’ tem seu significado descrito por ser “entregar/pagar”. Temos nele a instanciação de *denso* porque o complemento dele permite assim observarmos. Os sujeitos

enunciadores, durante a intersubjetividade, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘passar’ e a identificam com o complemento “dinheiro para Maria”.

Ao atribuir “dinheiro para alguém”, os enunciadores determinam o valor de ‘passar’ com realce de *denso*, ou seja, circularmente, resultando afirmações como: “Carlos passou a quantidade de dinheiro que passou para Maria”, ou “Carlos passou o dinheiro que foi possível passar para Maria”. Caso o sujeito que enuncia insira um suporte, como “**(uma quantia de) dinheiro**”, para quantificar ou enumerar, de alguma maneira, o complemento “dinheiro para Maria”, ainda assim teremos o funcionamento de *denso*.

Vejamos nas manipulações a seguir mais alguns exemplos do funcionamento de *denso* ao ser inserido um suporte ou algum intensificador à ocorrência do verbo ‘passar’:

(7a) Carlos passou **(um maço de) dinheiro para Maria**.

(7b) Carlos passou **(um tanto de) dinheiro para Maria**.

(7c) Carlos passou **(um pouco de) dinheiro para Maria**.

(7d) Carlos passou **(bastante/muito/pouco) dinheiro para Maria**.

Ainda nos referindo ao funcionamento de *denso*, os sujeitos enunciadores, ao realizarem as manipulações, podem frustrar a intuição de existência de “dinheiro para alguém” ao enunciar que: 7(e) “Carlos passou **dinheiro (nenhum) para Maria**”. Além disso, no enunciado 7, a atribuição de existência de “alguém passando dinheiro para alguém” apresenta duplicidade de argumentos: “Carlos” e “Maria”. Logo, encontra um bloqueio que impede a validação da intuição de existência de “alguém passando dinheiro para alguém” por haver oscilação nas identificações dos argumentos com a predicação de existência de “alguém passando dinheiro para alguém” realizadas pelos sujeitos no processo intersubjetivo. Porém, mesmo assim, o verbo ‘passar’ se estabiliza e instancia propriedades de caráter *denso*, em que ora “Carlos é passador”, ora “Maria é passador”.

Se, do enunciado 7, obtivermos as seguintes construções: (7f) “Carlos passou **o/um dinheiro para Maria**”, (7g) “Carlos passou **aquele dinheiro para Maria**”, ou (7h) “Carlos passou **todo o dinheiro para Maria**”, ainda teremos construções com valores de “entregar/pagar”, mas com funcionamentos *discretos*, haja vista que é possível inserir a ocorrência no tempo e no espaço.

Já em uma construção como: (7i) “Carlos passou **o dinheiro da Maria**”, temos a instanciação de *compacto*, dada a preposição “**da**”, que transmite uma ideia de posse, ou seja, qualifica a ocorrência de ‘passar’, permitindo apenas instanciações de caráter QLT. Disso

podemos ter: “Isso que Carlos passou para Maria é, de fato, dinheiro”, ou “Isso que Carlos passou para Maria é o que podemos chamar de dinheiro”.

Seguimos com nossas análises.

(8) Luiz passou manteiga no pão.

Aqui, o verbo ‘passar’ tem seu funcionamento instanciado por *denso*, assim como nos demais enunciados trazidos nesta seção. Já o seu valor é descrito por “espalhar”. Nessa construção, os sujeitos enunciadore localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘passar’ e a identificam com o complemento “manteiga no pão”.

Ao atribuir “manteiga no pão para alguém”, os enunciadore determinam o valor de ‘passar’, como já posto, com realce de *denso*. Disso podemos ter: “Luiz passou a quantidade de manteiga que passou no pão”, ou “Luiz passou a manteiga que foi possível passar no pão”. Caso o sujeito que enuncia insira um suporte, como “**(uma colher de) manteiga**”, visando quantificar ou enumerar, de alguma maneira, o complemento “manteiga no pão”, ainda assim, teremos o funcionamento de *denso*.

Vejamos nas manipulações a seguir mais alguns exemplos do funcionamento de *denso* ao ser inserido um suporte ou algum intensificador aos enunciados com ocorrências do verbo ‘passar’:

(8a) Luiz passou **(um pouco de) manteiga no pão**.

(8b) Luiz passou **(muita/pouco/bastante) manteiga no pão**.

(8c) Luiz passou **(um pote de) manteiga no pão**.

Além disso, os sujeitos enunciadore também podem realizar as manipulações que venham frustrar a intuição de existência de “manteiga para alguém” ao enunciar que: 8(d) “Luiz passou **(nenhuma) manteiga no pão**”, ou 8(e) “Luiz passou **(nada de) manteiga no pão**”.

Se, do enunciado 8, obtivermos as seguintes construções: 8(f) “Luiz passou **manteiga Quali no pão**”, ou 8(g) “Luiz passou **manteiga vencida no pão**”, teremos as instancias de *compacto*, dados os qualificativos “**Quali**” e “**vencida**”, e o valor do verbo ‘passar’ permanece o mesmo que o valor intuído na origem. Disso podemos ter: “Isso que Luiz passou no pão é, de fato, manteiga”, ou “Isso que Luiz passou no pão é verdadeiramente manteiga”.

Já em: 8(h) “Luiz passou **a manteiga no pão**”, 8(i) “Luiz passou **toda a manteiga no pão**”, e 8(j) “Luiz passou **aquela manteiga no pão**”, ainda teremos construções com valores

de “espalhar”, porém, com funcionamentos *discretos*, haja vista que é possível inserir a ocorrência no tempo e no espaço.

Passemos agora para as análises dos enunciados com o verbo ‘passar’ que apresentam instâncias de *compacto*.

1.6 Formalizações do verbo ‘passar’ com complemento *compacto*

Percebemos, nos enunciados 9 e 10 com o verbo ‘passar’, listados no item 1 deste capítulo, a característica não contável, devido ao fato de estarem amparados pela operação de QLT. Como já posto, neste tipo de operação, é possível estabilizar somente valores qualificativos por meio da articulação léxico-gramatical.

A QLT é uma operação ilustrativa do centro de domínio do *atrator*, logo, não permite a ação de localizar espaço-temporalmente ocorrências próprias desse domínio, podendo apenas as caracteriza como sendo aquela ocorrência. As ocorrências fundamentadas por esta operação são instanciadas pela operação de *compacto*.

Dito isso, passemos para as análises.

(9) A carne/maçã/Danone passou.

O verbo ‘passar’, neste enunciado, encontra-se em sentido figurativo estabilizado como “apodrecer/ estragar”. Por ter um valor figurativo, o verbo ‘passar’ instancia propriedades *compactas*, logo, não pode ser apreendido por um valor quantificável, apenas qualificável.

Neste enunciado, o verbo ‘passar’ é qualificado pelos termos que o antecedem, isto é, “carne/maçã/Danone”, neste sentido, os sujeitos enunciadore percorrem toda a classe de ‘passar’ e não conseguem localizá-lo no tempo e no espaço, por isso, neste tipo de instânciação, é possível apenas obter propriedades qualificativas para o verbo.

Vejamos:

(9a) A carne/maçã/ Danone passou **demais**.

(9b) A carne/maçã/ Danone passou **muito**.

(9c) A carne/maçã/ Danone passou **um pouco**.

Percebemos, nas construções 9a, 9b e 9c, que o funcionamento do verbo ‘passar’, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “**demais**”, “**muito**” e “**um pouco**”,

ainda continua tendo instanciações *compactas* e com valores figurativos de “apodrecer/estragar”. Isso acontece porque os elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza deste funcionamento, pois apenas contribuem com a efetivação da qualidade atribuída para ‘passar’. Assim, podemos ter: “Isso sim é carne/maçã/Danone verdadeiramente passados”, ou “Isso que está passado é, de fato, carne/maçã/Danone”.

Além disso, nos enunciados 9a, 9b e 9c, é possível, de certo modo, obter a equiponderância característica de *denso*. Observamos que, se acrescentarmos algum delimitador temporal, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, estas ocorrências de ‘passar’ descritas nestes enunciados.

Vejamos:

(9d) **Semana passada** a carne/maçã/ Danone passou.

(9e) **Mês passado** a carne/maçã/ Danone passou.

Notamos, nos enunciados 9d e 9e, a existência de processo e disso obtêm-se instanciações quantificáveis. Os demarcadores de tempo “**semana passada**” e “**mês passado**” quantificam, de certa maneira, a ocorrência de ‘passar’. Daí, podemos ter construções como: “Mês passado a carne/maçã/Danone passou na quantidade que passou”, ou “Mês passado a carne/maçã/ Danone passou na quantidade possível de ser passada”; “Semana passada a carne/maçã/ Danone passou a quantidade que passou”, ou “Semana passada a carne/maçã/ Danone passou a quantidade possível de ser passada”.

Quanto às estabilizações de significados com instanciações de *discreto*, como no caso do enunciado 9, os sujeitos podem realizar modalizações e executarem a indeterminação da ocorrência do verbo ‘passar’ ao colocá-lo em uma relação espaço-temporal, porém, para isso, os termos “a carne/maçã/Danone” terão que, de alguma forma, tornar-se seres animados, ou ainda necessitar da inserção de termos generalizantes aos argumentos. Assim, nesse caso, o verbo ‘passar’ apresentará valor de “transitar por”, como em: (9f) “A carne/maçã/Danone **passou pelo shopping**”. E voltará a ter o mesmo valor intuído na origem, caso tivermos construções com a inserção de marcadores generalizantes, como: (9g) “**Toda(o)** a carne/maçã/Danone passou”, e (9h) “**Aquela(e)** carne/maçã/Danone passou”.

Seguimos para a análise do próximo enunciado.

(10) Maria passou vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome.

Este enunciado traz o verbo ‘passar’ no seu sentido figurativo e estabilizado como “sentir”. Por ter um valor figurativo, o verbo ‘passar’ instancia propriedades *compactas* e, por assim ser, entendemos que ele não pode ser apreendido por um valor quantificável, mas qualificável.

No enunciado 10, o verbo ‘passar’ é qualificado pelos termos “vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome”, ou seja, os sujeitos enunciadores percorrem toda a classe de ‘passar’ e não conseguem localizá-lo no tempo e no espaço, por isso, neste tipo de instanciação, é possível apenas obter propriedades qualificativas para o verbo.

Vejamos:

(10a) Maria passou **vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome demais**.

(10b) Maria passou **vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome por teimosia**.

(10c) Maria **sempre** passou vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome.

Percebemos, nas construções 10a, 10b e 10c, que o funcionamento do verbo ‘passar’, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “**vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome demais**”, “**vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome por teimosia**”, e “**sempre**”, ainda continua sendo *compacto* e com o valor figurativo de “sentir”. Isso acontece porque os elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza deste funcionamento, pois apenas contribuem com a efetivação da qualidade da vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome. Assim, podemos ter: “Isso passado por Maria é verdadeiramente vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome”, ou “Isso que Maria passou é, de fato, vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome”.

Nos enunciados 10a, 10b e 10c, é possível inserir, de certo modo, a equiponderância característica de *denso*. Observamos que, se acrescentarmos algum delimitador temporal, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, estas ocorrências de ‘passar’ descritas nestes enunciados.

Vejamos:

(10d) Maria passou **vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome pela manhã**.

(10e) **Ontem** Maria passou vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome.

(10f) **Hoje** Maria passou vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome.

Podemos inserir nos enunciados 10d, 10e e 10f elementos que possivelmente trarão a existência de processo e disso obter instancicações quantificáveis. Os demarcadores de tempo “**pela manhã**”, “**ontem**” e “**hoje**” quantificam, de alguma maneira, a ocorrência de ‘passar’. Daí, podemos ter construções como: “Pela manhã Maria passou a quantidade de vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome que passou”, ou “Pela manhã Maria passou a quantidade

de vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome possível de ser passada”; “Ontem Maria passou a quantidade de vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome possível de ser passada”, ou “Ontem Maria passou a quantidade de vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome que passou”; “Hoje Maria passou a quantidade de vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome que passou”, ou “Hoje Maria passou a quantidade de vergonha/medo/raiva/calor/frio/fome possível de ser passada”.

E, se os sujeitos, nas suas buscas para estabilizar outros significados, realizarem a inserção de complementos condizentes com os seus objetivos (complementos *discretos*) e executarem a indeterminação da ocorrência do verbo ‘passar’, colocando-o em uma relação espaço-temporal, podemos ter o verbo com valor atualizado e distinto dos significados proliferados nas ocorrências anteriores, como em:

(10g) Maria passou **a vergonha (da mãe) /o medo (de palhaço) /a raiva (do marido) /o calor (do fogo) /o frio (da madrugada) /a fome (de comida).**

Nesse caso, teremos o verbo ‘passar’ mudando seu valor, ou seja, adquire estatuto de “deixar de sentir”. Além disso, em (10g), o complemento parece atribuir alguma existência aos nominais “vergonha”, “medo”, “raiva”, “calor”, “frio” e “fome”, por causa “**da mãe**”, “**de palhaço**”, “**do marido**”, “**do fogo**”, “**da madrugada**” e “**de comida**”, respectivamente, determinantes para a ocorrência de ‘passar’. Contudo, a ocorrência do verbo ‘passar’ em 10g parece-nos um pouco agramatical.

Diante do exposto, a intuição de existência de “vergonha/medo/raiva/calor/frio/ fome” é determinada por ser: “a vergonha da mãe”, “o medo de palhaço”, “a raiva do marido”, “o calor do fogo”, “o frio da madrugada” e “a fome de comida”, porque, em certo momento do processo intersubjetivo, os sujeitos, por meio de um ato de dizer, identificam “Maria” com os predicados citados, transformando “Maria” em passadora de “vergonha/o medo/a raiva/calor/o frio/a fome”. Estes eventos se fazem possíveis porque os complementos *discretos* atribuídos ao verbo ‘passar’ possibilitam a localização espaço-temporal da ocorrência do verbo e estabilizam valores.

Seguimos agora para as análises dos enunciados com o verbo ‘pegar’.

1.7 Formalizações do verbo ‘pegar’ com complemento *discreto*

Os enunciados 1, 2, 3, 4, 5 e 6 com o verbo ‘pegar’, listados no item 1 deste capítulo, ilustram o funcionamento de *discreto*, assim como os enunciados 1, 2,3,4,5,6,7 e 8 com o verbo ‘tomar’, e os enunciados 1, 2,3 e 4 com o verbo ‘passar’, também listados neste mesmo

item do capítulo 5. Tais enunciados apresentam características preponderantemente QNT, ou seja, evidenciam propriedades contáveis e enumeráveis para as ocorrências destes verbos. Neles, a instanciação de *discreto* traz a intuição de existência de algo na realidade, contudo, nada impede estas propriedades contáveis venham perder seus traços QNT e adquiram propriedades QLT.

As instanciações de *discreto* remetem aos processos, nesse caso, processos de: **pegada de chicletes, pegada de copo de vodca, pegada de dinheiro, pegada de óculos, pegada na mão e pegada do carro.**

Nas instanciações de *discreto*, as modalizações realizadas pelos sujeitos durante o diálogo podem permitir a compactação nas instanciações, por exemplo, e com isso estabilizar outros valores. É sabido que o *discreto*, por remeter à intuição de existência, pode ser transformado de predicação de existência à apenas intuição de existência, caso os sujeitos, durante o diálogo, não validem a intuição de existência de “alguém pegar algo” talvez por não ser mais possível predicar a ocorrência do verbo ‘pegar’.

Caso os sujeitos não validem a intuição de existência de alguém pegar “chicletes”, “vodca”, “dinheiro”, “óculos”, “mão” e “carro”, teremos o verbo ‘pegar’, dada a inserção de novos complementos por meio do diálogo entre os sujeitos enunciadore, estabilizando outros valores com qualidades características do funcionamento de *compacto*, por exemplo.

Isso posto, vamos à análise do primeiro enunciado com verbo ‘pegar’ instanciando valores de natureza discreta.

(1) Eu peguei o/um/dois chicletes na compra.

Neste enunciado, o verbo ‘pegar’ se encontra estabilizado com valor de “comprar/adquirir”. Porém, se os sujeitos enunciadore realizarem modalizações no enunciado, veremos este valor sofrer alterações por causa das experiências dos sujeitos a respeito do verbo ‘pegar’, como em: (1a) “Eu peguei **o/um/dois chicletes (escondido(s)) na compra**”. Notamos que o verbo ‘pegar’ passa do valor de “comprar/ adquirir” para o valor de “furtar”, mas a instanciação de *discreto* ainda se sobrepõe.

Entretanto, se tivermos: (1b) “Eu peguei **o/um/dois chicletes (imaginários) na apresentação de teatro**”, a ideia de existência de chicletes é frustrada e se desfaz, instanciando, assim, a ocorrência do verbo ‘pegar’ com o mesmo valor estabilizado no

enunciado (1a), ou seja, estabiliza-se com o valor de “furtar”, porém, traz à tona uma instanciação motivada por outro tipo de funcionamento: o de *compacto*.

Em contrapartida, se tivermos: (1c) “Eu peguei **o/um/dois chicletes da criança**”, obtemos o verbo ‘pegar’ com funcionamento também *compacto*, mas estabilizando-se com o valor de “ato de suprimir” ou “alcançar”. Este duplo valor proliferado para o verbo ‘pegar’, neste enunciado, ocorre porque a construção enunciativa é extremamente ambígua. Assim, é necessário que os sujeitos enunciadorez façam regulações para chegarem a um consenso, que poderá ser: “Eu peguei **o/um/dois chicletes da criança e guardei no bolso**”, ou “Eu peguei **o/um/dois chicletes (inalcançáveis) para a criança no armário**”.

As instancicações de *compacto*, em 1b e 1c, ocorrem porque há, nestes enunciados, apenas a possibilidade de estabilização de valores qualificativos, considerando os complementos “**chicletes imaginários**” e “**chicletes da criança**”, que não permitem quantificar e nem enumerar as ocorrências do verbo ‘pegar’. A inexistência de *quantificação* e enumeração destas ocorrências do verbo ‘pegar’ se dão por não haver o vislumbre delas numa relação espaço-temporal. Disso obtemos: “Isso que eu peguei, é de fato, chicletes”, ou “Isso que eu peguei é o que podemos chamar de chicletes”.

No caso de termos: (1d) “**Ontem/ domingo** eu peguei **chicletes na apresentação de teatro/na compra**”, a ocorrência do verbo ‘pegar’ remeterá ao funcionamento de *denso* e se estabilizará com valor de “comprar/adquirir”. Tal propriedade evidencia-se pelo acontecimento “chicletes pegados”, localizado espaço-temporalmente por causa dos advérbios temporais “**ontem**” e “**domingo**”.

A *quantificação* do verbo ‘pegar’ em 1d se dá circularmente, sendo possível quantificar a ocorrência de ‘pegar’ somente por conta do seu complemento, ou seja, o complemento do verbo ‘pegar’ em 1d direciona-nos para a interpretação de existência de “chicletes pegados de fato”. Prontamente, a quantidade pegada se determina apenas circularmente devido à equiponderância entre QNT e QLT, característica do funcionamento de *denso*. Assim, é possível determinar apenas a quantidade pegável: “Eu peguei a quantidade de chicletes que peguei.” ou “Eu peguei a quantidade de chicletes possível de se pegar”.

Vamos ao próximo enunciado em análise.

(2) Pedro, pegue um copo para mim!

Neste enunciado, o verbo ‘pegar’ encontra-se estabilizado com valor de “buscar/apanhar”. Se tivermos: (2a) “Pedro, pegue **um copo (de vodca) para mim!**”, o verbo ‘pegar’ permanece com o mesmo valor intuído na origem do processo, ou seja, o valor de “buscar/apanhar”, mas a instanciación de *discreto* não mais se sobrepõe, dando lugar à instanciación de *compacto*.

Entretanto, se tivermos: (2b) “Pedro, pegue **copos para mim agora!**”, ou (2c) “Pedro pega **copos nas festas**”, valor do verbo ‘pegar’ em 2b ainda permanece tal qual no enunciado origem. Já em 2c o valor do verbo ‘pegar’ passa a ser “apropriar-se de algo alheio”. Percebemos que tanto em 2b, quanto em 2c, a transformação ocorre por conta do tipo de complemento posto em relação a ele, bem como por causa do marcador temporal “**agora**” e do marcador de espaço “**nas festas**”, respectivamente, ou seja, o verbo ‘pegar’ em 2b e 2c passa a ter instanciación de *denso*. Esta instanciación é marcada pelo acontecimento “copos pegados”, localizado espaço-temporalmente por causa do advérbio temporal “**agora**” e do marcador de espaço “**nas festas**”. Ressaltamos que a *quantificação* do verbo ‘pegar’ em 2b e em 2c se dá circularmente, sendo possível apenas determinar a quantidade pegável: “Pedro pega a quantidade de copos que é possível de ser pegada”.

A instanciación de *compacto* em 2a ocorre porque, no enunciado, é possível apenas vislumbrar a estabilização de valores qualificativos, considerando o complemento “**copo (de vodca) para mim**”. Isso acontece por não haver *quantificação* tampouco enumeração desta ocorrência do verbo, sendo assim, a ocorrência não pode ser inserida numa relação espaço-temporal. Disso obtemos: “Isso que Pedro pega é de fato copos”, ou “Isso que Pedro pega é o que podemos chamar de copos”.

Isso posto, vamos ao próximo enunciado.

(3) Carlos pegou o dinheiro.

Aqui, o verbo ‘pegar’ se encontra estabilizado com valor de “roubar/furtar”, e a instanciación fica por conta de *discreto* e ocorre porque há a atribuição de “dinheiro para alguém” durante o processo enunciativo.

Se tivermos: (3a) “Carlos pegou **dinheiro rasgado/sujo/molhado**”, o verbo ‘pegar’ adquire valor de “tomar posse de/receber”, logo, verificamos que o valor do verbo intuído na origem do processo enunciativo sofre alteração, e a instanciación fica por conta de *compacto* dado o qualificativo “**o dinheiro rasgado/sujo/molhado**”, que traz à tona apenas qualidades,

e não mais possibilita quantificar a ocorrência do verbo ‘pegar’, nesse caso. Portanto, a ocorrência não pode ser inserida numa relação espaço-temporal. Disso obtemos: “Isso que Carlos pegou é de fato dinheiro”, ou “Isso Carlos pegou é o que podemos chamar de dinheiro”.

Já em: (3b) “Carlos pegou **em dinheiro hoje/ontem/cedo**”, o valor do verbo ‘pegar’ é tal qual no enunciado 3a, contudo, ocorre transformação no tipo de instanciamento, isto é, dado o complemento posto em relação ao verbo ‘pegar’ e por conta dos marcadores temporais “**hoje/ontem/cedo**”, o verbo ‘pegar’, aqui, passa a ter instanciamento de *denso*. A instanciamento de *denso* é caracterizada pelo acontecimento “dinheiro pegado”, localizado, no espaço e no tempo, pelos advérbios temporais “**hoje/ontem/cedo**”. A *quantificação* do verbo ‘pegar’ em 3b se dá circularmente, sendo possível apenas determinar a quantidade pegável: “Carlos pegou a quantidade de dinheiro que foi possível de ser pegada”, ou “Carlos pegou a quantidade de dinheiro que pegou”.

Isso posto, seguimos com as análises.

(4) Peguei os óculos em cima da mesa.

O verbo ‘pegar’, neste enunciado, encontra-se estabilizado com valor de “apanhar”, e a instanciamento, assim como nos demais enunciados com o verbo ‘pegar’ desta seção, fica por conta de *discreto*, que é notado por causa das modalizações dos sujeitos durante processo enunciativo, ou seja, devido à atribuição de “óculos para alguém” e à localização da ocorrência do verbo ‘pegar’ no tempo e no espaço, isto é, temos a intuição de evento iniciado e finalizado, como em: (4a) “Peguei **esse óculos em cima da mesa**” ou (4b) “Peguei **os meus óculos de cima da mesa**”.

Se tivermos: (4c) “Peguei **os óculos de sol/de grau/de descanso em cima da mesa**”, o verbo ‘pegar’ ainda continuará com o valor de “apanhar” intuído na origem do processo enunciativo, contudo, a instanciamento deste valor torna-se *compacto* dado os qualificativos “**os óculos de sol/de grau/de descanso**”. Tais qualificativos, neste enunciado, evidenciam propriedades qualitativas à ocorrência do verbo ‘pegar’, assim, a ocorrência do verbo ‘pegar’ não pode ser inserida numa relação espaço-temporal, nesse caso. Disso obtemos: “Isso que eu peguei é, de fato, óculos”, ou “Isso que eu peguei é o que podemos chamar de óculos”.

Em construções como: (4d) “Eu peguei **óculos em cima da mesa**” e (4e) “Eu peguei **óculos em cima da mesa mais cedo**”⁵⁹, o valor do verbo ‘pegar’ passa a ser “ver/ flagrar” e não mais “apanhar”, tal qual nos enunciados 4, 4a, 4b e 4c. Nos enunciados 4d e 4e, também ocorrem transformações no tipo de instanciação, isto é, dados os complementos postos em relação ao verbo ‘pegar’ nos referidos enunciados, ele passa a ter instanciação de *denso*.

A instanciação de *denso* é caracterizada pelo acontecimento “óculos pegado”, localizado no espaço e no tempo em 4d e 4e pela flexão do verbo ‘pegar’ no passado, que indica uma ação concluída pelo advérbio de tempo “**mais cedo**” em 4e, e pelos termos “**em cima da mesa**”, que demonstram uma localidade. No entanto, é possível apenas enumerar, nesses casos, a ocorrência do verbo ‘pegar’, haja vista que não é possível determinar a quantidade de “óculos pegados”. Sendo assim, a *quantificação* só pode ser dada circularmente, sendo possível apenas determinar a quantidade pegável: “Eu peguei quantidade de óculos possível de ser pegada”, ou “Eu peguei a quantidade de óculos que peguei”.

Vejamos a próxima análise.

(5) Maria pegou os livros nas mãos.

O verbo ‘pegar’, aqui, encontra-se estabilizado com valor de “segurar”, e a instanciação, assim como nos demais enunciados com o verbo ‘pegar’ desta seção, fica por conta de *discreto*. No *discreto*, as modalizações dos sujeitos enunciadorees possibilitam a atribuição de “livros para alguém” e, também, o vislumbre da ocorrência do verbo ‘pegar’ no tempo e no espaço, isto é, temos a intuição de evento iniciado e finalizado.

Porém, se tivermos: (5a) “Maria pegou **livros na mão**”, ou “Maria pegou **livros (sem pagar)**” Teremos em 5a e em 5b o verbo ‘pegar’ com instancicações de *denso*. Contudo, em 5a o valor do verbo ‘pegar’ ainda terá o mesmo valor intuído na origem do processo enunciativo, enquanto, em 5b, o valor sofre alterações e estabiliza-se como “roubar/furtar”. As instancicações de *denso* em 5a e 5b são caracterizadas pelo acontecimento “livros pegados” localizado no espaço e no tempo dada a flexão do verbo ‘pegar’ no passado que indica uma ação concluída. Assim, é possível apenas enumerar, nesses casos, a ocorrência do verbo

⁵⁹ Em 4d e 4e, o verbo ‘pegar’ tem valor de “ato de ver/flagrar”, porque parece-nos remeter a algo proibido em dado lugar ou momento. Imaginemos, por exemplo, uma escola em que, durante o intervalo, seja proibido deixar os materiais ou objetos em cima das mesas, e o coordenador, em determinado dia, durante o intervalo, numa inspeção de rotina, enquanto os alunos lanchavam, entra numa sala onde algum/alguns aluno(s) tenha(m) deixado seu(s) óculos na mesa. Após o intervalo, o coordenador volta à sala e adverte os alunos: “Olhem, hoje eu peguei óculos em cima da mesa! Que isso não mais se repita!”

‘pegar’, pois não é possível determinar a quantidade de “livros pegados”. Logo, a *quantificação* em 5a e 5b se dá apenas circularmente, sendo possível apenas determinar a quantidade pegável: “Maria pegou quantidade de livros possível de ser pegada”, ou “Maria pegou a quantidade de livros que pegou”.

Caso obtivermos construções como: (5c) “Maria pegou **os livros usados/velhos/novos/rasgados/bonitos/feios/de literatura/de ficção nas mãos**”, ou (5d) “Maria pegou **os livros de feitiço (para o mestre)**”, teremos o verbo ‘pegar’ em 5c se estabilizando com valor de “segurar”, tal qual intuído na origem do processo enunciativo, porém, em 5d, o valor do verbo ‘pegar’ se altera e estabiliza-se como “buscar”. Entretanto, apesar das estabilizações de valores se diferirem entre 5c e 5d, as instanciações para verbo ‘pegar’, em ambas, as ocorrências tornam-se compactas, ou seja, as instanciações se alteram, se levarmos em conta o funcionamento do enunciado de origem. As instanciações de *compacto*, aqui, trazem à tona propriedades qualitativas para o verbo ‘pegar’, ou seja, os termos “**livros usados/velhos/novos/rasgados/bonitos/feios/de literatura/de ficção**” e “**os livros de feitiço**” são complementos com propriedades compactas, por isso evidenciam as características da QLT, não sendo mais possível enumerar e nem quantificar a ocorrência do verbo ‘pegar’. Isso posto, as ocorrências do verbo ‘pegar’ não podem mais ser inseridas numa relação espaço-temporal. Disso obtemos: “Isso que Maria pegou é, de fato, livros”, ou “Isso que Maria pegou é o que podemos chamar de livros”.

Seguimos para o próximo enunciado.

(6) Marcos pegou o carro na oficina.

Aqui, o verbo ‘pegar’ encontra-se estabilizado com valor de “buscar/retirar da”, e a instanciação, assim como nos demais enunciados com o verbo ‘pegar’ desta seção, fica por conta de *discreto*. Dada a instanciação de *discreto*, neste enunciado, as modalizações dos sujeitos enunciadorees possibilitam a atribuição de “carro para alguém” e o vislumbre da ocorrência do verbo ‘pegar’ no tempo e no espaço, isto é, temos a intuição de acontecimento com início e final.

Caso tenhamos: (6a) “Marcos pegou **carro na oficina**”, o verbo ‘pegar’ se estabilizará com valor de “roubar/furtar/sumiu com”, e não mais com valor de “retirar/buscar”, e a instanciação ficará por conta de *denso*, que, em 6a, é caracterizada pelo acontecimento “carro pegado”, localizado no espaço e no tempo dada flexão do verbo ‘pegar’ no passado indicando

uma ação concluída. Assim, é possível apenas enumerar a ocorrência do verbo, pois não é possível determinar a quantidade de “carros pegados”, e a *quantificação* em 6a se dá apenas circularmente, sendo possível apenas determinar a quantidade pegável: “Marcos pegou a quantidade de carro possível de se pegar”, ou “Marcos pegou a quantidade de carro que pegou”.

Se obtivermos (6b) “Marcos pegou **o carro consertado na oficina**”, (6c) “Marcos pegou **o carro da oficina emprestado**”, ou (6d) “**Que horror!** Marcos pegou **o carro da oficina**”, teremos o verbo ‘pegar’ em 6b se estabilizando com valor de “buscar/retirar”, tal qual intuído na origem no processo enunciativo; em 6c, o verbo ‘pegar’ estabiliza-se com valor de “usar”, e 6d, com valor de “roubar/furtar/sumir com”. Contudo, as instanciações destes valores para o verbo ‘pegar’ apresentam os mesmos funcionamentos, isto é, são *compactos* e trazem à tona propriedades qualitativas para o verbo nos três enunciados. Os termos “**o carro consertado**” e “**o carro da oficina**” são complementos que evidenciam as características da QLT, não permitindo enumerar e nem quantificar a ocorrência do verbo ‘pegar’. Isso posto, as ocorrências do verbo não podem mais ser inseridas numa relação espaço-temporal. Disso obtemos: “Isso que Marcos pegou é, de fato, carro”, ou “Isso que Marcos pegou é o que podemos chamar de carro.”.

Vamos aos enunciados com o verbo ‘pegar’ que apresentam instanciações densas.

1.8 Formalizações do verbo ‘pegar’ com complemento *denso*

Os enunciados 7, 8, 9, 10, 11 e 12 com o verbo ‘pegar’, listados no item 1 deste capítulo, apresentam características quantitativas enfraquecidas, podendo ser apenas enumeráveis e não quantificáveis. Os *densos*, como já posto noutros momentos desta pesquisa, trazem a ideia de algo existente, mas a intuição de existência pode ser frustrada devido às modalizações dos sujeitos durante o processo de diálogo. As instanciações de *denso* se dão de modo circular e trazem a ideia de contínuo enumerável por ter, em seu âmago, a equiponderância entre QNT e QLT.

A seguir, tem-se as explicações dos enunciados.

(7) Carla pegou piolho/gripe/resfriado.

O verbo ‘pegar’, neste enunciado, tem seu significado descrito por ser “contrair” e apresenta instanciação de *denso*, porque o complemento dele permite assim observarmos, isto é, os sujeitos enunciadoreis durante o processo intersubjetivo localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘pegar’ e a identificam com o complemento “piolho/gripe/resfriado”, e disso temos: “piolho/gripe/resfriado pegado”.

No processo, os sujeitos enunciadoreis atribuem “piolho/gripe/resfriado para alguém” e, assim, determinam o valor do verbo ‘pegar’ de modo circular, como em: “Carla pegou a quantidade de “piolho/gripe/resfriado que pegou”, ou “Carla pegou a quantidade de piolho/gripe/resfriado que foi possível pegar”. E disso podemos ter:

(7a) Carla pegou **piolho/gripe/resfriado demais**.

(7b) Carla pegou **muito/pouco piolho/gripe/resfriado**.

Se, do enunciado 7, obtivermos a seguinte construção: (7c) “Carla pegou **um piolho/uma gripe/um resfriado no clube**”, ainda teremos o verbo ‘pegar’ sendo estabilizado com valor de “contrair”, porém, aqui, a instanciação dele ficará por conta de *discreto*. Isso ocorre porque, nesse caso, há o vislumbre da ocorrência de ‘pegar’ situada no tempo e no espaço, ou seja, a flexão do verbo ‘pegar’ no passado situa a ocorrência no tempo, enquanto o advérbio de lugar “no clube” coloca a ocorrência no espaço.

Já em: (7d) “Carla pegou **o piolho/a gripe/o resfriado do clube**”, temos o verbo ‘pegar’ estabilizado com o valor diferente daquele intuído no início do processo intersubjetivo, isto é, passando de “contrair” para de “roubar/furtar/ apropriar-se”. Além disso, os complementos posto em relação ao verbo fazem dele uma unidade com propriedade compacta, logo, os complementos “o piolho/a gripe/o resfriado do clube” atribuem qualificações às ocorrências, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que Carla pegou é o que podemos chamar de piolho/gripe/resfriado”, ou “Isso que Carla pegou é verdadeiramente piolho/gripe/resfriado”.

Seguimos para o próximo enunciado.

(8) A toalha pegou fogo.

Neste enunciado, o verbo ‘pegar’ tem seu significado descrito por ser “incendiar-se” e apresenta instanciação de *denso*, caracterizado porque o complemento dele permite-nos observar a intuição de existência de “fogo pegado”, ou seja, os sujeitos enunciadoreis, durante o processo de diálogo, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘pegar’ e a

identificam com o complemento “fogo.” Neste processo, os sujeitos enunciadore atribuem “fogo para alguém” e, assim, determinam o valor do verbo ‘pegar’ de modo circular, como em: “Pegou fogo na toalha na quantidade que pegou”, ou “Na toalha pegou a quantidade de fogo que foi possível pegar”. E, disso, podemos ter:

(8a) A toalha pegou **muito fogo**.

(8b) A toalha pegou **fogo pela manhã/cedo**.

Se, do enunciado 8, obtivermos a seguinte construção: (8c) “A toalha pegou **o fogo pela mão**”, não mais teremos o verbo ‘pegar’ sendo estabilizado com valor de “incendiar-se”, mas com valor de “segurar”, do mesmo modo que a instanciãçã dele também passará de *denso* para *discreto*. Vemos, nesse caso, o vislumbre da ocorrência de ‘pegar’ situada no tempo e no espaço, ou seja, a flexão do verbo ‘pegar’ no passado situa a ocorrência no tempo, enquanto, os termos “**pela mão**” situam a ocorrência no espaço.

Já em: (8d) “A toalha pegou **o fogo do isqueiro**.”, temos o verbo ‘pegar’ estabilizado com o valor diferente daquele intuído no início do processo intersubjetivo, isto é, passando de “incendiar-se” para de “roubar/furtar/ apropriar-se”. Ressaltamos que o complemento posto em relação ao verbo ‘pegar’, neste enunciado, faz dele uma unidade com propriedade compacta, logo, o complemento “**o fogo do isqueiro**” atribui qualificação à ocorrência deste verbo, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que pegou na toalha é o que podemos chamar de fogo”, ou “Isso que pegou na toalha é verdadeiramente fogo”.

Vamos ao próximo enunciado em análise.

(9) Pedro pega pesado no treino.

Neste enunciado, o verbo ‘pegar’ tem seu significado descrito por ser “esforçar-se” e apresenta instanciãçã de *denso*, assim como todos os enunciados desta seção e todos os enunciados com os verbos ‘tomar’ e ‘passar’ das seções 1.1 e 1.5, respectivamente. O *denso* é caracterizado por ser possível vislumbramos a intuiçã de existênciã de “treino pesado pegado”, ou seja, os sujeitos enunciadore, durante o processo de diálogo, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘pegar’ e a identificam com o complemento “treino pesado.” Neste processo, os sujeitos enunciadore atribuem “treino pesado para alguém” e assim determinam o valor do verbo ‘pegar’ de modo circular, como em: “Pedro pega pesado

no treino na quantidade que pega.” ou “Pedro pega pesado no treino na quantidade possível de se pegar.” E, disso, podemos ter:

(9a) Pedro pega **pesado demais no treino**.

(9b) Pedro pega **muito pesado no treino**.

Se, do enunciado 9, obtivermos as seguintes construções: (9c) “Pedro pega **o treino**”, e (9d) “Pedro pega **o treino pelo braço**”, não mais teremos o verbo ‘pegar’ sendo estabilizado com valor de “esforçar-se”. No enunciado 9c o verbo estabiliza-se com valor de “apropriar-se” e, em (9d), com valor de “segurar”, ou seja, em ambas as construções, o verbo ‘pegar’ não se estabiliza com o mesmo valor intuído no início do processo intersubjetivo, além disso, as instanciações do mesmo passarão de *denso* para *discreto*. Vemos, nesse caso, o vislumbre da ocorrência de ‘pegar’ situada no tempo e no espaço, ou melhor, a flexão do verbo ‘pegar’ no presente, em ambas as ocorrências, situa-o no tempo, enquanto os termos “**o treino**” e “**o treino pelo braço**” situam as ocorrências no espaço.

Já em: (9e) “Pedro pega **no treino pesado**”, temos o verbo ‘pegar’ estabilizado com o valor diferente daquele intuído no início do processo intersubjetivo, isto é, passando de “esforçar-se” para de “apalpar”, assim como o enunciado 9b e 9a. Destacamos que o complemento posto em relação ao verbo ‘pegar’, neste enunciado, faz dele uma unidade com propriedade compacta, logo, o complemento “**no treino pesado**” atribui qualificação à ocorrência, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que Pedro pega é o que podemos chamar de treino pesado”, ou “Isso que Pedro pega é verdadeiramente treino pesado”.

Vamos à análise do próximo enunciado.

(10) João pegou carona.

Nesse enunciado, o verbo ‘pegar’ tem seu significado descrito por ser “embarcar” e apresenta instanciação de *denso*, assim como todos os enunciados desta seção. Nas instanciações de *denso*, é possível vislumbramos a intuição de existência de “carona pegada”, ou seja, os sujeitos enunciadore, durante o processo de diálogo, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘pegar’ e a identificam com o complemento “carona.” Dessa maneira, os sujeitos enunciadore atribuem “carona para alguém” e, assim, determinam o valor do verbo ‘pegar’ de modo circular, como em: “João pegou a quantidade de carona que pegou”, ou “João pegou carona na quantidade que foi possível pegar”. E disso podemos ter:

(10a) João já pegou **muita carona**.

(10b) João **não** pegou **carona**.

Contudo, se do enunciado 10, obtivermos as seguintes construções: (10c) “João pegou **a carona**”, e (10d) “João pegou **uma carona**”, ainda teremos o verbo ‘pegar’ estabilizando-se com valor de “embarcar” intuído no início do processo de diálogo, mas o funcionamento ficará por conta das instanciacões de *discreto*. Isso ocorre porque é possível visualizar as ocorrências do verbo ‘pegar’ situada no tempo e no espaço, dada a flexão do verbo ‘pegar’ no passado em ambas as ocorrências, bem como os termos “**a carona**” e “**uma carona**”, respectivamente, situam as ocorrências do verbo no espaço.

Já em: (10e) “João pegou **no carona do lado**.”, temos o verbo ‘pegar’ estabilizado com o valor diferente daquele intuído no início do processo intersubjetivo, isto é, passando de “embarcar” para de “tocar/apalpar”. Destaca-se que, o complemento posto em relação ao verbo ‘pegar’, nesse enunciado, faz dele uma unidade com propriedade compacta, logo, o complemento “**no carona do lado**” atribui qualificação à ocorrência desse verbo, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Nisso que João pegou é o que podemos chamar de o carona do lado.” ou “Nisso que João pegou é verdadeiramente o carona do lado.”.

Vamos para o próximo enunciado em análise.

(11) Pedro pegou dinheiro hoje.

Neste enunciado, o verbo ‘pegar’ tem seu significado descrito por ser “receber” e apresenta instanciacão de *denso*, assim como todos os enunciados em análise nesta seção. A instanciacão de *denso*, no enunciado, permite vislumbrarmos a intuição de existência de “dinheiro pegado”, ou seja, no processo intersubjetivo, os sujeitos enunciadoreis localizam e inserem, no tempo e no espaço, uma ocorrência do verbo ‘pegar’ e a identificam com o complemento “dinheiro hoje.” Dessa maneira, atribuem “dinheiro para alguém” e determinam o valor do verbo ‘pegar’ de modo circular, como em: “Hoje Pedro pegou a quantidade de dinheiro que pegou”, ou “Hoje Pedro pegou dinheiro na quantidade que foi possível pegar”. E disso podemos ter:

(11a) Pedro pegou **muito/bastante/pouco dinheiro hoje**.

(11b) Pedro pegou **algum dinheiro hoje**.

Mas, se, do enunciado 11, obtivermos as seguintes construções: (11c) “Pedro pegou **o dinheiro hoje no banco**”, (11d) “Pedro pegou **aquele dinheiro hoje**”, ou (11e) “**Com certeza** Pedro pegou **o dinheiro no cofre**”, teremos o verbo ‘pegar’ em 11c, estabilizando-se com valor de “sacar”; em 11d, o verbo ‘pegar’ estabiliza-se com o mesmo valor intuído no início do processo enunciativo, ou seja, sendo “receber” intuído no início do processo de diálogo, e, em 11e, o verbo ‘pegar’ estabiliza-se com o valor de “roubar/furtar/ apropriar-se de”. Contudo, as instanciações em 11c, 11d e 11e terão seus funcionamentos regidos por *discreto*. Ressaltamos que, nestas construções, é possível visualizar as ocorrências do verbo ‘pegar’ situadas no tempo, dada a flexão do verbo ‘pegar’ no passado nas três ocorrências e por conta dos marcadores temporais “**hoje**” em 11c e 11d. Também é possível situar espacialmente as ocorrências do verbo ‘pegar’ nos enunciados 11c, 11d e 11e, dados os termos “**o dinheiro**” e “**no banco**”, “**aquele dinheiro**” e “**dinheiro no cofre**”, respectivamente.

Já em (11f) “Pedro pegou **dinheiro falso**.”, temos o verbo ‘pegar’ estabilizado com o mesmo valor intuído no início do processo intersubjetivo, isto é, “receber”. Contudo, o complemento posto em relação ao verbo ‘pegar’, neste enunciado, faz dele uma unidade com propriedade compacta, logo, o complemento “**dinheiro falso**” atribui apenas qualificação à ocorrência deste verbo, não admitindo outros tipos de caracterização. Assim, podemos ter: “Isso que Pedro pegou é o que podemos chamar de dinheiro falso”, ou “Isso que Pedro pegou é verdadeiramente dinheiro”.

Seguimos com as análises.

(12) O arroz pegou (na panela).

Aqui, o verbo ‘pegar’ tem seu significado descrito por ser “grudar/queimar” e, assim como todos os enunciados trazidos nesta seção, apresenta instanciação de *denso*, que, neste enunciado, permite vislumbrarmos a intuição de existência de “arroz pegado”, ou seja, no processo intersubjetivo, os sujeitos enunciadoreis localizam e inserem, no tempo e no espaço, uma ocorrência do verbo ‘pegar’ e a identificam com o complemento “na panela.” Dessa maneira, atribuem “arroz para alguém” e assim determinam o valor do verbo ‘pegar’ de modo circular, como em: “O arroz pegou a quantidade que pegou (na panela)”, ou “O arroz pegou na panela na quantidade que foi possível pegar”. E disso podemos ter:

(12a) O arroz pegou **um pouco/ bastante (na panela)**.

(12b) **Um tanto do arroz pegou (na panela).**

Mas, se, do enunciado 12, obtivermos a seguinte construção: (12c) “O arroz pegou **a panela**”, teremos o verbo ‘pegar’ em 12c estabilizando-se com valor de “segurar”, ou seja, o verbo estabiliza-se com valor diferente do intuído no início do processo enunciativo, bem como também apresenta instanciiação com funcionamento diferente, isto é, neste enunciado, a instanciiação será regida por *discreto*. Ressaltamos que, nesta construção, é possível visualizar as ocorrências do verbo ‘pegar’ situadas no tempo, dada a flexão do verbo ‘pegar’ no passado e no espaço, dado o complemento “**a panela**”.

Já em: (12d) “O arroz pegou **panela nova/amassada/velha (no mercado)**”, temos o verbo ‘pegar’ estabilizado com um valor que se difere de todas as estabilizações encontradas com as manipulações até o momento, neste enunciado, isto é, em 12d, o verbo estabiliza-se com o valor de “adquirir”. Além do mais, o complemento “**panela nova/amassada/velha**” posto em relação ao verbo ‘pegar’ faz dele uma construção com funcionamento *compacto*. Isso ocorre porque tal complemento atribui apenas qualificação à ocorrência deste verbo, não admitindo outros tipos de caracterização. Assim, podemos ter: “Isso que o arroz pegou é o que podemos chamar de panela nova/amassada/velha”, ou “Isso que o arroz pegou é verdadeiramente panela nova/amassada/velha”.

Seguimos com as nossas análises.

1.9 Formalizações do verbo ‘pegar’ com complemento *compacto*

Percebemos, nos enunciados 13, 14, 15 e 16 com o verbo ‘pegar’, listados no item 1 deste capítulo, as características não contáveis por estarem amparados pela operação de QLT. Nesse tipo de operação é possível estabilizar somente valores qualificativos por meio da articulação léxico-gramatical.

Os enunciados aqui trazidos instanciam valores cujas características são definidas por operações ilustrativas do centro de domínio do *atrator*. As operações desse tipo não permitem localizar espaço-temporalmente ocorrências, mas somente as caracteriza como sendo aquela ocorrência, isto é, as ocorrências fundamentadas por essa operação são instanciadas de modo compacto e suas estabilizações se dão de modo qualificativo e não podem ter suas predicções superadas.

Isso posto, vamos às análises.

(13) João pegou ranço/medo/raiva/amor por Maria.

Este enunciado traz o verbo ‘pegar’ no seu sentido figurativo estabilizado como “adquirir”. Por ter um valor figurativo, o verbo instancia propriedades *compactas* e, por assim ser, entende-se que ele não pode ser apreendido por um valor quantificável, mas qualificável.

No enunciado 13, o verbo ‘pegar’ é qualificado pelos termos “ranço/medo/raiva/amor”, ou seja, os sujeitos enunciadorees percorrem toda a classe de ‘pegar’, e não o localiza no tempo e no espaço, instanciando apenas propriedades qualificativas.

Vejamos:

(13a) João pegou **ranço/medo/raiva/amor instintivamente por Maria**.

(13b) João pegou **ranço/medo/raiva/amor verdadeiro (a) por Maria**.

Percebemos nas construções 13a e 13b que o valor do verbo ‘pegar’ ainda continua com o mesmo valor de “adquirir”, intuído no início do processo enunciativo, além do mais, o funcionamento, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “ranço/medo/raiva/amor **instintivamente** por Maria” e “ranço/medo/raiva/amor **verdadeiro (a)** por Maria”, ainda continua sendo *compacto* e com o valor figurativo de “adquirir”. Isso ocorre porque os outros elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza desse funcionamento por apenas contribuir com a efetivação da qualidade da coragem. Assim, podemos ter: “Isso pegado por João é verdadeiramente ranço/medo/raiva/amor”, ou “Isso que João pegou é, de fato, ranço/medo/raiva/amor”.

De certo modo, talvez, nos enunciados 13a e 13b, podemos inserir a equiponderância característica de *denso*. Observamos que, se acrescentarmos algum delimitador temporal ou delimitador de intensidade, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, as ocorrências do verbo ‘pegar’ descritas nestes enunciados, porém, ressaltamos que o valor ainda permanece tal qual o valor intuído na origem do processo enunciativo.

Vejamos:

(13c) João pegou ranço/medo/raiva/amor **no passado**.

(13d) João pegou **muito(a)** ranço/medo/raiva/amor.

(13e) **Na noite passada** João pegou ranço/medo/raiva/amor.

É possível vislumbrarmos, nos enunciados 13c, 13d e 13e, a existência de processo e disso obtêm-se instanciações quantificáveis. Os demarcadores de tempo “**no passado**” e “**na noite passada**” e o demarcador de intensidade “**muito (a)**” enumeram, de alguma maneira, a

ocorrência de ‘pegar’. Disso, podemos ter construções como: “Na noite passada/ no passado João pegou a quantidade de ranço/medo/raiva/amor que pegou”, ou “Na noite passada/ no passado João pegou a quantidade de ranço/medo/raiva/amor possível de se pegar”.

E, se os sujeitos, nas suas buscas para estabilizarem outros significados, realizarem a inserção de complementos com características de *discretos* e a indeterminação da ocorrência do verbo ‘pegar’, colocando-o em uma relação espaço-temporal, podemos ter este verbo com valor atualizado e distinto dos significados proliferados nas ocorrências anteriores, como em:

(13f) João pegou **o (a) ranço/medo/raiva/amor da Maria**.

(13g) João pegou **aquela (e) ranço/medo/raiva/amor da Maria**.

(13h) João pegou **toda (o) a (o) ranço/medo/raiva/amor da Maria**.

Vemos em 13f, 13g e 13h o verbo ‘pegar’ passando do valor de “adquirir” para “suprimir”. Além disso, os complementos postos em relação ao verbo, nestes enunciados, nos parecem atribuir alguma existência aos nominais “ranço/medo/raiva/amor” por causa dos termos “da Maria” contidos nos três enunciados e nos termos “**a (o)**”, “**aquela (e)**” e “**toda (o) a(o)**”, respectivamente, determinantes para a ocorrência do verbo.

Diante do exposto, a intuição de existência de “ranço/medo/raiva/amor” é determinada por ser: “**a (o) ranço/medo/raiva/amor da Maria**”, “**aquela (e) ranço/medo/raiva/amor da Maria**”, e “**toda (o) a (o) ranço/medo/raiva/amor da Maria**”, porque, em certo momento do processo de diálogo, os sujeitos enunciadore identificam “João” com os predicados “a (o) ranço/medo/raiva/amor da Maria”, “aquela (e) ranço/medo/raiva/amor da Maria” e “toda (o) a (o) ranço/medo/raiva/amor da Maria”, transformando “João” no pegador da(o)/daquela(e)/toda(o) ranço/medo/raiva/amor da Maria”.

Estes eventos se fazem possíveis porque os complementos *discretos* atribuídos ao verbo ‘pegar’ possibilitam a localização espaço-temporal da ocorrência deste verbo e estabilizam valores. A questão da existência palpável e suprimível para ranço/medo/raiva/amor, nesse caso, não nos interessa, haja vista que, nas relações linguísticas dos sujeitos, tudo é possível.

Vamos ao próximo enunciado.

(14) Os irmãos se pegaram (no tapa).

Neste enunciado, temos o verbo ‘pegar’ em sentido figurativo estabilizado como “agredir” e, por ter um valor figurativo, instancia propriedades *compactas* e não pode ser apreendido por um valor quantificável, mas qualificável.

No enunciado 13, o verbo ‘pegar’ qualificado pelo complemento “os irmãos” antecede o verbo ‘pegar’, ou seja, os sujeitos enunciadores percorrem toda a classe de ‘pegar’ e não o localizam no tempo e no espaço, instanciando apenas propriedades qualificativas para ele.

Vejamos:

(14a) Os irmãos **bêbados** se pegaram (no tapa).

(14b) Os irmãos **alterados** se pegaram (no tapa).

Percebemos, nas construções 14a e 14b, que o valor do verbo ‘pegar’ ainda continua com o mesmo valor de “agredir”, intuído no início do processo enunciativo, além do mais, o funcionamento do verbo, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “os irmãos **bêbados**” e “os irmãos **alterados**”, ainda continua sendo *compacto* e com o valor figurativo de “agredir”. Verificamos que os elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza do funcionamento, pois apenas contribuem com a efetivação da qualidade dos irmãos. Assim, podemos ter: “Esses que se pegaram são verdadeiramente irmãos”, ou “Esses que se pegaram são, de fato, irmãos.”.

Talvez, nos enunciados 14a e 14b, podemos inserir a equiponderância característica de *denso*, caso acrescentarmos algum delimitador temporal ou delimitador de intensidade, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, as ocorrências do verbo ‘pegar’ descritas nestes enunciados.

Vejamos:

(14c) Os irmãos se pegaram **muito** (no tapa).

(14d) **Hoje** os irmãos se pegaram (no tapa).

É possível vislumbrarmos, nos enunciados 14c e 14d, a existência de processo e disso obtêm-se instanciações quantificáveis. O demarcador de tempo “**hoje**” presente em 14c e o demarcador de intensidade “**muito**” em 14d enumeram, de alguma maneira, a ocorrência de ‘pegar’, contudo, o valor ainda permanece o mesmo que o valor intuído no início do processo enunciativo. Disso, podemos ter construções como: “Hoje os irmãos se pegaram na quantidade que se pegaram”, ou “Hoje os irmãos se pegaram na quantidade que foi possível de se pegarem”.

Em relação ao funcionamento, aqui não é possível que o verbo ‘pegar’ apresente características de *discreto*, haja vista que não é admitida a indeterminação da ocorrência do verbo ‘pegar’, logo, não é possível inseri-lo numa relação espaço-temporal.

Vamos à análise do próximo enunciado.

(15) O carro pegou.

Este enunciado traz o verbo ‘pegar’ no seu sentido figurativo estabilizado como o valor de “dar a partida/funcionar o motor” e, por apresentar um valor figurativo, como nos demais enunciados desta seção, instancia propriedades *compactas*, ou seja, ele não só pode ser apreendido por um valor qualificável.

Percebemos, neste enunciado, que o verbo ‘pegar’ é qualificado pelo termo “O carro” que o antecede, isto é, os sujeitos enunciadorees percorrem toda a classe de ‘pegar’ e não o localizam no tempo e no espaço, instanciando apenas propriedades qualificativas.

Vejamos:

(15a) O carro pegou **fácil**.

(15b) O carro pegou **rápido**.

Nas construções 15a e 15b, o valor do verbo ‘pegar’ ainda continua com o mesmo valor de “dar a partida/funcionar o motor” intuído no início do processo enunciativo, além disso, o funcionamento, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “**fácil**” e “**rápido**”, ainda continua sendo *compacto*.” Isso ocorre porque os outros elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza deste funcionamento, nesse caso, por apenas contribuir com a efetivação da qualidade da pegada do carro. Assim, podemos ter: “Isso que o carro fez é verdadeiramente pegar”, ou “Isso que o carro fez é, de fato, pegar”.

De certo modo, é possível inserir nos enunciados 15a e 15b uma dada equiponderância característica de *denso*. Caso acrescentarmos algum delimitador temporal, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, as ocorrências do verbo ‘pegar’ descritas nestes enunciados.

Vejamos:

(15c) **Hoje** o carro pegou **fácil**.

(15d) **Ontem** o carro pegou **rápido**.

Com as inserções dos delimitadores temporais “**hoje**” e “**ontem**” aos enunciados 15b e 15c, respectivamente, é possível vislumbrarmos a existência de processo e disso obtêm-se

instanciações quantificáveis, visto que os delimitares temporais em questão enumeram, de alguma maneira, a ocorrência de ‘pegar’. Disso, podemos ter construções como: “Hoje o carro pegou na medida em que pegou”, ou “Ontem o carro pegou na quantidade possível de se pegar”. Contudo, ainda assim, o verbo ainda permanece com o mesmo valor intuído no início do processo intersubjetivo, ou seja, “dar a partida/funcionar o motor”.

Mas, caso os sujeitos enunciadore, durante o diálogo, inserirem outros complementos ao verbo ‘pegar’, como: (15e) “O carro pegou **o menino**”, veremos o verbo ‘pegar’ estabilizar-se com o valor de “atropelar”, ou seja, um valor que se difere daquele intuído no início do processo enunciativo, como trazido em 15. Além disso, o complemento “**o menino**”, inserido após o verbo ‘pegar’, apresenta característica de *discreto*, sendo assim, é possível realizar a indeterminação da ocorrência deste verbo e inseri-lo em uma relação espaço-temporal, dada a ideia de processo com início e fim trazido pela flexão do verbo ‘pegar’ no passado e o complemento “**o menino**”, que trazem a ideia de algo com existência de fato.

Vamos à análise do próximo enunciado.

(16) O fogo pegou.

Este enunciado traz o verbo ‘pegar’ no seu sentido figurativo estabilizado como o valor de “acender” e, como nos demais enunciados desta seção, instancia propriedades *compactas*, ou seja, ele não só pode ser apreendido por um valor qualificável.

Nesse enunciado, o verbo ‘pegar’ é qualificado pelo termo “O fogo” que o antecede, isto é, os sujeitos enunciadore percorrem toda a classe de ‘pegar’ e não o localiza no tempo e no espaço, instanciando apenas propriedades qualificativas para o verbo ‘pegar’.

Veamos:

(16a) O fogo pegou **fácil**.

(16b) O fogo pegou **rápido**.

Nas construções 16a e 16b, o valor do verbo ‘pegar’ ainda continua com o mesmo valor de “acender” intuído no início do processo enunciativo, além do mais, o funcionamento, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “**fácil**” e “**rápido**”, ainda continua sendo *compacto*. Isso ocorre porque os outros elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza deste funcionamento do verbo, nesse caso, por apenas contribuir com a efetivação da qualidade da pegada do fogo. Assim, podemos ter: “Isso que o fogo fez é verdadeiramente pegar”, ou “Isso que o fogo fez é, de fato, pegar”.

De certo modo, é possível inserir nos enunciados 16a e 16b uma equiponderância característica de *denso*, caso acrescentarmos algum delimitador temporal, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, as ocorrências do verbo ‘pegar’ descritas nos enunciados.

Vejamos:

(16c) **Hoje** o fogo pegou **fácil**.

(16d) **Ontem** o fogo pegou **rápido**.

Com as inserções dos delimitadores temporais “**hoje**” e “**ontem**” aos enunciados 16b e 16c, respectivamente, é possível vislumbrarmos a existência de processo e disso obtêm-se instanciações quantificáveis, já que os delimitadores temporais em questão enumeram, de alguma maneira, a ocorrência de ‘pegar’. Disso, podemos ter construções como: “Hoje o fogo pegou na medida em que pegou”, ou “Ontem o fogo pegou na quantidade de possível de se pegar.” Contudo, ainda assim, o verbo ‘pegar’ ainda permanece com o mesmo valor intuído no início do processo intersubjetivo, ou seja, “acender”.

Mas, caso os sujeitos enunciadore, durante o diálogo, insiram outros complementos ao verbo ‘pegar’, como: (16e) “O fogo pegou **na toalha/no pasto**”, veremos o verbo estabilizar-se com o valor de “incendiar, alastrar”, ou seja, um valor que se difere daquele intuído no início do processo enunciativo, como trazido em 16. Além disso, os complementos “**na toalha/no pasto**” inseridos após o verbo ‘pegar’ apresentam característica de *discreto*, sendo assim, possibilitam a realização da indeterminação da ocorrência deste verbo e insere-o em uma relação espaço-temporal, dada a ideia de processo com início e fim trazida pela flexão do verbo ‘pegar’ no passado e os complementos “**na toalha/no pasto**”, que trazem a ideia de algo com existência de fato.

Isso posto, seguimos agora para as análises dos enunciados com o verbo ‘quebrar’.

1.10 Formalizações do verbo ‘quebrar’ com complemento *discreto*

Os enunciados 1, 2, 3 e 4 com verbo ‘quebrar’, listados na seção 1 do capítulo 5, apresentam como a características serem contáveis, pois neles há instanciações de *discreto*, que trazem à tona a intuição de existência de algo na realidade, mas nada impede que as propriedades contáveis expressas nestas ocorrências venham perder seus traços QNT e adquiram propriedades QLT, conforme sejam realizadas manipulações pelos sujeitos enunciadore.

As instanciações de *discreto*, nestes enunciados, remetem aos processos de: **quebramento do país, quebramento do vaso, quebramento do braço e quebramento para a direita** atribuídos de alguém para alguém, ou seja, as instanciações de *discreto* se referem à intuição de existência que pode ou não ser validada pelos sujeitos durante o processo de diálogo. Caso seja validada a intuição de existência, ela poderá ser transformada em predicação de existência, mas, se não, a intuição de existência continuará sendo apenas intuição de existência.

Nos casos de não haver a validação da intuição de existência de alguém quebrar “o país”, “o vaso”, “o braço” e “para a direita”, teremos, nesses casos, o verbo ‘quebrar’, dadas as inserções de novos complementos por meio do diálogo entre os sujeitos enunciadore, estabilizando outros valores com qualidades características do funcionamento de *compacto*, por exemplo.

Isso posto, vamos à primeira análise com o verbo ‘quebrar’.

(1) A previdência quebrou os países.

No enunciado, o verbo ‘quebrar’ se encontra estabilizado com valor de “falir” e tem seu funcionamento regido por *discreto*. A instanciação de *discreto* se dá por causa da ideia de processo com início e final, dada a flexão do verbo ‘quebrar’ no passado, bem como o complemento “o país”, que traz a ideia de existência de algo, ou seja, a intuição de existência de país quebrado pela previdência. No entanto, se modalizarmos o enunciado, visando moldar os dados, veremos este valor sofrer alterações por causa das experiências dos sujeitos a respeito do verbo ‘quebrar’, como em: (1a) “A previdência quebrou **os países de brinquedo** da Alice”.

Em 1a vemos o valor do verbo ‘quebrar’ passar de “falir” para o valor de “reduzir a pedaços”, bem como vemos a instanciação de *discreto* presente em (1) transformar-se em instanciação de *compacto*, dados os complementos “**os países de brinquedo** da Alice” que permitem apenas qualificar a ocorrência do verbo ‘quebrar’, nesse caso.

Considerando o complemento “**os países de brinquedo** da Alice” no enunciado 1a, observamos que não é permitida a quantificação, ou a enumeração da ocorrência do verbo ‘quebrar’, por essa razão, não é possível inseri-la em uma relação espaço-temporal. Assim, só podemos ter construções como: “Isso que a previdência quebrou é o que podemos chamar de

países de brinquedo”, ou “Isso que foi quebrado pela previdência é, de fato, países de brinquedo”.

Se tivermos: (1b) “A previdência quebrou **muitos** países”, (1c) “A previdência quebrou **alguns/poucos** países”, obtemos o verbo ‘quebrar’ com funcionamento *denso*, porém, estabilizando-se com o mesmo valor de “falir”, conforme intuído no início do processo enunciativo. A propriedade de *denso*, no enunciado 1b, é notada por causa do evento “países quebrados”, localizado espaço-temporalmente por causa dos advérbios de intensidade “**muitos**” e “**alguns/poucos**”. Contudo, a *quantificação* do verbo em 1b e 1c se dá circularmente devido à equiponderância entre QNT e QLT, sendo possível apenas enumerar as ocorrências de ‘quebrar’. Dessa maneira, determina-se apenas a quantidade quebrável: “A previdência quebrou a quantidade de países que quebrou”, ou “A previdência quebrou a quantidade de países que foi possível quebrar”.

Isso posto, vamos ao próximo enunciado em análise!

(2) O menino quebrou os vasos.

Neste enunciado, o verbo ‘quebrar’ se encontra estabilizado com valor de “reduzir a pedaços” e tem seu funcionamento regido por *discreto*, assim como em todos os enunciados analisados nesta seção. A instanciamento de *discreto* se dá por causa da ideia de processo com início e final, dada a flexão do verbo ‘quebrar’ no passado, bem como o complemento “os vasos”, que traz a ideia de existência de algo, ou seja, a intuição de existência de vasos quebrados pelo menino. No entanto, se modalizarmos o enunciado visando moldar os dados, veremos este valor sofrer alterações por causa das experiências dos sujeitos a respeito do verbo ‘quebrar’, como em: (2a) “O menino quebrou **vasos usados/novos**”.

Em 2a, o valor do verbo ‘quebrar’ permanece com o valor tal qual no enunciado de origem, ou seja, “reduzir a pedaços”, bem como vemos a instanciamento de *discreto* presente em (2) transformar-se em instanciamento de *compacto*, dados os complementos “**vasos usados/novos**”, que permitem apenas qualificar a ocorrência do verbo ‘quebrar’, nesse caso. Ou seja, considerando o complemento “**vasos usados/novos**”, no enunciado 2a, observamos que não se permite a quantificação ou a enumeração dessa ocorrência do verbo ‘quebrar’, por essa razão, não é possível inseri-las em uma relação espaço-temporal. Assim, só podemos ter construções como: “Isso que o menino quebrou é o que podemos chamar de vasos”, ou “Isso que foi quebrado pelo menino são, de fato, vasos”.

Se tivermos: (2b) “O menino quebrou **vasos**”, ou (2c) “O menino quebrou **alguns/poucos/muitos vasos**”, obtemos o verbo ‘quebrar’ com funcionamento *denso*, mas estabilizando-se com o mesmo valor de “reduzir a pedaços” intuído no início do processo enunciativo. A propriedade de *denso*, no enunciado 2b e 2c, é notada por causa dos eventos “vasos quebrados”, localizados espaço-temporalmente por causa dos advérbios de intensidade “**alguns/poucos/muitos**” e pela falta de um delimitador de quantidade. Contudo, a quantificação do verbo em 2b e 2c se dá circularmente devido à equiponderância entre QNT e QLT, sendo possível apenas enumerar as ocorrências de ‘quebrar’. Dessa maneira, determina-se apenas a quantidade quebrável: “O menino quebrou a quantidade de vasos que quebrou”, ou “O menino quebrou a quantidade de vasos que foi possível quebrar”.

Vamos ao próximo enunciado.

(3) João quebrou o braço.

Neste enunciado, o verbo ‘quebrar’ se encontra estabilizado com valor de “ser fratura” e tem seu funcionamento regido por *discreto*, assim como em todos os enunciados analisados nesta seção. A instanciación de *discreto* se dá por causa da ideia de processo com início e final, dada a flexão do verbo ‘quebrar’ no passado, bem como o complemento “o braço”, que traz a ideia de existência de algo, ou seja, a intuição de existência de braço quebrado. No entanto, se modalizarmos o enunciado visando moldar os dados, veremos este valor sofrer alterações por causa das experiências dos sujeitos a respeito do verbo ‘quebrar’, como em: (3a) “João quebrou **o braço de porcelana da boneca**”.

Em 3a, o valor do verbo ‘quebrar’ altera seu valor e estabiliza-se diferentemente do enunciado origem, ou seja, passando de “ser fratura” para “reduzir a pedaços”, assim como também vemos a instanciación de *discreto* presente em (3) transformar-se em instanciación de *compacto*, dado o complemento “**o braço de porcelana da boneca**”, que permite apenas qualificar a ocorrência do verbo ‘quebrar’, nesse caso. Ou seja, considerando o complemento “o braço de porcelana da boneca”, no enunciado 3a, observamos que não é permitida a quantificação, ou a enumeração, dessa ocorrência do verbo ‘quebrar’, por essa razão, não é possível inseri-la em uma relação espaço-temporal. Assim, só podemos ter construções como: “Isso que João quebrou é o que podemos chamar de braço”, ou “Isso que foi quebrado por João é, de fato, braço”.

Se tivermos: (3b) “João quebrou braços na luta.”, o verbo ‘quebrar’ apresentará funcionamento *denso*, mas estabilizará com o mesmo valor de intuído no início do processo enunciativo, ou seja, “ser fratura”. A propriedade de *denso* no enunciado 3b é notada por causa do acontecimento “braço quebrado”, localizado espaço-temporalmente por causa da flexão do verbo ‘quebrar’ no passado, e pela falta de um delimitador de quantidade, isto é, a *quantificação* do verbo ‘quebrar’ se dá circularmente devido à equiponderância entre QNT e QLT, sendo possível apenas enumerar as ocorrências de ‘quebrar’. Dessa maneira, determina-se apenas a quantidade quebrável: “João quebrou a quantidade de braços que quebrou”, ou “João quebrou a quantidade de braços que foi possível quebrar”.

Seguimos para o próximo enunciado.

(4) O ônibus quebrou para a direita.

Neste enunciado, o verbo ‘quebrar’ se encontra estabilizado com valor de “mudar a direção” e tem seu funcionamento regido por *discreto*, assim como em todos os enunciados analisados nesta seção. A instanciación de *discreto*, nesse enunciado, se dá por causa da ideia de processo com início e final, dada a flexão do verbo ‘quebrar’ no passado, bem como o complemento “para a direita”, que traz a ideia de existência de algo, ou seja, a intuição de existência de “ônibus quebrando para a direita”.

Se modalizarmos o enunciado visando moldar os dados, veremos este valor sofrer alterações por causa das experiências dos sujeitos a respeito do verbo ‘quebrar’, como em: (4a) “O ônibus quebrou **a direita (no acidente)**”. Vemos aqui o verbo adquirindo um valor diferente daquele intuído na origem do processo enunciativo, ou seja, passando de “mudar a direção” para “estragar, ter defeitos”, porém, a instanciación de *discreto* presente em (4) ainda permanece em 4a.

Já em relação às possibilidades do verbo ‘quebrar’, nesse caso, instanciar-se com o funcionamento de *denso* e *compacto* não é possível, pois, se assim fizermos, as construções proliferadas provavelmente seriam agramaticais.

1.11 Formalizações do verbo ‘quebrar’ com complemento *denso*

Os enunciados 5 e 6 com o verbo ‘quebrar’, apresentados no item 1 deste capítulo e contidos nesta seção, apresentam características quantitativas enfraquecidas, podendo ser

apenas enumeráveis e não quantificáveis. Os *densos*, como já posto noutros momentos desta pesquisa, trazem a ideia de algo existente, mas esta intuição de existência pode ser frustrada, devido às modalizações dos sujeitos durante o processo de diálogo. As instanciações de *denso* se dão de modo circular e trazem a ideia de contínuo enumerável por ter, em seu âmago, a equiponderância entre QNT e QLT.

A seguir, têm-se as explicações dos enunciados:

(5) Quebrei nozes.

O verbo ‘quebrar’ tem seu significado descrito por ser “partir” e a instanciação de *denso* porque o complemento dele permite assim observarmos, isto é, os sujeitos enunciadore, durante o processo regulatório, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência do verbo ‘quebrar’ e a identificam com o complemento “nozes”. Nesse processo intersubjetivo, atribui “nozes para alguém” e, ao atribuir “nozes para alguém”, os enunciadore determinam o valor de ‘quebrar’ apenas circularmente, haja vista que não é possível determinar a quantidade de nozes quebradas de fato. Sendo assim, podemos ter: “Quebrei a quantidade de nozes que quebrei”, ou “Quebrei a quantidade de nozes que foi possível quebrar”, como em:

(5a) Quebrei **algumas nozes**.

(5b) Quebrei **bastante nozes**.

(5c) Quebrei **um saco de nozes**.

Notamos que, mesmo se os sujeitos da enunciação inserissem intensificadores ou suportes ao enunciado, a quantidade não poderia ser determinada de fato, como posto nos enunciados 5a, 5b e 5c.

Se, do enunciado 5, obtivermos as seguintes construções: (5d) “Quebrei **as nozes da sacola**”, (5e) “Quebrei **todas as nozes da sacola**”, e (5f) “Quebrei **aquelas nozes da sacola**”, ainda teremos o verbo ‘quebrar’ se estabilizando com valor de “partir”, conforme intuído no início do processo enunciativo, mas a instanciação, nesse caso, fica por conta de *discreto*. As instanciações de *discreto*, as ocorrências com o verbo ‘quebrar’, ocorrem porque é possível observarmo-las no tempo e no espaço.

Nos enunciados (5g) “Quebrei **nozes duras**” e (5h) “Quebrei **nozes estragadas**”, ainda temos o verbo ‘quebrar’ estabilizado com o valor de “partir”, intuído ainda na origem do processo de atribuição de predicação. Nesses casos, os complementos postos em relação ao

verbo ‘quebrar’ fazem dele uma unidade com propriedade compacta, assim sendo, os complementos “**duras**” e “**estragadas**” atribuem qualificações às ocorrências do verbo, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que quebrei é o que podemos chamar de nozes”, ou “Isso que quebrei é verdadeiramente nozes”.

As estabilizações se dão por conta dos complementos adjudicados ao verbo ‘quebrar’ pelos sujeitos na busca por estabilizar significados e devido às experiências de língua e de mundo desses sujeitos.

Isso posto, vamos ao próximo enunciado.

(6) O vento quebrou postes de luz.

O verbo ‘quebrar’ tem seu significado descrito por ser “danificar/derrubar”. Temos nele a instanciação de *denso* porque o complemento dele permite assim observarmos, isto é, os sujeitos enunciadore, durante o processo regulatório, localizam, no tempo e no espaço, uma ocorrência de ‘quebrar’ e a identificam com o complemento “postes de luz”. Neste processo intersubjetivo, atribui “postes de luz para alguém” e, ao atribuir “postes de luz para alguém” os enunciadore determinam o valor de ‘quebrar’ apenas circularmente, haja vista que não é possível determinar a quantidade de postes quebrados de fato. Sendo assim, podemos ter: “O vento quebrou a quantidade de postes que quebrou”, ou “O vento quebrou a quantidade de postes que foi possível quebrar”, como em:

(6a) O vento quebrou **vários postes de luz**.

(6b) O vento quebrou **muitos/poucos postes de luz**.

(6c) O vento quebrou **alguns postes de luz**.

Notamos que, mesmo se os sujeitos da enunciação inserirem intensificadores ou suportes ao enunciado, a quantidade não poderia ser determinada de fato, como posto nos enunciados 6a, 6b e 6c.

Se, do enunciado 6, obtivermos as seguintes construções: (6d) “O vento quebrou **os/uns postes de luz**”, (6e) “O vento quebrou **aqueles postes de luz**”, ou (6f) “O vento quebrou **todos os postes de luz**”, teremos o verbo ‘quebrar’ se estabilizando com valor de ser “danificar/derrubar”, conforme intuído no início do processo enunciativo, porém, a instanciação, nesse caso, fica por conta de *discreto*. As instanciações de *discreto*, nessas

ocorrências com o verbo ‘quebrar’, ocorrem porque é possível observarmos-las no tempo e no espaço.

Nos enunciados (6g) “O vento quebrou **postes velhos**”, e (6h) “O vento quebrou **postes novos**”, ainda temos o verbo ‘quebrar’ estabilizado com o valor de ser “danificar/derrubar”, intuído ainda na origem do processo de atribuição de predicação. Nesses casos, os complementos postos em relação ao verbo fazem dele uma unidade com propriedade compacta, assim, os complementos “velhos” e “novos” atribuem qualificações às ocorrências, não admitindo outros tipos de caracterização por inseri-lo no campo da QLT. Nesse sentido, temos: “Isso que o vento quebrou é o que podemos chamar de postes”, ou “Isso que o vento quebrou são verdadeiramente postes”.

As estabilizações de significados ocorrem por causa dos complementos postos em relação ao verbo ‘quebrar’ pelos sujeitos durante a enunciação na busca por estabilizar significados e devido às experiências de língua e de mundo desses sujeitos.

Isso posto, vamos às análises com o verbo ‘quebrar’ instanciando propriedades de *compacto*.

1.12 Formalizações do verbo ‘quebrar’ com complemento *compacto*

Percebemos, nos enunciados 7 e 8 com o verbo ‘quebrar’, listados no item 1 deste capítulo e aqui trazidos para análise, a característica não contáveis por estarem amparados pela operação de QLT. Nesse tipo de operação, é possível estabilizar somente valores qualificativos por meio da articulação léxico-gramatical.

Os enunciados aqui trazidos instanciam valores cujas características são definidas por operações ilustrativas do centro de domínio do *atrator*. As operações deste tipo não permitem localizar espaço-temporalmente ocorrências, mas as caracteriza como sendo aquela ocorrência, isto é, não podem ter suas predicções superadas.

Isso posto, vamos às análises.

(7) Aquele grito quebrou o silêncio profundo.

Este enunciado traz o verbo ‘quebrar’ no seu sentido figurativo estabilizado como “romper”, que aqui instancia propriedades *compactas*. Por assim ser, entende-se que ele não pode ser apreendido por um valor quantificável, mas qualificável.

No enunciado 7, o verbo ‘quebrar’ é qualificado pelo termo “o silêncio profundo”, ou seja, os sujeitos enunciadores percorrem toda a classe de ‘quebrar’ e não o localiza no tempo e no espaço, instanciando apenas propriedades qualificativas para o verbo ‘quebrar’.

Vejamos:

(7a) Aquele grito quebrou **o silêncio triste**.

(7b) Aquele grito quebrou **o silêncio macabro**.

Percebemos, nas construções 7a e 7b, que o valor do verbo ‘quebrar’ ainda continua com o mesmo valor de “romper” intuído no início do processo enunciativo, além do mais, o funcionamento do verbo, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “**o silêncio triste**” e “**o silêncio macabro**”, ainda continua sendo *compacto*. Isso ocorre porque os outros elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza deste funcionamento por apenas contribuir com a efetivação da qualidade do grito. Assim, podemos ter: “Isso quebrado pelo grito é verdadeiramente silêncio”, ou “Isso que o grito quebrou é, de fato, silêncio”.

De certo modo, talvez podemos inserir aos enunciados 7a e 7b a equiponderância característica de *denso*. Observamos que, se acrescentarmos algum delimitador temporal ou delimitador de intensidade, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, as ocorrências do verbo ‘quebrar’ descritas nesses enunciados.

Vejamos:

(7c) Aquele grito **ontem** quebrou **um pouco do** silêncio.

É possível vislumbrarmos, no enunciado 7c, a existência de processo e disso obtêm-se instanciações quantificáveis. O demarcador de tempo “**ontem**” e o demarcador de quantidade “**um pouco**” quantifica, de alguma maneira, a ocorrência de ‘quebrar’. Disso, podemos ter construções como: “Ontem aquele grito quebrou a quantidade de silêncio que quebrou”, ou “Ontem aquele grito quebrou a quantidade de silêncio possível de ser quebrado”.

E, se os sujeitos fizerem modalizações e inserirem complementos com características de *discretos* e realizarem a indeterminação da ocorrência do verbo ‘quebrar’ colocando-o em uma relação espaço-temporal, poderemos ter: (7d) “Aquele grito quebrou **todo o silêncio**”. E disso obtemos o verbo com valor atualizado e distinto dos significados proliferados nas ocorrências anteriores, isto é, em 7d, o verbo ‘quebrar’ estabiliza-se com valor de “reduzir a pedaços”. Este acontecimento se faz possível porque o complemento *discreto* “**todo o silêncio**” atribuído ao verbo ‘quebrar’ permite localizar, no espaço e no tempo, a ocorrência desse verbo e, assim, estabilizar valores.

Vamos à análise do próximo enunciado.

(8) Aquele depoimento triste quebrou-me.

Este enunciado traz o verbo ‘quebrar’ no seu sentido figurativo e estabilizado como “comover”. Por ter um valor figurativo, o verbo aqui instancia propriedades *compactas* e, por assim ser, entende-se que ele não pode ser apreendido por um valor quantificável, mas qualificável.

No enunciado 8, o verbo ‘quebrar’ é qualificado pelos termos “aquele depoimento triste” que o antecedem, ou seja, os sujeitos enunciadore percorrem toda a classe de ‘quebrar’ e não o localiza no tempo e no espaço, instanciando apenas propriedades qualificativas para o verbo ‘quebrar’.

Vejamos:

(8a) **Aquele depoimento sincero** quebrou-me.

(8b) **Aquele depoimento maluco** quebrou-me.

Percebemos nas construções 8a e 8b que o valor do verbo ‘quebrar’ ainda continua com o mesmo valor de “comover” intuído no início do processo enunciativo, além disso, o funcionamento do verbo, mesmo com o acréscimo de outros elementos, como: “**aquele depoimento sincero**” e “**aquele depoimento maluco**”, ainda continua sendo *compacto*. Isso ocorre porque os outros elementos inseridos não são capazes de alterar a natureza deste funcionamento por apenas contribuir com a efetivação da qualidade do depoimento. Assim, podemos ter: “Isso que me quebrou é verdadeiramente depoimento”, ou “Isso que me quebrou é, de fato, depoimento”.

Provavelmente, nos enunciados 8a e 8b, podemos inserir a equiponderância característica de *denso*. Observamos que, se acrescentarmos algum delimitador temporal ou delimitador de intensidade, por exemplo, é possível quantificar, ainda que circularmente, as ocorrências do verbo ‘pegar’ descritas nestes enunciados, como em: (8c) “**Hoje** aquele depoimento maluco quebrou-me **muito**”.

Ao observarmos o enunciado 8c, percebemos a existência de processo e disso obtêm-se instanciações quantificáveis. O demarcador de tempo “**hoje**” e o demarcador de intensidade “**muito**” quantificam, de alguma maneira, a ocorrência de ‘quebrar’. Disso, podemos ter construções como: “Hoje aquele depoimento me quebrou na quantidade que quebrou”, ou “Hoje aquele depoimento me quebrou na quantidade possível de me quebrar”.

E, se os sujeitos fizerem modalizações, inserirem complementos com características de *discretos* e realizarem a indeterminação da ocorrência do verbo ‘quebrar’, colocando-o em uma relação espaço-temporal, poderemos ter: (8d) “Aquele depoimento quebrou-me **todo**”. Além disso, temos o verbo ‘quebrar’ com valor diferente daquele intuído no início do processo intersubjetivo, isto é, passou de “ato de comover” para “despedaçar-se”. O *discreto* em 8d é instanciado por causa do complemento “**todo**” atribuído ao verbo. Este complemento permite localizar, no espaço e no tempo, a ocorrência deste verbo e, assim, estabilizar valores diferentes daqueles intuídos na sua origem.

Passemos, a seguir, para a nossa síntese conclusiva.

2 As estabilizações de significados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ são resultados das modalizações dos sujeitos enunciadoreis.

Com as análises, vislumbramos, de um lado, os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ funcionando como localizadores de representações projetadas, postas em relação às representações construídas, que vão sendo retomadas por outros termos dos enunciados, isto é, os verbos projetam as identificações das representações com os pré-constructos, possibilitando o diálogo entre as unidades linguísticas presentes nos enunciados com o empírico, o social e o cultural dos sujeitos enunciadoreis. Nesse sentido, o diálogo é o produto das modalizações.

Notamos que os verbos elegidos têm seus significados delineados nos enunciados, ao passo que também determinam os significados para as construções em que se encontram inseridos. Para Vogüé (2011), o enunciado não pode ser reduzido à ideia de mero conteúdo, mais que isso, ele induz a uma profusão de pontos de vista distintos e determina um cenário enunciativo do qual faz parte, assim como também os efeitos de significados que o próprio enunciado produz.

A este panorama, o sujeito enunciadoreil precisa se ajustar. Desse modo, os valores dos enunciados, conforme Culioli (1999a), só se dão pelos agenciamentos das formas, que permitem a passagem do nível da representação mental ao nível da representação predicativa, que, conseqüentemente, conduzem ao nível enunciativo do qual temos rastros.

Em outras palavras, os modos como às ocorrências são construídas pautam-se nas regularidades possibilitadas pela articulação dos níveis descritos por Culioli, em que somente

a partir do nível II de representação são convocadas as operações de determinação QLT e QNT, colocando as possibilidades de as representações virem a ter existência e constituir o nível do enunciado.

Com o trabalho articulado entre léxico e gramática, percebemos, por meio da formalização de esquemas de funcionamento para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, que, ao modularmos os dados, forçando uma ocorrência vocacionada a um determinado funcionamento, estabilizamos valores diferentes daqueles que seriam “naturais”, e valores diferentes daqueles que seriam os significados “ideais”. Com o processo de formalização dos dados, observamos que os verbos selecionados têm estabilidades, conforme o tipo de complemento⁶⁰ a eles adjudicados, ou seja, o tipo de complemento é bastante relevante no processo de construção de significados.

Isso posto, mediante as manipulações, ao substituírmos os tipos de complementos para o verbo ‘tomar’ nos enunciados aqui trazidos, obtivemos os resultados mostrados a seguir e os apresentamos de modo a facilitar a compreensão do leitor:

Valores estabilizados para o verbo ‘tomar’ ao ter o complemento *discreto* substituído pelos complementos *denso* e *compacto*

Verbo tomar + <i>discreto</i>	Verbo tomar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo tomar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(1) e (1a) = valor de “ingerir” (valor descritivo)	(1d) = valor de “ingerir”	(1b) = valor de “ingerir” (1c) = valor de “suprimir”
(2) = valor de “levar/sofrer” (valor descritivo)	(2a) e (2b) = valor de “levar/sofrer” (valor descritivo)	(2c), (2d) e (2e) = valor de “levar/sofrer” (2f) e (2g) = valor de “suprimir”
(3) = valor de “utilizar”	3(a) = valor de “suprimir”	(3b), (3c), (3d) e (3e) = valor de “utilizar” (3f) = valor de “suprimir”
(4) = valor de “receber instrução” (4b) = valor de “suprimir”	(4a) = valor de “receber instrução”	(4c) = valor de “receber instrução”
(5) = valor de “receber advertência”	(5a) e (5b) = valor de “receber advertência”	(5c) e (5d) = valor de “receber advertência” (5e) = valor de “responsabilizar- se”
(6) = valor de “levar/sofrer”	(6a) e (6b) = valor de	(6c), (6d) e (6e) = valor de

⁶⁰ Quando falamos em “tipo de complemento”, não estamos nos referindo às questões apresentadas pelos estudos gramaticais, como: o verbo admitir ou não complemento; o complemento ser ou não introduzido por preposição; o complemento ser “circunstancial” ou “essencial”, entre outras coisas. Por tipo de complemento, estamos nos referindo ao “sentido irredutivelmente específico” do complemento (FRANCKEL. 2011, p. 31).

agressão” (valor descritivo)	“levar/sofrer agressão” (valor descritivo)	“levar/sofrer agressão” (valor descritivo) (6f) = valor de “suprimir”
(7) = valor de “receber resposta atravessada/resposta grosseira” (valor figurativo)	(7a) e (7b) = valor de “receber resposta atravessada/resposta grosseira” (valor figurativo)	(7c), (7d) e (7e) = valor de “receber resposta atravessada/resposta grosseira” (valor figurativo) (7f) = valor de “suprimir”
(8) = valor de “segurar”	(8b) = valor de “ato de segurar”	8(a) = valor de “suprimir”

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘tomar’ ao ter o complemento *denso* substituído pelos complementos *discreto* e *compacto*

Verbo tomar + <i>denso</i>	Verbo tomar + <i>discreto</i> (modalizado para)	Verbo tomar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(9), (9a), (9b), (9c), (9d), (9e) e (9f) = valor de “ingerir” (valor descritivo)	(9g) = valor oscilante entre “ingerir” e “suprimir” (9g ⁱ) = valor oscilante de “suprimir” (9g ⁱⁱ) = valor de “ingerir” e “suprimir” ao mesmo tempo (9g ⁱⁱⁱ) = valor de “ingerir”	(9h), (9i) e (9j) = valor de “ingerir”
(10) e (10a) = valor de “parecer/agir” (valor figurativo)	(10c), (10d) e (10e) = valor de “parecer/agir” (valor figurativo)	(10b) = valor de “suprimir”
(11) e (11a) = valor de “ocupar” (valor figurativo)	(11c), (11d) e (11e) = valor de “ocupar” (valor figurativo)	(11b) = valor de “suprimir”
(12) e (12a) = valor de “mudar” (valor figurativo)	(12c), (12d) e (12e) = valor de “mudar” (valor figurativo)	(12b) = valor de “suprimir”
(13) e (13a) = valor de “ocupar” (valor descritivo)	(13c), (13d) e (13e) = valor de “ocupar” (valor descritivo)	(13b) = valor de “suprimir”

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘tomar’ ao ter o complemento *compacto* substituído pelos complementos *discreto* e *denso*

Verbo tomar + <i>compacto</i>	Verbo tomar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo tomar + <i>discreto</i> (modalizado para)
(14), (14a), (14b) e (14c) = valor de “adquirir” (valor figurativo)	(14d), (14e) e (14f) = valor de “adquirir” (valor figurativo)	(14g), (14h) e (14i) = valor de “suprimir” (valor descritivo)
(15), (15a), (15b) e (15c) = valor de “adquirir” (valor	(15d), (15e) e (15f) = valor de “adquirir” (valor figurativo)	(15g), (15h) e (15i) = valor de “suprimir” (valor descritivo)

figurativo)		
(16), (16a), (16b) e (16c) = valor de “adquirir” (valor figurativo)	(16d), (16e) e (16f) = valor de “adquirir” (valor figurativo)	(16g), (16h) e (16i) = valor de “suprimir” (valor descritivo)
(17), (17a), (17b) e (17c) = valor de “exigir” (valor figurativo)	(17d), (17e) e (17f) = valor de “exigir” (valor figurativo)	(17g), (17h) e (17i) = valor de “suprimir” (valor descritivo)
(18), (18a), (18b), (18c), (18d), (18e) e (18f) = valor de “banhar-se” (valor figurativo)		(18g) = valor de “suprimir”

Fonte: elaboração própria.

Diante das manipulações, ao substituímos os tipos de complementos para o verbo ‘passar’ nos enunciados aqui trazidos, obtivemos os resultados mostrados a seguir e os apresentamos de modo a facilitar a compreensão do leitor:

Valores estabilizados para o verbo ‘passar’ ao ter o complemento *discreto* substituído pelos complementos *denso* e *compacto*.

Verbo passar + <i>discreto</i>	Verbo passar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo passar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(1) = valor de “ser aprovação” (valor descritivo) (1a) = valor de “ir além da página” (valor descritivo) (1b) = “não se envolver” (1c) = “espalhar”	(1d) = valor de “ser correção” (valor descritivo)	(1f) = valor de “exceder limites” (1e) = valor de “ser cópia/ ser atividade escolar” (valor descritivo)
(2) = valor de “visitar, conhecer, transitar” (valor descritivo)	(2b) = valor de “visitar, conhecer, transitar” (valor descritivo)	(2a) = valor de “deixar para trás, ir além da” (valor descritivo)
(3) = valor de “alisar com ferro” (valor descritivo) (3g) = atravessar por/entre (valor descritivo)	(3a) valor de “alisar com ferro” (valor descritivo) (3b) = valor de “dar/doar” (valor descritivo)	(3c), (3d), (3e) e (3f) = valor de “alisar com ferro” (valor descritivo)
(4) = valor de “limpar” (valor descritivo) (4a) = valor de “visualizar/encontrar” (valor descritivo)	(4b) = valor de “limpar” (valor descritivo)	(4c), (4d) e (4e) = valor de “limpar” (valor descritivo)

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘passar’ ao ter o complemento *denso* substituído pelos complementos *discreto* e *compacto*

Verbo passar + <i>denso</i>	Verbo passar + <i>discreto</i> (modalizado para)	Verbo passar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(5), (5a), (5b), (5c) e (5d) = valor de “perfumar-se” (valor descritivo)	(5e) = valor de “perfumar-se” (valor descritivo) (5f) = valor de “dar/doar” (valor descritivo)	(5g), (5h) e (5i) = valor de “perfumar-se” (valor descritivo)
(6) = valor de “transmitir” (valor figurativo)	(6a) e (6b) = valor de “transmitir” (valor figurativo)	(6c) e (6d) = valor de “transmitir” (valor figurativo)
(7), (7a), (7b), (7c), (7d) e (7e) = valor de “entregar/pagar” (valor descritivo)	(7f), (7g) e (7h) = valor de “entregar/pagar” (valor descritivo)	(7i) = valor de “entregar/pagar” (valor descritivo)
(8), (8a), (8b), (8c), (8d) e (8e) = valor de “espalhar” (valor descritivo)	(8h), (8i) e (8j) = valor de “espalhar” (valor descritivo)	(8f) e (8g) = valor de “espalhar” (valor descritivo)

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘passar’ ao ter o complemento *compacto* substituído pelos complementos *discreto* e *denso*

Verbo passar + <i>compacto</i>	Verbo passar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo passar + <i>discreto</i> (modalizado para)
(9), (9a), (9b) e (9c) = valor de “apodrecer/estragar” (valor figurativo)	(9d) e (9e) = valor de “apodrecer/estragar” (valor figurativo)	(9f) = valor de “transitar” (valor descritivo) (9g) e (9h) = valor de “apodrecer/estragar” (valor figurativo)
(10), (10a), (10b) e (10c) = valor de “sentir” (valor figurativo)	(10d), (10e) e (10f) = valor de “sentir” (valor figurativo)	(10g) = valor de “deixar de sentir” (valor figurativo)

Fonte: elaboração própria.

Ante as manipulações, ao substituírmos os tipos de complementos para o verbo ‘pegar’, nos enunciados aqui trazidos, para facilitar a compreensão do leitor, apresentamos os seguintes resultados obtidos:

Valores estabilizados para o verbo ‘pegar’ ao ter o complemento *discreto* substituído pelos complementos *denso* e *compacto*

Verbo pegar + <i>discreto</i>	Verbo pegar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo pegar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(1) = valor de “comprar/adquirir” (valor descritivo) (1a) = valor de “furtar” (valor descritivo)	(1d) = valor de “comprar/adquirir” (valor descritivo)	(1b) = valor de “furtar” (1c) = valor de “suprimir” e “alcançar”
(2) = valor de “buscar/apanhar” (valor descritivo)	(2b) = valor de “buscar/apanhar” (valor descritivo) (2b) = valor de “apropriar-se de algo alheio” (valor descritivo)	(2b) = valor de “buscar/apanhar” (valor descritivo)
(3) = valor de “roubar/furtar” (valor descritivo)	(3b) = valor de “tomar posse de/receber” (valor descritivo)	(3b) = valor de “tomar posse de/receber” (valor descritivo)
(4), (4a) e (4b) = valor de “apanhar” (valor descritivo)	(4d) = valor de “ver/flagrar” (valor descritivo)	(4c) = valor de “apanhar” (valor descritivo)
(5) = valor de “segurar” (valor descritivo)	(5a) = valor de “segurar” (valor descritivo) (5b) = valor de “roubar/furtar”	(5c) = valor de “segurar” (valor descritivo) (5d) = valor de “buscar” (valor descritivo)
(6) = valor de “buscar/retirar da” (valor descritivo)	(6a) = valor de “roubar/furtar” (valor descritivo)	(6b) = valor de “buscar/retirar da” (valor descritivo) (6c) = valor de “usar” (valor descritivo) (6d) = valor de “roubar/furtar/sumir com” (valor descritivo)

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘pegar’ ao ter o complemento *denso* substituído pelos complementos *discreto* e *compacto*

Verbo pegar + <i>denso</i>	Verbo pegar + <i>discreto</i> (modalizado para)	Verbo pegar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(7), (7a) e (7b) = valor de “contrair” (valor descritivo)	(7c) = valor de “contrair” (valor descritivo)	(7d) = valor de “roubar/furtar/apropriar-se de”
(8), (8a) e (8b) = valor de “incendiar-se” (valor figurativo)	(8c) = valor de “segurar” (valor descritivo)	(8d) = valor de “roubar/furtar/apropriar-se de” (valor descritivo)
(9) = valor de “esforçar-se” (valor figurativo) (9a) e (9b) = valor de “apalpar” (valor descritivo)	(19c) = valor de “apropriar-se” (valor descritivo) (9d) = valor de “segurar” (valor descritivo)	(9e) = valor de “apalpar” (valor descritivo)
(10), (10a) e (10b) = valor de “embarcar” (valor figurativo)	(10c) e (10d) = valor de “embarcar” (valor figurativo)	(10e) = valor de “apalpar/tocar” (valor descritivo)

(11), (11a) e (11b) = valor de “receber” (valor descritivo)	(11c) = valor de “sacar” (valor descritivo) (11d) = valor de “receber” (valor descritivo) (11e) = = valor de “roubar/furtar/apropriar-se de” (valor descritivo)	(11f) = valor de “receber” (valor descritivo)
(12), (12a) e (12b) = valor de “queimar/grudar” (valor figurativo)	(12c) = valor de “segurar” (valor descritivo)	(12d) = valor de “adquirir” (valor descritivo)

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘passar’ ao ter o complemento *compacto* substituído pelos complementos *discreto* e *denso*

Verbo pegar + <i>compacto</i>	Verbo pegar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo pegar + <i>discreto</i> (modalizado para)
(13), (13a) e (13b) = valor de “adquirir” (valor figurativo)	(14c), (13d) e (13e) = valor de “adquirir” (valor figurativo)	(13f), (13g) e (13h) = valor de “suprimir” (valor descritivo)
(14), (14a) e (14b) = valor de “agredir” (valor figurativo)	(14c) e (14d) = valor de “agredir” (valor figurativo)	
(15), (15a), (15b) e (16c) = valor de “dar a partida/funcionar o motor” (valor figurativo)	(15c) e (15d) = valor de “dar a partida/funcionar o motor” (valor figurativo)	(15e) = valor de “atropelar” (valor descritivo)
(16), (16a) e (16b) = valor de “acender” (valor figurativo)	(16c) e (16d) = valor de “acender” (valor figurativo)	(16e) = valor de “incendiar/alastrar” (valor figurativo)

Fonte: elaboração própria.

Mediante as manipulações, ao substituírmos os tipos de complementos para o verbo ‘quebrar’, nos enunciados aqui trazidos, obtivemos os resultados apresentados a seguir e os exibimos de modo a facilitar a compreensão do leitor:

Valores estabilizados para o verbo ‘quebrar’ ao ter o complemento *discreto* substituído pelos complementos *denso* e *compacto*

Verbo quebrar + <i>discreto</i>	Verbo quebrar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo quebrar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(1) = valor de “falir” (valor figurativo)	(1b) e (1c) = valor de “falir” (valor figurativo)	(1a) = valor de “reduzir a pedaços” (valor descritivo)
(2) = valor de “reduzir a pedaços” (valor descritivo)	(2b) e (2c) = valor de “reduzir a pedaços” (valor descritivo)	(2a) = valor de “reduzir a pedaços” (valor descritivo)

(3) = valor de “ser fratura” (valor descritivo)	3(b) = valor de “ser fratura” (valor descritivo)	(3a) = valor de “reduzir a pedaços” (valor descritivo)
(4) = valor de mudar a direção (4a) = valor de “estragar/ ter defeito” (valor descritivo)		

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘quebrar’ ao ter o complemento *denso* substituído pelos complementos *discreto* e *compacto*

Verbo quebrar + <i>denso</i>	Verbo quebrar + <i>discreto</i> (modalizado para)	Verbo quebrar + <i>compacto</i> (modalizado para)
(5), (5a), (5b) e (5c) = valor de “partir” (valor descritivo)	(5d), (5e) e (5f) = valor de “partir” (valor descritivo)	(5g) e (5h) = valor de “partir” (valor descritivo)
(6), (6a), (6b) e (6c) = valor de “derrubar/danificar” (valor descritivo)	(6d), (6e) e (6f) = valor de “derrubar/danificar” (valor descritivo)	(6g) e (6h) = valor de “derrubar/danificar” (valor descritivo)

Fonte: elaboração própria.

Valores estabilizados para o verbo ‘quebrar’ ao ter o complemento *compacto* substituído pelos complementos *discreto* e *denso*

Verbo quebrar + <i>compacto</i>	Verbo quebrar + <i>denso</i> (modalizado para)	Verbo quebrar + <i>discreto</i> (modalizado para)
(7), (7a) e (7b) = valor de “romper” (valor figurativo)	(7c) = valor de “romper” (valor figurativo)	(7d) = valor de “reduzir a pedaços” (valor descritivo)
(8), (8a) e (8b) = valor de “comover” (valor figurativo)	(8c) = valor de “comover” (valor figurativo)	(8b) = valor de “despedaçar-se” (valor descritivo)

Fonte: elaboração própria.

Entre os valores estabilizados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, notamos que, da passagem do funcionamento de *discreto* para *denso* e do funcionamento de *compacto* para *denso*, os valores geralmente se estabilizam de modo igual, ou seja, quase não sofrem alterações de valores, como vimos nos enunciados trazidos como exemplos nesta pesquisa e nas disposições dos valores obtidos para os verbos em questão, que estão organizadas nos quadros.

Isso ocorre porque, no funcionamento *denso*, há uma espécie de “indecisão” oscilante, que pode tanto quantificar, quanto qualificar o funcionamento das unidades nos textos. De

modo geral, o *denso*, por ter a equiponderância em seu funcionamento, acaba por concordar, muitas vezes, com os valores estabilizados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, tanto no funcionamento de *discreto*, quanto no funcionamento de *compacto*, embora isso não seja uma regra.

E, entre os valores estabilizados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, notamos que, da passagem do funcionamento *discreto* para *compacto* e do funcionamento *compacto* para o *discreto*, as alterações de valores se dão quase de modo natural e com maior frequência, em decorrência das disparidades de funcionamento destes processos estabilizadores de valores, ou seja, o *discreto* tem seu funcionamento norteadado pela operação de QNT, e o *compacto*, norteadado pela operação de QLT.

Prontamente, se, em *discreto* são estabilizados valores preponderantes quantitativos e, em *compacto*, valores preponderantes qualificativos, temos, então, estabilizações de significados dessemelhantes para uma mesma unidade, como no caso dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’, que, no funcionamento *discreto*, têm seus valores alterados em relação aos valores estabilizados por *compacto*, e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de Antoine Culioli e seus precursores, neste trabalho, propusemos desenvolver um estudo que corrobore a compreensão da linguagem enquanto indeterminada e capaz de sustentar as “montagens e desmontagens dos valores em língua por meio de uma articulação do léxico com a gramática, também indeterminados” (REZENDE, 2000, p. 168).

Nossa investigação partiu da busca por compreender se a categorização tal qual propõe estudos de vieses estáticos contribui para o entendimento da variação experiencial dos sujeitos enquanto elemento fundamental na determinação dos significados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’. E chegamos ao fato de que estudos categoriais não são suficientes para explicitar e determinar os significados para tais verbos, haja vista que, nesses vieses, a significação é algo dado de antemão. Percebemos que, neste caso, não se considera o percurso do sujeito que leva à passagem de um valor para outros, possibilitado pela e somente através da enunciação.

Empreendemos, neste estudo, ir além da categorização, buscando trazer à tona os agenciamentos que levam os verbos escolhidos a estabilizarem ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ a estabilizar significados na sua relação com outros termos e, por meio do jogo de diferenciações que constroem, atualizarem e consolidarem os valores em construções enunciativas de língua portuguesa. Tomamos como objetivo investigar os agenciamentos que levam os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ de um valor a outro, de uma propriedade qualitativa a uma propriedade quantitativa, ou vice-versa, e formalizamos as operações (linguísticas) que fundamentam o funcionamento destes verbos, por compreendemos que a sua polissemia está no âmago deste trabalho.

Como já ressaltamos, a gramática e os estudos tradicionais não explicam as ocorrências dos verbos elegidos enquanto ocorrências singulares, pois, nestas abordagens, a linguagem é tomada como estática, e os significados são preestabelecidos. Partindo disso, adotamos como embasamento teórico e metodológico uma abordagem construtivista, a TOPE, para investigarmos os possíveis valores para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ em cada situação enunciativa e compreendermos como são determinadas as variações e estabilizações dos significados deles.

As análises foram desenvolvidas a partir de enunciados elaborados por nós. Em todos eles há ocorrências dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ com significados

descritivos, ou significados figurativos. Para atender aos objetivos de nossa pesquisa, realizamos manipulações dos enunciados de partida e deles obtivemos *glosas* e *paráfrases*. Com o trabalho de *glosagem*, buscamos explicitar, pelo nível da enunciação, e não pelo nível da categorização gramatical, os possíveis significados construídos pelo experiencial dos sujeitos. Observamos, portanto, quão complexo é o estudo pautado nos trabalhos de *representação* mental, *referenciação* e *regulação*, por estarem atrelados às experiências dos sujeitos, como observadas nas escolhas dentro do processo de enunciação.

As modalizações dos enunciados foram norteadas, em grande parte, por nosso ponto de vista, pois a assimilação dos mecanismos enunciativos propostos pela Tope demanda experimentação e observação das manipulações para se chegar a algumas formalizações possibilitadas pelo trabalho de *glosas*. O trabalho de *glosagem* permitiu observarmos, dessa maneira, o funcionamento dos verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ e perceber que os significados dos textos não são fixos, mas inconstantes, uma vez que estes verbos não estão atrelados a esse ou àquele significado, embora alguns significados insistam em apresentar-se de antemão no processo de estabilidade.

O sujeito, por ser o parâmetro para a materialização do enunciado, posiciona-se em relação à enunciação origem para estabilizar significados para os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ através do trabalho de “apropriação” e “manejo” da linguagem, como propõe Benveniste (2005) e Culioli (1999a), respectivamente. Entretanto, as possibilidades são inúmeras, dada a subjetividade que perpassa o campo da linguagem.

Acreditamos que, por meio da Tope, a pesquisa dinâmica enunciativa com os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ contribui para revelar as variações de significados deles a depender da situação de enunciação, pois as palavras da língua estão à disposição dos sujeitos, prontas para serem usadas, manipuladas e estabilizar significados dependendo dos arranjos lexicais aos quais os sujeitos as submetem e das novas relações que criam entre elas.

Partimos do conceito de linguagem entendido como revelador para a Semântica, isto é, a linguagem compreendida como atividade constitutiva do homem e instituída na articulação entre as línguas naturais e a linguagem. Nas análises, partimos da tese de que as categorizações impostas às unidades linguísticas não são suficientes para explicitar os desdobramentos linguísticos geradores de significados, haja vista que os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ só adquirem significados nos textos por conta do parâmetro operatório: o sujeito, o responsável pela transformação e estabilidades das unidades da língua. Sendo assim, analisamos enunciados com os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ para

extrairmos propriedades que evidenciem o comportamento semântico-enunciativo para além das definições de verbo apresentadas pelos estudos estáticos.

Em suma, embasados por uma concepção dinâmica das línguas, tomamos os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’ e ‘quebrar’ como responsáveis por gerar valores e como localizadores abstratos de um conteúdo predicativo em dada situação enunciativa situada no tempo e no espaço. A partir disso, chegamos à constatação de que eles se abrem para significados que vão além dos significados dicionarizados ou esperados. Prontamente, com as nossas análises, mostramos que, ao variarmos as unidades com as quais os verbos ‘tomar’, ‘passar’, ‘pegar’, e ‘quebrar’ interagem, por intermédio de operações de linguagem, vislumbramos a estabilização de diferentes significados para eles. E disso chegamos ao fato de que os significados são decorrentes das diferentes interações, sustentadas por processos enunciativos, e não configurados como um valor fixo.

Findamos este trabalho cientes das possibilidades de pesquisas não contempladas, mas com a esperança e desejo de que nosso estudo sirva de inspiração à outras investigações e possa contribuir com aqueles que almejam partilhar conosco o privilégio de tornar-se pesquisador na Tope, fazendo jus aos princípios propostos por esta teoria enunciativa.

[...] Até aqui nos ajudou o *Senhor!*

I Samuel 7:12.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Silvia; GENTILI, Geovana. Atividades do cotidiano escolar: ensino fundamental- anos finais. São Paulo: Rideel, 2018.

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BECHARA, Evanildo. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Emile. Problemas de linguística geral. Vol I. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. Problemas de Linguística Geral. Vol II. Trad. de Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Português. *A Bíblia de promessas*. Velho Testamento e Novo Testamento. 10.ª ed. Revista e Corrigida. Tradução de João Ferreira Almeida. São Paulo, SP: King's Cross Publicações, 2010.

BORBA, F. da S. Dicionário UNESP do português contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa. Porto: Porto Editora, 1997.

CANÇADO, Márcia. A Relevância dos Papéis Temáticos vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional. Tese de Doutorado. IEL: UNICAMP, 1995.

CANÇADO, Márcia. O Lugar da Semântica em uma Teoria Gramatical. In: *Estudos Linguísticos*. 2000, p. 67-78. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6419/mod_folder/content/0/Teoria%20Gramatical%20e%20Sintaxe%20do%20portugu%C3%AAs%20-%20Textos%20complementares/CAN%C3%87ADO_OLugarDaSemanticaEmUmaTeoriaGramatical.pdf.

CASTILHO, Ataliba T. de. Nova gramática do português brasileiro. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CEGALA, Domingos Paschoal. Minigramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nacional, 1990.

CONTI, Maria Aparecida. Representação: elemento da significação?. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 237-268, 2014. DOI: 10.11606/issn.2176- 9419.v15i1p237-268. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/76202>. Acesso em: 23 fevereiro. 2023.

CHOMSKY, Noam. Aspectos da teoria da sintaxe. Coimbra: Armênio Amado, 1975.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E., *et al.* Manual de Linguística. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.113-126

CROFT, W.; CRUSE, D.A. Cognitive Linguistics. New York: Cambridge, 2004.

CULIOLI, A. *The concept of notional domain*. In: CULIOLI, A. *Pour une linguistique del'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. p. 67-90. v. 1.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique del'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, A . *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

CULIOLI, A. Cognition and representation in linguistic theory. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

CULIOLI, A. Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli. "Recherche em linguistique: theorie des operations enonciatives". Paris: Departement de Recherches Linguistiques, Universite Paris VII, 1976.

CUMPRI, Marcos Luiz. *Sobre o conceito de noção: a visão enunciativa do signo linguístico*. In: Palimpsesto. n.11. vol.9 Rio de Janeiro-RJ, 2010. P.1-16. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35819/25515>. Acesso em 25 de jul. 2022. ISSN 1809-3507 | DOI: 10.12957/palimpsesto.

CUMPRI, M. Aspectos Epistemológicos do legado linguístico de Antonie Culioli. Palimpsesto. nº 28, 2018. p. 308-324.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Edição de bolso. Cilene da Cunha Pereira (Org.). Rio de Janeiro: Lexicon; Porto Alegre: L&PM, 2017.

DOMINGUES, Rosania Gomes da Silva; BARROS, Déborah Magalhães de. A multifuncionalidade dos verbos pegar e tomar em Cora Coralina pelo viés da gramática de construções. In: VIII Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Goiás, 2021. p1-5.

Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-c0a6e4fd59051804bf98e853ecc7f0db3ce6e8f3-arquivo.pdf>.

DUCARD, D. O grafo do gesto mental na teoria enunciativa de A. Culioli. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 64-71, 2009.

FERREIRA, A. B de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FLORES, Valdir. *Posfácio*. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J. J, PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FUCHS, C. *O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 7, p. 77-85, 1984.

FURTADO DA CUNHA, M. A; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. *Transitivity in Grammar and Discourse*. *Language*, v. 56, n. 2, 1980. p. 251-299.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, Lílian Thais. Descrição de acepções do verbo tomar em dicionários de língua portuguesa: um estudo metalexigráfico com base na teoria sentido-texto. 246f. Mestrado (Dissertação em Letras). Instituto de Letras, Porto Alegre: SC: 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/199508/001101944.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 20 de março de 2023.

KOCH, Ingedore. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. A construção da significação de ocorrências do adjetivo bom: identidade e variação. In: LIMA, Maria Auxiliadora; FILHO, Francisco Alves; COSTA, Catarina de Sena S.M. *Linguística e Literatura: percorrendo caminhos*. Teresina: EDUFPI, 2013.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Trad. De Marilda W. Aveburg e Clarisse S.de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

LOBATO, Monteiro. EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA. Disponível em: https://miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Emilia_No_Pais_Da_Gramatica.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

MACHADO, José Pedro. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, vol. V, 4.^a ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1987.

MARTELOTTA, M. E. Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

MICHAELIS ONLINE. Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acessado em 13 de abril de 2023.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da Gramática Funcional. v.38, Alfa: São Paulo, 1994. p. 109-127. Disponível em: [file:///C:/Users/leia2/Downloads/3959-9672-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/leia2/Downloads/3959-9672-1-SM%20(1).pdf). Acessado em 07 de janeiro de 2023.

NEVES, Maria Helena de Moura. O Funcionalismo em Linguística. In: _____. A Gramática Funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICOLA, José. Gramática e Literatura. São Paulo: Scipione, 2000.

NORMAND, C. A teoria de Antoine Culioli: uma poética. In: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 1, 2009.

NORMAND, C. A. Saussure. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PANDOLFI, Reijane. Contribuições da alteridade para a leitura e interpretação de textos. In: Educação as principais abordagens dessa área. v.02 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/369345246_Contribuicoes_da_alteridade_para_a_leitura_e_interpretacao_de_textos. Acessado em: 19 de abril de 2023.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa (Formação de professores EAD 18), v. 1. ed. 1. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.

PRIA, Albano. D. *Para um redimensionamento do estudo do adjetivo: os processos enunciativos de variação semântica de “falso”*. 124 f. Doutorado (Tese em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2009.

PRIA, A. D. O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais. In: PRIA, A. D.; MOTTA, A. L. A. da; DI RENZO, A. M.; MORALIS, E. G. Linguagem, escrita e tecnologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PRIA, A. A interação do verbo suporte DAR com os processos de construção da significação no português brasileiro. Delta, v. 35, n. 2, p. 1-22, 2019.

REZENDE, L.M. *A indeterminação da linguagem: sintaxe e léxico*. In: Alfa, São Paulo, n.34, 2000.

REZENDE, L.M. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. 2000. Tese de livre-docência. UNESP, Araraquara, 2000.

REZENDE, L.M. (Org.) *Linguagem e línguas naturais: diversidade experiencial e linguística*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006.

REZENDE, L.M. *Variação e invariância na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*. In: Pria, A. D. et al. (Org.) *Linguagem e língua: invariância e variação*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2014.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. 2. São Paulo: Loyola, 2005.

ROMERO-LOPES, M. C. *Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi*. In: *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

ROMERO-LOPES, M. C. Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada. 342 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000

ROMERO, M.; LIMA TRAUZZOLA, V. S. (2014). Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas. *Calidoscópio*, 12(2), 239–248. Disponível em: 126 <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.122.11>. Acesso em 20 dez. 2021.

SANTOS, E.P. dos; MANTOVANI, M. U. V. O tempo e aspecto em textos autobiográficos: uma perspectiva de ensino de Língua materna não visto enunciativo. *Traços de Linguagem*. V. 5, n.2, p. 141-150. 2021.

SANTOS, Elisângela Santana Dos. *A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*. 2011. Tese (doutorado em Letras. Área de Concentração: Linguística Histórica) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SAUNIER, Evelyne. *Identité lexicale et régulation de la variation sémantique: contribution à l'étude des emplois de “mettre”, “prendre”, “passer” et “tenir”*. 539 f. Tese. Linguistique. Univerisité Paris X Nanterre: França, 1996.

SAUSSURE, F.de. *Curso de lingüística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Joseléia Graciano da. *Estudo do Marcador ‘puta’: uma análise Enunciativa na Perspectiva da TOPE*. 72 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres/MT, 2020.

SOUZA, F. Estudo do marcador DE REPENTE sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Dissertação (mestrado em linguística) Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2018.

TRASK, R. L. Dicionário de linguagem e linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In: Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

VIGNAUX, G. *Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation a certains développements tirés de l'œuvre d'Antoine Culioli*. In: BOUSCAREN, J.;FRANCKEL, J.J.; ROBERT, S. (orgs.) *Langues e langage. Problèmes et raisonnement en linguistique: mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: PUF, 1995, p.565-582.

VOGÜÉ (de), S. *Discret, dense, compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale*. In: FRANCKEL, J. J. (ed.) *La notion de prédicat*. Paris: Université de Paris 7, 1989, p. 1-38 (Collection ERA – 642).

VOGÜE, S; PAILLARD, D. Modos de presença do outro. In: VOGÜE, S. et al. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. Tradução de Márcia Romero e Milenne Biasotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011. p. 131-159

ZAVAGLIA, A. Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2002.

ZAVAGLIA, A. Pequena introdução à teoria das operações enunciativas. 2. ed. São Paulo: Humanistas, 2016.